



# Crônicas

*retratos das horas*

Agostinho Both

  
**UPF** | EDITORA



## UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

*Bernadete Maria Dalmolin*

Reitora

*Edison Alencar Casagrande*

Pró-Reitor Acadêmico

*Antônio Thomé*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento  
Institucional

### UPF Editora

**Editora**

*Ana Carolina Bertoletti De Marchi*

**Revisão**

*Cristina Azevedo da Silva*

**Programação visual**

*Rubia Bedin Rizzi*

### Conselho Editorial

*Alvaro Sanchez Bravo* (Universidad de Sevilla)

*Andrea Oltramari* (Ufrgs)

*Carlos Ricardo Rosseto* (Univali)

*Edison Alencar Casagrande* (UPF)

*Fernando Rosado Spilki* (Feevale)

*Gionara Tauchen* (Furg)

*Héctor Ruiz* (Uadec)

*Helen Treichel* (UFFS)

*Jaime Morelles Vázquez* (Ucol)

*Janaína Rigo Santin* (UPF)

*José C. Otero Gutierrez* (UAH)

*Luciana Ruschel dos Santos* (UPF)

*Luís Francisco Fianco Dias* (UPF)

*Luiz Marcelo Darroz* (UPF)

*Sandra Hartz* (Ufrgs)

# Crônicas

*retratos das horas*

Agostinho Both

2024

  
**UPF** | EDITORA

*Copyright do autor*

Cristina Azevedo da Silva  
*Revisão*

Rubia Bedin Rizzi  
*Projeto gráfico, diagramação e produção da capa*

Freepik  
*Imagem da capa*

Este livro, no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor. A exatidão das informações e dos conceitos e as opiniões emitidas, bem como o uso das imagens e de licença poética, são de exclusiva responsabilidade do autor.

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

B749c Both, Agostinho  
Crônicas [recurso eletrônico] : retratos das horas /  
Agostinho Both. – Passo Fundo: EDIUPF, 2024.  
4.800 KB ; PDF.

Modo de acesso gratuito: <[www.upf.br/upfeditora](http://www.upf.br/upfeditora)>.  
ISBN 978-65-5607-058-2. (E-book)

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas. I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

---

Bibliotecária responsável Schirlei T. da S. Vaz - CRB 10/1364



Campus I, BR 285, Km 292,7, Bairro São José  
99052-900, Passo Fundo, RS, Brasil  
Telefone: (54) 3316-8374



# Sumário

- 11..... *Introdução*
- 13..... *Férias 2023:  
os dias e as horas*
- 14..... *Quando não existe muito a dizer*
- 14..... *Primeiro fato*
- 15..... *O Dia do Senhor*
- 16..... *O Cláudio está se acordando*
- 16..... *A cunhada*
- 18..... *Minha outra cunhada*
- 18..... *Eu, pecador, me confesso*
- 19..... *O meu neto*
- 20..... *Do Henrique*
- 20..... *Imortalidade*
- 21..... *Meu concunhado*
- 22..... *Contatos com a Pinheira*
- 23..... *Dos amigos da Pinheira*
- 24..... *Joaquim: o cuidador da água*
- 25..... *Um belo fim de semana*
- 26..... *Surpresas*
- 27..... *Pinheira*
- 28..... *Dos peixes da Pinheira*
- 29..... *Noite na Pinheira*
- 30..... *Tempos complicados*
- 31..... *A exata medida*
- 32..... *Ver melhor*
- 33..... *Velhas lembranças*
- 34..... *Tarde quente*
- 35..... *A insegurança*
- 36..... *Um Auto da Compadecida*
- 37..... *Agradecimentos*
- 38..... *As vicissitudes de um semisurdo*
- 39..... *Praia do Embaí*
- 40..... *Tudo é possível*
- 41..... *Alma minha*
- 42..... *Velhas lembranças II*
- 43..... *Um sábado demais*
- 44..... *Dificuldade de comunicação*
- 45..... *Dias de ira*
- 46..... *Como esquecer?*
- 47..... *Os sonhadores*
- 48..... *Sou analfabeto virtual*
- 49..... *Memória antiga*
- 49..... *Sonhos e filmes*
- 50..... *Mais uma vez*
- 51..... *Um dia comum*
- 52..... *Veio a noite*
- 53..... *Dois meses*



- 54..... *Boa hora*
- 56..... *A vaca de Saramago e minha sogra*
- 57..... *A doce cor da safira*
- 58..... *Do Quatrilho*
- 59..... *A mãe*
- 61..... *Complicado*
- 61..... *Paixão*
- 63..... *Da hora de nossa morte?*
- 64..... *Lições de um jogo de futebol*
- 65..... *Dia seguinte*
- 66..... *Entre o presente e o passado*
- 67..... *Uma festa na Linha Divisa I*
- 68..... *Surpreendido*
- 69..... *A inteligência maior*
- 70..... *Da solidão de um zanto*
- 71..... *Dois mulheres*
- 72..... *Os casos de tantos casos da China*
- 73..... *Daniela Thomas*
- 73..... *A diretora Daniela Thomas*
- 74..... *Ainda da noite da Academia  
Passo-Fundense de Letras (APL)*
- 75..... *Tempo livre para pensar*
- 76..... *APL*
- 78..... *APL objetivando sua finalidade*
- 79..... *Eu mereço o Reino de Deus*
- 80..... *Do prego da Páscoa ao cotidiano*
- 81..... *De um sonho*
- 82..... *A canção do Amir*
- 83..... *De uma tarde especial*
- 85..... *Conversas entre amigos*
- 85..... *História avulsa de um amigo*
- 87..... *Tentando escrever*
- 88..... *Um coral do maior valor*
- 89..... *Páscoa!*
- 90..... *Da sacralidade dos tempos*
- 92..... *Enquanto Israel vive, Jericó fica  
na valeta*
- 93..... *Um tempo de silêncio masculino*
- 94..... *Auf, Christen, Singt! Festliche  
Lieder*
- 95..... *Eta, mano véio!*
- 96..... *Brigando*
- 97..... *Colonos cantam*
- 99..... *Do nascimento de um amor*
- 100..... *Obrigado, corrente!*
- 101..... *Entre dores*
- 102..... *Minha memória*
- 104..... *De um limão, uma limonada*
- 105..... *Homenagem aos que partiram*
- 105..... *Jesuvaldo Cavalcanti Barros*
- 106..... *João Rocha Mascarenhas*
- 107..... *Padre Éldo Alcides Guareschi*
- 108..... *Irani Clemente Comin*
- 108..... *José Ricardo Both*
- 109..... *Cansaço*
- 110..... *Bons sentimentos em bons movimentos*
- 111..... *Em quais campos andamos?*
- 112..... *Sonhos em questão*
- 113..... *Acabei de ficar contente*
- 114..... *Sonhos*

- 115..... *Varda que note!*
- 116..... *Do purgatório de Dante*
- 118..... *Envelhecer tem disso*
- 119.... *Crônicas 2022*
- 120..... *Manhã de 1º de novembro de 2022*
- 120..... *Da particular identidade no falar*
- 122..... *Palavras do Frei Jobi*
- 123..... *Ao me sentir impróprio*
- 124..... *Em minhas andanças paroquiais:  
a morte de Pierina*
- 125..... *Leila Teixeira, a escritora*
- 126..... *Como diz Leila Teixeira*
- 127..... *Até chegar ao mar*
- 128..... *Uma mulher muito amável*
- 129..... *Moringue*
- 131..... *Começom no 20 de setembro*
- 132..... *Vinte de setembro*
- 132..... *Festas*
- 133..... *Sonhos*
- 134..... *Animais*
- 135..... *Sobre quatro mulheres*
- 136..... *Meus ofícios*
- 137..... *Pequeno canto da liberdade*
- 138..... *De café e de um gato selvagem*
- 140..... *Coisas da morte*
- 141..... *Tudo pode acontecer*
- 142..... *Por segundos se desfaz a treva*
- 143..... *Livros em julho*
- 144..... *Discurso poético*
- 145..... *Caminhos dos filhos de Berthier*
- 146..... *De um santo*
- 147..... *Ficando surdo*
- 149..... *Escritos do velho Degaz*
- 150..... *Um fim de semana*
- 151..... *Dias interessantes*
- 152..... *Dois Irmãos em 28 de junho de 2022*
- 153..... *Lá se foi Éliada!*
- 154..... *Tempo sem documento*
- 155..... *Sonhos*
- 156..... *Dia seguinte*
- 157..... *Vinde espírito*
- 158..... *Meus 80 anos*
- 159..... *O corvo*
- 161..... *A tempestade*
- 161..... *A sombra*
- 162..... *Surpresas no mar*
- 163..... *Chesterton*
- 164..... *Esquecimentos*
- 166..... *Duas crianças*
- 166..... *Kiarkas*
- 167..... *Reverendo Talita*
- 168..... *Cenazas repetidas*
- 169..... *Como o vento*
- 170..... *Velhos e o mar*
- 172..... *Coisas da vida*
- 172..... *Na areia e no mar da Pinheira  
I: o barco*

- 173 ..... Três viúvos
- 174 ..... Estranhas sensações
- 175 ..... Uma grande figura humana
- 176 ..... Morte da amendoeira aos 25 anos  
de existência
- 177 ..... Amigos
- 178 ..... Sobre a última amendoeira
- 179 ..... O carroceiro
- 180 ..... Pensando nos escravos
- 181 ..... Num jogo do Inter
- 183 ..... Campos e dirigentes do Inter
- 184 ..... Quando falta amor
- 185 ..... Diante do imponderável
- 186 ..... Minha gente
- 186 ..... Emoção
- 187 ..... Voltando para Passo Fundo
- 188 ..... Chatices e fragilidades
- 189 ..... Às cinco
- 190 ..... Oração aos 80
- 191 ..... De volta pra casa
- 191 ..... Em comunhão
- 192 ..... Notícias da Ucrânia
- 193 ..... Os judeus e os filhos da Ucrânia
- 194 ..... O porão
- 195 ..... Breve reflexão
- 196 ..... Palavras, apenas palavras
- 197 ..... Nasceu-nos hoje um menino
- 198 ..... Sempre melhor
- 200 ..... Pontos de vista sobre a Ucrânia
- 201 ..... Da minha velhice
- 202 ..... Loucura e perversidade
- 203 ..... De Putin e Hitler
- 204 ..... Entre o amor e a morte
- 205 ..... Meus velhos amigos
- 206 ..... Meus 80 anos II
- 208 ..... Sonhos
- 209 ..... Festa
- 210 ..... Na intimidade da casa: dia 21 de  
março de 2022
- 211 ..... Domingo difícil
- 212 ..... Dies Illa - Dies Irae
- 213 ..... Do Museu Vasa para Berlin
- 214 ..... Alegro-me com Fernanda Pandolfi
- 215 ..... Pelo novo olhar
- 216 ..... Histórias sagradas
- 218 ..... Páscoa 2022
- 219 ..... Entre Gorki e Mariza
- 220 ..... Meditação sobre uma viagem
- 220 ..... Lembranças de Gorki
- 221 ..... Ouvindo bons companheiros I
- 223 ..... Ouvindo bons companheiros II
- 224 ..... A senhora de Mariupol
- 225 ..... Um pouco sobre a loucura
- 227 ..... Algumas histórias  
esparsas
- 228 ..... Li, ouvi e outras lembranças
- 229 ..... Grande Roberto, grande Solange
- 231 ..... Além dos sapatos: as cadeiras
- 232 ..... Da minha velhice



- 233 .... *Vivi e escrevi do Creati*
- 234 .... *Esta tarde silenciosa de 1º de setembro de 2021*
- 235 .... *Dos meses de setembro*
- 236 .... *A mulher do Serafim*
- 237 .... *Para Marisa Potiens Zilio*
- 238 .... *Para o amigo Airton Borowski*
- 239 .... *Modos de viver*
- 240 .... *A tentação*
- 241 .... *A mulher do tênis*
- 243 .... *Da mulher ao telefone*
- 244 .... *Com o bispo Dom Ercílio*
- 245 .... *Maior de 2023*
- 247 .... *Minha sogra*
- 248 .... *O sogro da minha sogra*
- 248 .... *Vendo... estou bem*
- 249 .... *Da sogra para a filha*
- 250 .... *A luta armada*
- 250 .... *Desde a origem*
- 250 .... *Entrevista com Platão*
- 251 .... *As filhas*
- 251 .... *A sogra, cunhadas y mi mujer*
- 252 .... *Uma queimadura*
- 253 .... *Uma mulher muito amável*
- 254 .... *De outros bisnetos*
- 254 .... *Nos 80*
- 254 .... *Minha casa, minha gente*
- 255 .... *A funda cirurgia revela a força de Nina*
- 256 .... *Voltando ao passado*
- 256 .... *A pinta perigosa*
- 257 .... *Cuidados e bravuras*
- 257 .... *O virtuoso facão*
- 258 .... *A maldita doença*
- 258 .... *Diálogo medicamentoso*
- 259 .... *Mais um diálogo*
- 259 .... *A roupa dos ministros para minha sogra*
- 260 .... *20 de junho de 2017*
- 261 .... *25 de maio de 2018*
- 262 .... *27 de julho de 2018*
- 263 .... *Dois pontos oncológicos*
- 264 .... *A doença é persistente*
- 264 .... *Eis que chega*
- 265 .... *Dois cortes a mais*
- 265 .... *Em março de 2020*
- 266 .... *Em abril de 2021*
- 266 .... *Outras conversas*
- 267 .... *É dele a preocupação*
- 268 .... *Confesso ter uma sogra demais*
- 268 .... *Em fevereiro de 2023*
- 270 .... *Vibrando com Gil Vicente*
- 271 .... *Auto do da barca do inferno*
- 271 .... *Brisida*
- 272 .... *O judeu*
- 273 .... *O fidalgo*
- 274 .... *Agiota*

275 .... *O parvo*

276 ..... *Sapateiro*

277 ..... *Padre*

279 ..... *Corregedor*

281 ..... *Enforcado*

282 ..... *Na barca dos céus*

283 .... *Auto da alma*

285 .... *A farza de Inês Pereira*

288 ..... *Brincando com o auto da visitação*

291 .... *Auto da Lusitânia*

293 .... *O auto de Sibila Cassandra*

294 .... *Alguns excertos*

303.... *Auto de Passo Fundo*

313.... *Sobre Tânia e  
Pedro Dubois*

314 ..... *Com Tânia e Pedro*

316 ..... *Quando a noite fica dia*

317 ..... *As páginas brilhantes de Pedro*

318 ..... *Em homenagem ao Pedro*

318 ..... *Pensando com Tânia*

318 ..... *Intervalos*

319 ..... *Forma anunciada*

320 .... *Hábitos*

320 .... *Aço das palavras*

320 .... *Confronto*

321 ..... *Grito*

321 ..... *Individualidade*

321 ..... *Sombras*

321 ..... *Dupla inspiração*

321 ..... *Flores*

322 .... *Despedidas*

322 .... *Eles falavam assim*

325.... *Referências*

# Introdução

São dois anos de vivas lembranças. Nada e ninguém obstaram a que pusesse vivamente alguns momentos de minha vida. Possa eu, então, me reportar ao que fui e a outros mostrar o que tenho vivido, pois estas narrativas de dois anos, 2022 e 2023, significam excertos importantes, os quais guardarei a quem possa interessar. Alegrei-me mais que tudo em narrar experiências através de certos acontecimentos. Sei muito bem que poucos se ocuparão em me ver de perto. Foram dias apreciáveis para mim. Muito mais que uma redação cotidiana, tentei dizer de minhas convivências. Agradeço a todos os personagens que se moveram ao meu redor. Guardo tudo como acontecimentos importantes, agora desvelados com muito carinho, a todos que passaram por minha vida, e deles guardo como se fossem horas de vida guardadas. Se algumas das horas mostrarem qualquer insatisfação ou inconformidade de minha parte, não as considerem como de grande importância. O que importa são todas as horas, guardadas com as devidas proporções, pois umas mais outras menos derivam como melhores passagens para serem lidas e lembradas conforme o interesse de quem as lê. Que tenham minhas horas como um carinho tardio!

Enquanto escrevia sobre acontecimentos de 2022-2023, foram se achegando, como meus dias, os dias de Miguelina, a Nina, pedin-

do passagem para não ser esquecida. Nina constitui-se em mulher de luta bravia contra um câncer de pele, mas muito além da luta, existe uma mulher que habita a grandeza humana. Tem na vida o dom da bondade, além de qualquer limite. Aos 99 anos, enfim, encontrou melhor resposta e prêmio à sua saúde.

Entremeio aos dias de Miguelina e suas filhas, Marlene, Marli e Solange, e, principalmente, em seus dias de luta contra um insidioso câncer de pele em seu rosto, celebrei a magnífica obra de Gil Vicente, com suas belas criaturas, ao revelar sua divina criação e, incontestemente expressão da dignidade, em seus teatros. Para completar, resolvi narrar uma história de Nossa Senhora da Conceição, reunindo Padre Umberto Lucca e um menino ladrão, expressando dores e sonhos de nosso tempo. Ao final, não pude evitar uma homenagem aos amigos Tânia e Pedro Dubois.

São todos ditos de verve pessoal, somente Gil Vicente é tentativa de elogiá-lo pessoalmente, pois se apresentam para celebrar sua grandeza, como se fora uma imitada cópia dos pecados e festas de 1500.



# *Férias 2023: os dias e as horas*

Será pouco o tudo que vivi? Não sei! As medidas dependem da alma que se tem. Vou fazer de mim um observador da vida, em meus dias de férias. Falo de alguns momentos com minha família na Praia da Pinheira, entre meados de dezembro de 2022 e final de janeiro de 2023.



## *Quando não existe muito a dizer*

Isso pede uma ousadia: dizer muito do aparentemente pouco pode revelar uma interessante criação. É verdade: estou de pouco ânimo em torno de qualquer escrita, mas não posso perder o que mais me agradava fazer. Estou como um Ford 29 difícil de pegar, entretanto, não posso perder o que tanto sempre me animou. Sei que o costume da leitura de livros está para poucos, mas preciso ocupar-me, apesar de não estar de encantamento ao pensar em um livro. Rabisquei alguns fatos e não me agradaria não os dizer, ainda que fosse apenas para ocupar minha mente que anda devagar.

Careço dizer de modo agradável os eventos para não os perder de vista e, principalmente, apurar minha memória e meu bom gosto pelas letras. Possivelmente, ninguém me dará o prazer da leitura. Os leitores estão desaparecendo, assim como a fumaça, depois do fogo, mas não posso negar a mim mesmo a existência, por pobre que esteja.

Enfraqueço visivelmente, dos pés à cabeça, porém não posso aceitar os naturais sofrimentos e as perdas que surgem, ainda que fortes. O viver assim me solicita mais vida, e que não fique dando bobeira às solicitações da morte.

## *Primeiro fato*

Sinto-me de pouca vontade em renovar a velhice. Ela chega inoportuna e, em mim, de afetos minguados e de memória fragilizada. Hoje ainda fiz a Solange chorar por mostrar pouco interesse e, de palavras secas, ao falar da possível festa dos 100 anos de Nina. Disse que preferia vir para a praia e sem grandes festas, e aí convidar quem quisesse. Não quero mais barulhos em minha casa. Assim evitaria grande movimentação, tendo poucas despesas. Acho que estou mais para Dom Casmurro do que para Jesus.

Fiquei também ruim da cara e ainda estou, por causa do programa Lar Feliz, ao me solicitar os nomes e endereços das pessoas anteriormente donas desta casa da praia. Querem que busque os registros delas. Assim me vou de má vontade em sair correndo por aí, solicitando nomes e documentos. Estou assim, mais para aflição que para a paz. Apesar de tudo, busco me converter para um coração cheio de amor.

Deste jeito vou continuar: retirando dores das vivências destas férias na Pinheira. A hora: 3h45min da manhã de domingo. Que o senhor esteja comigo, para me dar melhor a quem amo e a quem ando de má vontade.

### *O Dia do Senhor*

Vou andar em meu encalço a ver se o deixo melhor que ontem. Li faz pouco sobre a Talita, a mulher, mãe e esposa, a ingênua senhora de alma pura. Criei-a, no livro *As formas da vida*, a Talita, a melhor pessoa que alguém possa sonhar. A pura ingenuidade! Senti-me atravessado por sua bondade. Inventei-a para me fazer bem. Se ando meio sem grandes direções, faz bem imaginar alguém de pureza e cheio de bondades. Minha manhã será a manhã feita por minhas mãos, como quem tece uma roupa para o inverno. A primeira tentação de minha boca será evitada, como quem evita andar desatento. Tentarei ser Talita. Será como a manhã de minha infância na manhã de Páscoa, quando acordava vendo os pratos cheios de ovos coloridos, cheios de amendoim açucarado, e dois de chocolate: a glória! Melhor dito: serei a própria Páscoa de mim mesmo. Assim terei um dia de pura santidade. Assim será o meu dia: como o terceiro dia depois da morte do Senhor. Sairei das oliveiras tirando o pó de minha túnica mortuária. Direi meu Aleluia com Leonardo Cohen!!! – desejando o mesmo a quem amei!

## *O Cláudio está se acordando*

O Cláudio é o marido da Áurea. Ele veio para acompanhar a esposa para a Praia da Pinheira. Filho do Ceará, carrega uma personalidade leve, muito leve. Está deixando a casa de uma forma semelhante às pinturas de interiores do personagem principal de *As formas da vida*: com estilo dos melhores viventes.

Deixou os filhos no Ceará aos cuidados da mãe e casou-se com Áurea pela internet. Caboclo bom, manso e humilde de coração. Meu fiel escudeiro na melhoria da casa e nas cartas da canastra. Fico olhando sua leveza, parecendo de outro planeta. Tenho até medo de ofender sua forma de ser. Ainda agora o vejo cuidadoso com o lixo, ao levá-lo para os containers. Faz tudo com sincera bondade e competência. Deixou um guarda-sol aos pedaços em uma obra de renovação das sombras. Vejo o casal em seus acertos particulares, invejando o carinho natural. Vou acompanhá-los no chimarrão. Um silêncio bom se faz, parecendo ser a bondade concentrada. Agora, em Passo Fundo, ele está sendo um reparo à solidão desta casa, companheiro em tudo. Que o amor nos tenha!

## *A cunhada*

A doença de Alzheimer é a morte da alma. Ela pode ter diversos nomes e dimensões. Muito aos poucos, vai roubando a memória pela qual andamos seguros por saber quem é o mundo que nos cerca, dizendo melhor: quem somos! É, portanto, uma ladra safada e ladina, pois rouba a qualidade principal das coisas, ocultando o poder da reversibilidade e da orientação.

Doeu-me perceber os primeiros limites da cunhada Marlene, ao sofrer perdas em sua memória.

Quando as substâncias tóxicas avançam sobre as células cerebrais, a memória de tudo vai se perdendo. É a perda da palavra certa, e não mais sendo possível nomear a vida, a história, a geografia e o significado de tudo em segurança. Uma cegueira branca vai apagando tudo. Um silêncio vai inibindo os significados, mas aí estão os sentimentos primitivos de todas as coisas a conceder vida por onde passamos. Vejo, então, minha querida cunhada, ainda amável, embora tudo seja de passagem fugaz. Aí conta, então, a solidariedade a emprestar a orientação e o nome de todas as coisas, aparecendo sempre a novidade, pois o que já se sabia está escondido. Até quando este benefício? A reversibilidade do pensamento foge e os significados se vão. Tudo é uma passagem na qual se perde o jogo dos vínculos e do aprendizado conquistado. Aí, meu concunhado pergunta: até quando eu posso tê-la com palavras, ainda que passageiras, em torno de tudo? A cegueira será completa? E o sentimento em torno de tudo será absoluto? Também sinto, em mim, a perda das palavras, principalmente o nome pelo qual invoco e explico a existência. Minha história já não é mais tão clara e o meu saber, que era seguro, começa a me trair. Sou um peregrino inseguro e tento conviver nos limites que se impõem, uma vida em fragilidade. Assim explico meus arroubos inseguros, exigindo minha segurança. Ainda mais eu fico cuidadoso e não quero estar exposto a um saber duvidoso. O que sobra nessa relação familiar é um perdão absoluto diante dos limites vigorosos de minha alma e da alma de minha cunhada. O jeito é tomar de empréstimo a memória dos outros. O silêncio, então, torna-se obrigatório. A gente permanece filósofo pelo silêncio. Fica o silêncio, muitas vezes entendido como sabedoria, mas é a ignorância que me obriga a calar, pois não tenho mais a certeza das coisas de outrora. Torno-me humilde e quero distância, para não me comprometer. Abençoo minha cunhada em nosso sofrimento.

## *Minha outra cunhada*

A Marli está de memória saudável, mas muito sensível e solitária. Sua melhor companhia é um neto que é experto, fazendo-lhe companhia por amor e pelo interesse que provém dos netos cuidadosos. Ela convive com saberes místicos e verdades guardadas pela fé. Ama o extraordinário em tudo que lhe aparece. Ama, então, explicações extraordinárias: *Os índios, no tempo dos jesuítas, escavaram túneis para fugir da sanha espanhola e portuguesa, vinculando uma missão à outra missão. Possuíam defesas.*

A solidão é compensada pela religiosidade. E na fé sustenta a maioria dos eventos. Sua neta passou em medicina por favor de suas orações. O mundo rola em razão da força divina, que acolhe a bondade humana. Vejo-a recolhida em orações e sua palavra é suave. Ama proteger sua mãe, Nina, ainda que esta esteja centenária, mas plena de segurança. Ela atravessou dificuldades em conduzir sua vida tendo uma filha de difícil adolescência e por perder seu marido precocemente. Esta mulher é de uma virtude chamada coragem. A solidão deixou-a fragilizada, mas sua crença é infinita e sua bondade, magnífica. Assim, estou em boa companhia.

## *Eu, pecador, me confesso*

Ando meio tonto em minha solidão. Minha virtude existencial anda fragilizada. Sinto-me um peregrino cansado. Minha convivência anda tonta e a ternura, abalada. Em vez de alegrar-me por fazer uma festa em minha casa, preferi o silêncio dela. Sou um tanto acabrunhado. Um pequeno problema na casa em Passo Fundo me fez muito mal. Estou parecendo um Jó por pouca coisa. Amaria ouvir estrelas e sinto minha alma cansada. Junto esta solidão confessada a ver se posso reverter o coração diminuído. Ou seria estar acabrunhado pelo silêncio de ações mais interessantes? Talvez esta escrita confessional possa me



devolver a gentileza e o amor ao próximo. A minha vitalidade está para um galo após ter perdido uma luta. Sou o galo desprezado pelos rinhadores? Pois bem, então minha humanidade caseira anda de pouco destino. Recolho-me em busca de forças e de amor, extraviado pela idade. Retornam-me lembranças de lutas de outrora, mas não me satisfazem. Meu coração anda diferente e minha alma, sem razões para justificar minha existência. Seria o desprezo em torno de meus escritos? A frase: é! Ele anda sempre escrevendo, como se o meu dizer fosse algo de pouca valia. Ninguém mais presta atenção. Sou o pregador do deserto. Ou seria eu um Jó de pouca razão? Mas vou assim penitente, ainda em busca de mim.

### *O meu neto*

Quisera ter a vitalidade do João. Se me pareço semelhante em seu rosto, agradar-me-ia mais andar em semelhança à sua vitalidade. Não sei se a sensibilidade dele não se assemelha ao meu temperamento. Andei como ele até bem pouco e quero ter de volta o bem que ele me inspira. Retornem-me a exuberância infantil e a ternura ambulante que sempre tive. O ombro que me suportou por 80 anos já não se traduz em grande apoio. A vida anda meio exangue. Lembranças de sofrimentos retornam com facilidade. Quero ter a afabilidade de meu neto. Reúno suas forças a ver se recobro a beleza de quem eu fui, ainda que meu corpo não seja mais o mesmo. Que a vida lhe seja boa e sua alegria não se perca. Que se repita em mim a vitalidade perdida. Ou será o cansaço, em razão de andar de pouco destino? Se o meu se esgota e de poucas virtudes deambulo, que ele as tenha a se espalhar em atos de grandeza humana, pois delas anda o mundo em precárias forças. Meu pequeno garoto, que tenhas mais leves os dias. Já tão jovem brotam-lhe angústias desproporcionais à sua idade. Que nada possa acontecer além de suas forças. Tua sensibilidade é que não carece de tanta força. Bênção, Piá!

## *Do Henrique*

Ainda bem que eu possa ajudá-lo a dar continuidade na medicina. Está um homem em formação profissional. Vi sua angústia quando o pai manifestou o quanto o ajudou, mas que agora a saúde financeira combalia. Ele manifestou a dificuldade de buscar empréstimo. Ainda assim, o Leonardo conseguiu dar grande colaboração. Reuni a boa vontade da Solange, e seguimos adiante, como se nada tivesse acontecido. Felicidade familiar se completa ao ver os limites superados. A jornada prossegue nos limites do caminho. Ontem, consegui dar conta do IPTU e de outras despesas da praia. Vieram nos visitar a mãe da Duda e seu marido. Conversas amenas passaram ao largo do momento tumultuoso. Assim é e assim deve ser: mostrar a alegria da caminhada, sabendo o quanto estamos bem diante das dificuldades. Lembro do filme *Sciamo tuti bene*. Com o pai visitando os filhos enfiados debaixo do mau tempo. Diversas, porém, se desenham as vidas de Duda e Henrique. Por certo, se fosse buscar empréstimo bancário, ele deveria arcar com um peso de dobrar seus ombros. Assim, prosseguimos aliviados em nossa jornada. Fica sempre o gosto de vitória entre *peleias, lutas e feias, entre tempos para heróis*. Ficamos como Teixeira, domando um cavalo xucro. Ainda bem que teve a avó Tânia, para tirá-lo daquela enrascada de servir o Exército. E, por lembrá-la, minha solidariedade doída por sabê-la silenciosa. Assim, vamos entre balas e flores. Sabe moço, tem gente forte ao teu lado, quando você, em lutas paranaenses, mostra o teu valor. As velas se enfunam e *la barca se va!* Amo a vida como a língua, ainda que inculta.

## *Imortalidade*

Passei, como já me referi, por um sentimento de mortalidade e estou recuperando-o pelo amor que vem de volta. Não posso ficar preso aos anseios da precariedade:

*Você é minha única luz  
E eu vou seguir na estrada que está à frente  
Não deixarei meu coração medroso controlar minha mente  
Você é minha única luz.*

É assim que canta Celine para mim.

*Eu faço minha jornada através da eternidade  
Eu guardarei a memória de você e de mim  
Preencha o seu destino  
Lá dentro de sua criança  
Minha tempestade nunca irá terminar  
Meu destino está no vento intenso*

Que eu tenha mais cuidado e zelo para não ferir o coração festivo da Solange. Não mais inibirei suas festas, ainda que sejam fruto de fértil imaginação. Serei um pouco menos austero com os dias vindouros e não me fixarei na precariedade de um velho preocupado com o destino terreno, pois a imortalidade ou o esquecimento se aproximam. E digo como, quando adolescente, ao tocar da hora em Santo Ângelo: *Mi Jesu misericordia!* Depois, continuávamos em busca de melhor destino na companhia de Jesus.

### *Meu cunhado*

Envelhecer é um risco pouco calculado. Acionar a vontade para retirar a informação já não funciona. Sei disso quanto aos nomes. Chamo jogadores, políticos, amigos e parentes, e eles se ocultam em seu silêncio. Reduzidos ao silêncio, aquieto-me, tornando minhas conversas sobre seres abandonados. Quis lembrar o Dalessandro, cadê ele para passar a bola. Não revela seu nome, como se já não pertencesse ao mundo dos vivos. Lembro agora, porque meu cunhado conseguiu trazê-lo ao convívio familiar ontem à noite. Euclides me ganhou essa. Também ele está sofrendo de esquecimentos leves. Seus mortos mentais pare-

cem, porém, mais atentos à sua existência. Minha admiração e meu respeito por ele referem-se pela maneira agradável de lidar com Marlene. Penso, ao vê-lo, em sua terna compaixão, mais semelhante a um pai que a um marido. Duvido que eu teria tanta dedicação quanto ele.

Agora vou encilhar meu cavalo, para andar pelos caminhos da Pinheira. O sol, também escondido, em semelhança às minhas palavras, antes brilhavam querendo até se mostrar, agora se fazem de difíceis, cansadas ou enjoadas de tanto servir. Pois é, o amor tem disso também: nem sempre se revela gentil. E as palavras, antes trazendo de bandeja os eventos e as pessoas, agora se fazem quietas, e eu feito bobo. Mas que seja assim, enquanto as palavras ocultam lembranças, escolho aquelas que gentis se apresentam em meu socorro. Aqui vai meu adeus, meu concunhado. Ele anda em convívio com falecidos e conversa com os espíritos com extrema facilidade. Vive até melhor que eu, em relação àqueles que já pegaram o boné. Partiram, como muitas de minhas palavras. Seus socorristas são melhores que os meus.

### *Contatos com a Pinheira*

Meu primeiro contato com a Pinheira foi em janeiro de 1980. Dona Delci foi generosa ao emprestar sua casa. Vieram também o Euclides e a família, com o Abetino e a Nina. Dias memoráveis: a Fer com 7 e a Tati com 4 anos. Mudança radical para a Solange, uma vez que sempre passávamos as férias em Camboriú. Comove-me a foto das duas correndo livres nas areias da Pinheira. Voltamos novamente, acredito, pelo ano de 1995. Ficávamos alguns dias com a Marisa e o Juarez, suas filhas e o Pipo.

Em 1999, destacam-se dois eventos. O primeiro foi a decisão, ainda em dezembro de 1998, de passarmos as férias na Pinheira. O Gringo e a família juntaram-se a nós. Muita gente para a casa e pouco cuidado com o imóvel alugado. Foi encontrada uma casa espaçosa,

próxima do centro. O Pedrinho, ao ver a turma chegando com um cachorrinho, falou que não alugaria. Disse-lhe que compraria a casa. Mudaram-se, então, o tom e o propósito. Dia seguinte, trouxe a esposa. Ela estava muito, muito disposta a vendê-la. Pedi um mês para tomar a decisão. Aceita a proposta, voltamos a Passo Fundo. Nem bem passara o mês, confirmei a decisão de ficar com a casa do Pedrinho. Na Páscoa, retornamos e fomos até Palhoça, para registrar a compra. Celebramos.

Era só felicidade, ainda que houvesse certa resistência por parte das filhas. Consolei a Fernanda, pois queria um apê para ela. Seu casamento não andava aquelas coisas. Teria maior liberdade, o que ainda foi possível um ano depois, ao vender, por pouco, as fracas terras do Piauí. Tudo foi feito com grande economia. A Tati se conformou com tudo, pois recebeu a promessa de também ter o seu apê em Passo Fundo, o que não demorou a acontecer. A Solange aceitou então com alegria, pois a aquisição na rua Professora Pequenita se mostrava uma boa conquista, apesar da distância.

Hoje, dia 20 de janeiro de 2023, estamos reunidos nesta casa: a Áurea, com seu marido, Cláudio, a cunhada Marli, a família do Euclides: Marlene, André e Gláucia, com o marido e os filhos, Luiz Fernando mais a filha; também, Nina, Solange e eu. Toda a casa ocupada, os 3 quartos e as 3 quitinetes. Há, ainda, solidariedade em torno das dificuldades de memória da Marlene e o rosto ferido da Nina. Estamos bem: a ternura nos envolve, suprimindo qualquer limite.

### *Dos amigos da Pinheira*

Silvana, uma morena, educada, muito educada. Ela carregava uma voz esmaecida, parecendo sentir os tempos difíceis. Lindas filhas lhe habitaram a casa e havia gentileza em todas elas. Neste ano de 2023, ainda não a vi. Preciso vê-la e agradecer tudo que fez.



Lastimo muito o descuido de parentes em tê-la preterida na minha ausência e me confesso culpado em ser cúmplice desse crime. Tento, todos os anos, mostrar, com uma visita, meu reconhecimento e uma pequena lembrança. Salve a Silvana, negra amável e cuidadora. Pelo que vi, o marido, como a maioria dos pescadores, tem dificuldade em sustentar a casa nestes tempos em que o mar se nega em entregar seus peixes. Pareceu-me, com todas as letras, a mulher forte do evangelho e dos provérbios. *Quem encontrará a mulher forte? Ela é mais preciosa que as pérolas que vêm das extremidades do mundo. O coração do seu marido põe nela inteira confiança e não terá necessidade de riquezas estranhas.* Por certo, muito mais seus filhos tiveram em Silvana a proteção dos seus dias. Amo a vida, também por conta desta amável mulher.

### *Joaquim: o cuidador da água*

Entre todos que me salvaram em situações críticas, o principal da Pinheira é o Joaquim. Se a água não funciona, a solução é ele. Se um vaso sanitário enguiça, lá vem o Joaquim. Além de uma boa amizade, agrada-me ouvi-lo falar de sua família. Certa tarde, na qual solicitei mais uma vez o seu socorro, veio resolver a falta de minha água, acompanhei-o antes em auxílio em outra casa. Domingo especial para Joaquim. O reparo da água valeria um valor a mais. Estava como um auxiliar das águas da Pinheira. A companhia valeu-me a narrativa em torno de um dos filhos dele.

*Pois é, Agostinho, um dos meus filhos custa-me minha aposentadoria. Ele é motorista de Uber em São Paulo, o que não é suficiente para sobreviver. Assim me leva minha aposentadoria, sobrando trabalhar em dobro.*

Depois de dar solução ao dono daquela casa, veio até a minha e resolveu o problema, subindo até a caixa da água. Agradei o servi-

ço prestado. A roupa suja de minha casa, agora, poderia ficar limpa com toda a facilidade. Paguei-o entristecido, desejando que tudo se resolvesse bem em sua casa, ainda lembrando das últimas palavras em torno do seu filho em São Paulo.

*Já ameacei de retirar a minha aposentadoria em favor dele. Meu filho é depressivo, então a mãe dele chora, lembrando que ele pode cometer suicídio. Aí é que não quero levar qualquer culpa.*

E lá se foi Joaquim, devolvendo água aos que têm sede e andam com redes de água comprometidas. Naquela tarde, a alma de Joaquim continuava de movimentos turvos.

### *Um belo fim de semana*

O meu sobrinho André, filho de minha cunhada Marlene, dispôs-se a fazer o churrasco neste domingo modorrento. As chuvas ameaçando cair. Todos lembravam histórias familiares. O foco principal se resumia em torno das três filhas: Marlene, Marli e Solange. Enquanto as brasas assavam as carnes compradas a dedo, observava a quantidade de carvão sendo posto na churrasqueira. O André reclamou do carvão: era pouco, para tanta carne. Lá se foi o concunhado Euclides comprar. Logo voltou com um saco de 7 quilos. Exagerado! – pensei. Há de sobrar para o próximo! Aí, rolavam os comentários em torno do sucesso afetivo das três. A Marlene nada falou, muito feliz por ouvir, enquanto o Euclides explicava da escolha que fizera. Ela nada lembrava, pois suas células cerebrais já se apagavam. Estava feliz por ter sido preferida numa disputa com outra garota. Querida Marlene, sempre viveu feliz e agora, em repentes, estava ainda mais contente. A Marli, viúva de 20 anos, brilhou com seu Ricardo, ao narrar também ter vencido numa disputa de amor. *Diante da adversária, fiz ele confessar que me preferia!* A Solange, muito contente, narrou como conseguiu chegar a bom termo em suas dificuldades afetivas. Temi

que alguém lembrasse do seu noivado apenas rompido ao me conhecer. Todos mudos deixaram minha querida dizer o quanto foi bom ter me conhecido e me amado.

*Gente, o churras está pronto! Olhei discretamente para o saco de 7 quilos. Sobrara pouco mais de um quilo. Com outro saco já usado, pensei: 10 quilos para assar tão pouco! É claro, a carne estava BEM assada. Comi satisfeito, pois sobrava para o dia seguinte. Jamais deixarei de agradecer ao André. Mas, para meu gosto, muito carvão para pouca carne. O silêncio é bom remédio, principalmente para quem é econômico demais e perigosamente desbocado. Todas las personas salieron muy contentas, incluso la abuela de André por su servicio ofrecido!*

### *Surpresas*

Mais que surpresas. Assim, na vida de todos, aparece o inesperado. De minha casa em Passo Fundo: de repente, as televisões e o telefone não funcionam mais. A Tatiana resolveu tomar conta ao solicitar um técnico. Depois de muito esforço, levou um responsável que descobriu haver sido cortado o contato ainda na rua. Tudo certo! Susto e preocupação em torno da Solange: voltaram as dores da cistite. Visitamos a UPA na Praia dos Sonhos, recebendo o devido atendimento: mais 7 dias de antibiótico. Continuaram, porém, as dores na perna esquerda. Ainda hoje, 23 de janeiro, fiz massagem por causa dos músculos ou de seu nervo ciático.

Pior causa de dores vem da Nina. O câncer voltou a atacar a região do olho esquerdo. Resolução de família: operação, assim que chegarmos em Passo Fundo. Suas lágrimas, ao brotarem espontâneas, indicavam haver grave ofensa. Ela resolveu ver o tamanho da lesão e realizar cirurgia, pois se negava, até então, a realizar qualquer nova intervenção. Assim é, assim será: os limites da velhice estão atentos como um leão para devorar. A gente é que vive peleando contra a

morte e o sofrimento. Mesmo com orações, continua a canção: *Mama lass nie deine junge weinen*. Mamãe não deixe nunca teu filho chorar, ainda que venha em forma de uma sogra a pedir socorro ou de uma mulher com dores implacáveis. Na vida, entre o dia e a noite, um trem nos leva à morte, mas enquanto houver a ternura, vivamos, ainda que permeados de impertinentes ameaças. Canto os meus dias, ainda que rengueando pela estrada, feito o Mepi, um cusco de minha infância, por ter-lhe caído uma gamela nas costas. Sabia o quanto meu cachorro se defendia bem diante dos seus limites. Assim vivia ele, feliz, ainda que zengo. Assim vivamos, sem temor. Ainda bem que não nos cai uma gamela sobre as costas.

## *Pinheira*

Dizem que o nome do lugar teria sido dado por marinheiros ladrões, os famigerados piratas<sup>1</sup>. Buscavam água boa na região. Ao dar nas margens, encontravam arbustos resistentes, denominados de espinheiras. Por redução de linguagem, a região das espinheiras veio a ser a Pinheira. Por leituras de um livro de relatos desses reconhecidos ladrões, pode-se crer que chegavam ao mar calmo, entre o continente e a ilha, e aí recompunham seus navios. Abasteciam suas embarcações de água boa. Compravam, dos primitivos habitantes, seus alimentos, para assim dar prosseguimento às buscas por riquezas de outros navegadores. Diversas lendas se formaram em torno de riquezas abundantes escondidas na região. O que se sabe de maneira concreta é que 1739 foi um ano marcante, já que o brigadeiro José da Silva Pais aportou em Nossa Senhora do Desterro.

Junto dele, veio a missão de se construir fortificações para um porto com base segura e iniciar a colonização da região. Foi a par-

---

<sup>1</sup> Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 3. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC; Lunardelli, 1990.

tir daí que colonos açorianos e da Ilha da Madeira foram seduzidos e influenciados a se mudarem para Santa Catarina. Pinheira, então, tornou-se um dos lugares preferidos para a vinda desses colonizadores. Inicialmente, alguns viviam de pesca e outros, para suprirem a falta de alimentação, dedicavam-se à agricultura, tendo a mandioca como um dos alimentos principais, sendo a farinha fartamente produzida e consumida. É importante mencionar que, no século XIX, Nossa Senhora do Desterro passou a ser considerada uma cidade, tornando-se a capital de Santa Catarina em 1823. Pinheira e outros lugares começaram a ter por referência a ilha como capital. Mais tarde, em 1894, com a vitória das forças de Marechal Floriano Peixoto, o nome da cidade passou a ser Florianópolis, em homenagem a ele. A população tem reservas ao nome de Florianópolis, uma vez que ele deixou péssimas lembranças pela perseguição aos seus inimigos. Inclusive, realizei uma visita numa das andanças à região, dando numa gruta onde seus inimigos foram massacrados. Nada a estranhar, se a população olha com cuidado a todos os presidentes. Velhas memórias de Floriano.

Hoje, a população de pescadores está reduzida, sendo a Pinheira também um lugar com gente de outras cidades, buscando-a para descanso. Assim, observa-se sua população vivendo do comércio. De pescadores se tornaram comerciantes. Já tive mais amor por este lugar, pois a distância já me dificulta chegar por razão de minha idade. Perdi a vocação de caminhador.

### *Dos peixes da Pinheira*

Se fossem me dizer, não poria fé, tantos eram os peixes. Os pescadores vinham com barcos para vender os produtos da pescaria noturna. Ninguém saía desiludido às oito da manhã. Os peixes de bom tamanho eram a alegria dos turistas. Cação e outros peixes maiores não faltavam.



Neste ano de 2023, porém, causa até mal-estar ver os pescadores vendendo seus peixinhos miúdos. Muito diferente dos relatos dos visitantes de outrora<sup>2</sup>. Coroca e outras espécies menores mostravam-se ainda vivas. Se não há peixe no mar, não haverá pescador na terra. Escrevi um pequeno livro sobre um deles: o Chero. Divisei nele um dos pescadores que obtiveram relativo sucesso, mas um de seus filhos estava gravemente envolvido em drogas, assim como o pai esteve. Cheirar era costume dos pescadores. Confessou seu sucesso em pescaria. Tirou carteira de pescador aos 14 anos. Dominou a arte e os caminhos dos barcos para o sucesso. Ainda hoje, vi seu barco: Santa Cruz. Falar dos poucos peixes é falar de homens sofridos em fim de carreira, sobrando algum sucesso para bem poucos. Vivem de momentos de fertilidade de peixes como a tainha, quando em maio se faz a piracema no mar. Pescam o que podem, guardando para dezembro, quando vendem aos turistas por um preço salgado. A maioria dos poucos pescadores está desgastada, lembrando do tempo que parece não voltar mais.

### *Noite na Pinheira*

Subi as escadas para ver as árvores altas do monte atrás da casa. Olhei-as com surpresa, uma vez que pareciam abraçar a casa com suas sombras. O silêncio total juntava-se às sombras da montanha. Havia uma nota de mistérios. Fiquei com certo pesar, porque dentro de poucos dias retornaria a Passo Fundo. Bem que a noite se assemelhava ao meu momento ainda ouvindo a Solange se desagradar da minha inapetência em sair para jantar. Lembrou ainda: nós não saímos mais em Passo Fundo. Mostrei-lhe minha insatisfação em ambientes cheios de conversas e dos talheres sobre os pratos. Senti, com certa clareza, de eu já não combinar com seus desejos de ambientes movimentados

---

<sup>2</sup> Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 3. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC; Lunardelli, 1990.



e de vozes altas no ar. Preferia o recolhimento da casa ao pé do monte, do jogo de baralho com o Cláudio e a Áurea, ou simplesmente ler e corrigir meu texto do livro em torno de um pintor de paredes. Cansado, fui assistir ao filme que a Solange e a Marli assistiam: a *Guerreira*, cheio de lances de despedidas e outros sofrimentos. Guardei ainda a imagem alta do monte parecendo cair sobre a casa. Senti-me feliz por ter conseguido arrumar o ar-condicionado antes da noite. Um argentino veio prestar seus serviços, corrigindo a pressão dos ares-condicionados na Pinheira, pois lá a vida andava pelas beiras da miséria. Senti certo temor se precipitar por aqui ao pensar em Lula: poderemos ficar como os argentinos com seu socialismo infrutífero. Mas fiquei feliz pelo menino que acompanhava o pai, crente em sua bola de futebol e na nova vida de sua família na Pinheira. Fui dormir ainda ouvindo o argentino dizer: *Como puede um ladron como Lula mandar em su tierra?* Faltou eu responder: agora tua também.

Veremos... tudo é surpreendente neste fantástico Brasil.

Paguei 200 pilas pela arrumação e nos despedimos. A noite iniciava na Pinheira, revelando ainda o monte sagrado de árvores altas, e as sombras se dobravam protetoras sobre a casa.

### *Tempos complicados*

Envelhecer traz seus encantos: parentes interessantes, memórias vivas e outras, feias, falecidas, surpresas nas leituras e vitalidade na escrita. Há vivacidade de momentos de poesia e de alimentos de gostos diferentes.

*Pero que si pero que no*, os limites de todos os tipos começam a dar suas caras. Gente amiga se vai: ainda ontem, a Marisa chegava cheia de sonoridades, e assim vão se perdendo prosas ternas e histórias comuns, enterradas em solidão. Dores surpreendem por diferentes partes, enriquecendo médicos e dentistas. Também estou, como agora: a meio pau tentando tirar da vida algumas migalhas nesta vetusta re-

flexão. Visitas inesperadas até de falecidos. Minha cunhada pediu se poderia enterrar o marido no meu pobre jazido em Passo Fundo. Vai trazê-lo de Dourados. Ninguém mais para visitá-lo, lembrando a Deus de sua trabalhosa vida e de lambujem que Deus lhe conceda serena paz. Aceitei de imediato o desafio de acolher aquele homem de barulhos e invenções estradeiras.

Ainda de manhã, alguém me mandou tomar banho em casa. Lavei o corpo no chuveiro público e era apenas para chover as pernas. Voltei sabendo de meu descuido social. Invento o momento, mas nem sempre a inspiração dá conta das lides de efetiva densidade.

### *A exata medida*

Percebo em mim que perco, por vezes, a exata medida. Parece que o exercício fácil de medir perde a precisão do que pode ou não pode ser feito. Os cuidados não são mais precisos, parecendo haver a perda da noção dos movimentos em torno das ações particulares e sociais. Assim explico: o egocentrismo começa a prevalecer sobre as medidas exatas da moralidade. A agilidade entre o que pode e não pode começa a perder sua acuidade. Perde-se, então, a noção exata dos movimentos, das palavras e da conduta social. Andava pela rua e com a mão examinei se a braguilha estava fechada. Havia uma mulher caminhando em sentido contrário. Se me visse em tal movimento, poderia entender que propositadamente estivesse fazendo um gesto indecoroso. Um movimento sem a justa medida estaria sendo avaliado como manifesto interesse sexual, podendo haver uma reação acusatória da mulher por afronta moral. Assim sendo, parece haver uma imprecisa avaliação dos movimentos e da moralidade.

Minha trava mental está desgovernada por imprecisão do mundo das ideias. Prefiro me manter silencioso e visto como apenas um pensador descuidado; ou seja: vou ser bem mais atento. Melhor di-

zendo: a lentificação da reversibilidade do pensamento faz com que se perca a rapidez nas decisões. Assim sendo, todo cuidado é pouco e, por isso, é melhor ficar em casa.

### *Ver melhor*

Não é em todos os velhos que se lentifica o pensamento. No meu caso, a Covid-19 diminuiu a agilidade mental da reversibilidade. Conviver vai exigir mais cuidado. Sem falar da memória... a prudência e a paciência fazem com que eu diga, como a poeta mineira, Adélia Prado: *quem não tem paciência perde o céu e a margarida do campo*. Diria, para o caso: o velho que sofreu, por qualquer razão, de limites da capacidade da reversibilidade, ou seja, a capacidade de análise dos fatos e suas consequências, de fato, precisa mais prudência diante dos acontecimentos. Pior ainda, existe até a possibilidade de uma reação intempestiva, pois os sentimentos maus podem precipitar reações indevidas. A sabedoria social, na minha opinião, equivoca-se ao dizer: a velhice torna as pessoas mais sábias. Pode ser mais sábia, se ainda tiver o poder de medir tudo pela lógica dos acontecimentos e preservada a virtude da prudência. Na verdade, o sofrimento mental causado por esclerose dos neurônios ou quando os centros nervosos ficarem agredidos por proteínas tóxicas, acontece severo perigo. Todo cuidado é pouco, quando existe a degradação da memória e, por consequência, o movimento mental da reflexão sobre tudo que nos acontece. Vivamos como diz a canção antiga dos estudantes:

*Nossa vida é breve,  
Logo findará.  
A morte vem rápida,  
Arrebata-nos atrozmente,  
Sem ninguém poupar.*

Vivamos, pois, ainda que não tenhamos mais a vibrante juventude. Não percamos a tramontana. Vivamos, ainda que nos doam os quadris esclerosados ou a próstata não seja mais tão generosa. Busquemos cuidados quando a vida nos é sovina. Façamos como faz minha sogra, chegando aos 100 anos. Tantos remédios minimizam os limites, mas ela vai contente, ainda que sejam curtos seus movimentos de toda ordem.

### *Velhas lembranças*

Aí, conforme os piratas ladrões diziam: arrumemos nossos navios. Vamos ao continente buscar água boa e reparar os navios. Vieram também os portugueses das ilhas de Açores.

**Diz Rafael Sette Câmara:**

*Era 1687. O bandeirante Francisco Dias Velho tinha saído de São Paulo cerca de 20 anos antes, com ordens da Coroa para povoar o sul do Brasil. Após localizar uma ilha no litoral de Santa Catarina, Dias Velho – na época nem tão velho assim – fundou o povoado. Você nunca ouviu falar disso? É que hoje Nossa Senhora do Desterro tem outro nome: Florianópolis. Na última noite da vida, ele despertou assustado e percebeu que alguém tinha invadido a casa onde morava com a família. Tentou reagir. Apanhou. Viu sua mulher gritar, sentiu o cheiro de fumaça e percebeu que a vila pegava fogo. Engasgando com o pó, a dor e a raiva, Francisco foi retirado de casa pelos piratas. Não sem antes ouvir os gritos das três filhas, que eram esturpadas pelos invasores.*

Nas minhas leituras em relatos de viajantes estrangeiros, contudo, havia gente boa. Mostra-se, porém, o povoamento de tarefa nada fácil. Outros graves acidentes ocorreram com a vinda dos açorianos:

*Em 1740, por decisão regulamentada pelo Conselho Ultramarino, a Coroa portuguesa passou a estimular a emigração de açorianos para ocupar e colonizar pontos estratégicos, como a Ilha de Santa Catarina e terras próximas do continente. As ilhas do Arquipélago dos Açores apresentavam excesso de população, o que já havia ocasionado a saída de muita gente. O recrutamento de colonos nessa região foi, portanto, uma solução para os açorianos e também para o governo português, que precisava povoar efetivamente o sul da América. Os imigrantes recebiam apoio para a prática da agricultura<sup>3</sup>.*

Houve, neste trânsito marinho de açorianos, naufrágio de duas embarcações de médio porte usadas pelos portugueses, bem em frente à praia, em 1753. Seguindo determinações da Corte Portuguesa, cerca de 250 colonos açorianos viajavam para o Rio Grande do Sul quando ocorreu o acidente nesse local. Só 77 colonos escaparam, dos quais parte ficou na Ilha e outros seguiram para Laguna e Rio Grande do Sul.

Assim, ainda ouço as formas das falas ultramarinas. A maioria da população da Pinheira ainda retrata a conversa usual, rápida e chiada, bem como os velhos costumes familiares e religiosos da tradição católica.

Entre espertos navegadores e outros ladrões, povoou-se a ilha de Santa Catarina.

### *Tarde quente*

Agora são 16h25min da tarde em Pinheira. Pouco a dizer e nada a fazer. Penso no dia de sábado. Um calor incandescente. Penso nas plantas do meu pátio, a me servirem os olhos. Pau Brasil, amendoeira velha e nova e as outras, serviçais aos olhos. Manhã de sol intenso. Praia com a Solange. Goles de cachaça. Galinhada bem-feita. Uma coleção de

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/america-portuguesa/8778-uma-fronteira-cultural-a-coloniza%C3%A7%C3%A3o-a%C3%A7oriana>.



canções de Teixeira. Uma pequena dança com Solange. Marli, serena. Nina, silenciosa. Estará pensando no dia em que mostrará sua face doente quando for ao médico? Uma brisa foge à tradição da hora, ao revelar frescas ondas de vento fresco. Dona Nina acorda, ajustando-se no velho sofá. Penso no retorno a Passo Fundo e no que de novo a sorte me reserva. Defino melhor meu projeto: Escritores de Passo Fundo nas escolas. A mediação terá receptividade? De onde virão as dúvidas ou resistências? Buscarei uma conversa com Cláudio, que despertou. O futuro se apresenta incerto, esperando de mim uma mão para que as falas exemplares de nossos escritores se revelem nas escolas. Amado ser das horas, venha-me em socorro, seja na voz do Deus da infinitude hora inscrita em meu cotidiano! E digo, como pedinte: hora minha, inestimável hora, seja amável como ceio e aconchego. Faça-me melhor nesta hora de sol puro de pedras paradas e pedras polidas, na quais se impõe o meu pedido de ser um pouco mais fraterno.

### *A insegurança*

Assim, tão de repente, puseram dúvidas sobre a minha legítima propriedade aqui na Pinheira. Rigorosamente, conforme Sigmund Bauman nos diz: vivemos num tempo liquefeito. Cheguei à Pinheira como dono de uma casa sobre a qual está um terreno sobre o qual devo provar que me pertence. Devo agora procurar os parentes dos primeiros donos, buscando que aceitem que me é legítimo o terreno sobre o qual está a casa onde estou morando. Devo procurar os filhos do primeiro dono: seu Rosemiro. Buenas, se julgam tal tarefa como necessária, cabe a mim encontrar Safira e seus irmãos, para que aceitem que me é legítimo ser meu o terreno sobre o qual está minha casa.

De repente, sinto-me como um judeu dos tempos da Alemanha de Hitler, ao qual, assim no mais, lhe foi retirada a cidadania alemã. Eles eram acusados de serem estrangeiros e, como tal, deportados para



os campos de concentração. Ainda bem que me é facultado o direito de provar ser eu o proprietário da minha casa com seu terreno.

Sinto-me como o esforçado aluno de uma escola e, por exigências antes nunca solicitadas, devo provar mais uma vez conhecimento; nesse caso, reconhecimento público da propriedade que sempre tive. Então, no meu caso, devo pedir que reconheçam o que tenho provado em cartório.

Não julgo procedente a exigência de buscar assinaturas do reconhecimento em torno daquilo que me pertence por quase 25 anos e é aceito, em cartório público, como legítimo. Estou como o judeu achando-me que era dono, assim como o judeu achando-se alemão e indo parar num campo de concentração em Auschwitz ou Treblinka. Ainda bem que a mim cabe provar ser dono de minha casa em Pinheira. Lembro, para meu azar, de um filme sobre o horror dos tempos da Gestapo: um pobre judeu diante do investigador a segurar suas calças ao ser julgado. Sinto-me um pouco melhor.

### *Um Auto da Compadecida*

Sinto-me como os personagens de Gil Vicente no Auto da Compadecida. Isto tudo pode ser visto melhor ao final deste livro. Todos condenados pelos apelos da vida, a começar pela Brísida, cafetina de uma casa. Dizia: até os padres da Sé eram seus convidados. Ainda que ninguém a condenasse gravemente, mas deveria ir para o inferno, onde as brasas eram as mesmas a servirem os graves pecadores. Salva-se o judeu por preconceito de Gil. Nem os céus, nem os infernos o querem. Também foi condenado um fidalgo para o fogo muito quente em razão de seu orgulho. Nem o agiota se safa das mãos do diabo, ainda que fosse oferecido bom dinheiro para seu livramento do fogo. Têm o mesmo destino tanto o padre casadoiro como o corregedor. O primeiro tanto por se entregar às mulheres, o outro por propinas recebidas. Sem citar outros condenados, aqui vai o meu protesto. Se paguei

por minha casa o que fora justo e recomendado, por que agora querem impor outro cobro e exigências? Todavia, assim como Gil condena a tanta gente, com a mesma facilidade, na terra de Santa Catarina, cobra-se em dobro pelo grande interesse disciplinar das propriedades. Estou condenado por estes diabos e não existe um anjo salvador. Nenhum compadecimento existe nesta terra de piratas. Já não se assalta nos mares, agora pelas casas se buscam lucros fáceis, bem ligeiros<sup>4</sup>.

Abraço meus companheiros que nesta barca se vão.

Saúdo o diabo de outrora que se perdeu pelos mares,

Sendo gentil em seu barco, por ter bom coração.

Agora vou me despedindo, em busca do sol e outros ares.

### *Agradecimentos*

Nesta caminhada, entre o ter e o desfazer das coisas e das pessoas que amei, sempre tive minha dificuldade. Quando saía de casa, na ida para o seminário, entre 1954 e 1960, sofria por demais de saudades. Eram três dias ocultando lágrimas. Não entendia os outros seminaristas, pois pareciam não sentir as dores do rompimento com a casa paterna.

A Solange e o rompimento com nosso apê pode significar também o quanto era o valor da perda e o amor de um lugar feito com extremo carinho. Agradeço, então, a compreensão dela em aceitar a perda temporária do que lhe pertencia. Ainda bem que o aluguel presta benefícios materiais, entretanto, pouco compensadores se comparados ao sofrimento afetivo por ver o apê sendo delapidado por mãos alheias.

---

<sup>4</sup> Coisa de louco foi catar o atestado de falecimento do pai dos quatro personagens desta história, o Rosemiro. Sorte minha ter recebido de Sandra o atestado de óbito do velho coronel: Rosemiro Manoel da Silveira. Que Deus faça-o descansar. Ainda bem que meu genro Cadu se dispôs a catar os companheiros matrimoniais das mulheres acima citadas e da companheira do Dedeco Silveira. Nunca pensei em tamanha loucura para comprovar o que já me pertence por quase 25 anos. Se pelo programa oferecido se chama lar feliz, o que sempre me fora, mais se parece infeliz.

Entendo as lágrimas dela por saber que estão retirando os tapetes do apê de POA. Parece haver pequenos vínculos aos quais damos importância quase ilimitada. Haja agradecimentos e perdões de todas as ordens.

### *As vicissitudes de um semizurdo*

Pois bem, estou quase pela metade do meu poder original de ouvir. Perco facilmente o fio das conversas, principalmente daquelas entre os bem-dotados de ouvidos. Gastei uma banana para ouvir melhor e estou sem o devido cuidado no uso das próteses auxiliares da audição. Já me avisaram que o desleixo no uso dos aparelhos pode comprometer a performance intelectual, pois dizem: o sistema nervoso exige, para permanecer saudável, que os sentidos estejam em bom exercício. É verdade, ando descuidado nas relações interpessoais. Sinto-me bem com leituras e escritas de toda ordem. As paisagens me falavam muito, entretanto, já não sinto tanto desejo em buscar novidades. Aprecio o silêncio... sem me perguntar sobre a importância das conversas alheias. As paisagens me comoviam mais. Hoje prefiro uma leitura ou me dedicar ao memorial do cotidiano, como estou fazendo agora.

Prometo em me vigiar sobre o uso das próteses auditivas. Serei um atento cidadão a tudo que falam e até prometo buscar melhor comunicação com as pessoas, como se das conversas pudesse me animar com pequenos dizeres. Minha sogra fala de boca limitada, em razão de suas cirurgias faciais. Senti vê-la nervosa: ela com dificuldade de falar e eu sendo desleixado em ouvi-la. De fato, desse jeito, além dos meus prejuízos da vida social, perco o meu desempenho afetivo, ao fazer de menos o que pode ser mais na atenção aos que me cercam. Os outros me importam menos, fazendo do silêncio uma virtude. Vou ter, com todos, um zelo de tal ordem como se fossem deuses a anunciar mais vida. Para tanto, vou fazer como o velho campeiro em limites auditivos. Punha as mãos em concha nos pavilhões auriculares para ouvir

melhor a seriema. Não posso exigir das pessoas aumentar as vozes, se eu posso ouvir melhor com os pavilhões auriculares aparelhados. Em tudo serei mais atento aos outros, segurando o interesse de silenciar.

### *Praia do Embaú*

Depois de quase dois meses de Praia da Pinheira, animei-me a ir à Praia do Embaú. Sinceramente, preferiria ficar em casa, mas me pareceu feio preferir a reclusão a acompanhar o grupo. Na realidade, fazia dois anos que não ia até lá. Impressionou-me a beleza rústica do Embaú<sup>5</sup>. Em tudo havia um misto de arte e cuidado, bem diferente do que me parece a Pinheira. Enquanto a Solange, a Marli e eu ficamos na sede da vila, o Cláudio e a sua esposa Áurea foram fazer trilha para curtir a mata e a rústica margem do mar. Sem perder tempo, fomos às margens do rio contemplar a beleza da mais bela praia do Brasil. A Marli foi a uma loja e, depois de trinta minutos lá, saiu com suas preciosas compras junto com a Solange, enquanto fiquei sobre uma bancada, vendo os turistas saindo das águas do rio da Madre. A pressa de todos era impressionante. Prometia chuva, o que se efetivou pouco antes da chegada do casal andador em veredas da praia. Comparados os locais de Pinheira e Embaú, última aguada, conforme os índios carijós, este ganha de longe em simpatia e cuidado, tanto no quesito beleza natural como em arquitetura. Ambas as praias foram refúgio de jovens de jeitos mais livres, parecendo hoje a Pinheira mais conformada aos costumes de velhos pescadores.

Em casa: raios de estalos graves e violentos anteciparam uma chuva torrencial enquanto jogávamos uma canastra com ares de despedida. Por fim, antes de dormir, foi aventada por mim e Solange a possibilidade de Marli voltar a Passo Fundo, depois de 50 anos de correrias e por diversos estados. A solidão cria desejos de retornos.

---

<sup>5</sup> Bica.

## *Tudo é possível*

Vim, vivi e, de tal forma, a ponto de não esquecer as horas vividas nesta casa. Não somente a realidade teve sua presença garantida na generosidade dos momentos. Lembranças antigas perpassam o espaço e são tão vivas e vigorosas a ponto de serem sentidas como a própria realidade. Lembro do meu neto Henrique aos 6 anos ter visto o coelho da Páscoa, aí, ao pé da montanha, e, por crença da visão, dizia de sua felicidade por saber de presentes a chegarem assim que acordasse.

Como esquecer o dia em que me convenci a comprar esta casa ao passar sob o manto florido das tumbegérias no caminho para a praia de cima. No horizonte, logo ali, o mar estendia-se em movimentos de ondas volumosas. Uma certeza então me possuiu: vou ter esta visão quantas vezes eu quiser, se tiver o poder de morar na casa que eu vi e desejei.

E, por vantagens oferecidas por Pedro Paulo de Andrade, senti forte emoção, pois as condições dele cabiam dentro de meu bolso, em razão de poder sacar parte de meu fundo de garantia. Mesmo as reações negativas de minhas filhas não foram suficientes para me afastarem de meu sonho praieiro.

E dos natais lembrados, como este que faz pouco mais de mês? O Cláudio tentou convencer o pequeno João de que era o Papai Noel. E o João dizia, convicto: *é o marido da Áurea*. O pequeno entrou na brincadeira, fazendo-se de crente. E como esquecer a noite de Natal de mais ou menos 10 anos passados? O Euclides, feito Papai Noel, entrava claudicante pelo portão em razão do desgaste no fêmur. Mal passara pelo portão, ouvi o comentário de seu genro: *ele levou um coice da rena*. Percebi então se haver passado o tempo das ilusões, agora perdidas: as encantadoras representações da infância.

E como esquecer a noite do dia 1º de janeiro, na qual, por receber tanta gente, armei uma barraquinha para a Solange e eu dormirmos. O



pequeno Tor, apavorado, atirava-se para dentro da pequena proteção em cada foguete tardio que pipocava.

Lembro de a falecida Santa dizer: *sonhei ter comprado esta casa ao reunir diversos recursos de minha família*. Comovia-me cada um dos últimos anos, ao receber a visita dela e do Gringo. Assim, ela se percebia também ser dona da casa. Que dor ao receber a notícia de seu falecimento bem aos pés desta casa querida. Ainda de manhã, conversara com ela e, então, se fez o bruto silêncio.

Mas, de toda a notícia humana para outras menos doídas com esta visão do pátio posto em flores e verdes neste fim de temporada: é o dia 3 de fevereiro de 2023. Então, curto o silêncio e o meu pequeno poder de viver numa casa de praia nas limpas águas da Pinheira. Acompanha-me a certeza de minha filha Tati, o Cadu e o pequeno dizerem com intensidade: *a nossa casa da Pinheira*. Espero ainda viver a intensidade amorosa de me recolher dentro dela e escrever ainda mais outras mal traçadas linhas de ternura para a Solange.

### *Alma minha*

Escrevo por imitar o maior poeta português e assim, ainda que abusado, poder trazê-lo, em lembrança, à minha amada e gentil senhora.

Alma minha gentil, sempre presente, jamais partida desta vida tão contente e, poucas vezes, descontente. Não repouse em céus da mulher de Camões, em eternidade tão distante. Que não suba aos céus tão facilmente. Tomo assento em curtos textos, sob pretexto de encontrar momentos na sublime forma das invenções modernas. Ainda tenho amor, embora vacilante, na velhice: o quanto nesta vida se consente. Já vai longe o amor ardente que outrora viste bem contente, mas se a qualquer hora me pedires pelo olhar a chama que outrora eu via, então eu vou ainda cedo por onde teus olhos me levarem e minhas forças suportarem. E, se ainda me vires por merecer-te,



buscarei fugir de outras coisas de menor valor. Aí encontrarei, no ardente peito, o que tão gentilmente me ofereces como teu amor tão conveniente. Viverei o amor vivido por Camões, todo perdido, ao perder a falecida amada e gentil senhora. Prefiro este tempo do amor da minha amada mais presente, a buscar a eternidade tão distante. Repousas, vendo teu rosto descansado. Dormes apenas tão serena e me terás, gentil senhora, como sempre me tiveste, e viva eu ao teu lado mais contente. Não escrevo mais por me ter o amor tão suficiente, mas em busca de forças para melhor amar de coração não mais doente. Fico a esperar agora, depois de tanto tempo, que em meu peito o coração receba um estepe e resista feliz como antigamente. E viva assim, ainda que ausentes tantas forças já passadas, possamos estar assim ainda bem contentes.

### *Véllhas lembranças II*

Meu sobrinho Cesar me fez lembrar os meus tempos da Linha Divisa. Memórias de futebol. Amava jogar pelo Flamengo. Honrava a camiseta, as cores e o desenho do time carioca. Meu irmão Sílvio sugeriu a ideia desse nome, o qual foi acatado pelos lembrados jogadores. Ainda lembro de alguns deles, como Mário Holz, Fabiano e o mano Bento, entre outros cujos nomes já não lembro. Diviso jogos contra o time da linha Salto. Num dos jogos, em potreiro em capo reto, disputado entre as vacas de um colono, lembro de um gol que o mano Bento fez. O juiz apitou mão. Ele então jurou não haver tocado com a mão na bola. Prontamente, o juiz validou o tento feito, não sem os fortes protestos das gurias da Salto. Buenas: os jogos contra a Salto sempre eram fortemente disputados. A luta contra essa linha tinha uma versão diferente: sempre seguida na maior tensão, bem maior em relação às outras localidades. Certa feita, joguei contra um time do Alecrim. Parecia uma disputa de copa do mundo: afinal, o time era de outro município de Alecrim. Lembro que fiz uma jogada espetacular. Consegui passar

um dos atacantes de lá por meia lua, um alemão de dois metros. Deixei-o sentado próximo ao arame farpado, divisor do campo.

Maior lembrança eu tenho por razões de um treino feito sob a luz da lua. O silêncio da noite fazia a bola ter uma nítida sonoridade e as vozes soavam em soturnidade. Parecíamos fantasmas, tendo ao fundo a escuridão dos restos da mata primitiva. O que mais sentia, ao final de fevereiro, era deixar, pelo resto dos anos de 1954 a 1959, o meu time do Flamengo sem a minha participação. Lembranças tardias de um tempo sempre muito amado. Sobram as vozes de meus amigos de infância e o som da bola quicada em noite de luar. E como esquecer um gol espetacular do mano Carlos contra o time da linha Rolador. Bom, o tempo rola e eu, um rolador de longa data, louvo este tempo de memórias fartas.

### *Um sábado demais*

Ontem, 10 de fevereiro de 2023, às sete da noite, fui assistir a um grande espetáculo: o lançamento da obra BANDOLINS, de nossa conreireira Luciana Marinho Albrecht. Uma comovente obra em diversas versões. Os leitores surdos e cegos e todos aqueles de espírito sensível têm neste texto uma nova forma de expressão literária. Luciana consegue reunir diversas linguagens, incluindo uma tradução para o inglês.

O texto BANDOLINS se confunde com a autora Luciana, tanto em sua qualidade literária como pela solidariedade e pelo cuidado humano. Sua literatura aproxima diversas virtudes, tais como a lição qualificada em forma e conteúdo e, acima de tudo, a abrangência multiplicada de leitores. A Academia Passo-Fundense de Letras, por certo, demonstra em Luciana sua vocação, não somente em busca de qualidade literária da língua portuguesa, como também da sua importante expressão social. A tradução para o inglês mostra o desejo universal de comunicação, assim como a importância de aproximar as gerações. Parabéns para Luciana e colaboradores.

## *Dificuldade de comunicação*

Envelhecer tem disto: dificuldade comunicativa. Quando a mente envelhece, tanto a expressão como o entendimento das falas se afastam da nitidez. Depois da pandemia, quando o vírus chinês da Covid-19 abalou o mundo, foi abalado também o sistema nervoso de muitos velhos. Entre eles, o meu. Digo coisas que não quero e ouço o que não dizem. Falo, então, não somente no sistema nervoso central, falo também do periférico. Aí, imagino o que acontece quando dois sistemas de informação andam abalados. Sinto uma espécie de recolhimento que pode ser entendido até como má vontade social. Parece não haver somente uma espécie de cansaço mental e uma espécie de desconsideração pelos acontecimentos. Já não dá mais para amar, da mesma forma, o próximo como a si mesmo.

O mundo abalado e o Brasil em transe esquizofrênico da direita e da esquerda me fazem silenciar um pouco mais. Ontem fui ver o lançamento de BANDOLINS, da Luciana. Isto devo dizer: me comove nela a esperança humana pela salvação de quem ouve e não ouve e de quem vê e não vê. Bonito ver nesta mulher o sonho humano de salvação. É a própria Virgem Maria, sofrendo ao ver o esforço de seu filho. Mal terminada a festa literária, Solange me convidou para um lanche. Pelos ruídos do ambiente e pelo inesperado convite da minha amada, fiquei sem grandes desejos de comer um cachorro-quente do MAC. A conversa se revelou sem apetite. A Solange não gostou do meu espírito e puxou assunto sobre meus ranços em torno de seus parentes. Pronto! Não teve Bandolin que pudesse ajudar. Fomos para casa em silêncio. Curiosamente, se me abateu um sono avassalador. Eu fui pra cama, e ela pra televisão. Agora estou aqui, pronto pra deitar novamente às quatro da manhã, numa moleza de vontade. Que o velho do Bandolin da Luciana me abençoe. Boa noite.

## *Dias de ira*

Por vezes, sinto-me como Rainer Schimpf, que estava filmando golfinhos, tubarões, pinguins e aves que se alimentavam de sardinha a 25 milhas náuticas de Port Elizabeth, na costa sul-africana. “Fui filmar. Logo a seguir, ficou tudo escuro, e eu senti uma pressão ao redor da minha cintura; e, no momento que senti essa pressão, eu logo soube que uma baleia me abocanhou”, diz Rainer. Tudo em semelhança ao caso do profeta Jonas fugindo da missão que Deus lhe dera: salvar Nínive dos males daquele tempo, ao passo que o Rainer apenas filmava golfinhos em suas extravagâncias. Os marujos do navio de Jonas, diante de uma tempestade, entenderam que o culpado do perigo era o profeta. Lançaram o homem ao mar. Uma baleia o abocanhou, castigando-o por não querer cumprir a missão que o Senhor lhe dera: salvar os nini-venses. E quem é que nunca se sente dentro da boca de um perigo e, mesmo não havendo nenhum, fica-se preso a sentimentos menos generosos, talvez nem tão ameaçadores daqueles sentidos por Rainer e Jonas. Muitos são os recursos para minimizar ou fugir das ameaças de tudo que pode nos ameaçar. Certos dias podem parecer como um dos hinos religiosos:

*Quando o juiz tomar o seu lugar  
Tudo o que é escondido, revelar-se-á  
Nada permanecerá impune!*

Ainda bem que tais temores já não nos assolam tanto, prontos para nos devorar. Todavia, faz melhor quem está atento às oportunidades que nos cercam, e, em certos casos, a medicina nos ajuda muito, ou até a devoção confiante pode nos afastar de muitos males. Os santos e os poetas sabem disso.

## *Como esquecer?*

[09:00, 16/02/2023] Agostinho: Foto de 1953 que recebi do Bento com os dizeres: 1953, uma recordação dos esportistas da Linha Divisa Santo Cristo. Reconheço os agachados, da esquerda para a direita: Carlos Both, Vitor de Wallau, Laurindo Braun, Agostinho Both, Leo Braun, Luiz Braun e Aldo de Wallau. Os de pé deixo para os curiosos. Vejo: Canisio, Fabiano, Bento, entre outros.



É uma foto que não sai da lembrança, tampouco os dias vividos nestes tempos de 1953, que antecederam os últimos dias de fevereiro de 1954, quando ingressei no seminário em Santo Ângelo. Garanto, hoje: foram os mais lindos dias de minha infância. Não me saem da memória os primeiros dias no Seminário da Sagrada Família, ao qual debito a minha reverência pelo acolhimento, mas não afastou as lágrimas até março, em razão da dor do rompimento definitivo com meu lugar e de minha infância com tudo que aí havia: minha Divisa, querida. De fato, não importa o tamanho do que quer que seja, importa o que diz o coração sobre ele.



## *Os sonhadores*

Lembro de Borges e suas histórias. Ele narra um sonho de seu sobrinho. O piá, em sonhos, havia estado numa casa. Mostra, então, Borges o quanto as crianças confundem os sonhos como se fossem em vigília: confundem ambas as realidades. Narrava seu sobrinho sobre um sonho que tivera. Andava dentro de uma casa com muitas escadas. Sonhou ter entrado na casa e lá encontrou o tio, a quem narrava seu sonho. Inesperadamente, perguntou ao tio: o que você estava fazendo lá? Assim se fazem os pensamentos do homem primitivo. Uma fantasia não deixa de ser semelhante a uma realidade em sonhos, passando a crer em ficções como se fossem a própria realidade. Pois bem, nem tanto infantil, portanto, podem ser os pensamentos sonhadores de qualquer vivência dos adultos. Tive um amigo que me disse amar sinceramente a mulher de um amigo seu. Não bastasse esta vivência tentadora, narrou ter posto as mãos estreitamente em suas costas, apreciando o início das formas suaves das nádegas. Falei-lhe se não exagerava em sua narrativa. Confessou, então, estar confuso. Assim, possivelmente, as grandes descobertas não deixam de iniciar como sonhos, antecipando o sucesso da descoberta. A diferença dos sonhos infantis se assemelha aos sonhos dos cientistas, buscando apaixonadamente realidades não existentes. O pensamento humano é deveras multiforme. A diferença está na qualidade deles, quando confrontada com a realidade. O pensamento infantil não distingue entre o sonho e a realidade. O pensamento do cientista é um sonho a ser comprovado, aquele de um profeta promete apenas uma realidade, assim como a dos amantes em busca de um desejo intenso, forçando um sonho a se tornar realidade. Acrescentei ao meu amigo: o teu sonho é muito perigoso. Conheço o marido da mulher que você pretende. Vou parar por aqui, pois o que escrevi não leva a muita coisa.



## *Sou analfabeto virtual*

Hoje não basta ser alfabetizado: é preciso conhecer a linguagem virtual. Sem estar preparado para esta forma de comunicação, fica-se em semelhança a um cego no deserto, tentando ver a melhor direção. Mostro o sofrimento, por exemplo, pela dificuldade em minha comunicação por não ter o domínio da linguagem virtual.

Estou participando do projeto Lar Legal, no qual existe oportunidade de obter o registro definitivo do meu terreno e de minha casa na Praia da Pinheira, em Santa Catarina. Foi realizado um esforço importante para garantir a propriedade legal do terreno sito na rua Ozima Clara Summar, 47, informando a legalidade da propriedade com assinatura de seus antigos proprietários. Os responsáveis para a legalização definitiva solicitaram a medição do terreno, enviando os seguintes termos: **localização fixa do lote**. Começou meu sofrimento. Enviei a seguinte informação: Rua Ozima Clara Summar, 47, ou professora Pequenita. *Terreno localizado ao passar em frente à igreja católica, aí subindo para a praia de cima. Inclusive enviei a escritura do lote.*

Enfim, meus esforços resultaram apenas em irritação, acredito que em ambas as partes. E, desse jeito, a medição ficou para depois do Carnaval. Mediante o fracasso comunicativo, falei da realidade para meu genro. Ele então mostrou seu domínio na **localização fixa do lote**:

R. Mil Quatrocentos e Trinta, 45, Enseada da Pinheira

<https://maps.app.goo.gl/JbmUyXyg9rbSmCqo6>

Fui ao Google Maps e apareceu a casa e a rua com uma imagem de 10 anos atrás. Era a **localização fixa do lote**. Daqui uns dias, vou me informar como ele chegou a este endereço.

Se acaso pretender ir para o céu e deva procurar a localização fixa do reino de Deus, tenho medo de me cansar e chegar a lugar al-

gum, ou pior, como me senti na Rua Ozima Clara Summar, em **localização fixa do inferno**.

### *Memória antiga*

Parece-me não sermos tão livres quanto desejamos. A memória serve para nos reportarmos aos eventos passados, como se fossem nossa inteira propriedade. As lições deixam marcas e mal sabemos que elas penetraram fortemente na liberdade de nossos desejos. A cultura religiosa e masculina em torno do sexo e, principalmente, em torno da sexualidade feminina foi de natureza escravocrata. Ainda que afastadas fisicamente de antigos dizeres, as mulheres falam “somos livres”, mas os condicionamentos como vozes antigas penetraram a pele e o sistema límbico, guardião de emoções, atrapalhando a expressão dos desejos. A liberdade então parece ser uma ilusão, pois não somos somente o que desejamos, mas o que nosso superego, sempre ativo, permite desejar, carregando medos de vozes antigas. Além do mais, carregamos um cavalo a nos conduzir não somente por onde o condutor deseja, mas por onde aprendeu a andar e por onde as forças permitem andar. É o que dizia uma amiga: parece agora que meus desejos estão mais livres, mas cadê corpo sadio para soltá-los no campo e deles me alimentar. O pasto é verdade, mas os dentes estão frágeis. Não fazemos o bem que queremos. A ciência, ainda bem, apresenta reforços para minimizar antigas lições com seu ar de magistério. Morremos, em boa parte, bem antes de ir embora. Velamos as mulheres mortas e choramos o muito que foi perdido.

### *Sonhos e filmes*

Sonhei estar no seminário e me sentindo estranho. Pudera, a Solange estava comigo, mal sabendo o que fazia naquele ambiente. Quiseram fazer dela uma companheira de missão apostólica? Parecia-

mos, ela e eu, seminaristas esforçados. Fomos afastados do ambiente sagrado. Curiosamente, antes de dormir, assistia ao filme *Doze homens*. Lembrei, então, que ensaiávamos um teatro no seminário cujo título era também *Doze homens* e uma sentença. Possivelmente, o significado traduzia meu afastamento em 1970, quando Pe. Weber escreveu minha dispensa dos votos e eu já estava de olho nela. Acredito haver alguma incriminação de meu inconsciente, assim sendo, eu recebendo uma sentença ao me pedirem para nos afastarmos. Sabe Deus o que meu espírito faz para ter paz no conjunto de minhas histórias.

Como agradecimento pelo meu tempo seminarístico, mostro, em *Vim, vivi, escrevi*, a história dos padres da Sagrada Família. Meus esforços na dignificação dos idosos e a criação dos cursos de *lato e stricto sensu* em torno dos mais velhos podem compensar meu sacerdócio frustrado junto aos padres da Sagrada Família. O sonho pelo qual a Solange esteve comigo nas lides teológicas, ainda que apenas por segundos, diz de meu agradecimento por ter comigo a história de 16 anos junto àquela congregação. Gratidão, acima de tudo! Curiosamente, hoje, dia de carnaval, retomo rapidamente o tempo com o qual se fez em grande parte do meu ser.

### *Mais uma vez*

Particpei de uma grande reunião de teólogos que tentavam me convencer de uma nova cristologia. Dentre todos, um dizer se destacava por rever a figura de Cristo. Renovava-se, assim, o princípio cristão da igualdade. O poder eclesial não residia em dogmas, mas, sim, na revelação da bondade humana. Assim, passei parte da noite entre espíritos iluminados a dizerem suas palavras iluminadas. Ao acordar, refleti sobre a pobre humanidade inserida em feras guerras e transformação das temperaturas e consequentes desastres ecológicos. O consolo da noite foi rememorar a conversa com Iltoimar, ao me mostrar sua luta para acertar-se com o trabalho. O Sesi acabou sendo

seu destino profissional. Voltamos nosso olhar para o tempo no qual nos envolvemos com a preparação de grupos religiosos em torno do envelhecimento. A sensação de uma amizade vigorosa me fez muito bem. Põe dedicação no seu Siviero!

Depois deste sonho e conversas, recolhi-me para a minha família, com a Tatiana e o pequeno João. Percebi certa indiferença do guri. Acho que dou mais para ser religioso ou para algumas ideias egocêntricas com papos em torno do passado com quem dividi trabalhos interessantes. Sou um *homo faber* de intelecto com milho dobrado, pronto para a colheita. Ainda assim, vivo!

Ando meio crepuscular, mas louco para ir para Linha Divisa para comemorar os 60 anos do pequeno-grande Flamengo.

### *Um dia comum*

Uma vez perambulava pelas lembranças, trazendo-as uma a uma, como se fossem as pombas de Raimundo Correa:

*Fogem as lembranças  
Mas aos pombais as pombas voltam,  
E elas aos corações não voltam mais.*

Resta-me brincar, como se as memórias dos dias e das coisas fossem realidades sem importância. Nem o corpo sabe mais produzir tão bem os meios para o vigor da vida. Eu, chateado, canto como Nat King Cole:

*Siempre que me pregunto  
Que, cuándo, cómo y dónde  
Lo mismo me respondo  
Quizás, quizás, quizás.*

Mas esta vida tão passageira parece até interessante: como já a memória não corresponde mais tão bem às minhas perguntas, resta então me dedicar aos fatos em suas preciosidades. Sou um transeunte despreocupado em responder ao que vi, mas aprecio, com todo o coração, o que vejo e sinto.

Como agora: o dia transcorre comum... ouço apenas o murmúrio das vozes da Solange e da Luciana na sala de televisão. A sogra fica entre as conversas das duas e o programa de televisão. Se perguntar para a Nina o que ela viu, possivelmente, não saberá, e se perguntar às duas sobre o que tratavam, também saberei tão pouco quanto sei agora. Murmúrios e paisagens também podem se constituir em vida. Basta a ternura das vozes e o silêncio de quem a gente ama.

Seis horas da tarde e a minha memória distante vê o colono Külzer, dobrado sobre si mesmo, enquanto eu tocava o sino da Divisa. E me achando feliz porque o fazia orar: *Gegrüst seist du Maria voll der Knade!* Ave Maria cheia de graça! Velhas memórias podem compensar as de agora, rivalizando com o som das teclas. É a tarde caindo no dia 23 de fevereiro de 2023!

### *Veio a noite*

E com ela em sonhos, restos de vida assimilados por lembranças do interminável filme *Rainha do tráfico*. Neste retrato do submundo, existe um aprendizado em torno da violência e das armadilhas perigosos que se fazem, como se a morte fosse coisa vulgar, muito semelhante à vulgaridade das mortes nos sonhos do Reich.

Os meus sonhos mostram o quanto as cenas do filme se reúnem nas imagens oníricas. O sonho me deu um despertar angustiado. Eu, rodeado de crianças sem proteção, em ambiente imundo. Estava rodeado de criminosos, em semelhança ao assassinato de sete jovens num bar de Sinop MT por dez mil reais. A realidade no Brasil se mistu-



rava aos crimes perversos na Ucrânia. O assassino, por ironia, confessa ter tido a bondade de não matar a oitava vítima. Buenas, o que dizer então do martirologio brasileiro dito nos noticiários da TV Globo?

Calo-me, então, por pensar que vou a Santo Cristo para comemorar a existência do time do Flamengo da Linha Divisa. Espero aliviar-me ao ver e sentir as pessoas e os lugares onde passei a minha infância. Quero sombra e água fresca das fontes do lugar. Poderei amenizar meus maus sentimentos colhidos nas notícias da Globo, rivalizando com as lembranças amenas da minha infância e das conversas de uma história de alegrias e lutas renhidas do time do meu Lugar. Apreciaria subir no caminhão do seu Braun para jogar na linha Bom Fim ou na Linha Dona Belinha nos fins de semana. Lembro, com certa devoção, dos dias de férias no campo de futebol no potreiro do seu Braun. Far-me-á bem ouvir a Tila e a Leda, minhas doces irmãs, com suas histórias de mulheres fortes nas terras do Alecrim. Retornarei a Passo Fundo fortalecido para quem amo em meu cotidiano.

### *Dois meses*

Vinha chegando do mar para a casa da Pinheira: 24 de dezembro de 2022. Anoitecia e guardávamos as surpresas da noite. Já não sentia a nostalgia de outros tempos, marcada por lembranças ternas da infância. De tanto me dizer ser impróprio voltar para o passado, fortaleci-me pela presença de todos. Nada merecia estragar a ternura da hora. Já notara a ausência do marido da Áurea, mas os outros aí falavam contentes. A Solange, recuperando-se da febre em função da infecção urinária, mas não perdia a alegria que lhe era particular sempre ao celebrar esta festa. Nada do passado vinha a perturbar a hora divina da véspera do menino. Eu estava de uma felicidade sóbria e funda. E eis que chega o Papai Noel. Percebi ser o Cláudio, marido da Áurea, em sua voz nordestina. O pequeno João logo se pronunciou: é o Cláudio! Não mais repetiu que não o enganavam. Preferiu saber dos

presentes que vinham. A Solange, solícita, havia preparado os pacotes depositados no pinheiro. O Papai Noel recebeu presente: *Não esquecei os tênis do Papai Noel*. Se a todos agradou, a mim coube uma garrafa de vinho, mas o tênis novo do Papai Noel foi o que mais me contentou. De fato, ele merecia, não somente pela razão de se prestar sair do polo norte do Brasil e nos servir de Papai Noel. Foi uma noite iluminada pelos esforços da Áurea, pela boa vontade dele, pela grandeza da Solange em não mostrar sua fragilidade em recuperação e pela noite, enfim, marcando a todos na união alegre a nos cingir.

Agora, ao retomar o evento, move-me um sentimento levado pela ternura de dois meses atrás e, uma vez pronunciada, ainda mais se desvela. Boa noite, meu Jesus de Nazaré! Boa noite para Maria e para o serviçal José, todo em semelhança ao Cláudio, naquela noite e sempre. Repito o verso de Machado de Assis:

*Naquela mesma velha noite amiga  
Noite cristã, berço do Nazareno.  
Só lhe saiu este pequeno verso:  
“Mudaria o natal ou mudei eu”.*

### *Boa hora*

É aquela de momento simples, via-me olhando o mar, as gaiotas, e como havia delas sobre a beira! Os pescadores lançando restos dos peixes vendidos. Poucos peixes neste ano de 2023. Não explicam a razão do pouco peixe. Muito diferente da narrativa dos velhos pescadores, lembrando a fartura nos barcos de outros tempos. Saudei um velho pescador. Mal me correspondeu. Respeitei a decepção dele. Tempos difíceis. Fui para casa, que a beira não estava de boa. Minha sogra mateava enquanto todos dormiam. Pouco falamos... um sorriso veio-lhe à face recortada pelas cirurgias. *A Marlene, o André e o Euclides vão chegar hoje – falou. A senhora terá as três filhas por alguns dias – cor-*

respondi. Sorri de um rosto contente. Fui acordar a Solange, que o dia estava lindo. Logo após acordá-la, vieram o Cadu, a Tati e a minha cunhada Marli. O Cadu logo estendeu a conversa com a nossa auxiliar das férias e seu marido Cláudio. Enfim, a casa estava completa. O pequeno João se ajeitou no sofá da sala com um celular da vó na mão. Brinquei com ele:

- *Sabe que o Grêmio comprou o Luizito?*
- *O Grêmio vai ter um baita time – correspondeu.*
- *O Inter já tem – desafiei.*
- *Mas vocês não têm o Luizito.*
- *Mas ele tá ficando velho!*
- *Mas, no Grêmio, ele vai mostrar que é ainda muito bom.*
- *Espero que ele não vá morder os jogadores do Inter.*

Fez de conta de não entender a brincadeira.

- *Ele tá comendo a bola, isso, sim!*

Rimos da brincadeira e já veio a vó Solange, pedindo se o João não queria tomar café. E assim se ia a hora, esperando por novas conversas.

Foi pela meia tarde: chega o trio de Goiás. Só me doeu o peito quando a Marlene me saudou pela segunda vez. Esqueceu o primeiro abraço. Mostrou-me a dor do seu envelhecimento. Fiquei comigo a dor, pois ela sorria contente.

Pensei: o Alzheimer está judiando dela. Contentou-me o pensamento: a doença doía mais em mim do que nela. O Euclides, solícito, alcançou-lhe um remédio.

- *Mas eu já não tomei?*
- *Esse, não!*

O André:

- *Oi tio, não vai me oferecer um whisquizinho, pra alegrar meus sentimentos?*

E fomos avançando no dia, amenizados, porque amar tem disto: quando se ama, o silêncio pouco importa. A importância está nos laços feitos.

Lembrei de uma frase de um velho ao visitar a sua velha senhora no asilo, ela também de lembranças apagadas. Alguém lhe disse:

- Ela já não sabe quem você é.

A resposta ainda me comove:

- Mas eu sei quem ela é.

Foi o que guardei daquele dia: o suficiente!

### *A vaca de Saramago e minha sogra*

Tenho um magnífico exemplo em casa: a minha sogra. Lutadora é ela. Lembro, então, do exemplo dado pelo escritor português José Saramago em torno de uma vaca lutadora. Defendeu-se para salvar sua cria, um bezerro apenas nascido:

Foram doze dias e doze noites nuns montes na Galiza, com frio, e chuva, e gelo, e lama, e pedras como navalhas, e mato como unhas, e breves intervalos de descanso, e mais combates e investidas, e uivos, e mugidos. É a história de uma vaca rodeada de lobos durante doze dias e doze noites, e foi obrigada a defender-se e a defender o filho. Poderemos imaginar esta longuíssima batalha, esta agonia de viver no limiar da morte, de ter de lutar por si mesma e por um animalzinho débil que não sabe ainda valer-se? Um círculo de dentes, de goelas abertas, as arremetidas bruscas, as cornadas que não podem falhar.

Assim anda minha sogra. Não somente são 12 dias, mas 12 anos de luta feroz contra um câncer que, a dentadas, tenta devorá-la. Busca auxílio em santos, medicamentos, cuidados, caminhadas e alimentos especiais, alimentação controlada, orientação médica e tudo o mais que possa espantar o lobo que cresce em seu rosto. Semana passada foi ao médico, tentada em rasgar mais uma vez a pele delicada para extirpar

o avanço do comedor de suas carnes. Desconfio que o médico oncologista a tenha orientado, já não mais com cirurgia, mas com ácidos eficazes para matar o lobo devorador. Comove-me o estado do rosto em cicatrizes e sangue em razão do produto. Nenhuma queixa sai de sua boca. Quer, com ácido, defender a face ofendida. O demônio devorador castiga sem piedade. Já não mais a preocupa a beleza, senão a vida. Vejo-a silenciosa, à semelhança com a vaca de Saramago, lutando ferozmente, mas já não mais se sente tão poderosa. Vejo-a perguntando pelos netos e ontem mesmo enviou uns pilas para seu neto Henrique. Os vínculos com a vida se aproximam de seus bezerros, como a vaca de Saramago com sua cria. Basta: minha letra é muito pequena perto das lutas severas de minha sogra. Faz um ano, veio um médico e passou-lhe um produto, e, por incrível que pareça, o câncer se foi. POR QUE OS OUTROS MÉDICOS LIDARAM EM DOÍDAS E CARAS CIRURGIAS? COBRAVAM CARO, FATIARAM O ROSTO. LEVARAM SEU DINHEIRO, SEMPRE SOBRANDO RAMOS AVASSALADORES. AGORA, VEJO-A LIVRE, APENAS DE ROSTO OFENDIDO POR CORTES ANTERIORES.

### *A doce cor da safira*

É isto: para ver coisa melhor, reúno-me ao meu amigo Borges. Fala do momento no qual Dante sai do inferno e se encanta com a: *dolce color de oriental zaffiro*. Vê, no horizonte, a doce cor da safira oriental, de aspecto sereno, no meio do puro infinito. Dos pecados todos e de chamas e fumos horrendos das almas pecadoras, passa a este estágio em busca de melhorias: a limpeza final, o purgatório. Dante mostra as três instâncias de nossa vida. Momentos de extremo sofrimento a nos judiar por falhas culturais e pessoais, anunciando também os momentos de esperança, para alcançar instâncias superiores da alma. Percebe com clareza o entendimento sobre tudo, associado aos profundos sentimentos de solidariedade e conquista:



doce luz de aspecto superior. Dante afasta-se definitivamente da realidade na qual se encontrava na metade de sua caminhada, quando *se viu cercado por uma selva escura*.

É verdade, na vida passamos por espaços iguais àqueles de Dante. Dizemos, como Dante disse: palavras duras quando nos punge a dor dos males a nos machucarem. Suavizamos as palavras ao atravessar as lutas que nos purgam ou melhoram nosso ambiente.

A glória celestial de Dante é vista, por fim, em dez círculos, ditos com palavras lindas, onde habitam diferenciadamente os humanos, conforme a condição de seu desenvolvimento. Aí habitam aqueles de pouca coragem, aos que foram bons no uso dos desejos, aos exímios no amor. Seguem os círculos dos sábios, dos contemplativos e de outras excelentes pessoas em busca da perfeição. Para fechar o céu, vem o círculo da maior admiração com Jesus e Nossa Senhora e, por fim, o círculo de Deus, no qual Dante não se sentia preparado para entrar. Muito menos eu me arrisco a falar.

### *Do Quatrilho*

Vim de comprar um pão de queijo na padaria Quatrilho. Ao sair da padaria, desafiei a mulher do caixa e sua auxiliar:

– *Por que sua padaria se chama Quatrilho?*

Respondeu a dona:

Em Passo Fundo, passava um filme muito bem comentado: *O Quatrilho*. Estava em casa meu marido, eu e meus dois filhos. Lembro, eu lavava a louça. O homem responsável por organizar os papéis de nosso novo estabelecimento me telefonou pra saber do nome fantasia da casa. Me voltei para meus filhos e o marido: “Quem de vocês quer dar o nome para nossa padaria”? O homem dos papéis falou: “*demo via, tenho pressa!*”

Como ninguém falava, falei eu. “Dá o nome de Quatrilho, que é pra homenagear todos os quatro daqui de casa”. Assim foi escolhido o nome para lembrar meus filhos, meu marido, hoje falecido, e eu.

Disse-lhe, ainda, que também o nome Quatrilho é para lembrar de dois casais que trocaram os pares. Eu fui ao cemitério perto de Gramado, onde o casal mais avançado tomou a decisão de fazer as trocas.

*- Ma foi pra Gramado só pra ver o cementério?*

*- Não! Naqueles tempos dos anos 90, ajudava a Solange em cursos sobre atividades da Terceira Idade. E o casal infiel está enterrado numa localidade ali no interior. Manifestei interesse em conhecer o túmulo. Lá fomos. Vi e gostei: o local e o silêncio falavam alto entre as velhas árvores. Tudo a ver com a história incomum daqueles tempos.*

*- Ma agora sei de questa storia de Quatrilho! Varda não tem nada a ver com minha família questa storia de trocar de casal.*

*- Me contento: eu por saber a origem do nome de sua casa, e a senhora por saber o que uma palavra pode esconder.*

Foi por aí toda a conversa.

Obrigado, José Clemente Pozenato.<sup>6</sup>

## *A mãe*

MÁXIM GORKI, um comunista convicto de sua verdade, escreveu esta obra em defesa da ideologia da revolução russa, contra as míseras condições deixadas pelo governo russo, com seu imperialismo histórico. A Rússia vivia em uma crise social dantes nunca vista: poucos ricos e muitos pobres vivendo em situação lastimável. Entre eles, migrantes alemães em busca também de salvação social. Surge, então,

---

<sup>6</sup> O filme *O Quatrilho* foi inspirado em livro homônimo. POZENATO, J. C. *O Quatrilho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

uma revolta em sonhos de libertação. Uma mãe russa sente uma oportunidade em busca de um governo voltado para o povo, e não contra o povo. Ela foi condenada por sabotar a autoridade russa.

*“Empurravam-na no pescoço, nas costas, golpeavam nos ombros e na cabeça. Tudo rodopiou, rodopiou no negro turbilhão de gritos, urros, gritos, assobios, algo denso, ensurdecedor penetravam nos ouvidos, enchia a garganta, o chão sumia sob seus pés, as pernas dobravam-se, o corpo estremecia sob a queimadura da dor, tornou-se pesado e pendia sem forças. Mas seus olhos ainda viam uma quantidade de outros olhos nos quais percebeu a chama audaciosa que conhecia tão bem, que lhe era tão preciosa”.*

Gorki mostra a força social na morte da mãe. Invocava-se uma razão social. Ela veio, mas a razão aceita transformou-se num mar de outras violências. E o poder absoluto conseguiu fazer de um sonho um mar de sangue, onde foram afogados os sonhos do bem-estar da Rússia e o sonho daquela mãe russa.

Ontem ainda, numa parada do cruzamento de ruas, eu vi um cidadão da Venezuela pedindo uma esmola. A Solange deu-lhe cinco reais. Não critico o sonho libertário. Critico o poder quase sempre absoluto vinculado às autoridades, como a autoridade de Maduro. No Brasil, em situações similares, mas menos dramáticas, o povo solicitava mudanças, pois o presidente Bolsonaro havia debochado de dois graves problemas: da peste do vírus chinês e da realidade nordestina. A boca grande da autoridade engoliu sua voz e o poder. Retornou o presidente Lula, comprovadamente um ladrão, mas apareceu cheio de compaixão e boas palavras. O povo humilhado pela burrice de Bolsonaro preferiu o ladrão, ao capitalismo do bocudo presidente. Torço para que a máfia dos ladrões não venha como vinham e, arrependidos, façam um governo para agradar a tantas mães semelhantes à mãe de Gorki. Que aqui não se chore tanto quanto mães russas choraram em revoluções de tantas esperanças fracassadas. Que o digam sempre as

mães sob o peso das mãos de Stalin e agora das mãos de Putin. Até quando os sonhos serão traídos?

### *Complicado*

O termo complicado traz à lembrança sua origem etimológica. Plicar: dobrar.

Uma mãe negra sofria por não obter justiça. Trama-se um filme em cuja história se envolve um jovem policial. Um menino negro de 14 anos acaba falecendo por ficar sem socorro. A mãe negra não se acalma enquanto não consegue saber quem matou seu filho. O marido não estava em seu sofrimento, então ela saiu de casa. A polícia se resguardava, minimizando a morte do garoto, tampouco queria tornar cúmplice um integrante do grupo. Uma investigadora não descansava enquanto não conseguisse desvendar o matador. Ainda outro crime acontece, porque uma garota, a que tudo indicava, teria assistido o crime de abandono ao acidentado. Ela era drogada e nada custou à polícia drogá-la ao extremo, a ponto de vir a falecer. O filme mostra que, na verdade, o policial foi culpado pela morte acidental e pelo abandono do menino negro, o qual mostrava sinais de estar também envolvido em drogas. O trabalho da investigadora foi persistente, mas deixou claro o quanto a justiça se faz com muitas dificuldades e os principais criminosos estão livres, leves e soltos. De fato, a justiça jamais se faz plena e os principais culpados ficam à margem de qualquer condenação. A justiça é uma mulher pobre e abusada, na maioria das vezes, e neste filme também.

### *Paixão*

A coisa mais louca se chama paixão. Ela pode ser vista em duas formas: quando se pensa em política e nas relações afetivas. Que o digam os nazistas, que o digam Romeu e Julieta: se tudo não se acaba

em morte, geralmente causa uma depressão profunda pela perda do objeto amado.

Gostei de Elizabeth Gilbert no romance *Comprometida*. Quando fala de suas paixões, ela percebe o quanto estas a deixaram aos pedaços. Dr. Jorge Alberto Salton apresenta um belo texto em seu livro *Maniqueísmo em nossas vidas*, no qual mostra as facetas de quando uma pessoa se fixa numa realidade a ponto de torná-la absoluta. A paixão é uma forma de maniqueísmo, quando a afetividade vira crença, deixando os apaixonados sem eira nem beira. Quando a paixão é política, ela pode se tornar pior ainda, deixando um rastro de agressividade em muitas pessoas e mortes de todos os lados.

Gilbert relata o seguinte exemplo:

*Pobre Goethe: Nem ele foi imune à paixão, nem com toda sua sabedoria e experiência. Esse velho alemão, aos 71 anos, apaixonou-se pela inadequada Ulrike, uma beleza de 19 anos que recusou suas investidas ardentes de casamento, deixando o gênio tão envelhecido e desolado a ponto de escrever um réquiem à vida: perdi o mundo inteiro, perdi a mim.*

O senso da realidade é perdido nos apaixonados, pois a contemplação do objeto amado consome o espírito crítico, causando lágrimas e depressão, leve ou grave, conforme o nível de noradrelina e hormônios sexuais perdidos. Quando ficamos apaixonados, perdemos o senso de realidade, e o próprio Goethe diz de si haver uma zona de sua vida com perda de sanidade: “quando duas pessoas ficam realmente felizes uma com a outra em geral podemos supor que estão enganadas”. A paixão é dita, também, de outra forma: como o amor de perdição. E, quando a pessoa volta ao normal, deixa atrás de si um monte de dores e descrédito em torno do pobre crente afetivo. Percebo, porém, que o apaixonado político geralmente reúne companheiros em torno do mesmo objeto de paixão, e sua crença deixa-o ainda mais cercea-



do e pobre de espírito. De outro modo, o apaixonado afetivo perde a confiança de sua família e de amigos, conseguindo a irreverência de inimigos, a ponto de sofrer duras críticas pelo resto da vida e ficar com um monte de culpa por carregar. Pobre Goethe, em sua tardia loucura narcísica. Pobre humanidade, vítima de tais compulsões. Os estragos não são poucos. Que atire a primeira pedra quem já não caiu em tentação?

### *Da hora de nossa morte?*

Minha mãe, chegando aos 65 anos, rezava para Nossa Senhora da Boa Morte. Naquele tempo, não havia tão preclaro conhecimento de haver melhoria para os limites impostos pela vida e pela hereditariedade. Ela partiu falando comigo. Ela sabia haver severo limite de sua raça familiar para chegar à longevidade. Contudo, não sabia o quanto poderia controlar os limites impostos à sua saúde. A história da medicina em torno da velhice agilizou procedimentos para minimizar a pressa da morte. A velhice é uma imposição da natureza, mas sua extensão pode ser favorecida em larga escala pelos costumes alimentares e por outros procedimentos favoráveis à sua extensão. Perdi minha mãe precocemente, minha sogra vai indo claudicante, mas vai aos 100 anos, livre e leve, embora nem tão solta. A força da família ao seu lado é que faz a diferença. A razão de viver está muito vinculada aos vínculos sociais. Vejo-a celebrando todos os aniversários de netos e bisnetos. Só não tem tataraneto, porque hoje os costumes levam a que a natalidade já não seja mais garantia de salvação da alma de ninguém. Os meios para atingir a longevidade estão hoje à disposição social. Os mais velhos, em especial as mais idosas, possuem um compêndio de gerontologia, sempre em novas edições, oferecido nos grupos de idosos. Dou testemunho do aprendizado em torno da gerontologia oferecido nos grupos, ditos da terceira idade. A palavra velho, então, é excluída, busca-se dizer idoso e, para alí-

vio, busca-se socorro no termo terceira idade, minimizando-se o conceito e os limites da velhice. Sou também responsável por uma nova cultura na preservação da vida depois dos sessenta... nem a pratico tanto. Ando assim inculto e não belo.

Minha mãe se foi pela ignorância e pelos limites culturais de seu tempo: uma diferença quilométrica da cultura de minha sogra, entendida e praticante de conhecimentos propícios ao desenvolvimento físico, afetivo e social. Queria que vocês vissem o acompanhamento médico e a farmácia dela, as alternativas e a prática de medicamentos, os cuidados zelosos de sua saúde e o interesse em se vincular à vida ao seu redor. Ela sabe de tudo em torno dos exames periódicos e se atualiza sobre medicina e medicamentos como ninguém. Já é pós-graduada e não para de estudar a distância, em cursos televisivos ou juntamente com seu geriatra. De fato, mudam-se os tempos e os costumes e até aqueles voltados para a vida, esquecendo-se até de rezar para obter uma boa morte. E, no meio desta loucura de não morrer, alguns médicos se utilizam de meios criminosos, fazendo até cirurgias desnecessárias.

### *Lições de um jogo de futebol*

Ontem, dia 5 de março, houve o tal do clássico Grenal. Os atletas perfilados se mostravam poderosos: do lado gremista, uma plêiade de novos jogadores. Pensei: o Inter vai levar a melhor, pois, no ano passado, chegamos ao segundo lugar do campeonato brasileiro. Começa o jogo e, de cara, começam a tremer minhas bases. Quem era, já não é mais: o Inter. Quem não era, já é mais: o Grêmio. Este, para azar dos colorados: um time revigorado, mais ágil e competente. Passou-me a impressão de estar como macaco caído da árvore, sem saber o que estava acontecendo. Ainda bem que o Grêmio somente empilhava oportunidades. Ao final do primeiro tempo, não empilhou, fez! De fora da área, uma bola rasteira possível-

mente defensável chegou ao canto direito do goleiro. Velho pecado do Inter, com mania de imortal aos finais dos jogos: acreditando no empate ou na vitória, fica dando mole. Ao retornar para o segundo tempo: Inter melhorou. Bela surpresa! O time ficou mais forte com o retorno do veterano Luiz Adriano. Esperança convertida em gol do Inter no início do segundo tempo. Magnífica jogada de Alan Patrick e gol do Inter. Quando tudo parecia terminar: novamente o Inter facilita e, aos 49 minutos, gol do Grêmio. Morte anunciada. Ao final, o time arrefece e o adversário se fortalece. Merda! Até quando o time demora para contratar, até quando o time, ao final do tempo, entrega de bandeja a rapadura. O Grêmio mostrou o que é passar de um time fraco para um conjunto de jogadores competitivos. Até quando o Inter, parecendo um rico moleirão sentado em seu orgulho, confessa-se poderoso, enquanto o adversário se fortalece? Até quando a direção do Inter vai abusar de nossa torcida? Cícero diria, em alto e bom latim: *Quousque tandem abutere, Inter et superiora gentes, patientia nostra.* Ó Inter, com toda a chafia, até quando abusarás de nossa paciência?

Nestes tempos bicudos, não dá para sentar para descansar, principalmente antes de o jogo terminar! Os cristãos não podem conviver com maus costumes, dizia meu mestre Pe. Claus.

### *Dia seguinte*

Nada resulta em especial no dia seguinte. A vida segue em ritmo de pouco conteúdo ou grande expressão. Nada semelhante ao sonho expressivo de narrativas comoventes. Pela manhã, andei bem, tentando em apresentar meu sonho. Julguei bastante as idas a dois médicos, parecendo-me a medicina ajustada às especialidades. Quem sabe do ombro não sabe do pé. Quem sabe do pulmão não sabe dos intestinos, quem sabe da cabeça não conhece qualquer ofensa a qualquer músculo. Ao envelhecer, então, as investigações

se tornam sempre incompletas, pois poucas partes do corpo ficam ilesas aos ataques contra o corpo depois dos 80, a menos que os mais velhos tenham recursos ou extrema paciência ao percorrer tantos consultórios e tantos fármacos. E, ainda assim, a morte vem se rindo atrás do fugitivo. Todos os recursos estão disponíveis, mas os recursos financeiros da clientela são pouco acessíveis aos particulares cuidados. Os encantos da minha vida se transformam em pesadelos em caso de atender tanta fragilidade. Imagine-se, então, em casa de três velhos. Será a Covid-19, com agressões retardatárias, será meu velho coração, será algum câncer escondido nos recônditos intestinais, será algum vaso obstruído, ou acaso não sejam resultado de alguma mania depressiva ou angústia infantil mal elaborada? Não será alguma carência alimentar? Não será o reflexo geral da velhice a se manifestar? Não estará certa a minha sogra, buscando alimentação complementar e uma dieta severa em busca de apoio geral? Vou por partes. Falei com o meu médico de minha perna direita, por temer a possibilidade de um vaso antigo voltar com um maldito trombo, quando há sete anos foi obstruído em razão de ginásticas forçadas. Já agendei horário com o médico operador de meu intestino. Retirou metade do intestino grosso, para afastar recaída do câncer. Já agendei com o cardiologista. Daqui a pouco, enterram-me numa latinha, sem pernas e sem tripas e ninguém para ajudar os meandros de meu sistema nervoso central, que anda devagar. Por enquanto, fico na minha, sonhando com fantásticas imagens em torno da vida.

### *Entre o presente e o passado*

Ontem, muito contente em rever uma ex-aluna do curso de psicologia, percebi também sua alegria por me encontrar. Falamos tão pouco, mas o suficiente para ter de volta um tempo que voltou com força. Engraçado foi ela ter sido implicante com minha coordenação do curso e agora, ainda que tardiamente, reconhecer tudo que foi rea-

lizado. Demonstrou-se muito agradecida pela profissão pela qual, já faz mais de 20 anos, é reconhecida e alimenta sua casa e seu prestígio. Contentei-me de vê-la agradecida e feliz pelo caminho profissional conquistado. Somente eu sei das dificuldades para reconhecer o curso, tornando tantas mulheres aptas a mostrarem o seu valor. A suavidade da hora, pela qual mostrou o quanto está bem e hoje muito admirada, agradou-me muito. Depois ela foi ao caixa, levando suas compras, e eu me dei ao luxo de comprar um vinho para comemorar o destino de tantas mulheres as quais pude ajudar a serem reconhecidas.

Mas hoje, 9 de março de 2023, porca miséria, incomodei-me com a tal prestação de contas ao leão. Desde ontem, venho lutando com as mudanças na forma de declarar o imposto de renda. Senti-me cercado pela KGB (*Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti*), Comitê de Segurança do Estado, tendo sido a principal organização de serviços secretos durante o período soviético, e agora no governo do PT. Quando fui ajudar a declarar o imposto da Solange, foi a mesma dificuldade. Pareceu mais uma confissão pública de vida pessoal do que a mera amostra dos dinheiros havidos honestamente.

*Buenas*, vou adiante assim mesmo, tentando me aliviar nesta desgostosa confissão. Vamos ver no que vai dar. Tô assim, um animal apanhando por ter prestado meus serviços.

Abraço a todos que estão se sentindo prisioneiros dos Gulags russos. Não pensem que estou fazendo elogios a qualquer outro governo.

### *Uma festa na Linha Divisa I*

Saí de Passo Fundo para celebrar uma festa em Linha Divisa. E que festa! Uma comunidade inteira reunida para fazer um elogio aos 60 anos de vida esportiva. O Esporte Clube Flamengo da Linha Divisa mostrou elegância e grandeza para celebrar sua vida de futebol. Apre-



ciei o jogo entre os mais velhos e os mais jovens. Competência e respeito, foi tudo o que pude apreciar. A comunidade inteira manifestava alegria pelo desempenho de todos os jogadores. Quando jovem, fazia parte desse time, e aí me senti honrado por tomar gosto pelo futebol.

De fato, encantei-me com o desempenho de ambos os contendores. A luta foi respeitosa. Todos sabiam que era uma grande celebração por tantos anos de vida e tanta alegria comunitária. Por certo, o Flamengo da Linha Divisa faz parte da vida intensa deste lugar, e a torcida nunca faltou. A minha maior alegria, quando em férias, era subir no caminhão do Otto Braun, assim partindo para outras comunidades, e celebrar tanto a vida como o esporte. Admirei-me, pelo que vi neste belo domingo de 12 de março de 2023, um jogo bem jogado. Mais que tudo, havia muita alegria em todos que compareceram. Minhas pernas não permitiram jogar, mas meu coração anda feliz por saber que, naquele campo, existe muita vida.

A felicidade andava solta!

Mas, por onde andam as crianças da Divisa? Não divisei mais de 8 crianças neste lindo dia de celebrações. De fato, poucas crianças, longe estavam aquelas da minha infância: coisa de encher um campo. Até quando resistirá a Divisa, sem o riso de seus pequenos bandos? Vou denunciar: mataram a cegonha na Linha Divisa.

Que Deus dê muitos anos de vida ao Flamengo da Linha Divisa. Muita alegria, saúde a todos e bom futebol aos jogadores!

### *Surpreendido*

Acho que ando de outra ética, de costumes velhos, muito velhos e de conhecimentos não mais aceitos. Assim me sinto e comprovo por observações. No ano passado, obtive os passos necessários para a declaração do IR. Por eles, realizei com sucesso minha bendita declaração. Tudo certo. Neste ano de 2023, os passos não me concederam os

caminhos de meus pilas recebidos. Vou, então, ao meu declarador, ver com ele os procedimentos exigidos pelo senhor governo. Só consegui os dados do BB, mas o RS e o INSS não me concederam licença para retirada dos dados para declarar meus proventos. Marquei data com uma empresa para ver e pagar o serviço a ser feito.

Buenas! Também sinto dificuldade em entender a rápida mudança dos costumes em torno das relações afetivas dos jovens. Eles andam ligeiros em sua sexualidade. Mal se conhecem, lá vão eles para a cama, para ver se ajustam seus interesses. Depois, parece, vem a autorização silenciosa dos pais, para ver no que vai dar. Preferem os filhos na cama a serem ameaçados em outros lugares. As igrejas e o Estado são espaços de terceira via, o que garante muito pouco. Realmente, o sociólogo Zygmunt Bauman tem razão: vivemos num mundo líquido, em que nada mais é como era. Mal acontece, já foi.

Assim estou me sentindo ao lidar com meu imposto de renda e semelhante ao que era imposto para ir para a cama: não vale mais o que foi ano passado. As mudanças são ágeis, e os mais velhos se perdem. Isso que eu sempre fui pouco admirador dos costumes tradicionais.

Estou semelhante a um cusco perdido em procissão: erguendo os olhos a ver se encontra seu dono. Os tempos são outros, e as pernas e os passos não são mais conhecidos.

### *A inteligência maior*

Deus, na minha opinião, não se justifica pelas diferentes instituições, tampouco pode ser medido pelas diferentes explicações. Prefiro avaliar a inteligência que preside o andar da vida dentro de uma generosa compleição de eventos que se equilibram entre ser e não ser. Em tudo, ajustam-se as probabilidades dentro de uma força extraordinária que promove a constituição de todas as coisas. De tudo que vejo,

encantam-me a doçura e a caridade nossas, salve! É verdade, nem com tudo dá para se encantar, embora baste a vida em sua exuberância para agradecer a inteligência universal que faz andar essa imensa carroça, sem sabermos, ao certo, como funciona.

Se procuro alguém para agradecer, vejo a Deus nesse processo infinito, no qual tudo anda. Vejo, também, amigos e profissionais a quem agradeço. Neste momento, agradeço ao amigo Zilio, por me ajudar a vencer a fome do Leão. Se nem tudo produz encantos, encanta-me, porém, a solidariedade.

### *Da solidão de um santo*

Encontrei-me com alguém limpando o chão de árvores altas. Tudo em semelhança à breve história do homem de bermuda em bruto esforço para transportar a ramagem verde para os canteiros da casa onde morava. Ele se dizia limpo de uma bruta acusação de pedofilia. O retrato público dizia ser culpado de abuso sexual contra dois garotos cuja mãe denunciara o reverendo senhor. Li seu livrinho, mas nada referia sobre culpa do que quer que fosse. Em tudo dizia de um esforço divino praticado em diversas comunidades. O esforço salvador poderia ser compreendido como símbolo de toda luta para resolver a inclinação nada recomendável ou, simplesmente, a compulsão solitária em busca de solução. A infinita doçura retratada acima se expressava nos esforços de alguém buscando limpar os pecados do mundo.

Em tudo a penitência dizia de um perdão necessário. Tudo poderia ser pensado como forma de a bondade humana superar inclinações inaceitáveis. Li, em toda a obra, a confissão de um homem sacrificando a natureza em benefício da grandeza humana, por outro lado, perdendo sua imagem mais perfeita por negar a mais legítima expressão sexual.

Entreguei-lhe um par de livros a ver se o tempo, que lhe sobreveio cruel, possa ser minimizado por fábulas a expressarem melhores momentos. Para isto também serve a literatura: sonhar com um ser humano razoavelmente interessante sem maiores perturbações.

Não sei do resultado de minha intenção. Por certo, não vou livrá-lo de grande sofrimento: concluí seu livro<sup>7</sup>: quando a gente é preso, é preso para sempre. Esta é a minha condição. Diz também: *tudo vale a pena, quando a alma não é pequena*. Pareceu-me um corpo, malconduzido pela rígida educação, vingando-se tardiamente.

### *Doas mulheres*

A Pia e a Solange, já por 30 anos, buscam tornar melhor a vida de velhas senhoras. Hoje elas já se encontram no mesmo caminho da vida. Ambas ainda mourejam em favor dessa idade, para muitos de glória, para outros, de pouca luz. As duas ainda coordenam o departamento da terceira idade do Clube Recreativo Juvenil. Tanto a Solange como a Pia, desde 1996, passaram a assumir o Departamento de Apoio às Atividades da Terceira Idade (Daati), em substituição ao Creati nas Vilas. A Solange, desde 1993, estava voluntariamente empenhada em ajudar na formatação do Creati nas vilas. A direção, em 1993, foi substituída pela orientação da secretaria de educação do estado e da secretaria de educação do município, ao cederam seus professores para atendimento de idosos. No dia 2 de maio de 1996, o prefeito Osvaldo Gomes resolveu chamar para a prefeitura a autoridade total sobre os esforços até então realizados pelo Creati nas vilas. Nascia o Daati.

Muitas foram as diligências para a conquista da autonomia do Daati. A Solange e a Pia, então, tornaram-se as dirigentes efetivas. Muitas peleias brutas e feias foram realizadas para que as duas gerontólogas formassem 30 centros em atenção aos idosos nos bairros da

---

<sup>7</sup> Jorge Zanini, O sofrimento inocente 8º Sacramento.

cidade e nas vilas do interior. Dessa força salvadora, resultou também outros olhares para o interior das casas de longa permanência.

Nada obsta a que se possa dizer ter havido uma transformação radical no envelhecimento humano em Passo Fundo, graças aos destemidos esforços dessas duas senhoras com o apoio oficial da prefeitura municipal, representado pela coordenadora geral, Dra. Suzana.

Entre homens e mulheres envolvidos nesta história, reverencio a lembrança do Airton, da Lúcia e da Orfelina. *Dulce lux in memoriam!*

O silêncio e a ternura resultam como expressão reverente por tudo que aconteceu!

### *Os casos de tantos casos da China*

Deparei-me mais uma vez com Borges. Ele sempre com seus benditos falecidos. Gastou a nobre palavra enquanto teve vida. *Fu-nesta vita est in senectute*, dizia uma canção. Nas celebrações dos mais velhos, cantavam esta canção com muita força. Assim, em Borges se lhe dissolveu a luz como se apagou Alexandre, ao se ver pequeno lá no Oriente. Uma febre o apanhou e mortal se desenhou. Em correrias bélicas, deixou de ser o belo: recebeu as moedas para pagar seus soldados: entre elas havia uma com palavras de pouco conforto para o Grande homem: *És um homem velho. Esta é a medalha que mandei cunhar quando fui vitorioso em Arbela*. E o Magno sentimento precedeu a um evento lastimável. Sua morte no Oriente: *in via mortus est Alexander*. Este encontro oriental de pouco brilho e, até hoje, de muita morte e raivas contidas nos mostra o pouco poder da força contra sentimentos malignos e outros poucos das ternuras ligeiras. Assim como em Alexandre foram as conquistas desejadas, aí jazia a morte. Não teria o guerreiro grego morrido de um morcego a penetrar-lhe a tenda?

Plínio fala dos chineses: de fato, o Oriente sempre exerceu forte fascínio sobre nós. Ninguém para dizer “te cuida Alexandre” e nin-



guém para alertar sobre as mortes da peste oriental. Ninguém pode provar se Harum enviou um elefante para Carlos Magno e, tampouco, qual a razão de tal presente. Por certo, muito se diz da esperteza chinesa, assim como foi maligna a ciência criadora de tanta mortalidade ocidental.

Também Alexandre convocou os melhores médicos para que a febre não o matasse. Assim morreu na Babilônia, bem longe de casa, ali mal fugido, trazendo da China a peste mortal.

Sirvo o passado com um pouco de dor, ainda que moribundo o meu latim. Assim somos todos: como viu Borges, que muito viu, como Alexandre, querendo ver mais e não mais viu.



### *Daniela Thomas*

Esta diretora de teatro também é codiretora do filme *Terra estranha*. Dirigiu o teatro *Mãe coragem e seus filhos*. Por certo, ela mostra criticamente a situação difícil da mulher.

Desprivilegiada, Anna Ferling, personagem do teatro de Bertold Brecht, *é a expressão candente de uma moral personalista e alienada, alheia a um bem maior. Ocupando uma das mais subalternas posições no conflito – afinal, suas inquietudes são dispensáveis –, não há possibilidade de ser ouvida, cabendo-lhe somente perambular entre destroços e trincheiras com sua carroça.*

### *A diretora Daniela Thomas*

Em geral, mães retratadas nas narrativas de guerras e nos conflitos políticos são coadjuvantes compassivas do sofrimento. Pietà, com o

corpo de Cristo morto nos braços, mães de maio andando em círculos em frente à Casa Rosada, mulheres com bebês no colo em barcos de refugiados sírios. Anna Ferling é avessa a sentimentalismos. Sob a direção de Daniela Thomas, Bete Coelho a construiu como uma mulher contida. Em dado momento, caminha sob a chuva cenograficamente construída, lamentando-se como Medeia. O aparato técnico produz um efeito de deslumbramento, colocando em evidência a pequenez da personagem.

Copiei o texto para não estragar o quanto de belo e forte foi Daniela em tempos de prevalência masculina. Para mim, a Daniela constitui o símbolo maior das mulheres focadas em seu tempo. O destino dado socialmente às mulheres está hoje muito diferente daquele do tempo de Bertold Brecht. Vejo principalmente as mulheres negras mostrando seu novo destino em ter as atividades até então praticamente dadas aos homens. O esmagamento feminino até o ano 1900 está com os dias contados: estão para Ressurreição.

### *Ainda da noite da Academia Passo-Fundense de Letras (APL)*

Rezando com o salmo 117: certos dias e certas noites poderiam ser contados como se aí nada tivesse acontecido. As estrelas seriam as mesmas e nenhuma delas seria observada. Piscariam pelos séculos dizendo estarem vivas, sem ninguém saber por quanto tempo elas foram jogadas aos céus, sem ninguém para agradecer seu terno brilho.

Assim não foi aquela noite em que se agradeceu tanto a ponto de alguém entender ser a gratidão a mais bela das palavras a ser pronunciada. Era a noite de celebrar a vida e a morte. Aí, então, além da vida, ilustrou-se a noite para um companheiro falecido, o confrade Zauza.

As palavras de Gilberto fizeram lembrar a sua vida, tão brilhante quanto justo é o elogio que se faz para a estrela da manhã em plena

luz. Falou, então, dos hinos ditos pelo confrade antes de partir, como se fora o melhor legado de um santo. Tantas vezes eu passei por ele, o sereno senhor de nome Zauza, mas, ainda que tarde, ouço dele o maior elogio ao lembrar o Salmo 117.

Este é o dia que o Senhor fez para mim. Então, graças às palavras de Gilberto, alegremo-nos de tê-lo conhecido: silencioso como uma pepita em que se guarda o tesouro de valor escondido. Comportei-me distante como a pedra que os pedreiros rejeitaram. Tornou-se agora a pedra angular. Alegremo-nos e n'Ele exultemos! Pelas palavras do confrade, foi feito tudo isso: Que maravilhas Ele fez a nossos olhos!

Alegremo-nos com Zauza. Tão silenciosamente nos deixou! Agora, porém, anunciado como um homem resplandecente. Este é o dia que o Senhor fez para nós. A Pia anunciou, também, com bem ditas palavras as virtudes do mestre Ironi, saído humilde das terras distantes de Arvorezinha. Mais, então, eu digo: esta é a noite que o senhor fez para nós. Salve a noite de pessoas tão vivas e salve o dia do Senhor para o mestre falecido.

### *Tempo livre para pensar*

Encontrei-me com um amigo. Aliás, coisa difícil de acontecer depois dos 80. Não sou de papos longos, nem de conversas atravessadas por longas considerações. Ultimamente, estou preferindo o meu silêncio a amplas conversas sobre política ou sobre formas de ser e agir. Fico na minha, preferindo ouvir a dizer minha opinião de como levar da melhor maneira a vida. Navego dentre páginas e meus teclados, a convergir ou divergir sobre o que quer que seja. Acho até que virei um misantropo. Pois não é que, andando desse jeito, encontrei uma amiga que definitivamente deu uma guinada absoluta na vida, graças ao falecimento de seu marido.

Ia eu andando sem destino, a não ser ladeada de meus filhos, disse ela, com os quais já não tinha voz ativa e nada neles me ativava.

Meu marido já declinava um verbo passado sobre o amor. *Me doeu tê-lo perdido, mas foi coisa de meses. Resolvi encontrar alguém com quem pudesse dividir meu corpo e novas projeções sem grandes cálculos ou divi-dendos.* Enfim, seria uma mulher de amor melhor do que viver em so-lidão. Engraçado: encontrei-a certo dia no Face, de mil formas vestida e de poses alternadas. De lado, de frente, de cima, de baixo, mais que tudo: de uma vitalidade impressionante estava ela. Eu a percebi em semelhanças à minha mulher, buscando novas amizades e de vestes cada dia renovadas. E eu aqui, *plec, plec,* no teclado, como violeiro sem convidativa inspiração. Ele: *plim, plim, plom,* e eu: *trec, trec,* ma-tracando ideias sem muito destino. Alguns curiosos curtem minhas falas sem grandes, graves ou límpidas inspirações. O corpo, por ve-zes, cansado preenche o tempo com ideias e esquecimentos. Sinto não haver mais as mesmas disposições e condições para tirar grandes coi-sas e o melhor de mim, mas estou muito atento. Vou encontrar novas disposições e direções a ver se posso sair deste marasmo em busca de melhor destino. Então minha alma cantará novamente, ou, quiçá, em demandas etéreas na dita e grande eternidade. Do outro lado, a ouvir uma grave voz: enfim chegaste ao teu destino! Vou dizer: prefiro o velho costume de existir! Vou melhorar meu coração, de vasos cansa-dos, e voar em melhor destino.

## APL

Estou contente com a APL: vejo esforços dos novos confrades, “a dar certas regras à nossa linguagem e torná-la pura, eloquente e capaz de lidar com as artes e as ciências”, atualizando o propósito do nascimento das academias na França em 1635.

Vejo projetos a darem vida às letras. Provoca-se a comunidade a reafirmar-se no propósito de dar melhor eloquência dos mais jovens aos mais velhos. O propósito da Academia é contribuir na formação de um povo capaz de dizer as palavras de uma maneira agradável e

convincente. Tanto por encontros de leitores e aprendizes físicos ou virtuais, entendendo a Academia ser uma escola de formação da palavra a ser pronunciada de maneira qualificada.

Existe a crença de a palavra bem dita ser uma forma de elevar a dignidade humana, pois é por ela que alguém pode ser ouvido, pode participar de uma sociedade, sem medo. Pelo que sei, muitos judeus falavam muito bem. A Academia, pelos projetos de socialização da palavra, pode contribuir na arte e na educação do instrumento mais eficaz em pronunciar desejos, direitos, beleza e caminhos para a vida digna. A APL cumpre sua identidade pelos contadores de história, pela entrega de livros, pelos projetos de escrita nas escolas ou envolvendo crianças em sofrimento físico ou social, seja em lições de linguagem em escolas, seja em espaços de filosofia, seja pela criação de uma revista ou em auxílio na produção de livros com novos escritores, seja em produção literária virtual ou em livros publicados. Com a vinda de novos acadêmicos, podem acontecer novas formas de a Academia expressar as regras de nossa linguagem, tornando-a mais pura, eloquente e capaz de lidar com as artes e as ciências e, principalmente, promover uma qualificada forma de dizer nossas realidades, pois nossa sociedade carece de diversas virtudes, como a liberdade, a beleza, a igualdade e a fraternidade. Podemos assim nos dar ao princípio de, em tempos difíceis, preservar nossa alegria e nossa dignidade. Na Academia, os escritores mais jovens despertam o viço da solidariedade e da inovação. Buscam-se novas formas de a Academia se fazer, sem fugir aos princípios postos em sua criação na França no ano de 1635.

Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes, sem perder o principal: a melhor forma humana de ser pela língua, livre e bela, ainda que seja a última nascida do Lácio e ainda sempre inculta, aceita ser dita sempre melhor.



## *APL objetivando sua finalidade*

A APL está propondo produzir livros escolares cuja finalidade consiste em oferecer às escolas contos, crônicas e poesias ou outros textos literários.

Os objetivos podem ser assim resumidos:

- desenvolver e expandir a arte literária, através da impressão de obras de reconhecido valor literário;
- tornar a Academia mais presente nas escolas por meio de textos de seus acadêmicos, como em atividades vinculadas aos textos produzidos;
- criar espaços inovadores de relacionamento com as escolas, de modo especial pela literatura de origem passo-fundense.

A APL pretende, assim, marcar ainda mais sua presença na comunidade. Teremos uma efetiva aproximação das escolas com a Academia na produção de livros literários, ou textos de autores passo-fundenses, para produção coletiva na revista *Água da Fonte*.

A Academia, portanto, propõe a oferta qualificada de textos produzidos pelas escolas da Secretaria Municipal de Educação (SME) e por escolas estaduais (SEC) ou particulares. A produção dos livros, o uso e a avaliação serão determinados em comum acordo entre a Academia, a SME e a SEC. Os textos serão publicados obedecendo à qualidade literária e aos conteúdos voltados para a qualidade de vida e da cultura dos alunos. Os custos de publicação estarão a cargo da SME ou em forma de parceria entre a Academia, a SEC e/ou outra instituição.

O cronograma dos livros e das atividades será definido conforme as decisões preliminares entre as instituições parceiras, as escolas particulares e a eventual entidade patrocinadora.

As obrigações das secretarias, dos colaboradores e da Academia serão previamente avaliadas, sugerindo-se que caiba...

### **Às Secretarias:**

Qualificar os textos dos alunos das séries finais do primeiro grau e das séries finais;

Publicar os melhores textos em revista da Academia ou em livros;

### **À Academia:**

Oferecer aos seus membros oportunidade de escrita qualificada, cujo objetivo tenha finalidade literária;

Avaliar, com as escolas, o resultado dos esforços literários entre as instituições envolvidas.

Assim sendo, a SME, a SEC, os órgãos patrocinadores e a APL estão contribuindo efetivamente para que Passo Fundo seja uma cidade de escritores e de leitores.

### *Eu mereço o Reino de Deus*

Não estou de grandes inspirações, pois o cotidiano anda mais pobre que os imitadores de São Francisco. Não ando tão perdido quanto se perdeu a Igreja antes da Revolução Francesa. Richelieu e Lutero que o digam o quanto ela se perdeu. O pobre Cardeal envidou esforços e Lutero acusou, mas os frades e as freiras mais andavam de festas com metade das terras da França nas mãos. Meu pobre padre Berthier, por conta da revolta de intelectuais, partiu para a Holanda, tentando ajudar Leão XII. Disso auferi grande lucro, por causa da fundação dos missionários da Sagrada Família. Aprendi deles a humildade e, com eles, ingressei aos templos dos pensadores gregos. Graças e louvores sejam dados a todo o momento ao santíssimo sacramento da presença companheira de Jesus das ideias iniciais do pensamento lógico. Amei as escrituras de Aristóteles, as crônicas de Santo Agostinho. Aprofundei-me em meditações nos vários tempos do ano. Tenho em mim ainda o precônio pascal, o mais ditoso canto da esperança, ainda que dissesse a loucura do mal ter iniciado com o pecado de Eva. Cristo, então, veio lavar com seu

sangue tão grave culpa. Assim, nós vamos animados com tão grande esperança, sabendo o quanto tal beleza em nada nos trouxe de efetiva paz e caridade. Cantemos este magnífico sonho!

*Exulte de alegria a multidão dos Anjos*

*Exultem as assembleias celestes*

*Ressoem hinos de glória para anunciar o triunfo de tão grande Rei*

*Rejubile também a terra, inundada por tão grande claridade*

*Porque a luz de Cristo, o Rei eterno*

*Dissipa as trevas de todo o mundo*

*Alegre-se a Igreja, nossa mãe*

*Adornada com os fulgores de tão grande luz*

*E ressoem neste templo as aclamações do povo de Deus*

*Acima de tudo, ressoe a igualdade entre os irmãos de todas as raças  
e diversos entendimentos.*

### *Do pregão da Páscoa ao cotidiano*

Muitas semelhanças na manhã de Maria, a que amava Jesus, atravessaram peitos em diversas histórias. Muitas outras de menor calor moveram peitos em outras direções. Mas fiquemos com aquelas de altos sonhos. Lembro, então, daquelas gloriosas vitórias do Brasil em 1954, do Inter e do Grêmio, e de outros louros em vitórias das artes, do atletismo. Louvemos a glória de não termos as guerras horríveis revelando amostras da ira humana. Fiquemos, agora, com o sonho maior da vitória sobre a morte. Nenhum peito se moveu tanto quanto o da manhã dos discípulos de Jesus, ao verem o falecido vivo e resplandecente. Viram-no, também, aqueles jovens no caminho noturno de Emaús. Ele mostrou o sinal da lança que o matou e eles comeram do mesmo pão servido antes de morrer. Glória igual foi de Gorki, escrevendo seu livro *Mãe*. E muito mais ao saber que a humanidade o lia com fome e esperança. Em tudo, porém, pode haver a grande decepção. É só ver a revolução matar tantos sonhadores pelas mãos de Stalin. Mais recente-

mente, a revolução nos concede as cenas horríveis nas fartas terras de Zelensky e de seu povo expulso ao fogo das bombas russas.

Se a crença cristã é acreditar que:

*Ele pagou por nós ao eterno Pai  
a dívida por Adão contraída  
e com seu Sangue precioso  
apagou a condenação do antigo pecado...*

Quem pagará a violação dos direitos da vida, tão amarga na história dos cristãos? E quem poderá acreditar a morte de Jesus para saldar o pecado de Adão?

Os sonhos se dão bem em breves vitórias, para ânimo dos torcedores e outros lutadores da paz, mas, dos grandes sofrimentos, quem nos livrará e quando poderemos dizer Aleluia!?

Ainda assim, que nos acompanhe um pouco de glória nos momentos pequenos de saúde e da saudável convivência. Amar parece ser um pedido de difícil atendimento.

### *De um sonho*

A realidade da manhã apagou o sonho. Acabara de ouvir meu irmão Antônio falando sobre sua história. De fato, já havia perdido muito dele em favor do passado de poucos relacionamentos. Saí muito cedo de casa e perdi sua infância quase toda. Agora, ouço-o com atenção pela Rádio Regional de Santo Cristo. O conhecimento, ainda que tardio, devolve a ternura extraviada no tempo. Reporto-me então à minha fragilidade física e me vejo enchendo meus bolsos de uma história quase perdida. Pois bem, antes tarde do que perder os laços conquistados pela entrevista dele ao narrar sua trajetória em busca de seu tempo. Fico feliz por ouvi-lo e velhas lembranças me fazem, mais uma vez, retornar para Linha Divisa. A memória, então, é um belo recurso que brinca com o tempo, deixando minha fragilidade menos mortal. A força dos fatos re-

toma em mim figuras humanas e, pela força afetiva delas, vejo-me mais forte. Admiro a coragem do Antônio ao jogar-se no escuro em busca de seu destino. Tive coragem também, mas sabia onde iria parar, uma vez que estava protegido pela segurança, ainda que dura, do seminário. O Antônio foi valente rumo ao desconhecido. Agora, então, reporto-me a ele e nele busco um belo recurso ao narrar suas lembranças. É uma pequena ressurreição da vida ao sentir sua caminhada em torno de seu destino garantido pela coragem. Feliz Páscoa, Antônio. Abraço na Elzi!

Ia esquecendo do sonho no qual um artista se movia entre pássaros coloridos. Havia alegria intensa no artista quando punha cores vivas, muito vivas, nos pássaros de sua arte. Vejo o mano em sua aventura posta mais que voos sonhadores: fez de suas mãos um meio para voar.

Abraço, mais uma vez!

### *A canção do Amir*

Meu amigo Amir me fala de sua dor em perder o que foi bom. Diz ele de seus sentimentos por não poder mais partilhar com os amigos de bons momentos. Sente saudades de velhos tempos nos quais cantavam. Busca inspiração numa velha canção na qual o amado já não tem mais o amor tão sentido e agora perdido. É o mesmo vento dos pinheiros sob os quais comiam churrasco e jogavam bocha: é o tempo que tudo leva.

Nas noites das quintas-feiras, eles se reuniam, e ainda os amigos se reúnem. Pelos limites sentidos pelo Amir já não mais pode estar com os amigos. Então, eles telefonam e, em uníssono, cantam a velha canção. O amigo ouve quieto.

Ao me narrar esse costume, ele ria, mas sabia haver um sentimento semelhante ao do amante ao perder sua amada. Mas, brinco com ele também dizendo: ainda bem que pode ouvir a frustração do amante em relação à sua amada. Pois bem, Amir, a memória, ao lembrar o canto, serve de consolo pela certeza de uma amizade vivida e



ainda ouvida vivamente. Se, agora, os olhos já não participam da festa, o ouvido serve de consolo.

Mostra-se assim que o amor tem diversas formas. Agora, então, sobram os amigos para lembrar a velha canção que assim dizia:

*O que é feito daqueles beijos que eu te dei?  
Daquele amor cheio de ilusão  
Que foi a razão do nosso querer  
Pra onde foram tantas promessas que me fizeste  
Não se importando que o nosso amor viesse a morrer  
Talvez com outro estejas vivendo bem mais feliz  
Dizendo, ainda, que nunca houve amor entre nós  
Pois tu sonhavas com uma riqueza que eu nunca tive  
E, se ao meu lado muito sofreste, o meu desejo é que vivas melhor  
Vai com Deus, seja feliz com o teu amado  
Tens aqui um peito magoado, que muito sofre por te amar  
Eu só desejo que a boa sorte siga teus passos  
Mas, se tiveres algum fracasso, creias que ainda te possa ajudar  
Vai com Deus, seja feliz com o teu amado  
Tens aqui um peito magoado, que muito sofre por te amar  
Eu só desejo que a boa sorte siga teus passos  
Mas, se tiveres algum fracasso, creias que ainda te possa ajudar.*

Amir, essa tua história me deixa contente por saber que tens memória privilegiada. T tamanha amizade serve também para dizer o quanto teus amigos estão presentes. E este teu amigo, mais que tudo, aprecia o quanto importa tua amizade. Não canto, porque minha voz é de chorar.

### *De uma tarde especial*

Esta semana serviu para mostrar serem as horas, ora convergentes, ora divergentes: algumas convergem para a grandeza, ainda que não brilhem como no dia de hoje, nesta quinta da semana santa,

e outras divergem da grandeza, exigindo alguma virtude a mais para erguer a cabeça. Vou falar hoje de uma hora de convergências.

Falo de um encontro com 13 garotas no projeto da Academia Passo-Fundense de Letras: Edificando Talentos. Nesta escola de Letras, elas buscam aperfeiçoar o sentido da vida pela coragem de escrever melhor. Gastam horas no aperfeiçoamento da arte dada por colegas da Academia. Comovi-me pela dedicação da professora Dilse Cortese em promover esforços para promoção da leitura e da escrita de alunos e alunas. Buscam mais do que o currículo escolar.

Falei de minha experiência de escritor e elogiei a coragem das novas alunas desse projeto. Não havia nenhum aluno, o que mostra o quanto andamos distantes da importante lição de aprender a escrever e a falar bem. Não disse qualquer tipo de grandes palavras, apenas disse que minha vida se tornou boa porque tenho hoje prazer no ato de escrever. Lembrei, também, da história em torno de Sócrates.

Vieram jovens do Oriente aprender dele um pouco mais sobre a arte de viver e pensar bem. Foram ao Centro de Atenas e não o encontraram. Andaram por muitas ruas e cadê Sócrates? Foram seguindo as dicas para um lugar quase ermo, e aí: uma casa humilde. Ainda duvidando que em casa tão simples pudesse morar o grande filósofo, desconfiados, bateram na porta. Uma mulher abre-lhes a porta. Olharam para dentro e viram um senhor dobrado sobre o calor de algumas brasas. Sócrates percebeu a desconfiança dos jovens. Levantou-se e acenando convidou-os a que entrassem. Falou em bom tom: Entrem! Deus mora aqui também.

Disse o mesmo às jovens que chegavam: Entrem nessa Academia! Deus mora aqui também!

É verdade! Eram poucas as novas acadêmicas mirins. Nem eram muitos os jovens que buscavam luzes na Academia de Sócrates e Platão. Mudam-se os tempos, mas ainda bem que certos costumes não mudam!

## *Conversas entre amigos*

Ontem, 24 de março de 2023, foi o dia da Academia! Não aprecio longos discursos. Ontem foi diferente. Discursos cheios de força da escrita, em notícias e de emoções.

A Pia esteve exuberante pelo conteúdo e pela forma de suas palavras ao exaltar a história do homenageado, Ironi. Conseguiu mostrar com nitidez a vida de um escritor que, saído da roça, conseguiu chegar às letras mais que perfeitas, burilando aos outros a língua portuguesa.

Mais que um discurso, o Ironi empreendeu uma alocução com luzes de Vieira. Perfeitas as palavras e mais que perfeita a vitalidade de uma vida entregue às causas e aos jeitos da língua portuguesa.

E o que dizer do panegírico, gloriosa homenagem ao falecido confrade Zauza. Na verdade, pelas palavras do confrade Gilberto, abrihantou-se a noite ao mostrar, com luzes, a saída de quem fora exímio enquanto viveu. Até na morte pode haver vida na pura expressão da elogiosa oração.

O Luiz Carlos, o escolhido entre os novos imortais, pronunciou um virtuoso discurso ao mostrar a que vieram os novos parceiros das letras.

A presidenta Marilise teve, por certo, pela grandeza de seu zelo e por suas expressivas palavras, a condução maior, tanto pelo brilho da noite como pela renovada disposição dos confrades. Assim, crescemos todos em respeito e sabedoria!

## *História avulsa de um amigo*

De um amigo dentista, colhi uma história interessante. De fato, o coração humano é de espantar.

Ele veio me falar ter recebido uma imagem das terras de sua infância. Lá, existia a mulher que lhe fora inspiração proibida: *Era eu*

*um garoto ainda; e se fosse dizer pra ela: você comove meu peito, ela poderia rir da pretensão do fedelho que assim falou.*

Já passados muitos anos, continuou ele, dei com ela num congresso de cirurgiões-dentistas. Se o mundo dá voltas, e tantas, que, numa delas, tive o presente de encontrá-la. Também ela se metera em bocas alheias. Eu mal tinha feito a pós em cirurgia bucal, apareceu-me, de repente, na minha frente a figura da antiga inspiração, já um pouco envelhecida, estava a figura inspiradora dos sonhos de minha juventude.

Por onde andou, por onde mora, onde se formou, como chegou e como está me levaram a saber que andava *solteirita no más*. E eu *casadito no más*. Falamos das estradas percorridas, do sucesso de cada um. A bela que, pelos olhos vivos, mostrava estar muito viva. Do amor que tinha, tudo se quebrou. Contou-me ela: havia casado com um mandrião bonito, mas de alma feia que só o diabo. De olhos tapados, casei. As promessas se foram Uruguai pra baixo, ria-se com desgosto. O danado me falou ter uma castelhana aventureira. Prometeu dizendo: era coisa do passado, mas, depois de um ano, tornou-se presente novamente. Vieram me falar do filho da mãe. Disse-lhe na hora: pega teu rumo e remo! Volte pelo mesmo rio que te levou pra ela.

Sabe, ainda me falou: estou aí, melhorando as bocas do meu lugar, e este curso caiu bem para eu dar umas voltas e esquecer. Depois, ela discretamente perguntou sobre meu interesse em continuar o papo num restaurante, não longe de onde se hospedava. Tomei o número de telefone e falei-lhe que àquela noite ainda daria a resposta. Vou avisar primeiro meus amigos, para suspender o que já havia sido combinado.

Onde estou mesmo com minha conversa?

Você avisou seus amigos que não sairia com eles à noite, reforcei.

Pois veja: mal se esgotava o dia, senti a velha tentação. Meus amigos da noite me dispensaram da companhia deles. O telefone vibrou: era minha mulher! Já havia pensado nela. A lembrança da juven-

tude e a ternura das palavras dela deixaram menor o convite de minha colega cirurgiã-dentista. Fui salvo pelo gongo! Encontrei depois a colega de profissão e falei: Estou esperando um telefonema de minha mulher, desculpei-me. Fui dormir sem passear com os amigos e sem jantar. Mais uma vez, perdi a mulher de minha juventude.

Ri de sua história. Comentei ainda com ele o quanto as circunstâncias são fortes, por vezes mais fortes que nossa vontade.

Se não lembro de outros detalhes, *va bene!* Já basta!

### *Tentando escrever*

Parece mais uma tentação constante e não a prática de uma virtude. Agrada-me dizer algumas palavras de conteúdo interessante, mas nem sempre a realidade promove eventos importantes. Dizem que tudo depende da habilidade em olhar o mundo, às vezes, como agora, apenas mundinho. Se bem olhado, é possível que, do amanhecer ao entardecer, apareçam algumas boas razões para dizer alguma coisa. Depende mais do jeito de olhar o mundo do que dele propriamente dito. Para alguns, tudo sempre é a mesma coisa. Para o bom arqueiro oriental, depende do exercício constante do olhar e não da paisagem. O bom arqueiro aprende a ver. Se não for assim, nem queira ser arqueiro. Lembro de quando estava aprendendo grego no seminário em Santo Ângelo. O padre Selau insistia em que aprendesse primeiro a traduzir conhecidas histórias. A memória assim poderia me mostrar dicas preciosas na tradução das falas. Foi assim que traduzi a história do Cavalo de Troia. Os fatos se sucediam e por eles passava a dizer mais facilmente o significado. A glória final foi saber dizer com certa facilidade a saída dos soldados do ventre do enorme cavalo troiano. As palavras não são egoístas, tampouco os fatos, e assim eu aprendia as palavras a serem usadas em outras circunstâncias. E a história assim gravada seria servida em outros momentos. Jamais seria um soldado invadindo a cidade dentro de um



grande cavalo, mas o grego me ajudaria a entender melhor o português. Tenho breves histórias de outros dois cavalos, a saber:

Com um deles, o máximo que consegui foi levar um saco de milho no lombo de um cavalinho, para fazer farinha em Santo Cristo; outra vez foi fazer propaganda da revista da Sagrada Família na região de Erechim. Não fui muito feliz, pois o cavalo, a me levar às casas em busca de assinantes da revista, não era manso. Disparou, levando-me junto a uma cerca de arame farpado onde dei azar: um corte fundo na coxa e uma batina rasgada. O fracasso me deu sorte: uma moça italiana remendou minha veste religiosa, enquanto olhava para ela nem tão religiosamente. É verdade, as calças seminarísticas eram a revelação de grande pobreza e minhas intenções eram severamente cuidadas. Tudo me valeu sobre a vida dos cavalos. Seja o grande cavalo de pau dos insurgentes troianos contra os gregos, passando pelo cavalinho me levando ao moinho, até o pouco religioso cavalo no interior de Erechim. Na verdade, a tradução do Cavalo de Troia me valeu a compreender a etiologia de minha língua. Os outros dois me ajudaram no aprendizado do serviço, ainda que rasgadas minhas vestes. Assim também aprendi a andar pelo mundo, tendo um pouco de experiência com a vida dos cavalos.

### *Um coral do maior valor*

No silêncio de minha casa, busquei fazer uma semana santa diferente: ouvia canções de uma comunidade em busca de suas origens. Ao meio de um mundo louco por novidades, uma comunidade buscou gravar canções que alimentaram sua identidade e bem mais: buscaram reaver o que tende a desaparecer: a arte do canto coral, um testemunho da fé e da beleza. A cultura originada das velhas colônias chegou viva na modernidade onde a alma da cultura perde a inspiração e a arte de um tempo. Um pequeno lugar, vila Bom Princípio Baixo, através de vozes do coral de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, demonstra,

com resistência e arte, as canções surgidas de uma vontade resistente e de um espírito voltado para a identidade de uma comunidade.

Ao ouvir as canções, lembrei melhor de minha própria identidade e renovei, ainda que solitariamente, as forças antigas que alimentaram todas as comunidades de origem alemã. O coral de Bom Princípio Baixo dá testemunho de uma vida que pode ser preservada, pois aí residem forças como a fé e a beleza, cujas virtudes dão conta da natureza de um espaço social diferenciado. A arte do coral Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, então, dá conta da identidade própria de um lugar e empresta a outros lugares as mesmas formas de ser e habitar nosso mundo já constringido pela ausência de forças originais.

Vejo, nos cantores de Bom Princípio Baixo, a busca de ser mais do que o lugar comum das artes sem originalidade ou de interesses sem identidade. Há uma lição inscrita na mensagem das vozes que cantam.

Esta Páscoa de 2023 me fez melhor, ao me proporcionar uma arte que não quer se calar. Despertaram-se em mim as forças originais de minha identidade, colhida na Linha Divisa. Curvo-me agradecido ao mestre Weber e a todos que se dedicam a praticar a arte do canto, fortalecendo-nos na forja de nossa origem comunitária. Encontrei neste coral o que fui e o que sou. Renovei-me, e isso é um bom princípio para continuar a viver irmanado aos cantores que me socorreram nas vivências do meu pequeno lugar: Linha Divisa, em muito semelhante a Bom Princípio Baixo.

*Grosser Gott wir loben Dich!*<sup>8</sup>

## *Páscoa!*

Raios de sol: um calor ameno na manhã desta Páscoa de 2023. Ressurreição!!! Se ele saiu da pedra que o guardava, por certo, deitar-se-ia novamente se, por entre as oliveiras, percebesse no que deram

---

<sup>8</sup> Grande Deus, nós te louvamos!

suas intenções. Todavia, valeu, meu Senhor! O sonho continua naquelas que dão de si o máximo que possuem. Ainda que assole o ódio ao lado da Rússia e outros lugares, sobra a esperança nos homens de boa vontade. Sobram as virtudes escondidas, ainda que machucadas pelo rancor. O pipocar de fogos da Divisa de minha infância me dizia em festa, na fraternidade de Páscoa e dos KERB, sobre a felicidade ao som do sino e das sinetas. Salve o rei que chega montado num burrico, enquanto mísseis derrubam as casas dos ucranianos. Salve os ramos de oliveira e os meninos judeus, mas, agora, de metralha em punho, divisam seus inimigos.

Ainda assim: meu corpo está em festa dentro de minha casa, graças aos esforços gentis da Solange. Brilham os ninhos postos em cestinhas de taquara vendidas pelos índios. Foram feitos em sua cultura e falam, entre eles, da festa celebrada ao contar as cestas vendidas. Fui pela rua feliz por voltar para casa sabendo que a febre do Henrique, sozinho em Pato Branco, não anunciava grave doença.

Vou me encher de razões por estar entre os meus, como outros que ainda buscam a parca felicidade. Hoje serei um príncipe das luzes, vivendo em seu castelo, enquanto meu pequeno neto João sorri contente pelos presentes recebidos. *Aleluia! Aleluia! Ressurrexit sicut dixit alleluia! Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, dona nobis pacem. Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis!*

De todo jeito, por estreito que seja o bem, que venha a graça de estar com minha gente! Aleluia! Aleluia!

### *Da sacralidade dos tempos*

Hoje comemoramos o segundo dia de Páscoa. Na minha infância, era denominado por Pascoela. Aliás, nos anos de 1950, as comemorações em torno da Páscoa eram iniciadas na quinta-feira santa. No seminário de Santo Ângelo, neste dia da Pascoela, éramos convidados

a um grande passeio em lugar previamente escolhido. Lembro da Páscoa de 1954. Pe. Humberto Lucca atravessando campos conosco em direção ao local previamente escolhido. Mostrei a todos a minha perícia no domínio de um bodoque.

Brinco de minha vitória sobre o símbolo maior do pecado de Adão. Era uma cobra assustada, deslizando entre as barbas de bode. Meu tiro foi certeiro. Senti-me como aquele que poderia ter conquistado a maior glória ao evitar o pecado de Eva e de seu companheiro, Adão. Por certo, dirão os crentes em torno da perdida pureza humana: a cobra pendurada na árvore proibida não era tão frágil como aquela que matei, ainda que fosse com uma pedra de Santo Ângelo.

À noite, voltávamos cansados, para dar continuidade aos estudos seminarísticos. Era a hora do entardecer, quase noite, chegávamos no alto da colina onde abaixo corria o riacho Santa Bárbara e no alto se erguia nosso destino.

O banho somente seria oferecido no açude desse córrego. No início de março, já havíamos cuidado da represa pronta para os banhos. Logo abaixo do açude, havia uma pequena usina de luz a iluminar todas as salas e os recintos do Seminário da Sagrada Família. A minha formação nos próximos anos seria dar conta da língua francesa, do latim e do grego. Conto, como glória maior do que matar a cobra, ter traduzido de Homero, para o português, a história do grande cavalo, símbolo da esperteza dos troianos para vencer os gregos. Assim deveríamos nos apoiar nos maiores meios para vencer o mal. Teríamos como força não um cavalo, mas a congregação de Berthier, que teve muitas lutas antes de chegar a Santo Ângelo: afinal, éramos seminaristas da Sagrada Família! Por estes dias, éramos brindados, também, com histórias de Berthier e de seus lutadores. Sentíamos, então, sermos maiores que os troianos! Assim íamos adiante, sendo estimulados da Páscoa até o Natal! Tínhamos muito mais a fazer além de matar pequenas víboras nos campos de Santo Ângelo.

## *Enquanto Israel vive, Jericó fica na valeta*

Israel tem muito a ver com as lutas contra os palestinos. Cristo não conseguiu firmar a palavra como ideia e, tampouco, como ação libertadora entre ambas as partes. Hoje, 10 de abril de 2023, vi a morte de um menino nas montanhas palestinas, agora conquistadas pelos judeus. Seria o menino e mais duas meninas e a mãe delas: o que mostra a divisão entre as duas comunidades? Muito mais que isso, revela-se um histórico ódio subjacente. Em tudo, e em todos, de ambas as partes, perpassa um fio tenebroso de recordações a cortar muito mais que o fio das espadas, que sempre aí se atravessou. Isso, a partir dos anos 1940, ainda mais se agravou. O repórter falou que os palestinos sofrem muito aí em Jericó, pois a liberdade anda longe deles.

Bem aí passou Jesus, e ninguém se reporta a isso. Marcos e Mateus falam de ter Jesus curado dois cegos. Fala-se de Jericó dizendo-se ser daí a história do bom samaritano. Um homem ferido estava caído ao largo. Passaram sacerdotes e levitas, e ninguém prestou atenção. Somente um homem comum da Samaria prendeu-se de cuidados ao ferido na valeta. Tratou de suas feridas e o curou. Também Samaria hoje se localiza em terras palestinas. Parece haver um sentimento de frustração em todos ao se perceber o seguinte: bem onde se dão as melhores notícias da bondade cristã, é justo aí que confluem as mortes provindas de antigos ódios. É claro, as defesas dos judeus são poderosas, e ninguém quer se botar contra eles. Antigas dores se abatem nessa região.

Enquanto os judeus buscam a maior fortuna fora de Israel e garantem suas terras por lutas, fica essa gente palestina em busca de salvação. Parece, efetivamente, que: o povo de Jericó e da Samaria continua na mesma. Ladrões roubam seus bens, enquanto ninguém aparece para que consigam abrir os olhos e dizer: esta terra é nossa.



Os judeus, por piedade, receberam suas terras como desculpa pelo ódio disseminado na Europa, marcado nos campos de concentração. Por aqui, ninguém vem curar as feridas da Palestina. Continuam na valeta.

### *Um tempo de silêncio masculino*

As minhas suposições sobre minha velhice são de que eu possa operar com a realidade, relacionando-me com a natureza, a cultura e a sociedade, selecionando respostas criativas em função da construção de operações e contatos. Para tanto, necessito de oportunidades mediadoras, de sentido na vida e de outras virtudes que são promovidas pelas experiências durante e no advento da velhice. Esse potencial de desenvolvimento pode sofrer reveses. A construção da identidade supõe uma subjetividade em constante atividade, pois não está aí como uma folha em branco. Entende-se, por isso, que a consistência da identidade somente se realiza com outorgas e recursos aprendidos e que o exercício efetivo de seu potencial exige espaços sociais para a arquitetura do ser humano que envelhece. Mesmo com a otimização de possibilidades, esse potencial nem sempre fica em elevação.

Esse potencial pode esmorecer com perdas físicas, sexuais e intelectuais. Assim, ele pode se fragilizar, e nem sempre a dita sabedoria e o vigor físico nos elevam aos píncaros de sermos bem-sucedidos em termos sociais ou afetivos. Grande parte da população sente perdas da competência intelectual em razão da pandemia e outras agressões sofridas, como o longo silêncio ao qual fomos jogados. Parece-me haver um silencioso movimento inclinado a depauperar nossa riqueza vital, podendo-se agravar o sucesso humano da existência. De modo especial, parece-me o sexo masculino ter ficado em sofrimento maior quando fica minorizado em termos físicos e, principalmente, sociais e sexuais. Parece a sociedade masculina ter sofrido uma espécie de devastação social com o silêncio da pandemia. Vejo as mulheres mais

espertas e vitalizadas. Falo assim para ver melhor o que está acontecendo, ou será que me equivoquei?

### *Auf, Christen, Singt Festliche Lieder*

Os cristãos cantam, alegremente. Assim se erguiam as vozes dos cantores da Linha Divisa. Aí, ainda havia florestas e muitas roças. O calor tropical pedia a neve em flocos de algodão. A lembrança trazia aos colonos o que fora passado. Todos pediam que a chuva viesse ligeira, para não se perder a plantação. Os cantos alegres eram por breves dias e misturados às palavras da língua portuguesa. Os filhos da Divisa, em minha memória, retornavam do Paraná, pois os pais já não davam conta de sustentá-los nas terras da Divisa. O movimento das linhas antigas era grande. Não havia lugar que não recebesse seus filhos retornando para Santo Cristo. Os irmãos mais novos recebiam festivos os mais velhos, porque a promessa se fizera verdadeira: vinham já em carros novos. Os velhos pais, contentes, diziam de uns para outros o quanto tinha valido a aventura de eles terem acreditado nas palavras do professor Júlio, meu pai. Lembro dos dias das primeiras conversações de pais aflitos perguntando a ele se valia a pena o esforço de partirem para tão longe. Lembro, com alegria, de minha mãe, orgulhosa de seu marido. Ele a todos servira de companheiro para as primeiras famílias que partiam para um destino desconhecido.

Meu pai continuava com suas velhas canções natalinas. Meu irmão, Antônio, até foi também atrás do sonho paranaense. Pouco sei desta corrida ao norte. Sei de testemunhos vivos da glória dos filhos da Divisa. Sei, também, de alguém não ter suportado a saudade do antigo lugar, preferindo as antigas canções e o som do velho sino falando alto. Sei dos primeiros que partiram. O medo de animais ferozes foi apenas coisa passageira. Entretanto, o duro trabalho devorava as forças dos primeiros lenhadores.

Salve seu Júlio, glorioso protetor do meu lugar! Pai austero e salvador!!!

E eu já não pergunto mais do destino de meus colegas de escola. Quando, agora, ouço sobre eles, a resposta é a mesma. Muitos deles já não existem mais. O tempo é um animal antigo. A saudade não consegue matar. Eu fico somente com o canto infantil: *AUF, CHRISTEN, SINGT FESTLICHE LIEDER*. Uso a internet para ouvi-los e amar o que é lembrança.

*Eta, mano véio!*

Que o bem te alcance ainda mais a partir de hoje, 13 de abril de 2023!!!

Muito curioso o fato: meu irmão Antônio já fazia mais de cinco anos que não se comunicava comigo, tampouco eu com ele. Eis que ouço meu telefone tocar. Era ele! Mal havia escrito a crônica *Auf Christen*, na qual dele lembrei. Falamos por quase uma hora, quando se reportou da ida dele ao Parará.

Foram momentos interessantes, muito vivos! Em rápidas palavras, rememorou seus esforços em busca de um novo destino. E o fez com galhardia!

Falamos, também, sobre os alemães russos e de minha crônica: *Cerimônia da Lamparina*. Ele, então, solicitou que lhe narrasse esta história. Até aquele momento, não havia mandado nenhum dos meus escritos por WhatsApp. Todos os livros, até então enviados, iam por e-mail. Estava feliz! Muito feliz, com o telefonema. Enviei, também, o meu livro *Vim, Vivi, Escrevi*. Lá foi a minha biografia.

Hoje, novamente, ele me telefonou manifestando a alegria de estar lendo a história dos alemães russos. Disse ele: *Agostinho, eu não sabia que você escrevia*. Pois é, Antônio, faço quase só isso de interessante, além de curtir minha casa e minha gente. Ainda, disse-lhe sobre a

sorte de ter um neto em Pato Branco, no Paraná, o filho da Fernanda, realizando o curso de medicina. E veio a história pouco interessante de ficar quase totalmente comigo a responsabilidade de ajudá-lo. Disse-lhe, porém, que minha velhice está valendo muito por ajudá-lo. Até a Solange e minha sogra se envolvem em vê-lo indo em frente. Quando vem me visitar, ele leva alguns pratos de sua preferência.

Sempre apressados e esquecendo o principal: a vida que nos cercou e ainda nos cerca. Outros papos virão. A distância não será motivo para o silêncio.

Como esquecê-lo com tamanha facilidade? Sinto-me descontente pelo rompimento e prometo enviar outros escritos e estender minhas conversas com mais frequência.

Abraço, para ti e para a Elzi!!!

### *Brigando*

Briga feia e calorosa foi aquela do sonho de ontem. Apresentou-se um valentão em meio a uma reunião. E não era qualquer luta. Ele queria bater em alguém a qualquer preço. Olhei-o bem e medi a fera de cima abaixo. Encarei-o dizendo que sua valentia não assustava. Riu-se de mim. Eu precisava mostrar-lhe que sua força não convencia. Entrei no primeiro *round* e acertei seu rosto, fazendo cair-lhe os óculos a se pendurar no peito.

Assim foi a luta por mais um tempo. Vi que poderia enfrentá-lo sem medo. Percebi que os fundilhos de suas calças estavam sujos. Meu sonho aí se esgotou. Outras cenas se sucederam e nada que mostrassem qualquer temor ou qualquer culpa.

Ainda de manhã, fui ao computador e pus em ordem um conjunto de anotações sobre uma tarefa a ser cumprida junto ao projeto Construindo Talentos. Na verdade, o sonho tinha a ver com a realidade. Temia ter dificuldades diante dos alunos jovens dessa oficina.

Minha memória seria exigida e meu desempenho seria um grande desafio, pois, facilmente, apagavam-se em mim os conteúdos a serem explicados. O velho em mim dizia do perigo de enfrentar um grupo de meninas do projeto. Por outro lado, não poderia fugir ao compromisso. Aliás, tarefa que caberia a um colega, mas sofrera queda, ferindo seu pé historicamente fragilizado. Ele era doutor no assunto, mas como eu carregava meus desvelos pelo assunto, encorajei-me em dizer minhas palavras começando por três grandes itens: por que escrever? Como escrever bem? O que escrever?

Para finalizar, exemplificarei com o livro alguns exemplos a serem dados às ouvintes: *Menino sem botas*.

Por certo, meu temor diante do desafio em provocar as meninas a serem escritoras tinha tudo a ver com o sonho onde um herói jovem, ainda que de óculos, pedia que eu comprasse a briga com ele. As meninas, no sonho, vestiam-se num valentão. Venci o medo no sonho, mas o resultado efetivo diante delas ainda não sei. Grande coisa não foi. Meninos, digam a todos: enfrentei o valentão!

Pareceu-me sem grande euforia ter sido inferior ao pretendido. Alegrou-me, porém, o que a coordenadora falou: elas gostaram de ti. Desconfio da percepção das meninas. Ao passar longamente pela vida, pode-se dizer da qualidade das observações e das experiências. As meninas viram pouco, pois ainda mal nelas se contém o alfabeto. Mas, creio na bondade de suas observações. Alegrou-me muito de algumas delas terem lido o livro *Menino sem botas*. Quando menino era assim, sem calçado, e agora, envelhecido, minhas botas já estão gastas.

### *Colonos cantam*

Mandaram-me o endereço de uma vila de Santo Cristo, Bom Princípio Baixo. A origem do coral está em mostrar não somente um sentido religioso de um lugar, mas a situação em que os cantores se encontravam e o lugar onde estavam. As invocações, os louvores, as



atribuições concedidas a ela mostram um conjunto de crenças, de poesias, em busca de louvor, de poder, buscando, acima de tudo, gratidão, proteção e fé no poder dela. Assim, estariam, a começar pelo nome, protegidos e consolados diante das dores e da morte.

Buscavam proteção em razão da realidade social na qual se encontravam: sem orientação agrícola, sem atendimento médico. Assim, vamos a um conjunto de atribuições à grandeza de Nossa Senhora, Mãe de Deus, e daquela comunidade. Por tais poderes invocados, seus pedidos não poderiam ser negados. Seus cantos eram uma súplica, como um louvor. Mãe divina e protetora, uma deusa poderosa, resolveria, àqueles colonos das divisas com Argentina, suas limitações. Somente muita sorte garantiria o bem-estar e a saúde. Medianeira, diante das agressões da sorte, voltei sobre nós o vosso olhar: *mein Hertz ist mit dir.*

*Mãe do eterno encanto,  
queira meu canto escutar!*

*Mais formosa que uma estrela  
nos encanta teu clarão.*

*Virgem sempre imaculada  
desde a tua conceição,*

*só tu foste preservada da geral condenação.*

Nas asas da fé, sobem aos céus e cantam mais:

*Vosso olhar a nós voltei!*

*Vossos filhos protegei!*

*Ó Maria, ó Maria,*

*Mais que a aurora, sois formosa,*

*Mais que o sol, resplandeceis!*

E louvam a rainha como os romanos louvavam os reis.

Buscam um sonho para além do cotidiano.

## *Do nascimento de um amor*

Posso não ser um grande cronista, mas se atravessou uma história de amor que não dá para calar. Tenho uma amiga de muita sorte, amiga também de minha mulher. O primeiro marido dela era uma admirável pessoa. Peleou muito medicina afora, mas um vírus de outras eras levou meu amigo para outras paragens. Doeu-nos demais vê-la solitária.

Deus esteve ao seu lado. Encontrou um novo senhor, dizia-se, de um tamanho perfeito para companheiro. Fiquei contente, mas estava curioso por saber do seu feitio humano. Minha mulher convidou a amiga e seu novo companheiro para uma janta. Desejávamos que fosse aprovado em amor e grandeza. Ela era bem conhecida da minha casa e bem carente de impressões dos outros sobre o seu novo Romeu. A amiga, dita semelhante à Julieta, não se matou, pois a vida lhe chamava com grande intensidade.

Vieram os dois para uma janta. De presente, ele trouxe um café. E que café! Uma noite abençoada, assim esperávamos. E ela: que fôssemos aprovar o homem que havia escolhido. Não seria para menos a nossa sincera opinião, pois olharíamos com espírito crítico aquele que veio para sossegar seu coração. Não seria qualquer Romeu, ainda que fosse dos Montecchios, para dar conta do amor e que fosse mais alegre que a estrela matutina. Seria ele capaz de animar a amiga em amor bem feito?

A palavra e os fatos são meios pelos quais se divulga não somente o conhecimento, mas também a ternura, o respeito e as relações humanas. Tudo se revela pela boa palavra. E a noite foi revelando o tamanho humano de quem pretendia dar conta da vida amorosa de nossa amiga.

E, para saber de um homem, tudo se revela nas linhas e nas entrelinhas de quem fala sobre sua história. De pouco adianta dizer que alguém é confiável, ou bom, se suas ações não comprovarem. Por isso, ouvi dele a sua história. Ouvi de sua travessia tanto em sua família de origem como daquela constituída por ele, onde agora se encontrava

sem companhia. Em tudo, apresentava-se um homem merecedor de aprovação para conviver em companhia de nossa amiga. Uma verdadeira saga foi nos contada ao narrar de sua infância e das lutas para ser na profissão, na convivência social e no jeito de estar com seus filhos. Mostrou-se um belo tamanho humano no jeito de ser pai, avô, admirável cidadão e na forma de ser em sua empresa. Estava aprovado! Poderia ser o bom companheiro para nossa amiga. O início da nova caminhada afetiva de nossa amiga revela-se em bons augúrios. A Solange e eu ficamos contentes por saber quem era o namorado de nossa amiga. Todavia, parece que a luz brilhou por pouco tempo. Se foi um raio de luz de uma estrela distante.

### *Obrigado, corrente!*

Convidaram-me para participar das festividades dos 30 anos de instalação do ensino superior no Sal do Piauí. Agradeço a lembrança de minha participação nos esforços realizados em favor de Corrente. Foi me solicitado um discurso. Mostrei o tamanho da minha participação, de meus colegas e da UPF na criação do ensino superior em Corrente. O tempo apaga os personagens primeiros, ficando deles a pouca lembrança. Sinto-me premiado pela história em ter aceito o desafio de iniciar o ensino superior com apoio de amigos da UPF e de Corrente.

Mal se havia iniciado a aceitação, surgiram decisivos o apoio e a coragem da UPF, do deputado Jesualdo Cavalcanti e do professor João Rocha. A execução de um sonho foi mérito desses eméritos personagens e de muitas pessoas cheias de esperança. Os cursos de Pedagogia e de Agronomia sonharam junto. Grandes companheiros!

Minha alegria, embora tardia, é considerável. De uma visita sem destino até as terras daquele estado, restou uma atividade muito importante: de um desejo em conhecer Corrente, conseguimos ajudar num caminho de futuro para tantos professores e jovens daquela região. Reuni-me a pessoas de Passo Fundo a serem mediadores e pio-

neiros de Corrente. Nasceu, então, uma auspiciosa iniciativa. Ainda me admiro da vontade e das ideias vigorosas vindas de Jesualdo e da presteza da organização atenta de João. Reunindo o apoio do ministro da educação nascido no Piauí, as ações iniciais foram oportunas. No meio do sertão, nasceu o que parecia impossível. De uma experiência comunitária, nasceu uma Universidade Estadual. Imagino os esforços entre o caminho de uma Universidade Comunitária para a formatação de uma Universidade Estadual. Parabéns aos navegadores. Passo Fundo iluminou um caminho para se fazer uma universidade: de Passo Fundo e de Corrente vieram as gentes corajosas para dar forma a um sonho tão desejado. Pois é verdade: “de muitos paus se faz uma canoa”. Assim é que se navega: pelo saber, da força e da união dos navegadores, não importando suas origens. Sinto-me abençoado por Corrente.

### *Entre dores*

Augusto Gil sente-se ferido ao ver uma criança passando frio ao caminhar na neve. Começa assim sua poesia *Balada da Neve*:

*Batem leve levemente  
Como quem chama por mim  
.....  
Será chuva será vento?  
Vento não é certamente  
E a chuva não bate assim.*

Meu Deus, era uma criança!

*Quem já é pecador  
Sofra tormentos, enfim  
Mas as crianças, Senhor?!  
Cai neve na natureza  
E cai no meu coração*

Bem mais triste que Gil me senti ao saber da morte da filha do amigo Carlos.

Veio-nos a maldição de nosso tempo: vírus matadores levavam adultos amigos meus. Todos já de larga vida, mas nenhuma criança, meu Deus! Havia velado, ainda que em distâncias longas, tanta gente, em tempos e lugares diferentes.

Mas meu amigo Carlos ficou perdido, sem sua pequena companhia: a filha tão querida. Sei um pouco dessa dor por ter sentido a perda de dois sobrinhos a quem cuidei com carinho em minha casa e eram jovens. Mas uma pequena filha perdida deixa um pai sem ar. Nela se espelhavam o sentido do horizonte e a ternura dos dias. Ainda assim, existem alguns paus no rio da vida para nossa salvação. Mas na margem em que se fica o ar é pouco. Sei dessa dor por muitos dias. Um peito de pai não merece dores tão fundas e por cuidados agora sem destino. Um vazio de sentimentos é que fica o peito de quem ama intensamente quando se vai a quem se tinha em tanta ternura. Amigo, Deus de nossas vidas, casa do infinito amor, possa abrigar a tua dor.

Meu abraço, sei que é pouco. É o que tenho! Estou contigo, com todo coração!

### *Minha memória*

Minha memória já não corresponde o quanto correspondia. Acho-me entristecido por não mais guardar facilmente os nomes de gente muito querida. O que mais fiz na vida foi dizer diariamente, aos milhares, os nomes de meus alunos. E sabia lembrá-los em hora oportuna. Agora, os nomes dos amigos íntimos se vão, como as Pombas de Raimundo Correia:



Também dos corações onde abotoam  
Os sonhos, um a um, céleres voam,  
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,  
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,  
E eles aos corações não voltam mais.

Imitando Raimundo, eu digo:

Da memória ao lusco fusco do entardecer  
Lembro os amigos de algumas aventuras  
Mas seus nomes já não voltam mais.

O que me resta é brincar, como agora, das palavras havidas e das aventuras tidas. Ainda assim, como as pombas lembram Raimundo, retornam as lembranças e de outros voos mais. Por outro lado, a intensidade afetiva parece recobrar-se em desvelos, seja ao viver mais intensamente o que se foi, e nada posso perder quando de novas pombas se reveste minha casa. Somam-se as histórias de minhas filhas com seus ninhos e novas pombas começam a voar, trazendo tantas novidades de seus dias e de suas noites. Já não careço de tanta gente para ver de perto os encantos dos dias e os sonhos de minha gente.

Apagam-se os nomes da memória, mas ficam os sonhos já voados e outros, ainda que de menor densidade, tendo-se, ainda bem, redobradas as formas de ser. A alma, mais que vista por Raimundo em suas pombas, embora de memória perecida, descobre outras formas de voar, mais enternecidas. Os tempos já não voltam mais tão livremente, mas produzem formas querendo superar as pombas de Raimundo.

Ainda que seus nomes se percam na distância, ficam outras formas de voar, ainda que de poucos companheiros.

## *De um limão, uma limonada*

Uma bela história!

Diz um refrão de minha infância: quando vim da minha terra, trouxe um saco de galinhas, agora que sou grande, o que me sobra são as lembranças minhas. E eu me ria ao citar estas pobres palavras das galinhas.

As penas, entretanto, são leves e me alegro das conquistas. Sirvo-me de velhas lutas, como aquela que me fez correr em Corrente do Piauí. Revejo o esforço destemido de Jesualdo e de Rocha. Dos quatro anos, ficaram represados os sonhos de uma Universidade Comunitária, entretanto, provocou-se um bem-estar enorme ao se ver transformada em Universidade Estadual no sul do Piauí. Voaram as penas das galinhas que pretendíamos voadoras e ficaram outras mais propícias para o lugar e as galinhas mais voadoras.

O que fiz, deixei sem reclamação. Os esforços feitos redundaram em outros sacos cheios de haveres interessantes. As lágrimas derramadas em razão de um sonho perdido podem redundar em outros benefícios, se o perdedor do sonho desejado conseguir rever ou dar outro rumo àquele tão fortemente desejado e perdido.

Vale, então, ver com cuidado algum ponto ou alguma falha do processo, avaliando outros rumos: apreciando o resultado final dos esforços feitos.

Alegro-me com os lutadores e com as lutas feitas. Vendo hoje, fico a pensar melhor sobre o sonho feito. Se aí se compusesse uma Universidade Comunitária, haveria espaço para pobre gente buscar o sonho universitário? Não foi melhor rever a direção desejada?

Sinto-me feliz por querer imitar em Corrente o que aqui em Passo Fundo se fez, mas, por certo, a comunidade melhor se teve com o prêmio de uma Universidade Estadual.

Conto-me por feliz em contribuir na realização de um passo e nele encontrei amigos que lembram do velho sonho semelhante daquele que trazia um saco de galinhas. Destas, tivemos sorte. Outras mais ainda teremos. Olhei na internet, depois de 30 anos, sobre esta querida Universidade e pasmei contente de ver toda a extensão do bem que foi realizado. Muito mais houve do que havia sido imaginado.

### *Homenagem aos que partiram*

Sinto-me profundamente agradecido ao escrever um breve panegírico aos que já partiram, dizendo o que em Termópilas foi dito e, agora, frente ao prédio do Ensino Superior do Sul do Piauí, em semelhança pode ser dito: por este lugar combateram, um dia, os cidadãos de Passo Fundo e Corrente: Jesualdo Cavalcanti e João Rocha, Alcides Guareschi, Irani Clemente Comin e José Ricardo Both.

Cada um deles merece um discurso particular com elogios, em razão dos esforços para melhorar a vida dos Correntinos.

Por certo, é impossível dizer as melhores palavras, em razão de não ter havido suficiente intimidade social para encontrar o melhor do que se possa dizer de cada um deles.

### *Jesualdo Cavalcanti Barros*

Minha admiração, entretanto, não me permite calar, ainda que sejam poucas minhas referências em dizer como aquele que espia o limitado horizonte falando pouco sobre o que pode ser visto. Início com Jesualdo. Ele iniciou tudo com seus melhores esforços, causando grande admiração desde que o conheci. Foram suas as primeiras decisões na implantação do ensino superior em Corrente. Não poupou energias para que a Universidade de Passo Fundo (UPF) fizesse todos os esforços para ter os melhores resultados na contemplação do ensino superior em sua região. Solicitou que me comprometesse com o ministro da educação, Hugo Napoleão, a encaminhar pela UPF a educação

do ensino superior em Corrente. Reafirmei, com o Reitor, a vontade de a UPF apoiar as pretensões de sua terra para a implantação do ensino superior aos jovens daquela região.

Tive o grande prazer em paraninfar uma das turmas de Pedagogia, tendo sua nobre presença a ilustrar aquela noite. Foi Jesualdo quem fez a grande mediação para financiar a construção dos espaços universitários onde hoje está constituída a Universidade Estadual de Corrente. Senti muito de perto sua insistência a que nada pudesse falhar, principalmente na construção do prédio, na formação dos professores e nas instalações todas da futura universidade. Em toda a sua supervisão, sentia seu zelo e suas exigências. Apressava o mais que podia em solucionar quando surgisse alguma dificuldade. Não sossegava enquanto não se solucionasse qualquer problema.

### *João Rocha Mascarenhas*

Com muita dor senti a perda do exímio coordenador e amigo João Rocha. Sei, particularmente, das muitas dificuldades e do quanto lutava para a implantação do ensino superior em Corrente. Muitas reuniões iniciais foram feitas para traçar as estratégias de encaminhamento dessa iniciativa. Sob o apoio de Jesualdo, da Universidade de Passo Fundo (UPF) e do João Rocha, organizaram-se estratégias à semelhança da criação da UPF. Os esforços foram grandes, mas, com a habilidade de João, conseguiu-se fomentar os caminhos para se formalizar a infraestrutura financeira, humana e material para a nova instituição. Preocupação fundamental para João foi a preparação dos recursos humanos em constante integração com a UPF. Lembro de uma das vindas dele para finalizar os detalhes para uma universidade comunitária. Em diversas reuniões com a Faculdade de Educação e a Faculdade de Agronomia, estratégias importantes foram traçadas, com apoio da Reitoria. João teve que enfrentar os frios do Sul, e ainda tenho viva a figura dele ao sair do hotel vestindo um casaco de pouca

proteção. Ofereci-lhe um casacão de inverno. Ele, gentilmente, agradeceu e perguntou: *o ônibus a Porto Alegre tem ar condicionado?* Respondi positivamente. *Depois estarei protegido no avião,* completou. Lá se foi ele com seu sonho a ser realizado. Sei ainda das muitas visitas a Teresina, para assumir a nova responsabilidade em resposta a uma nova e mais conveniente proposição: a criação de uma Universidade Estadual em Corrente. Entre muitas idas e vindas, formalizou-se uma nova instituição com base nos fundamentes físicos e universitários conquistados a partir da inspiração e da organização de uma universidade comunitária. Pois bem, João conseguiu para Corrente o que Padre Alcides não conquistara em seus esforços para Passo Fundo: uma Universidade Estadual. João partiu, mas sua conquista sempre será lembrada.

### *Padre Éldo Alcides Guareschi*

Mais intensa ainda foi a minha proximidade institucional com Padre Alcides. Louvo, sem temor de erro, a figura deste educador como um dos pilares da educação superior comunitária do Brasil. Convivi com ele na administração superior e sei de sua ação para demonstrar a natureza pública das instituições comunitárias, similares àquela que dirigia com tanto zelo. Sei de sua generosidade e sua criatividade no âmbito institucional. Sei de seu caráter fiel à Igreja e à educação superior. Com seu apoio, renovamos, para melhor, o perfil institucional. De uma universidade sem pesquisa, ela passou a formar inúmeros doutores para institucionalizar mestrados e doutorados. Era um visionário, pois, no Brasil, passou por ele o reconhecimento de natureza pública das universidades comunitárias. Sei de sua resistência diante das dificuldades. Ele soube como fazer de uma instituição universitária, sem o devido reconhecimento, uma universidade superior a qualquer interesse particular. Definitivamente, Padre Éldo Alcides Guareschi fez da Universidade de Passo Fundo uma instituição de natureza pública. Fez de seu ofício de educador um caminho para grandeza de



outras instituições. Foi pilar, em seu sentimento de solidariedade e seu conhecimento através de sua literatura em torno do ensino superior, mormente público-comunitário.

### *Irani Clemente Comin*

O professor Irani Clemente Comin esteve presente em toda a extensão dos estudos e esforços para implantação do ensino superior em Corrente. Sempre cultivou de forma admirável seu espírito de natureza comunitária. Com a formação dos missionários saletinos, encantava a todos pela forma devota com que se dedicava aos cuidados institucionais. Foi presidente da Fundação Universidade de Passo Fundo e do curso de ensino médio dessa instituição. Coordenou o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação e zelou para que fosse dada providência aos livros a serem fundamentais aos professores e aos alunos do curso de Pedagogia da Fespi. Era portador de um talento musical invejável e seu entusiasmo pelas artes traduzia sua sensibilidade humana e artística. Foi o primeiro a oficialmente conhecer Corrente, juntamente com a professora Salete Bona e o Irineu Fiorese, para dar início ao curso de pós-graduação em ensino superior aos futuros professores dos cursos de Pedagogia e Agronomia da Fespi. Que sua voz e sua bondade sejam cultivadas em outros parâmetros.

### *José Ricardo Both*

Convivi com Ricardo em minha casa, em Passo Fundo, pelo período de seis anos. Acompanhei sua formação acadêmica antes e durante sua formação como aluno de Agronomia na UPF. Recebeu bolsa do Ministério da Educação para seu estágio junto ao Laboratório de Solos da UPF.

Minha dor se tornou profunda e foi a mais pungente de todas as mortes até hoje sentidas. Saiu de Passo Fundo com dois sonhos mag-

níficos. Pretendia cultivar arroz em Terras do Piauí e se preparou para coordenar o laboratório de sementes da Fespi. Sentia-se também preparado para ser professor dessa instituição. Acompanhei, ainda que à distância, sua integração com a comunidade de Corrente e principalmente com os futuros professores da Fespi. Seu sonho e primeiros esforços acabaram no acidente da estrada principal entre Corrente e o rio Gurgueia. Sobraram lágrimas e saudades.

### *Canção*

Sinto-me cansado depois de concluir o livro *A UPF e a criação da Universidade Estadual no sul do Piauí*. Ou será o desgaste físico, porque andei em diversos dias em pressão alta e uma constipação intestinal? A velhice tem disto: o que se fazia lepidamente, agora vira um tumulto de forças. Dia 27 de maio de 2023, vou fazer tomografia dinâmica de aorta e coronárias. Vou ver de perto como ELE anda de forças. Cheguei a 24/6 anteontem e hoje em 9/5 de pressão arterial. Por certo, algo anda mal, mas vou ver de perto meus líquidos e os músculos principais. A morte se anuncia, mas não vou me entregar desprevenido.

Seriam as dores sentidas pelos amigos que se foram em torno dos esforços da Fespi?

*Sinto-me profundamente agradecido e triste ao escrever um breve panegírico aos que já partiram, dizendo o que em Termópilas foi dito: aqui morreram soldados lutando.*

Safei-me de ameaças anteriores em torno do coração. Agora, espero não ir embora *asi no más*. Ou será que ando como o *gran caballero de Cervantes*, andando abatido ou depressivo por sentir que as melhores pelepas se esgotaram. Mandaram o sonhador para casa em companhia do silêncio, de ovelhas e de sua Teresona. As pelepas contra castelos se esgotaram. Ou meu corpo fenece porque se esgotaram meus castelos acadêmicos?

Vou me aparelhar novamente e me animar no meu projeto de escritor. Vou encontrar o caminho de vendedor de ideias e fatos, mas poucos andam ainda de livros físicos. Ou serei exatamente como Sancho, acompanhando um sonhador sem destino? *Pero que si, pero que no*, hei de seguir procurando, com um amigo da Academia de Letras, alguns escritores perdidos em Passo Fundo!

### *Bons sentimentos em bons movimentos*

Certos momentos se movem no contentamento de lembrar eventos passados. Não traduzem totalmente a realidade passada, mas deles provém a certeza de convivemos de maneira satisfatória. Podem até nos levar ainda a outras ações pelo reconhecimento das próprias palavras. A alma, por vezes, parece ser uma operadora de uma máquina de representação na qual ela mesma se reconstitui. Na medida das cenas rememoradas, nós mesmos nos renovamos. Vamo-nos reconstituindo naquilo que fomos e nos animamos para produzir ações pelas quais aumentamos o poder de nossa existência. Semelhante a uma roda de moinho em que as águas do rio preenchem os caixilhos e, nessa medida, outros caixilhos vão vindo, fazendo a roda se mover e, em seu movimento, movendo a pedra, fazendo-a moer o trigo, que, por sua vez, logo ali, um menino carrega a farinha, oferecendo a possibilidade de o pão alimentar as bocas famintas, à semelhança das águas fazendo a roda mover a pedra e o moinheiro. Assim sendo, andamos em semelhança ao rio, hora na roda, hora na pedra, hora no moinheiro, hora no menino levando a farinha, hora na mãe que alimenta, hora nos comedores, e assim vamos fortes a nossos destinos, empurrados pelas águas da vida, conforme o destino de fazer a farinha para fazer o pão do qual outros se alimentam. De todos os agentes, ainda prefiro ser o menino pescando no rio louco para pegar os peixes do poço onde nadam no rio antes que a água se torne o canal da água, alimentando a roda a repetir seu ofício de tocar o moinho. Fico, agora, moendo

palavras e meus sentimentos, sem grande destino, semelhantes aos do menino pescando no rio.

### *Em quais campos andamos?*

Alguns dias aziagos, nos quais se anda de teto baixo, metem-nos no alforje antes da hora. Fazem lembrar Sancho, dizendo a Dom Quixote:

*Não morra vosmecê, meu amo, mas tome meu conselho e viva muitos anos. A maior loucura que um homem pode fazer nesta vida é deixar-se morrer, sem mais nem menos, sem que ninguém o mate, nem deem cabo dele outras mãos que não as da melancolia. Olhe, não seja preguiçoso: levante desta cama e vamo-nos ao campo vestidos de pastores, como temos acertado.*

Tudo em semelhança às palavras de Bertrand Russel:

*Um atrás do outro, à medida que avançam, nossos amigos se afastam de nossa vista, apanhados pelas ordens silenciosas da morte onipotente. Muito breve é o lapso durante o qual podemos ajudá-los, em que se decide a sua felicidade ou sua miséria. Oxalá, nos caiba derramar luz solar em seus caminhos, iluminar suas penas com o bálsamo da simpatia, dar-lhes a pura alegria de um afeto que nunca se cansa, fortalecer o ânimo que desfalece, inspirar fé em horas de desesperança. Completo com More... e nenhuma virtude é tão própria como esta – suavizar o mais possível as penas dos outros, fazer desaparecer a tristeza, devolver a alegria de viver, ou seja o prazer.*

De nada adiantaram os discursos de Sancho, ditos por conta própria ou imitando quem quer que seja. Depois que Quixote conviveu com a aventura entre moinhos e lutas, entre castelos e reis, entre o possível e o impossível, ele não suportou ter perdido a luta com o cavaleiro das Sete Luas. Teve a péssima sorte de voltar para o campo e conviver com formigas e ovelhas. Por melhor que lhe amasse sua Teresona, ele

ficou de alma avassalada pela indiferença, e disso veio a entregar sua alma ao Senhor.

Assim, por vezes, ficamos, ainda que ponhamos remédios bocas abaixo, nós, então, tornamo-nos em semelhança a Quixote. Podemos resistir e viver em nossa pequena aldeia, tendo contentamento em pequenas coisas, ainda que sumidas a importância e a representação. Alguns são mais perspicazes e sortudos, perseguem algumas ações das quais retiram um pouco mais de reconhecimento, medindo assim sua importância.

### *Sonhos em questão*

Tive um sonho estranho: uma nação de gente muito diferente. Todos completamente deformados e muito feios, todavia, muito religiosos. Confessavam um Deus vingador e por Ele se dirigiam no mundo. Um mandamento os assolava: o desejo de serem reconhecidos em razão de virtudes praticadas. Temiam uns aos outros de forma muito perigosa. Dividiam entre si as vestes dos outros e jamais vestiam as próprias, pois diziam ser crime ter carinho por si mesmo. Desconfiavam até da própria sombra, tamanha era a educação opressiva com a qual aprenderam a viver. Penalizei-me muito das faces deformadas, pois ninguém cuidava de si. Nem as mulheres privavam do cuidado próprio. Uma angústia muito grande começou a se apossar de mim por saber da irreverência que tinham por si mesmos e do medo uns dos outros. Uma educação fortemente avassaladora fazia com que temessem a humanidade que possuíam. Cresciam entre ódios e rabugices. A alegria parecia-lhes proibida como pecado original. Despertei e, ainda assim, estava impregnado de gente deformada, causando rancor ou indiferença uns aos outros. Pareciam tribos primevas, onde nada os aliviava da dor. Brinquei comigo, então já desperto: e como nós nos vemos em nosso cotidiano? Percebi não haver muita diferença, pois a maioria estava cerceada por seus preconceitos políticos, parecendo mais importante a crença sobre as formas de conduzir a sociedade do que o valor próprio de cada vi-



vente. Em tudo havia uma deformação do espírito, pois tudo era visto sob o prisma calcado por sua fé na condução da sociedade. Calei-me então. Fiz, porém, um propósito de não me contaminar pela obsessão da fé nos extremos de ser ou conduzir meus pensamentos sobre o melhor jeito da minha sociedade. Olharia com prudência sobre a política, preferindo a importância dos viventes: cada um merecesse seu espaço na medida de seu merecimento, tornando melhor a sociedade na qual viviam.

### *Acabei de ficar contente*

Li os poemas de Manoel de Barros e me conformei com horas de escrituras que me conduzem; e bem mais do que aquelas nas quais se diz vivermos de grande produção. Como ele: *eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal é maior que o mundo. Sou apanhador de desperdícios. Prezo insetos mais que aviões.*

No dia de hoje e de manhã, vou prezar intensamente os parentes que chegaram e ajudar os alunos da Academia. Pelo momento, consigo enviar com a Solange o presente de aniversário do Henrique. Depois, vou comprar pão. Ainda vou espiar os quatro temas para as alunas do projeto desenvolvendo talentos NOSSA CASA; NOSSA ESCOLA; NOSSA ACADEMIA, E NÓS MESMOS.

Vou espiar o livro da Fernanda, a ver se consigo abordar alguns temas de minha infância citados por ela. Dirão alguns: irrelevâncias para a vida. Mas, de momento, é o que tenho. Não posso esquecer o quanto me doeram os olhos de minha neta Antonela. Mostravam-se cansados como se tivesse carregando distâncias, e era apenas uma gripe forte. Animava-se ainda assim com sua motoca.

Volto no tempo. Disputaria com ela mostrando minha bicicleta de madeira. Foram lágrimas que convenceram minha mãe a me dar dois pilas para comprar o pequeno veículo do Canísio. De fato, no momento em que enviava os pilas da Solange para o Henrique, revejo meu bom ânimo

ao meio dessas coisinhas presentes e passadas. E como a seguir vieram coisas ainda menores, pensei em poupar o sofrimento do teclado a meu serviço. Por certo, dirão se não tenho coisas maiores com que me ocupar?

Eu direi: são minhas no momento; nada mais importante que estar fortemente ocupado com elas. Se o poeta Manuel de Barros andou se ocupando com quintais e passarinhos, tenho mais que fazer do que ele ao falar de meu neto Henrique e com a Antonela. Ela tem um pulmão muito frágil e, faz pouco, teve uma perigosa infecção urinária. Hoje são esses meus objetos de preocupação para oferecer ao meu coração. Faz dois dias que andou acelerado e minha pressão de artérias de pouca resistência. De fato, muito pequenas e preocupadas são minhas lembranças, meus deveres e minhas intenções. Que me agüente bem, com as meninas do projeto despertando talentos na Academia. Que Deus seja mais forte no frágil corpo de minha pequena. Que amanhã minhas alunas, orientadas pela professora Dilse, escrevam bem e possam falar com clareza sobre o que as moverá a viver.

### *Sonhos*

Despertei-me admirado de um sonho. Encontrei um amigo cantor. Ele queria ser bem visto em seu canto e se foi a cantar em boates, a ver se conseguisse muitos e muitas fãs. Queria impor seus desejos e aí fazer suas relações sociais, envolto em admiração. Admirou-se de suas primeiras conquistas, voltando a ver se a noite pudesse mostrar um pouco de brilho em torno de si mesmo. Voltou e descobriu que já fizera 8 fãs. O oito invertido pode ser visto como o infinito. Via nele o sucesso da BSBIOS sendo reformulada para com o símbolo do infinito. Pareceu-me como Borges dizendo de Sócrates querer a morte para frequentar de vez o infinito.

Eu curtia o sucesso de meu amigo desconhecido e vi, então, um outro cantor querendo usufruir do mesmo sucesso, mas era tão tímido a ponto de fazer que outro cantasse as suas músicas. A seguir me via,

ainda em sonhos, numa velha oficina cheia de parafusos rolados pelo chão. Pensei rapidamente: com estes parafusos, daria para firmar muita coisa estragada. Não menos importante foi encontrar algumas garotas tristes me levando a crer estarem precisando de apoio. Seriam minhas alunas as adolescentes em busca de melhor destino? Meus 81 anos não estavam mais para 18. Via em tudo o desejo humano de ir além, enquanto tanta dificuldade se impunha, sobrando parafusos para firmar a sorte do destino a ser revelado entre canções. Despertei com alguma euforia e, antes que a pouca memória me roubasse a ventura do cantor de 8 fãs, vim expor a grata memória ainda nítida dos sonhos. Pensei, enquanto descia para escrever: seria interessante ler para as meninas da Academia o destino de Sócrates segundo Jorge Luiz Borges?

### *Varda que note!*

O cotidiano costuma repetir-se quando a vida nos oferece as mesmas condições. Somente em sonhos um pobre anunciará ter sonhado com castelos. Em semelhança à realidade dos pobres, acontece também no futebol. Baseado em fatos é que afirmo o que falo. Ontem à noite, assisti ao futebol do Internacional, que, sem dinheiro para conseguir qualquer aquisição em busca de bons jogadores, formou um time de meia boca. De consolo aos colorados, sobra a melhora na saúde dos seminovos Aranguis e Gabriel. Para pôr esperança a salvo, vamos trazer para o segundo semestre um excelente jogador das arábias, o Ennner Valencia. Enquanto isso, os torcedores ficam roendo unhas, esperando que o time não caia para a segunda divisão. E o que me dói é ver o Grêmio ter um jogador de fama mundial empilhando gols à pamparra. E não é do bolso do Grêmio: dois torcedores azuis pagam dois terços de seu salário. Os gremistas ficam se mordendo, como os colorados, por ver as façanhas adversárias de Rio e São Paulo, ainda que de façanha tenha muito pouco.

Estou me mordendo de inveja dos melhores times, vendo o meu perder para o América de Minas Tristezas Gerais, cujo futebol vale pouco; até agora, em cinco jogos, consegui, pelo campeonato nacional, a sumir, 1 ponto. Falo quebrado, imitando meu time. E que jogo!? Depois de 20 minutos de minhas feras em campo, começa um *miserere mei Deus* de futebol. Ficam cansados os meus jogadores. A desculpa da chefia colorada é: *não temos preparador físico!* Vejam se é possssível??!! Dois jogadores expulsos por faltas! Pior desta noite: o jogo deveria ser pago. Comi em seco e ouvi, com dó, até quase desfalecer, duas vezes, o narrador gritando GOOOOOOOLLLLLL!!! Não ouço mais futebol no radinho de minha sogra, que é gremista. Queria ver o meu time feito um leão, mas assisti um coelho comendo um ratinho como se fosse capim. Imito Casemiro, saudoso de sua mãe, e eu do meu time. Então, eu digo em consolo: Ó, que saudades que eu tenho! Mas hoje, 26 de junho de 2023, um mês depois, revejo meus conceitos, estamos indo bem no campeonato. Louvado seja o Alemão fazendo um belo gol, dando ao Inter uma sofrida vitória contra o América, morador da zona de rebaixamento. O que me incomoda é, mal o time começar a andar, já estão olhando a possibilidade de vender um bom jogador para melhorar a folha. Pobreza é assim: mal arruma-se a folha de uma janela, o vento leva a outra. Mas brincar é preciso, viver não tem a mesma precisão.

Sentado sozinho com a face na mão,  
Suspiro e soluço pelo time que havia!  
Eu guardo no peito imagens faceiras  
Do Paulo, do Elias e do bom Fernandão.

### *Do purgatório de Dante*

Os times do futebol brasileiro, longe de primarem no campo como Manchester City, mostram uma espécie de falência múltipla, principalmente no Rio Grande do Sul, tudo em semelhança às cenas no purgató-

rio de Dante. Explico: até me parece ofensiva a comparação ao gênio do poeta Virgílio com um futebol de times de pouca esperança. Pois assim se passa a cena no purgatório: Dante sabe que é chegada a hora de sair do sofrimento imposto aos pecadores (jogadores) de menor porte. Ele, o grande poeta, poderá sair, pois apresenta as melhores condições para ascender aos céus, onde encontrará sua rainha Beatriz. Deverá deixar seu companheiro quando no céu aponta uma estrela da cor da safira oriental. A cena é sublime para Dante: deverá deixar seu companheiro para trás. Virgílio não apresenta as mesmas condições espirituais do seu amigo italiano. Antes do caminho ao céu, Dante já sabe que seu amigo não apresenta o batismo como ingresso para chegar ao encontro com Deus. Deve permanecer no castelo da segunda divisão: o purgatório.

Aí, Dante faz elogio a Virgílio, até agora guia das estradas difíceis: *Tu, conselheiro; tu, senhor; tu, mestre!* A figura triste de Virgílio se apresenta dolorosa: ele sabe que não irá chegar ao céu, mas poderá frequentar o nobre castelo das ausências. Não verá a Deus, o maior prêmio dado aos privilegiados da primeira divisão. Dante fala dizendo ser Virgílio aquele que não está em condições de ver a Deus. O poeta italiano, ao contrário, tem força superior, será autorizado a vê-lo. Dante sabe que seu companheiro ficará apenas na segunda divisão do nobre castelo; ele sabe que o latino será para sempre um habitante do terrível castelo onde estão os mortos, aqueles que, por dificuldade incontornável, não alcançarão o maior prêmio de ver a Deus no sublime trono dos melhores. Assim estão os personagens futebolísticos no Brasil: os perdedores, ainda que importantes, pois servem aos que ascendem à glória, ficando de lado e afundados na ação de se aperfeiçoarem no purgatório de exercícios, mas sem a força divina, sem esperança. Não sobem com os homens que venceram com maior poder. À semelhança de Virgílio, mostram o caminho da maior grandeza, mas não chegam à glória.



## *Envelhecer tem disso*

Vi minha sogra, debaixo do mau tempo, ao se despedir da filha. Meu concunhado estava feliz em seus cuidados para com minha cunhada. Já vi gente boa e paciente: um santo, este meu concunhado. Tem a hora certa para os medicamentos dele e dela. Também ele, com a mesma sogra que eu, arrostando as dificuldades de memória de sua amada. Vi de perto a dona Fragilidade lado a lado com os dois, nada diferente de todos desta casa. Vieram os dois preparar as festividades do centenário da nossa sogra. O meu cunhado está valente. Impressionaram-me sua paciência e sua dedicação extremosas. Confesso estar devendo e muito para a bondade dele. Vendo a velhice tão de perto, pergunto-me: se uma morte santa e suave não é de um bem maior? Vejo a sogra enrolada em cobertores antes do inverso e minha cunhada sofrida em sua memória. Minha memória anda descontente, mas meu concunhado é um santo. Alegro-me, porém, pelos restos de alegria que se manifestaram em todos, *siamo tuti bene!*

Isto é visto num filme italiano intitulado *Siamo Tutti Bene*, no qual tudo parece uma ironia. O pai vai ver os filhos na capital. Todos apresentam dificuldades severas, entretanto, conseguem mostrar uma face contente, driblando muito bem a verdade. Para quem assiste ao filme, é perceptível uma mulher, a filha, vendendo sua intimidade para sobreviver, um filho vivendo de um emprego mal pago e o outro, de eventuais serviços prestados. Voltando para sua aldeia, o pai narra a grandeza na qual os filhos vivem: como é *bela mia ragazza*. Vi ela com *su moroso molto giovane*. *I bambini tuti, tuti bene*. Não tanto como o pai italiano vendo seus filhos, estou mais tranquilo ao dizer *siamo tuti bene*. Não vou dizer de nossas dificuldades, pois, se disser, poderei atrair algum mal. *Siamo tuti bene*. Nem tanto... mas amamos o que temos, ainda que carregando alguns limites no que somos. Estamos bem melhor que o italiano ao visitar os filhos na cidade grande.

The background features a repeating pattern of various clock faces and gears in shades of gray. The clock faces have different designs, including Roman numerals and Arabic numerals. The gears are of various sizes and are scattered throughout the composition.

# *Crônicas 2022*

## *Manhã de 1º de novembro de 2022*

A Áurea, mulher que trabalha aqui em casa, chegou ruim da cara e aos quase gritos falava: *bem feito praquela desgraçado!* É claro que a péssima votação de Bolsonaro no Nordeste tem explicação!!! O animal chamou o povo nordestino de burro. Mostrei descrença em suas palavras, mas ela reafirmou. Muito burro! Eu vi no Face do meu irmão ele chamando os nordestinos de burros! Lá se foram minhas filosofias de direita se entregando para tal afirmação. Logo me veio a imagem do ladrão guardador de dólares na cueca postado, de pé, atrás de Lula, na festa da aclamação da vitória. Senti-me perdido pela razoável explicação da Áurea em torno da derrota de Bolsonaro. Não existe explicação para tamanha estupidez política. Ele já havia dito despropósitos durante a pandemia, ao designar o Coronavírus como gripezinha, matador pra mais de meio milhão de brasileiros. Eu já me enchia de dúvidas sobre o falastrão que até conseguia segurar a inflação. Seus filhos já punham em dúvida a honestidade familiar. Com essa me caiu o calção, desnudando-me completamente em minha duvidosa convicção de que fosse ele o melhor para presidente. Chamar de burro o povo com meninos bons de matemática foi demais. Aí, dou razão para a raiva nordestina. Mal dá para acreditar, tal irreverência. Por alguma palavra, o maior filósofo pode perder a confiança em seu saber e um político perde completamente o resto de sua autoridade. Agora, vamos seguir um presidente que já encheu os bolsos em rapinagem. Pra que mato devo correr!?

## *Da particular identidade no falar*

Por vezes, ficamos abismados, ou seja, entramos em diferenças profundas ao dizer o que sabemos ou queremos. Pedi a um amigo para aperfeiçoar meu dizer num discurso. Senti-me mal ao ler o texto aperfeiçoado. A perfeição redundou em frases minhas e outras refle-

tiam o pensar e o dizer do meu amigo. Praticamente, podia se dizer que estava aí outro dizer, um discurso diferente. Sofri até ressuscitar minhas palavras, capturando minha identidade literária ao me servir minimizando seu auxílio. Entendi que o meu amigo estivesse cheio de boa vontade ao limpar meu texto, imprimindo seus ares e suas noções, ainda que pertinentes, mas seu jeito de falar dizia de outra identidade literária. Ao final, refiz minhas noções e palavras. Incluí, todavia, sua boa vontade na capacidade de ele tornar meu texto mais vigoroso e consequente.

Assim me vi mais livre ao agradecer em público o benefício do auxílio recebido. Fui invadido em minha privacidade no modo de dizer o texto. Mas, garanto, valeu por me ajudar a ver melhor o que deveria ser dito.

Por certo, também meus amigos padres se sentiram mal quando resolvi fazer de minha vida outro caminho daquele que durante 15 anos fizera com eles.

Provavelmente, no casamento nem sempre coincidem as formas de o casal ver e sentir o mundo. Caberá, então, haver humildade, se ambos quiserem levar adiante o melhor dizer de si mesmos. É claro, contanto que cada qual preserve o principal da sua identidade. Mas se, acaso, nos caminhos os interesses e entendimentos se tornem avessos a um ou ao outro, há de se buscar outra forma de pronunciar a vida com alguém mais do jeito dos insatisfeitos ou até preferir a solidão. Fica aqui meu pobre discurso e desculpa ao amigo por haver diferenças no modo de dizer um determinado evento. Abraço cordial! Que sigamos cada qual com suas palavras para ver e dizer nosso mundo. Que cada qual preserve um pouco de sua glória diante de Deus e dos homens.

## *Palavras do Frei Jobi<sup>9</sup>*

Em discurso às irmãs da Divina Providência

Tapais o corpo em escuras vestes, pois o que conta é o que se tem na alma. Sei de vossos seios inúteis e dos desejos em chama, guardados em recôndito zelo. Ir além da força natural, pondo em vista a divina vontade, é obra de santas, que, penitentes, buscam a perfeição. Ó, céus, dizei-me do que mais precisais para salvar o mundo?

A virgindade, animada pela fé, produz sonhos mais puros que as águas límpidas dos vales. Que digam umas às outras: somos filhas da divina vontade! Somos filhas da divina luz. Somente aquelas, porém, que se alimentarem dos sonhos de Deus poderão segurar em paz a natureza humana. Nas explosões das estrelas, nas fontes, nos pequenos pássaros, nas sementes perdidas, nos suspiros dos aflitos, nos ventos do inverno e nas lembranças fugidias, aí, Deus faz sua morada e aprecia ser encontrado. Que cada um tenha seu abrigo no Senhor.

Mas, minhas filhas, se, acaso, as vestes religiosas ficarem pesadas, rasguem-nas e vão procurar a Deus noutra lugar.

Esse sermão, feito às irmãs pelo Frei Jobi, pouco efeito teve sobre as criaturas em oferenda de si mesmas. Uma a uma, foram as últimas da descendência divina: o mundo foi recolhendo as vocações de outras santas mulheres. Preferiram dobrar-se sobre a realidade do mundo e seus apelos. Escondidas andaram as falecidas na proteção do Senhor, mas o sopro humano, com selvageria e contradições, foi soberano sobre o espírito do tempo, ceifando a santa singularidade de tantas mulheres em oferta de si mesmas para um mundo melhor.

As últimas irmãs salmodiavam em vozes de canto chão: *Todas as coisas apontam para ti Senhor, e todos os teus santos confessam tua grandeza.*

---

<sup>9</sup> *O sofrimento do sonhador*, Projeto Passo Fundo, p. 247.



## *Ao me sentir impróprio*

Em certos dias, a vida se mostra tão fragilizada, a morte parecendo ser a dona de tudo. É só olhar o que ainda acontece na Ucrânia. E, se alguém mostrar que anda de pernas cansadas, ou de cabeça de baixo do mau tempo, não se julgue deprimido, mostrando toda a tristeza, ao pensar que os fortes não podem fracassar. Mas, por escrever coisa tão prosaica, sinto estar de fala um tanto deprimida.

Lembro de um grupo de parentes muito viajados. Viram, num restaurante italiano, um grupo deles comendo massa. Acharam que a conduta de boca estendida até o prato seria o máximo da virtude em refeições de massas. Pior, depois chupavam aquele feixe lépido e sumarento de maneira corajosa, jogando até pingos de gordura sobre o nariz e a roupa. Os vizinhos que se cuidassem! Eu não fazia o mesmo. Repartir os fios longos da massa, levando-os com cuidado à boca, sem o efeito estrepitoso da sucção. Os parentes viajados olharam-me com reprovação, criticando-me ao dizer estar incorrendo em grave erro. Ontem ainda, vi um filme coreano e aí também comiam como meus convidados: chupavam a massa sumarenta. Pelo menos a massa coreana não tinha molho, mas achei o protagonista sem graça, com aqueles fios estendidos até o prato, e ele chupando de cabeça sobre a mesa. O meu lado *liberali* continuará a que reparta os fios com respeito e os leve para a boca com todo o cuidado. Não me sinto mal em contradizer os costumes massíficos de meus parentes, estendendo a boca sobre os pratos. Mas não venham achar que os italianos são mais educados que eu, chupando aquele feixe lépido e sumarento de maneira corajosa, jogando pingos de gordura sobre o nariz e a roupa. E mais, de todos os povos que conheci, acho os italianos os mais mal-educados. Exemplo: numa viagem, estando dentro de um elevador dois italianos fumavam, jogando a fumaça diretamente sobre meu nariz. *Porco cane!*

*Em minhas andanças paroquiais:  
a morte de Pierina<sup>10</sup>*

Ao entrar na casa dela, não havia uma múrmura voz sequer: professora sempre disponível para serviços da igreja e da comunidade. Conversar com ela servia de um aprendizado muito diferente daquele da gente que pontifica. Avaliava as palavras dos outros como consideráveis. Ela sentia o prazer em ouvir. Nela, eu me via melhor. Sem falar, esclarecia minhas dúvidas, deixando-me feliz numa simples conversa. É das pessoas conhecidas pela dignidade. Neste livro, mereceria não somente algumas palavras ou parágrafos, mas um capítulo, talvez todo um livro dedicado a ela. Ela via o que para mim era desconhecido. Apreciava tão largamente a mesma coisa, uma árvore, um vagalume, ou uma pedrinha, como um astrônomo descobrindo uma estrela distante. As letras, para ela, definiam as palavras, conforme me dizia: Deus fez 24 delas para que a gente pudesse pronunciar tudo submetendo-as, humildes, em nossas cabeças. Um dia, por amar tanto a vida, falou: a morte deveria ser composta de palavras desconexas: *schwrtzetodmitscheize*, assim, mais ou menos, a morte deveria ser pronunciada, e não simples como se diz: morte, apenas.

Contei-lhe histórias, também, de quando Sancho era governador. E, ainda, declamei em parte o rouxinol de Keats:

*Não posso ver as flores a meus pés se abrindo,<sup>11</sup>  
Nem o suave aroma que desce das ramagens,  
Mas no escuro umbroso eu sinto defluindo  
O incenso que emana das árvores selvagens...*

Nem ao menos havia chegado às aves de Keats, quando um esgar mostrou a face pronta para ir embora. E se foi. Passei em sua testa,

---

<sup>10</sup> *O sofrimento do sonhador*, p. 247

<sup>11</sup> *O sofrimento do sonhador*, p. 202.

ainda quente, o óleo final, enquanto orava ao Espírito de Luz, se é que carecia de tal intercessão. Caríssimos fiéis, declaro como santa a minha amiga Josilda, com quem privei de momentos espirituais.

Depois desta escrita, dei-me a pensar sobre a importância de homens como padres e pastores, e por que não as mulheres?

### *Leila Teixeira, a escritora*

Estou finalizando a leitura do livro de Leila Teixeira: *Se eu não posso ser quem sou*<sup>12</sup>. Desde o início, é um belo tamanho de mulher, um tamanho muito humano. Que assim seja até o final: que dure muito, dizendo sua verdade, como nesta curta interlocução ao falar em defesa própria, quando o companheiro Claude avisa que estava falando muito, pois era hora de comer o macarrão a ser servido.

O tom dele ao interrompê-la deixou-a puta da cara. No fim, desabafou:

*Parecia o de um colonizador imperialista, ensinando aos povos originários como se portar me salvando da barbárie.*

Alguém da turma tentou melhorar o ambiente:

*Nossa, Geórgia. Que exagero. O Claude não é assim, é um cara muito legal.*

Aí está a autora, mostrando a que veio com seu tamanho humano. E, pelas notas que me sabem, assim ela é, buscando a si mesma.

Nesta mesma tarde, li um texto de meu amigo Aleixo. Também ele ficou chateado ao dizerem que ele é muito ingênuo. Ficou *empu-tecido*, como a Leila em relação ao Claude. Foi ao dicionário buscar entender melhor o sentido da palavra ingênuo. Viu que aí se punha

---

<sup>12</sup> TEIXEIRA, Leila de Souza. *Se eu não posso ser quem sou*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2022.

entre os outros como algum escravo apelas liberto, mal sabendo dos acontecimentos entre os homens livres. Pareceu à Leila, quando a interrupção de sua fala a oprimiu. E, pelo resto da noite, sorriu de um riso forçado. *Como se não encontrasse graça no absurdo.*

Assim ficamos muitas vezes, quando desfazem nossas ideias, ou fazem muito pouco de nossas palavras ou atos. Mania que temos de falar sem muito cuidado, achando que estamos falando grande coisa. *E eu aqui, metendo meu bedelho nas falas de Leila e de Aleixo. Eu respeito, e muito, a ambos em suas palavras libertadoras, os dois escritores, para mim, de excelente tamanho.*

### *Como diz Leila Teixeira*

Ela mostra, em seu livro já citado: *Se eu não posso ser quem sou*<sup>13</sup>, o fato de mandar às favas o jeito de ser que estava levando. Preferiu buscar uma vida de melhor sentido.

A reflexão de Leila vale muito em razão de me mostrar a inutilidade da vida sem um bom destino. Ela nos diz, quando os vínculos são mornos e chatos: vale a pena deixar o jeito de fazer as horas, para buscar uma nova realidade. Ela me ensina o quanto vale ver de perto o meu cotidiano. A leitura me concedeu maior satisfação, a ponto de me encantar, fazendo com que revise o poder das horas de minha casa e de minha convivência fora dela.

Lembro, então, de outra história na qual o sujeito buscava um tesouro. Por muito que andasse, ainda assim não conseguia encontrar seu tesouro. Em sonho, alguém lhe disse que não carecia de andar desesperado de terra em terra à procura de seu tesouro: no terreno de sua casa, havia um tesouro. Na medida de seus esforços, percebeu haver uma terra produtiva e boa para plantio de flores. O seu eirado possuía tamanho suficiente para garantir uma vida boa. E tanto era

---

<sup>13</sup> TEIXEIRA, 2022.

boa sua terra a ponto de erguer andaimes de flores em suportes fechados. De fato, considerou: nós não vemos o mundo como ele é, ele pode ser do tamanho de nossa invenção.

Por certo, Leila não conseguiu ver espaço suficiente para sua liberdade e sua criação, imitando o personagem de Akira Kurusawa no filme *Viver*. Aí, havia um velho cansado de trabalhar num lugar de tarefas repetitivas. Fugiu daquilo que o entristecia, buscando atividades de seu gosto. O velho, antes de morrer, cantava: *A vida é curta, a vida é curta. Apaixonem-se enquanto os lábios tiverem cor!*

O livro de Leila mostra que tudo vale a pena quando se trata de buscar um bom sentido, esteja onde estiver. E lá se foi ela ver mares de todas as cores, buscando torná-los limpos da sujeira dos irresponsáveis.

### *Até chegar ao mar*

Nas despedidas da Leila em relação à sua casa e ao seu trabalho, fico pensando sobre as dificuldades na relação humana em ambos os espaços. Como é difícil aceitar a realidade de alguém semelhante a nós ao compor sua vida em parâmetros diferentes dos nossos. Assim, vi Leila sendo magoada em razão de ninguém de sua casa se conformar ao destino que ela dava a si mesma. Não queria ficar no trabalho burocrático, burocratizando sua vida entre papéis que nada lhe diziam. Lá se foi a Leila, com certa mágoa de sua casa. É difícil uma mãe aceitar uma filha sair de um trabalho seguro para uma aventura cujo destino, incerto, era limpar os mares da sujeira, recebendo por isso uma merreca de dinheiro. Bem que a filha pensava diferente: de que adianta fazer uma vida num lugar se eu não posso ser quem eu sou, disse Leila em seu livro. E lá se foi ela rumo ao desconhecido, apenas confiando na opção de se mover com maior liberdade. *Fora do ambiente familiar... me aproveitei do laboratório proporcionado por meus pais. Nele aprendi a fugir*



*dos debates, a esconder os juízos e as opções que constituíam minha personalidade, e a escapar, não tão machucada, da intolerância alheia.*

Esta atitude cuidadosa Leila também assumia diante das ondas do mar na região de San Ignacio:

*Espero a onda se aproximar... os calcanhares no solo movediço... e, pouco antes de ela explodir sobre minha cabeça, mergulho contra sua base, em um arco que a contorna por baixo, fugindo do golpe duro que me rolaria, engolida pelo redemoinho, em direção à praia.*

Desse jeito, ela lida com as ondas humanas e da natureza... *tomada pela euforia orgulhosa de estar na mais antiga condição humana, a sós sem outra ajuda que não fornecida por meus músculos, olhos, ouvidos, instinto e inteligência. Como é importante não necessariamente ser forte, mas sentir-se forte.*

Fico semelhante aos moradores da aldeia, no filme de Fellini, *Amarcord*, olhando um enorme navio passando ao largo. Somente um cego a perguntar: o que vocês estão vendo? Vejo, em Leila, como se fora um navio que passa tendo direção certa e a inteligência do marujo chefe. *E la nave va...*

### *Uma mulher muito amável*

O livro de Leila de Souza Teixeira<sup>14</sup> me comoveu e me faz mover melhor. Por certo, desejo ter a graça de seu espírito. Guardo certas impressões de sua quase autobiografia, tão pessoais e intrigantes: não posso deixar de dizer que me sinto mais humano com ela. Não posso negar suas palavras de particular constituição, a ponto de me sentir também mais bem constituído, pois somos feitos de palavras dadas pela cultura: aí, então, Leila nos imprime jeitos magníficos de ver, sentir e ser. Ela me revela particularidades tão pessoais e tão universais,

---

<sup>14</sup> TEIXEIRA, 2022.

mas é assim que se dá a humanidade: buscar o que faz melhor e mais belo o ser em constituição. Uma das ideias me comoveu: Leila, você fala de alguns termos, mercado, dólar, bolsa, economia, política, como se fossem entes poderosos comandando o mundo; capazes de constituir a realidade principal e merecedora do sacrifício de comunidades, *como se a estes entes devêssemos a evolução da espécie e o milagre da vida do planeta*. De fato, é de chorar!

Adiante, Leila<sup>15</sup> mostra decepção para consigo mesma:

*Quando meu pedido de licença não remunerada foi negado, me invadiu um desapontamento similar aos de todas as vezes nos quais o bolão dos colegas falhou: a tristeza de enxergar os sopros gélidos da realidade empurrando os sonhos para longe, misturada à raiva de mim mesma por ter depositado esperanças em algo tão improvável.*

A bem da verdade, nossa escritora revela-se buscadora de sonhos. Sua natureza parece ser angelical e até ingênua, enquanto a realidade é de outra natureza.

Vale, sobretudo, seu espírito em transcendências magníficas.

### *Moringue*

A Revolução Farroupilha aproximava-se de seu fim, sendo a paz negociada entre os líderes.

Na madrugada de 14 de novembro de 1944, Moringue, um soldado do império, de nome Chico Pedro, percebe uma oportunidade de mostrar sua esperteza e ataca o acampamento farroupilha, tomando de surpresa os seus chefes. Enquanto isso, Canabarro vai visitar sua amante durante o acerto entre os poderes litigantes. Moringue, dizendo ter autoridade de Lima e Silva, prende mais de 300 soldados farroupilhas com 30 oficiais; mata ainda 100 negros que se haviam

---

<sup>15</sup> TEIXEIRA, 2022, p. 176.

sem suas lanças. Muita fala se fez acusando-se Canabarro de ser o chefe responsável pela matança dos escravos. Entretanto, ele negava tal conduta. Moringue fica inocentado. Todavia, a acusação do massacre dos negros persiste entre os dois. O fato, porém, é que Canabarro foi a julgamento, mas, pela protelação, acabou morrendo sem a efetiva condenação.

Parece, porém, ao se avaliar as malandragens de Chico Pedro, Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, nada de estranhar a sua malévola esperteza na morte dos negros em Porongos.

Sirvo-me do e-book de José Iran Ribeiro: *As “Sorpresas” de Chico Pedro, as astúcias de Moringue*: Francisco Pedro de Abreu, o barão de Jacuí<sup>16</sup>, para dizer o que segue:

*Pelos diversos relatos de que dispomos, os principais recursos de Chico Pedro foram sua estratégia de guerra, suas movimentações, as surpresas das ações, os rápidos deslocamentos entre os matos, pelos rios, a cavalo, alternando agilidade e paciência pelo melhor momento.*

*Em 1838, portanto, nos anos iniciais da guerra, solicitou à presidência da província a construção de uma barca maior, em que coubessem ao menos 100 homens e os respectivos cavalos para os deslocamentos. Assim foi ele, embarcado em sua valentia, buscar a cavalhada deixada pelo rebelde general Neto.*

Pareceu-me, por toda a descrição feita por Ribeiro, ser Moringue o responsável pela matança dos 100 negros em Porongos. O livro inteiro revela o quanto Moringue era indócil aos preceitos normais de guerra. Por tudo que é dito das valentias de Chico Pedro, o soldado

---

<sup>16</sup> RIBEIRO, José Iran. *As “Sorpresas” de Chico Pedro, as astúcias de Moringue*: Francisco Pedro de Abreu, o barão de Jacuí. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2021. Disponível em: <https://oikoseditora.com.br/files/As%20sorpresas%20de%20Chico%20Pedro%20-%20E-book.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

e aventureiro, nada estranharia se a verdade fosse dizer ter sido Moringue o responsável pela ignóbil matança dos negros junto ao arroio dos Porongos.

### *Começou no 20 de setembro*

Tristes pensamentos se somam ao lembrar a revolução de 20 de setembro de 1835 ao dia 1º de março de 1845. Dez anos de sonhos perdidos! Causa espanto analisar um sonho de um povo, cujo resultado é feito em tantas decepções: caíram por terra o sonho da independência gaúcha e a libertação dos negros lutadores. Sobrou alguma vantagem aos estancieiros. E o que foi a morte de Onofre Pires, ferido de morte por Bento Gonçalves? As razões não são claras, mas se sabe que o sabre de Bento feriu Onofre. Este não resistiu à infecção do talho. O chefe matando um seu guerreiro por disputas bestas! Acabou-se o ânimo das lutas para fazerem do Rio Grande uma pátria. Aos negros, da liberdade prometida, nada sobrou: *que comam das mãos dos patrões ou se mandem daqui* - foi o que aconteceu para muitos. E o que foi aquilo no lugar dos Porongos? Tiraram as armas aos negros para serem vítima fácil dos soldados de Lima e Silva. Sobrou a desonra de Davi Canabarro ao se dizer, de boca grande e pequena, ter tirado as lanças dos seus guerreiros negros para serem mortos sem defesa pelos soldados do governo brasileiro. Estranheza infinda: em vez de redenção, condenação. Foi a noite de 300 soldados brancos perdoados e chorar 100 negros enterrados. Das promessas de liberdade aos negros devotados, sobrou o peso continuado da escravidão. Aos ricos estancieiros, foi perdoado o ágio do charque, sendo beneficiados com os sobrantes negros escravos. E quem consolará as viúvas e os pais dos homens e dos meninos: 20.000, em conta geral, deram a vida nesta desgraça. Deu em muito pouco a pretendida imitação ao Uruguai, livre da Espanha.

Uma guerra de interesses: os maioraes muito vivos e aos negros muitas mortes.

## *Vinte de setembro*

Como a noite precursora  
Do farol da divindade  
Foi o 20 de setembro  
O precursor da mortandade  
Mostremos valor, distância  
Desta ímpia e injusta guerra  
Sirvam nossas façanhas  
De desprezo a toda Terra.  
Eu choro os falecidos inocentes  
Que se foram na triste guerra.  
E aos generais, eu lhes digo:  
Matadores de minha gente.

## *Festas*

Não rejeito nenhum momento. Assim foi por alguns dias. Senti gente a quem me dediquei com ternura. Uma devoção me possuía. Um tempo adverso, porém, rondava em torno de algumas pessoas. Faltou, quiçá, minha bondade por desconhecer o melhor. Vi, com tristeza, um homem inventando movimentos e correrias maiores em sonhos muito distantes e, no caminho longo da ilusão, sofreu a consequência de perder tanto que havia.

Por outro lado, vi a alegria de famílias comemorando a vida. Corri, feito um desbravador valente oferecendo o bem-estar. Dispus-me a fazer de um tudo para que ninguém se sentisse *minorizado*. Ainda assim, vi um homem despreocupado com sua sorte. Pensei, então: em alguns, a vontade nasce menor, deixando-os em desfavor da maioria. Penalizei-me de outro por sofrer muito pela memória fragilizada. Pensei, então: este será meu caminho, pois a velhice anda



de memória devagar. Mas assim vou andando, ao me solidarizar com quem sofre perdas.

Passaram-se duas semanas e aí percebi o quanto a fragilidade faz encolher as pessoas, mas todos se congregam para minimizar a força que nos falta. Inclino-me gentilmente sobre os males, buscando, na reverência, colher os melhores frutos, pois que a humanidade anda pequena por onde que se olhe.

Amo a quem convivi. Minha casa tornou-se um lugar apropriado para tomar nos braços a humanidade com desejos de viver mais e melhor. Abraço a quem eu vi sofrer por andar peleando em seus limites. Mostrei os melhores desejos para que todos saíssem de minha casa mais felizes do que quando aqui entraram. Uma velha senhora dobrada pelos anos mereceu colher nossa presença com agradecimentos e boa vontade. Mostramos alegria, pois *tudo vale a pena quando a alma não é pequena*, principalmente a nos unir na reciprocidade dos desejos de bem-estar.

### Sonhos

Tenho amigos muito interessantes, impressionantes. Sempre estão além da vida com seus limites. Faço como a águia em vasto céu, quando os alimentos se diluem no frio dos campos congelados e as montanhas nada mais prometem. Os penedos choram ao assobio do vento e os galhos nada mais carregam. As aves imigraram e os peixes buscam outras águas. A águia, mesmo nas tempestades do inverno, arrosta o perigo sem temores, mesmo perdendo algumas penas. Eventualmente, algumas delas morrem, são as grandes lutadoras.

Mas dois amigos meus retiram a fortuna e os bens em situações em semelhança às águias nas montanhas congeladas. Sonham e do sonho se alimentam. Sonho com eles, ao ouvi-los tão contentes, pois que o sonho ou a narrativa parece a verdade mais pura que os satisfaz tão plenamente. A mim, alegam-me suas aventuras. A realidade é

sempre uma verdade relativa. Quase sempre, mais tememos o mal ou o perigo que nos cerca, medindo pobremente o poder de enfrentá-los. Mas, quando me falam tão corajosamente sobre tempestades, levo em conta o cuidado antes de meter meu nariz em situações difíceis, avaliando antecipadamente os resultados dos perigos. Das vezes em que me enfiei em voos incautos, feri-me muito, preferindo hoje medir a força do vento e o poder dos meus braços. Ainda mais agora que toda a acuidade anda sem a precisão de outrora. Prefiro o céu azul e o campo verde aos extremos da aventura entre montanhas, quando se faz inverno. Meus voos já não são mais praticados em altos penedos, mas ainda dou minhas voltas em céu de brigadeiro, sempre de olho no poder de minhas asas e na minha resistência. Já não tenho fazendas, bastam-me meus canteiros bem cuidados. Minhas penas não resistem em grandes tempestades e o meu coração já anda costurado.

### *Animais*

Em minhas frágeis lutas, lembro dos animais. Deu-me saudade das fábulas de Esopo e de La Fontaine. Eles brincavam como se fossem gente da melhor espécie. Eles comiam, estendendo as bocarras e os focinhos até o chão, lambendo os restos da comida. O lobo falava com o cordeiro e o boi com o asno, o leão com o rouxinol, como diz o mestre Borges. Viviam felizes, sem encher a paciência de quem quer que fosse. Temos, então, as belíssimas histórias dos animais da floresta: ninguém se desagrada com os jeitos de se alimentar de uns ou de outros. Nenhum dos dois fabulistas se acha o mais importante. Cada um na sua e no seu canto. Cada qual estendendo a boca do jeito que lhe convém.

Lia, em minha infância, as fábulas brasileiras. Os animais se serviam da carne alheia, e isso desde a origem da pátria brasileira. Vem-me à memória a fábula do tigre querendo se alimentar do macaco. Este, morto de sede, carecia de uma água, mas o tigre dominava sobre a única fonte. O macaco, então, cobriu-se de mel, cedido por abelhas

no tronco de uma árvore. A seguir, revolveu-se em folhas dizendo ao tigre: sou o compadre folharais, mas a água, retirando-lhe as folhas, mostrou o seu pelo. Aí, vem o tigre querendo devorá-lo. O macaco foge, de galho em galho, sem sede, por entre as árvores. Minhas histórias não contem tanto encanto quanto as fábulas de La Fontaine, mas são minhas. E quase me comeram por repartir a massa para não estender a boca sobre o prato. Ainda bem que estava em minha casa. Consegui fugir para o meu quarto.

### *Sobre quatro mulheres*

Levantei-me um tanto desanimado nesta segunda. Domingo foi dia do Senhor e acho até que Ele andava de má vontade comigo.

Uma amiga do peito veio me dizendo que não suportava as palavras agressivas mais as bebedeiras do marido. Faziam muito mal a ela e ao filho ainda pequeno. Que, pelo menos, fosse buscar socorro médico para evitar os desmandos alcoólicos. *Não tem mais jeito, vou mandá-lo para a casa da mãe dele!*

Veio, ainda mais doída, outra amiga, apenas perdida a mãe, dizendo que o padrasto reteve o seguro financeiro da falecida. De fato, os bens foram postos em nome dele. Tanto me doeu a dor da amiga quanto a falta de caráter do padrasto. Fiquei sem palavras e ação ao ouvi-lo: vou retirar estes recursos. Com ele, vou dar às filhas dela o que resta de direito em relação à casa onde morávamos. Tenho certeza que nem Putin praticaria tal insensibilidade.

Veio-me a terceira mulher, dizendo:

*[...] meu marido vai embora pro Ceará. Ele simplesmente comprou passagem de ida e sem dinheiro pra voltar. Ele me deixou pendurada num pincel. Fizemos as melhorias da casa. Compramos até um carinho com minha aposentadoria. Andamos felizes como se fosse para sempre, e ele, sem me consultar, pegou seu boné e está se mandando.*

Que fim de semana, santo Deus. Ainda bem que fui à missa anteontem para rezar para a felicidade eterna do falecido marido de uma amiga. Era de chorar, e com toda a razão. Perdeu um companheiro cheio de vida. Contentei-me haver outro homem que promete substituir a presença do falecido. Que venha alguém cuja ternura seja em tudo semelhante às lembranças de seu companheiro anterior. Basta de pessoas incapazes de amar. Assim me retiro desta infeliz crônica. Que o próximo fim de semana me venha melhor e que, ao menos, se salvem os sonhos de minha amiga que quer amar novamente. Que em tudo lhe venha um homem feito à imagem e à semelhança do Senhor. Que às outras afaste Deus a tristeza e que amanheça o dia da graça concedendo Deus o que é justo e bom, para alegria de quem está sofrendo das torturas masculinas.

### *Meus ofícios*

Não sinto saudades da aurora de meus ofícios, apenas um certo orgulho de meu magistério. Busco viver à semelhança de um ermitão, sem grandes preocupações. Já não me exalto quando fico sem grandes horizontes. Cada momento tem sua razão e seu nascimento vem com sobras de boa vontade. Não são de todos os dias que posso dizer: eu sei plenamente como viver. Aplico-me, com gosto, em fazer companhia aos meus companheiros da Academia. Eles me têm como um velho senhor. Os presidentes não carecem de minha ajuda, mas apreciam que eu os respalde em suas intenções.

Sinto, agora, um tempo de pouca inspiração, creditando este bolor da vontade por causa de não encontrar mais leitores de livros. Fico, então, jogando minhas palavras no Facebook. Aos textos de viva impressão, apresentam-se alguns leitores de boa vontade.

Vou falar no III Congresso das Academias Gaúchas. Lá vou eu iniciando minha fala com o cardeal Richelieu. Por certo, não serão tão

intensas quanto eram as vestes do grande eclesiástico francês, ajudando Luiz XIII a melhorar a imagem da França, pois que os reis já não conseguiam segurar os desmandos da corte e da vida eclesial. Meus ofícios principais, então: cuidar da casa, ser carinhoso com minha mulher e as filhas. Vou continuar na Academia e com meus confrades. Divirto-me muito com jogos na televisão. A rapidez dos pés dos meus jogadores compensa a minha parca velocidade. Fico, também, enfiado nesta escritura cotidiana de escrever para mim e aos leitores imaginários. Fico me segurando Naquele que me suporta. E já reclino minha cabeça no peito do Senhor. Nem é por extrema fé, mas por respeito ao pescador que Ele foi. Acompanho a feitura deste mundo que se dá a conhecer cada dia mais. Tenho muita vergonha do que estão fazendo com ele. Hoje ainda, 1º de setembro de 2022, vi alguns mundos muito lindos que se deram a conhecer por um poderoso telescópio. Assim reúno estas letras em homenagem também ao mundo desconhecido. Concordo, então, com Obama: tento dar forma aos dias que vêm chegando. Empresto a minha estreita colaboração.

### *Pequeno canto da liberdade*

Tem horas que fico pensando: quem fui?  
No tempo que havia desenhos completos  
E as cores bem claras, mais que perfeitas,  
Meu pensar era bom e sempre repleto  
De ideias bem vivas, *sempre* lembradas;  
Nenhuma fugia, feito um rebanho,  
Obedientes, chegavam sempre contentes.  
Faz tempo que eu junto aos meus olhos:  
Lentes com formas de todos os jeitos,  
Uma vez eram grossas, agora mais finas  
Pra ver os efeitos com que a vida se faz.



Assim eu consigo ver o mundo nascer.  
Ora se forma, ora se muda em visões diferentes.  
E o ouvido, meu Deus, perdeu seu poder  
De ouvir todas as vozes bem perto ou distantes  
Do canto ou do pranto, mal ouço seus sons.  
Agora eu me sirvo de fios milagrosos,  
Então me submeto a fechar meus ouvidos.  
Serei da velhice escravo perfeito  
Vivendo ferrado no ouvido e nos olhos.  
Em vez de ficar com cegueira ou surdez  
Vou dizer a palavra sem nada esquecer:  
Vou ver as figuras dos jeitos de ser.  
Em diversos cuidados, vou pôr meus ouvidos  
Buscando saber de falas e cantos  
Ainda que a mente esteja menor.  
E olhos com vidros e de ouvidos tapados.  
Jamais vou chorar por um peito ferido:  
Dez molas inteiras fazendo pulsar  
As formas de vida bem perto de mim.  
Vou ver o meu mundo assim como é,  
Seja mais breve ou seja mais longo:  
É meu tempo até o fim.

### *De café e de um gato selvagem*

*Café com aroma de mulher:* assisti esta série colombiana de 88 capítulos. Mostra muito de nossas virtudes e mazelas latinas. Lindas canções, conflitos, amores, roubos e muita violência. A maldade aparece, mas o bem vence ao final. Lutas de amor e tensões vão se revelando, mas tudo isso se ameniza ao final, vencendo a ternura, o amor. Os

maus são punidos e o bem prevalece. Série para ver cinema da Colômbia e acreditar...

Fez-me lembrar de um teatro do meu tempo seminarístico. Confesso: eu era um péssimo artista, mas apreciava escrever peças teatrais versando modernidade onde o artista até conversava com a plateia: 1964. Mulher não aparecia. Evitando a presença feminina, gravava-se a voz de uma mulher que, em diálogos em bom gravador, ouviam-se conselhos de uma mãe a um filho transviado.

Anos seguintes, mais outros pequenos teatros, com diálogos de linguagem moderna, foram escritos e representados por meus colegas de seminário. Pelo meu fraco desempenho, fazia papéis secundários. Consegui estragar uma apresentação no Palco do Colégio Conceição: eu fazia papel de médico em visita familiar; o jovem doente foi representado por José Hildebrando Dacanal, futuro professor em crítica literária na UFRGS. Eu era o médico para apenas dizer esta frase, ao alcançar o remédio: *tome este comprimido que lhe fará bem*. Pois estraguei todos os esforços de todos os artistas ao dizer: *tome este comprimido que lhe fará bem*. A plateia, em vez de lágrimas, se fez em gargalhadas. Silenciadas as hilárias manifestações e, abrindo-se novamente o palco, muito sem jeito e muito mal, o teatro foi concluído. O médico ficou consternado e nunca mais quis subir ao palco.

Enganei-me. Subi ao palco, mais uma vez, em Gato Selvagem. Eu fazia o papel de padre, pai do bandido. Consegui salvar o Gato, o criminoso da floresta, mas foi por detalhes. O Arlindo Oro, no papel de Gato, começou a rir de meu cabelo cheio de talco no meio da floresta, mas salvei minha honra de padre, de artista trapalhão e pai do grande criminoso. Todos choravam ao me verem abraçado ao Gato Selvagem, meu filho: a fera convertida ao bem.

Nossa latinidade fervorosa foi mal no teatro, mas na série *Café com aroma de mulher*, nós nos conseguimos salvar nos braços dos ar-

tistas Laura Londoño e William Levy. O mal foi vencido e o bem foi cumprido. Sonhamos com a justiça e o amor.

De fato: nós vamos bem em sonhos de salvação...

### *Coisas da morte*

Diz Borges, repetindo o parnasiano Leconte de Lisle:

*A mente espontaneamente deseja ser eterna, ser para sempre. Ao que poderíamos responder que ela também deseja outras coisas, muitas vezes deseja cessar. Há uma estrofe do poeta francês Leconte de Lisle: "Libertai-o do tempo, do número e do espaço e devolvei-lhe o repouso que lhe haviam tirado".*

Desejos existem de todos os jeitos e formas diante do falecimento que se impõe enquanto vivemos. A história de haver um Deus querendo tirar proveito de quem morre para, então, aí na fragilidade, ficarmos sem defesa é coisa muito doida. Esse infinito ser de nossas crenças, que faz nascer os mundos e deixa-os girar sobre si mesmos avançando por força de um grande impulso, não carece de ficar aí cobrando de pobres almas uma fortaleza maior que suas fragilidades. Isso me parece uma ideia sem razão justificável, ou melhor, é absurda pela força de quem é tão maior que estas coisas pequenas. Parece-me mais uma questão de domínio primitivo de uns sobre os outros: assim seria mais uma forma de escravidão, prendendo-se os fracos diante de outros que ascendem por causa de suas instituições dominadoras.

Prefiro deixar tudo mais simples diante da imensidão do mundo posto aí. Mal recentemente, conseguimos dizer algumas coisas como resposta diante do infinito com medidas e números de explicações possíveis.

Então me calo diante do infinito passado e, por igual razão, fico quieto diante do infinito futuro. O meu infinito se divide entre ser o

que fui e o que serei ainda. Depois: que a bondade de Deus me carregue como quiser até onde e até quando lhe aprouver. Enfim, se já não sou o mesmo desde o início desta conversa, muito menos posso dizer, com certeza, do que serei daqui a pouco e muito menos ainda de minha existência depois da morte.

Sinto a perda da Mara, querida, tão alegre e mandona enquanto servia pratos divinos. Sei de seus pratos bem feitos. Do que está sendo agora ou de seu infinito, só sei que nada sei.

### *Tudo pode acontecer*

Quando a vida nos engendrou, ficamos sem saber dessa maravilha que somos, o que, aos poucos, começamos a definir como nossa existência.

Devemos muito pela gratuidade em nossas vindas. Poucos, porém, percebem o tamanho das possibilidades, prontas para serem efetivadas. Para muitos, acaba ficando um pouco mais que o arcabouço virtual dado, sabemos lá como e de que tamanho. Trago, então, o nosso amigo Borges e avalio seu dom desenvolvido, seja em seus contos, memórias ou poesias. Parece, por vezes, sendo iluminado muito além da natureza, pela cultura oferecida, ou pela imposição da vontade. Dobro-me comovido sobre os escritos dele e percebo, assim me aparecendo jeitos humanos, não somente compatíveis com a virtude pessoal ou da cultura que nos promove. Sobrevoam claridades sobre pedras ou costumes, sobre relações e mortes, sobre tudo o que passa despercebido para tantos, para gente como Borges, como uma água, terra ou costumes, é percebido o que somente um desbravador de infinitos pode revelar. Em Jesus, aquele que nasceu entre pobres falando de um Pai, também se revelaram percepções dadas a seres em quem as forças primevas do mundo se apresentam de maneira clara. Ele também viu mais que a obscuridade das cavernas, foi além daqueles que concebem

belezas e verdades. Diria o mesmo de Lopes de Souza, quando vê para além das formalidades da cultura gaúcha e do quinhão dado pela natureza. A mim foi dado ver, alegrando-me com o que os outros sábios nos revelam.

### *Por segundos se desfaz a treva*

Se, por acaso, a percepção do mudo tornar-se incômoda, então recomendo voltar-se às poesias escolhidas por Borges em *Borges oral & sete noites*. Faz um pouco de vento sobre as margens do Uruguai enquanto se nos alegra a pescaria, ou dele, a repetir o que de mais belo colheu da poesia dos fenícios.

*Mãe de Cartago, devolvo o remo.*

Assim reza o remador antes de partir. Ou diz outro marinheiro:

*Durmo, depois torno a remar.*

É o mesmo desejo dos tempos cíclicos nos quais se passaram os dias daquela terra cujos homens tentaram vencer os romanos.

Também leio a prece de outro fenício:

*Deuses, não me julgueis como um deus,  
mas como um homem destroçado pelo mar.*

Assim me vêm esses frascos poéticos trazidos por Borges, ainda que breves, com desejos de não morrer.

*Nada tem de estranho haver tanta beleza disseminada por diversos idiomas, para, depois, passarmos a ser simplesmente mortais, como os remadores fenícios.*

Pelo visto, de fato, a poesia é uma realidade estética que não requer definição. É uma sensação de comunhão encantadora diante da visão estética de impressões. Diz Borges: *Sentimos a poesia como sentimos a proximidade de uma mulher, ou como sentimos uma montanha ou uma baía.*



Ou não seria a poesia a melhor tentativa de Deus tentando dizer quem ele é? Parecemos, então, como quem foge do tédio, para usufruir os benefícios do encanto.

Ou seria a poesia semelhante ao que nos diz Luis Lopes de Souza<sup>17</sup>, para salvar nossa esperança:

*Resta a alma e a matéria  
Em rude consolação.*

### *Livros em julho*

Preferi olhar meus livros à mão, em vez de ver o tempo com esta cara de invernia. Se apresentam *Contos* de Górkí, pesados e bem feitos com andarilhos mirando destinos incertos. Ele é poderoso: assumiu um sonho austero de gente em busca dos céus, achando haver uma justa medida para todos os viventes: ainda que sem liberdade, poderíamos encontrar boa sorte na coletividade. Todos comendo da mesma rapadura.

Bem na minha frente, vejo de Luís Lopes de Souza, com seus versos de sofrência, entre os melhores que conheço, com seus gaúchos altivos em busca de poesia em tempos difíceis ou até sem solução. Como sofre o Luís em versos perfeitos revelando, em hirtos retratos, revelações de fantasmas andando pelas coxilhas.

À minha direita, existem temas em *Borges oral & sete noites*. Nem me atrevo a dizer muita coisa: por mais que se diga da maior lição literária, diz-se pouco ou quase nada. É muito pouco o que quer que se diga para expressar devidamente o seu fantástico universo. Careceria de ter a perfeição da palavra e a grande compreensão de tudo que aí é dito. Repito o que dele já foi dito: ele consegue fazer visões encantadas da miserável circunstância.

---

<sup>17</sup> SOUZA, Luis Lopes de. *No sarau dos meus fantasmas*. Passo Fundo: Ed. do Autor, 2022.

Tenho, também, junto de mim e dentro de meu peito: *Pensamentos do padre Berthier*. São poucas as palavras do sonhador francês. Para realizar os seus sonhos, teve que fugir para a Holanda. Como a França é louca: prega a liberdade e faz fugir este santo. Leio do muito que ele diz:

*Fujam da morosidade e de toda a melancolia. Se alguém se doou a Deus não tem razão para ficar triste. Um santo triste é um triste santo. É necessário ter um grande coração. É necessário ser generoso. Sem isso pouco ou nada pode ser feito de grandioso.*

Tenho, ainda, *Anais das Missões dos Missionários da Sagrada*. Aí, pode ser vista a loucura de grandes corações. Se vi algum exercício de santidade e até loucuras, foi aí que encontrei.

### *Discurso poético*

Espiar o mundo e contemplar a noite nos levam a pensar a sorte da história humana e, por fim, o silêncio em que tudo se resume. Voam no céu, quase ao alcance das mãos, os astros distantes, a maioria deles entre pedras ficaram. Ainda assim, recebo os convites de uma divina inspiração ao ler os divinos versos do italiano em nascente língua. Seja olhando para cima, divisando a lua ou a claridade serena da oriental safira saudando a terra, para logo sentir o calor queimando a pele.

Lembro mais do viajante dos mares por onde andou o grego descobrindo mundos, ou chegando triste ao ver sua amada costurando vestes enquanto não chegasse o seu herói. A seguir, os reis espetados por desejar a doce esposa. A todo instante e por onde se olhar, quantas diferenças existem no coração humano, ora convergindo a vida, ora a morte jogando ao chão muitas pretensões ousadas.

A história mostra a dor de heróis ao pretenderem em tudo, como os deuses, operar máquinas ligeiras ou ver brilhar seus nomes

ao dominar doenças. Nada pode ser mais que a poesia. Pretendem os poetas a palavra enlevada e clara a dizer encantos entre risos e prantos, para depois ser como a rosa em Banchs, que no espelho morre ao inclinar a cabeça agonizante: seu tempo já passou. Em novas fontes e em novas hastes, reflete-se o belo, esquecendo, sem prantos, as flores falecidas. Mas, enquanto o existir persiste, em tudo que existe, faz-nos bem contemplar, ainda que por instantes, os encantos que os teve Borges. Essas coisas me afloram, e sempre há morte a espreitar a vida. Mas, enquanto não chegar, façamos como a rosa a se deitar submissa ou contemplar a hora, no ramo de oliveira a se mostrar nos morros, onde até bem pouco imperava a palmeira em cujas frondes se ouvia o canto da jandaia. Por fim, repito versos, enquanto a paz prospera e a poesia é escrita por quem quer que seja.

### *Caminhos dos filhos de Berthier*

Que absurda vontade e que visão cega foram aquelas dos primeiros a chegarem ao Brasil para se embrenharem no Amazonas. E que andanças posteriores foram aquelas do Superior Geral, o padre Trampe, de cegas decisões e de diálogo difícil, buscando, pelos anos iniciais de 1920, as regiões do sul do Brasil?

Antes de vir ao sul buscar melhores candidatos e povo mais acertado nas coisas de Igreja, ficou com seus padres no norte. Uma enorme aranha, na hora do café da manhã, despencou sobre a mesa, parecendo anunciar as dificuldades que adviriam para ele.

Padre Trampe buscava espaços de uma cultura religiosa para conceder melhores aspirações em relação àquelas dos caboclos de primitivos costumes, misturados às condutas africanas e outras formas religiosas de pouca devoção. Dessa vontade, resultou Santo Ângelo em minha vida. Também fui ver de perto as forças de Berthier. Eu as vi de perto, mediadas pelos padres alemães. Tive deles o zelo austero e o

testemunho do sofrimento dado pela distância da pátria a qual nunca era referida, sobrando apenas toda a energia na dedicação àqueles jovens, em sua maioria, ainda quase crianças ou adolescentes.

Registro, também, as dificuldades iniciais da fundação da nova Instituição. As dificuldades se abatiam sobre Berthier. Tanto as resistências junto aos saletinos, junto à política e à cultura contra a Igreja francesa, ou junto aos espaços físicos para abrigar as ideias do fundador, mormente as dificuldades das línguas e dos interesses dos primeiros filósofos e teólogos na formação dos primeiros discípulos de Berthier, sem citar as graves dificuldades em ordenar os primeiros padres. E quem poderia avaliar a política missioneira e o sofrimento incauto iniciado no Brasil?

Berthier de minha vida: um louco por decisões quase impossíveis.

### *De um santo*

Já escrevi sobre ele: João Batista Berthier, mas muito me impressiona agora o que está sendo escrito sobre ele. Venceu a esfera fechada de seu tempo. Entendiam os educadores ser muito complicado aceitar candidatos de mais idade para a missão de consagrar a própria vida. Ele entendia o contrário. Foi atrás de sua ideia até convencer o cardeal Langenieu, que, por sua vez, convenceu o papa Leão XIII sobre o mérito da proposta de Berthier. Este, sim, preocupado não só com a virulência leiga da França, mas também com os católicos que comprometiam a qualidade da vida cristã. Até o cardeal Richelieu se viu em palpos de aranha frente à realidade comprometedora do clero e dos conventos. Mas, como as autoridades da França, em 1890, já se inflamavam contra a formação seminarística, Berthier foi até a Holanda e, com duas casas velhas, restolhos do exército holandês, resolveu iniciar sua obra para seminaristas mais velhos e pobres. Coragem de

um visionário. Mais que tudo, a dificuldade foi a extrema pobreza, fazendo fugir, durante três anos, os primeiros pretendentes à nova congregação. E até os primeiros padres desistiam dos caminhos pretendidos por Berthier, em razão, repito, da austeridade imposta, pela desistência de tantos e face à pobreza das casas. Seguiu, porém, sua inspiração. Vendia seus livros para suprir a grave deficiência e até encontrou um casal crente também no destino vocacional daquele homem simples e de pouco tamanho físico. Sua alma era enorme e decidida. Comoveu-me o enterro de uma senhora e de seu marido, quando, já em Grave, foram dar sua vida em favor dos sonhos de Berthier. Recolhidos por seis anos, entregaram-se de corpo e alma às suas intenções. Com um grupo de seminaristas, Berthier fez a oração pela alma da viúva.

Em 1953, também eu me senti atraído pelo caminho deste, desta estrada. Fui até Santo Ângelo seguindo os missionários da Sagrada Família. Louvado seja Berthier de nossas vidas, transformador de pequenos colonos, senão em padres, em lutadores pelo bem daqueles que se sentem fragilizados. Salve Berthier da humanidade!

### *Ficando surdo*

Aos 15 anos, encantei-me na casa de um oculista de Santo Ângelo ao ver as folhas reluzentes do pé de abacate. Fui procurá-lo porque a vista não dava conta de ver o mundo como ele era. Agora, depois de 66 anos, os ouvidos já não sabem ao certo a modulação autêntica de quem fala. O otorrinolaringologista me falou e outro ainda mais confirmou que carecia de um aparelho auxiliar. A audiometria acusava a depreciação da minha audição. E, mais ainda, falou o doutor Claudiomiro: as palavras mal-ouvidas podem comprometer a cognição. O pensamento não vai mais ser o mesmo, se o ouvido estiver comprometido. Assim, agora estou indo a uma loja em busca de ouvir melhor. Confesso: não gostei de pensar em meu ouvido tapado, uma confissão



de minha debilidade. Está na hora de ir na *Audiocare* comprar a nitidez do mundo. Quero só ver.

Fui e já voltei. Meu desejo é ficar como era antes. Escrevo para me aliviar. Os sons do teclado parecem mais agressivos: até soam estridentes, embora mais nítidos. O ambiente me era mais suave, ainda que pouco audível. Se posso viver com menos sonoridade, por que usar esse troço dentro de meus ouvidos? O matraquear do teclado me irrita. Acalmo-me ao me confortar pensando: o som vai se aperfeiçoando e normaliza com dois meses de uso. Vou renascer, renovando a comunicação. Minha memória vai ser preservada. A comunicação vai me dar nova vida. Mas, juro, estou com saudades de mim mesmo. O *papapapa* das teclas parece com pequenos tiros quando eu as pressiono.

Deitei, mas logo me levantei, porque não sabia se podia pressionar os pequenos chifres atrás de minhas orelhas. Se bem entendi, a fonoaudióloga disse que é questão de tempo. É quase como um casamento, avaliei: o mundo se mostra melhor em sua comunicação, mas se deve enfrentar algumas dificuldades com estes aparelhos, como o cuidado ao penetrar o fio dentro da entrada auricular. Até agora, essa porta estava aberta.

A fonoaudióloga disse também que o uso dessa tecnologia serve para evitar a demência. Já não sei se fico louco com essa tecnologia ou louco por ficar mouco em meu silêncio.

Saudades da minha infância. Todavia, vou buscar respeitar esse apoio científico com mais serenidade, uma vez que, sem paciência, perdem-se o céu, a margarida do campo e os amigos por deficiência auditiva. E ontem meu cardiologista mandou fazer exames para ver se meu coração não vai precisar, além das molas, de um sistema elétrico artificial, o socorro de um marca-passos, mas é o jeito! Pode?!

## *Escritos do velho Degas*

Do livro: *Rumor nas fronteiras*

*Pois é, professor Francisco, você pediu pra escrever sobre o Alambique e eu estiquei um pouco mais. Le digo. Estou no lugar de minha vida. Explico. Aqui me senti um senhor. Minha família não precisou se envergonhar mais de ser tão pobre. Hoje me olham com respeito. De fato, os lugares dão conta da vida. Não adianta sonhar se não tiver onde pôr os pés pra dizer: esta é minha casa. Você sabe, França, aqui me veio a mulher que caiu do céu. Eufrásia, já expliquei, a mulher da maior alegria. Foi aqui que ela começou a fazer de mim um homem bom, um ser humano confiável. Gostou? Fiz desta casa um lugar da alegria e da arte. Um lugar da comunidade. Quanta festa nós fizemos no lugar de meu trabalho! Por causa do alambique me tornei um homem pensador. Me tornei internacional por causa de minha canha. É verdade, devo confessar: molhei com pouco de água. Ficou um tantico mais fraca. Nenhum castelhano reclamou.*

*Meu pensamento está claro como uma manhã de sol. Já não preciso buscar fora do meu lugar o que me dá alegria.*

*Admiro a Dulce, mulher do meu amigo Nico Freitas. Pois é isso: mulher pode quase tudo: de um sujeito vagal como o Nico, fez dele uma pessoa distinta. O filho da mãe ficou até bonito. Este é o maior milagre. Como pode haver tanto luxo de gente em quem podia ser nada? Assim está feito meu tema pra aprender a escrever. Eu admiro a Dulce. Fico feliz por ver meu amigo Nico estar em boas mãos. A vida dele e a minha deu tanta volta. Temos muito de lhe agradecer, professor.*

*Acho que acertei até nas vírgulas. Tenho certeza dos pontos. E aqui é ponto final.*

## *Um fim de semana*

Minha irmã, Leda, veio ao médico para ver um dos joelhos. O médico diagnosticou: deve trocar de joelho.

O filho Claudiomiro, que é médico otorrinolaringologista, trouxe ela e, mais uma vez, comprovei sua competência. Fez a leitura do exame de minha audição. Avaliou com cuidado, respeitando minha decisão de ainda não usar aparelho. Apenas disse que as palavras mal-ouvidas podem comprometer a cognição. Assustei-me. Pois então vou redefinir minha decisão. Vou levar minha audiometria numa loja e acho que vou testar um aparelho que dê nos meus cuidados. Conversei, depois, com a Leda sobre tudo, tanto de seu marido como dos filhos. Teve três filhos e uma menina. Que gente linda resultou da Leda. Queria que vocês vissem o resultado. O Perácio, meu cunhado, é muito gente. Honrou sua vida como se fosse o melhor dos homens. O espírito de bondade e humor dela faz dele um homem excelente. Olho para ela e admiro uma casa inteira cheia de gente competente e cheia de bom humor.

Ela é exímia narradora dos eventos de Alecrim. Garanto a todos: se ela quisesse, seria uma escritora de grande valor. Mas, do jeito que vão os livros, melhor ela continuar a mostrar o mundo assim, porque sua boca faz de um pouco de Alecrim como se aí falasse Górkí ou Tols-tói. Confirmo isso, pois, se falando como fala, não carece de livros para alegrar o mundo de seu conhecimento.

O médico disse, mais uma vez, na despedida: *esse joelho precisa ser operado*. Mancando, ela é feliz, imagina só quando recuperar seu joelho e puder visitar os filhos e os netos sem claudicar. Poderia ser escritora sem carecer de remendar suas palavras, mas assim está bem. Quando fala, todos escutam, e se fosse escritora haveria poucos a ler: os leitores estão desaparecendo. Mas acho que: se ela escrevesse como fala, retornariam os leitores. Assim, o poder de minha irmã está de

bom e de belo tamanho. Mas, se não escreveu, os filhos poderão dar conta das palavras que a mãe não escreveu.

### *Dias interessantes*

Dia de festa este 30 de julho de 2022. Fui à festa de formatura do neto de meu irmão, Carlos. Estava feliz com Júlio. Deu guri bom. Alegrei-me com a festa da conquista do neto de meu irmão. Agora é um Engenheiro Civil. Que os estudos e a deusa Minerva iluminem seus números e seus dias! Estava feliz também pelas gurias, namoradas do Pedro, do Júlio e do Rafael, meus sobrinhos. Ainda não gravei os nomes delas. Hoje o amor é ligeiro. Torço por elas, ou melhor, pelos seis. Torcerei por quantos for necessário...

A noite reservou saudades da minha UPF. A formatura de 7 engenharias mostrava apenas 33 formandos. Nítida mudança em minha universidade. Pudera! Em Passo Fundo, onde há 30 anos havia duas instituições de ensino superior, hoje são mais de 30, nas quais são oferecidos cursos superiores a longa distância e, muitos deles, de pouco reconhecimento científico. Doe-me ver a UPF menor do que foi. Mas novas formas de conhecimentos são reveladas. Que a deusa Minerva e a Reitora tenham poder para reinventar novos caminhos da minha UPF. Que aconteça veloz o jeito vigoroso de nossa universidade, a exemplo de Minerva, **deusa da sabedoria e das artes**, nascida da cabeça de Júpiter. Acabada a dor de cabeça do maior dos deuses, nasceu Minerva, cheia de sabedoria e de artes: assim me venha a UPF, renascida. Passada a dor do vírus causador das dores de cabeças da UPF, que nasçam maior conhecimento e novos conhecedores. Que outras festas venham! Longa vida ao meu irmão e a todos que andam buscando o melhor. Que Minerva sobrevenha para iluminar os dias de Júlio e os dias de minha Universidade.

## *Dois Irmãos em 28 de junho de 2022*

O menor, de 4 anos, jogador de FUTEGOL, adora jogar futebol, ainda que seja com a bola de gomos murchos. Chuta de todos os jeitos, um feliz malabarista. Seu irmão, meu neto, de 28 anos, joga feliz com seu mano e diz: está velha esta bola, mas é melhor... se fosse de pano, mal rolaria nesta grama. O pequeno não pensava noutra coisa senão chutar feliz com seu irmão. O menor é o Augusto, mas, de tão veloz, parece um pássaro voador na sombra da jabuticabeira. No pequeno eirado, chuta a bola que se abafa nos galhos e ele explode em alegria quando defende a bola. E o maior, de 28, forte e grande, o Henrique, chuta a bola, e o pequeno se ri todo por se haver ligeiro no seu drible. Mostra ao mano quanto pode seu valor de jogador de futebol. Rio feito um vagabundo por deixar de assumir com maior das perfeições uma fala para a Academia. Leio, então, de Cassiano Ricardo: *Deus, jogador de futebol: Deus tem uma bola branca cor de opala e tem outra bola vermelha cor do sol; que está jogando noite e dia futebol e que chutou a lua agora mesmo por trás do muro e, de manhã, por trás do morro.* O pequeno Augusto e o grande Henrique correm atrás da bola de cinco cores, onde um gomo já falhou. Pouco importa se o sonho do pequeno vagabundo sonhador sai correndo atrás da bola que solta e rola, ou a bola dos irmãos de tamanhos diferentes, irmãos de sangue reunidos por causa de uma bola que salta e rola, mais a bola rola com o som das vozes exultantes da ternura. Anoitece o dia e fico satisfeito de dizer das bolas do Saci e dos manos de anos diferentes. O que importa agora é calar, deixando a vida mais contente. Ouço ainda o som da bola do grande Henrique, de mãe que é Lima Both, e do pequeno Augusto, de mãe Moterle. Do pai, chamam-se por Rodrigues. Agradeço ao Saci e ao Autor, de todos, o pai é Deus.



## *Lá se foi Élide!*

Pois correu bem o dia 26, na terça, do mês sete de 2022. Lá se foi a Élide, que nem carecia de oração de tão boa que era. Gostava de uma caninha para encarar a morte que vinha. Apagaram a mulher antes de qualquer dor. Que não se carece de saber no que a gente vai dar. Teve cuidados bondosos do meu amigo Luiz e da amável Silvana. Tem gente neste mundo que merece glória eterna ou qualquer coisa de nome felicidade. Morreu entre os seus, venturosa senhora, minha bem gentil, que te partiste desta terra bravia para outras eras, que já não sei como serão. Não tenho mais preocupação; antes de mim, foi esta senhora mais alguém para me dizer quando chegar: seja bem-vindo. Por certo, da novidade que a morte lhe concedeu, pouco tens a dizer. É muito cedo ainda... mas fique quieta, sem medo, que eu guardo um grande segredo: pior do que foi não será, pois foste muito querida. E, pelo bom comportamento, será a primeira do céu. Se Deus perguntar por um amigo, pode me indicar. Mas se ele fizer cara feia, diga que foi engano, pois não quero te prejudicar. Fala, então, se já não conhece um tal de Airton Borowski? Se o olhar for de satisfeito, vai firme que te garanto que, por enquanto, gente melhor não chegou. Vai em paz Élide, querida, que, quando chegar por aí, faça de mim propaganda, que preciso quem me garanta viver com tua bondade. Vê para mim um abrigo, livre-me dos inimigos, que eu quero viver em paz. Se achar uma canha, garanta um pouco para mim. Por começar com gente estranha, careço de me acalmar.

## *Tempo sem documento*

Por quanto tempo viverei?  
É uma pergunta pequena.  
Mais que tudo é viver!  
Sem perguntar pelos dias  
Do tempo de minha vida.  
Seja breve ou cumprida  
Só merece ser vivida  
Do jeito que ela vier.  
O que carece então  
É ver as formas bem-feitas  
De ocupar o tempo que vem  
Sem tensões em demasia  
Pois o fim há de chegar.  
Não carece de pergunta.  
O que nos carece é viver  
Com certa intensidade  
Pra não lastimar o viver.  
Ainda que sejam alguns versos  
Nem tão rudes, nem tão certos  
Pouco importa dizer.  
O que importa é viver  
A vida que Deus nos dá.  
Com respeito, agradecido  
Sem perguntar como será  
O tempo que há de durar.  
O que importa é ter a alma  
Na vida em que ela se dá.

Agradeço, como agora  
Ao mestre Lopes de Sousa  
Que diz não ser feio  
Pechinchar dos seus versos  
Um pouco de inspiração.  
Não é bom andar solito  
É sempre bom ter irmão.  
Pra dividir algum verso  
Que solita a vida é perversa  
Assim termino a conversa  
Ficando neste galpão.

### *Sonhos*

Sonho seguidamente sobre o tempo no qual estive no seminário. Sonho, também, com quem vive na Divisa e todos esperando em celebrar a festa de minhas primícias. Afonso Holz, um dos que estavam à frente da capela dos três mártires, achou de reclamar em público de eu não ter ficado padre. Uma mijada benta na igreja. Não gostei. Que dissessem todos os imprecatórios, ainda assim ficaria na minha. Louvo a Deus e a todos os santos de me livrarem do meu sacerdócio. Não seria muito bom andar perdido com minha intimidade, em semelhança a vários colegas perdidos. A pureza já andava longe de ser uma bênção divina. *Andiamo!*

Hoje, Tau Golin explicou a morte violenta dos três jesuítas mortos em Caraó. Não incrimino Nheçu pela morte de quem chegou roubando a sua autoridade. Nesta ação, pareceu-me haver direito em defender seu poder. E, depois, não foi ele mártir de suas crenças? Sobra pouco para quem é ameaçado por espanhóis, pela igreja, e abandonado por seu povo. Pobre do Nheçu! Mas vai explicar ao rei todo poderoso e à santa madre igreja sobre a liberdade e o direito dos índios! Se,

para os espanhóis, as pernas dos índios serviam como alimento aos seus cães, como esperar gentilezas, em vez de amor, tanta paulada?

Mas tive a felicidade de retornarem a alegria e a paz neste dia 19 de junho de 2022. Vou dizendo minhas notas, como os índios diziam. Vou fazendo isso, enquanto não me vem coisa melhor. Encantou-me a narrativa de Tau com seus índios. E não mataria eu minha história, se quisesse negar meu novo destino?

E... como estão boas as bergamotas e as laranjas nestes tempos de viver, sem matar por amor de Deus.

### *Dia seguinte*

De manhã, compras no super. O trivial, o que já é muito nestes tempos bicudos. Parece até proposital o fato de as emissoras fazerem concorrência: qual delas é a mais trágica ou bárbara? Busca-se qualquer notícia fúnebre, a qual é repetida toda a semana. Se for a Globo, então, é coisa de chorar. Se um mísero prefeito ou chefe de partido é morto no interior do Pará, sem dúvida, a Globo busca dizer que o falecido, de morte muito cruel, é amigo do Bolsonaro. Se o laudo policial diz ser a morte não motivada por razões partidárias, de alguma forma o Bolsonaro não pode deixar de ser parte da *causa mortis*. Se o presidente não é o assassino, um parente há de ser. Como ouvi das rachadinhas: se ele não roubou, o filho é, provavelmente, ladrão. Vivemos, então, em verdades fabricadas de acordo com os interesses dos donos dos veículos de comunicação. Não chamo ninguém de santo, mas a verdade sofre. Ou será por que sofro de grave esquecimento ao fixar somente as pauladas sobre o Messias? Por certo, tenho razoável pendor de saber que a virtude está no meio, ou geralmente escondida. Mas o Messias, por certo, não é santo, ainda que os inimigos do profeta não lhe encontrem os desejados pecados. A verdade e o direito pelas bandas latinas sempre se põem em dúvidas, ainda que os juízes

da corte suprema digam serem ímpolutos. Amanhã, espero ver coisa melhor. Que se passe logo esse período LUBOLISTA!

### *Vinde espírito*

O amor é breve porque é frágil. À custa de muito esforço, consegue manter a mesma direção. Como a piroga no mar: com dificuldade, o índio a retém sobre as ondas, fazendo-a ir além de onde está. Um sopro enfuna os amantes, empurrando-os para muitos portos.

É o espírito santo que sopra onde quer sobre o coração dos amantes. É o filósofo grego que manda caminhar para engendrar melhor o pensamento. É a fantasia alegre invisível e volúvel, é a alma sem direção certa, dançante. É a criação do poeta, é o cálculo engenhado, é quem faz mover o peito e o moinho. É o vento no rosto, é a novidade que diz: vai-te além.

Vinde, grande espírito, enchei os corações de vossos fiéis!!! E acendei neles o fogo de vosso amor!!! Porque o nosso é pequeno.

A vida é um caminho de esperança, nem é cumprido o primeiro, já se nos impõe outro. Lá vamos, de curtas esperanças e de palavras avulsas. Tão volumosa a vida de fantasias e arranjos, fluida como orvalho. Cogitamos tanto e flui o pensamento, mais veloz que os pássaros migratórios, e, sob a força das asas, ficam os rochedos sobre os quais sobrevoamos. Da luz tão tênue e de tantos estudos, ficam um pouco de visão e as dúvidas. É o carinho que nos concede sonhos e, ao final, silêncio sobre as pequenas obras feitas, como este pequeno texto no qual me desgastei, tão docemente, agora.

Se existe a velocidade de ventos e os tempos aflitos, é um bom exercício as conversas com Pessoa ou qualquer outro poeta, para sentir os ares e a alma em devaneios. Que nos consigam fazer sonhar em nossos humildes telhados!



E jamais se mostra inteiro o ser humano. O amor para sempre é coisa de bravos e de constante ternura.

Amém!

### *Meus 80 anos*

Tenho certeza: o pior não é o que fazemos de nós mesmos, mas o que os outros fazem de nós. Por mais boa vontade que se tenha aos 8 anos, não conseguimos obter tudo o que nos é imposto. Sempre sobra um pouco de nós para objetivar outras inspirações, a ponto de nos julgarem seres um tanto estranhos por não aceitarmos tudo o que querem que nós sejamos. Pior que a pouca liberdade dos 8 anos, acometem-nos proposições duras, impedindo ainda mais nossa vontade. Em nome da fragilidade, acusam-nos de incapazes de gerir a nossa vida. Em nome da saúde, guardam-nos em recônditos lugares, dizendo que isso e aquilo já não são mais para nosso bico. Se nos impuseram direções na infância, querem retirar as nossas últimas perspectivas de autonomia. É verdade, sobra pouco tempo para dizer, em semelhança à Casemiro, que saudade que eu tenho. Entendem que nossas pretensões são sonhos de Miró. Nosso poder é tirado, como se retira o açúcar a diabéticos. A morte dos mais velhos, para os mais jovens, sobrevoa perigosamente em qualquer circunstância. Dizem: olha o velho querendo amar! A próstata já não produz mais testosterona. E dirigir por mais de duzentos quilômetros é uma loucura depois dos 80. Ainda que tenha boa visão e braço forte, inventam haver um cansaço endógeno na velhice, impedindo a vigilância necessária. É perfeita a imaginação dos mais jovens ao dizerem: os mais velhos perdem a liberdade e sempre, em nome do cuidado e da bondade, vão ocupando os lugares sem pedir licença. Faz poucos dias, um amigo me falou de sua filha. *Ela me vendo ler depois da meia noite, acordou-se e veio em meu socorro: está com alguma dor que não consegue dormir?*

Chego a uma conclusão: aos 8 anos, devemos ter alegrias infantis; aos 80, querem que retornemos a elas. Não culpo ninguém: são costumes velhos e muita confusão em torno da velhice, como se todo velho tivesse chegado ao fim da linha. Falei ao amigo: sei que estamos chegando lá, mas, por favor, não precisam empurrar. Sei, também, da atenção dada por desvelo extremo, um amor de quase superproteção. Agradeço, reconhecido, pela ternura. Curiosamente, isso é bom por revelar-se um amor indiscutível: um amor de proteção...

### *O corvo*

Ler o magnífico poema de Poe nos induz a ver a morte de perto, ainda que se mostrando na figura de um corvo. E, aí, Poe expressa seu encontro imaginário com sua falecida esposa, Leonora. Culpa e dor podem acompanhar a solidão de alguns velhos.

*Construído por meio de recursos que nos remetem ao estilo dos ultrarromânticos, O Corvo traduz a idealização do amor e da mulher, o subjetivismo, o egocentrismo, a consciência da solidão e a presença sombria da morte. [...] O eu-lírico, homem que lamenta a morte da sua amada, é, declaradamente, o arquétipo da idealização do amor e da fugacidade da vida, características comuns ao estilo romântico.*<sup>18</sup>

*Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste, vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais. E já quase adormecia, ouvi o que parecia o som de alguém que batia levemente a meus umbrais. “Uma visita”, eu me disse, “está batendo a meus umbrais. É só isto, e nada mais”.*

*E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda no alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais. Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha. E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais. E a minh'alma dessa sombra, que no chão há mais e mais, libertar-se-á... nunca mais!”.*

---

<sup>18</sup> CAMPOS, Leonardo. *Crítica | O Corvo, de Edgar Allan Poe*. 2018. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-o-corvo-de-edgar-allanpoe/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

O magnífico poema de Poe mostra culpa e desencontro. A triste memória retorna em imagem de um corvo. Fala de antigo desacerto de um casal. As tentativas do amor de Poe viraram um triste poema.

Escrevendo sobre Poe, vieram-me fortes as dificuldades femininas em se mostrarem capazes de obter respeito. Da história humana que conheci, encontrei um exemplo diferente ao olhar sobre a relação entre homens e mulheres. Falo do livro de Margaret Mead (1901-1978), *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*<sup>19</sup>. O texto das autoras Mariana Boujikian Felipe e Shisleni de Oliveira-Macedo<sup>20</sup> mostra o comportamento feminino em uma das tribos: *Os Tchambuli. Aí as atitudes masculinas e femininas mostravam-se bastante distintas, tendo as mulheres um protagonismo evidente: elas eram dotadas de poder dentro das aldeias; eram as principais fornecedoras de alimentos, também responsáveis pela pesca, por negociar o excedente em troca de outros víveres e pela produção da riqueza (com a venda de mosquiteiros). Os homens, de seu lado, se dedicavam à arte e à estética, e eram emocionalmente frágeis.*

Pelas minhas leituras, a cultura Tchambuli representa uma triste exceção. A mulher de Allan Poe, representando a maioria das mulheres americanas, revela um casamento entre pedras e espinhos. Afastando-me de Poe, reporto-me a Machado de Assis. É só ler *Helena* para ver se confrontar conduta masculina em relação às mulheres.

---

<sup>19</sup> MEAD, Margaret. *Sex and temperament in three primitive societies*. New York: William Morrow and c. 1935 (Trad. Bras. Rosa R. Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2000).

<sup>20</sup> FELIPPE, Mariana Boujikian; OLIVEIRA-MACEDO, Shisleni de. "Sexo e temperamento em três sociedades primitivas". In: ENCICLOPÉDIA de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2018. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/sexo-e-temperamento-em-tres-sociedades-primitivas>. Acesso em: 14 dez. 2023.

## *A tempestade*

Estivemos na casa da praia desde 20 de dezembro: mais de dois meses distantes de Passo Fundo. Já nos preparávamos para voltar quando uma bruta ventania se abateu. Um galho robusto veio abaixo, causando grande susto. Mal acreditei na quantidade de amêndoas jogadas ao chão. Admirei-me de o galho encontrar uma forquilha e ali segurar o grande peso estendido no ar. Se viesse inteiro, por certo atingiria o carro do genro, Carlos Eduardo. Uma operação de limpeza foi iniciada a partir dos pequenos galhos estendidos. Por fim, por descuido e inadvertência do peso e da posição, entendeu-se de puxar inteiro o resto do peso. Quase que outro inconveniente ocorreu. A parte pesada bateu contra a parede, recém-refeita, acertando-a, e o chuveiro veio abaixo. De fato, o cuidado não poderia ser abandonado. Por fim, recolhemos os galhos, as folhas e os frutos, e um séquito de sacos cheios foi levado aos contêineres públicos. Sobraram os galhos pesados, que, erradamente, foram jogados na montanha. Ao me despertar, à noite, veio-me clara a conduta errada: os galhos em terreno alheio. Notáveis galhos em pátio alheio! Os efeitos da tempestade deviam ser afastados, ainda que de modo errado. Assim é na vida, cometemos erros na emoção da hora. E agora... quem vai recolher os galhos da amendoeira? Errar é fácil, corrigir é complicado. A falha humana sempre nos espreita, diria meu pai, e sempre vem a nos cobrar o erro. Tudo em semelhança à mulher de Poe. *E a minh'alma dessa sombra, que no chão há mais e mais, libertar-se-á... nunca mais!* Em diferença apenas: a sombra do monte alheio ainda pode ser refeita. Assim se fez.

## *A sombra*

Certos fatos, e palavras que os representam, devem ser guardados como se fossem preciosidades. De outra parte, ainda que a raiva e a mágoa provoquem a língua a se pronunciar, o melhor é enfiá-las

no fundo do baú. A boca deve guardar segredos doídos, ainda que o desejo imediato seja como a correnteza em dias de enxurrada. Se assim não for, tudo pode se demonstrar em desproporção aos transtornos da natureza. Em tempestade nas relações humanas, também ocorrem violentas enxurradas, em que se veem louças e carros sendo levados.

Quando as barreiras naturais se rompem, até as árvores protetoras ficam à deriva, levando a quem até então protegiam. Quando as forças da natureza entram em convulsão, o que resta são lágrimas. Assim também, cabe-me evitar a irrupção bruta da alma em ebulição quando, no ambiente íntimo, irrompem chuvas desmedidas. Sabemos que nossa alma carrega tênue proteção, assim como nas enxurradas do Rio de Janeiro, são finas as camadas de terra nas montanhas.

Ontem ainda, senti a onipotência de um doutor feita em admoestações para limitar o auxílio a um neto. Fácil é um rico dizer que na vida lutar é preciso, quando ele sempre teve recursos familiares em abundância. A sua montanha tem camadas de terras planas e não ficam em ladeiras de águas ameaçadoras. Uma casca grossa de terra plana é sua equipagem para proteção.

Velhos costumes de silêncio e de paciência me vêm em socorro, pois a Adélia Prado fala uma verdade: *quem não tem paciência perde o céu e a margarida do campo.*

### *Surpresas no mar*

Andava ainda preocupado com o destino estudantil do meu neto, quando convidei Solange a tomar um banho de mar.

Mal havíamos entrado, quando percebemos duas mulheres pra lá da meia idade querendo conversa conosco. Distinta uma da outra. Uma delas mostrou-se expansiva, a ponto de nos provocar a uma conversa. Ela começou dizendo ser de São Pedro, próxima de Santa Maria: viúva de três anos. Tinha sido agricultora de eitos alugados. *Meu ma-*



rido morreu faz três anos, de câncer agressivo. Cuidei dele ano e meio. Tenha duas aposentadorias, a dele e a minha. Então, vim conhecer e me apaixonei por Pinheira. Cansei de lá e resolvi alugar um pequeno apartamento aqui mesmo. Estou sozinha. A outra falou: sou irmã dela e vim fazer uma visita.

Dirigindo-me para a mais falante, perguntei: E não se sente muito sozinha?

*Nem um pouco, respondeu. Tenho já algumas amigas. Percorro todas as praias. Visito o Sonho e o Papagaio e vou até o Embaú. Estou amando este mar. Jamais vou voltar para São Pedro. Quero me casar de novo. A solidão, por enquanto, não me mata. Já paguei até um apartamento de dois quartos, sala e cozinha pelo ano todo. Vou casar, se me aparecer um vivoente interessante. O que passou, passou. Aqui é outra vida. Se der no jeito, vou me associar ao grupo da terceira idade. A Solange estimulou-a que fosse, indicando o grupo da terceira idade daqui. Não sabia, não vou perder tempo, vou atrás.*

Apresentei-lhe um primo viúvo que chegava, iniciando-se a seguir um papo dos dois, mas pelo jeito não rendeu. Ele saiu dizendo que não poderia abandonar as filhas e os netos em Porto Alegre. Acho até que ela também ficou sem muitos sentimentos favoráveis. Decisões de uma colona forte, sem medo de novidades. Ainda disse, ao sairmos da água: *Ele ficou em Santa Maria, e eu vou ficar por aqui.*

Um lugarzinho pequeno trocado por um mar imenso. Só não sei se aguentará os dias de inverno nesta solidão. As ondas chegam à praia, mas não falam. Mas o que é certo: a viuvez e os pequenos lugares estão mudando. A morte não produz mais tantas lágrimas.

### *Chesterton*

Em semelhança à história anterior, outra me foi contada pelo padre Alcides Guareschi, quando fui aluno do curso de Pedagogia no Consórcio Universitário Católico em 1965. Dizia ele ter lido, de Chesterton, o livro *O homem que foi quinta feira*. Pois bem, a história eu

lembro. Que se percam os nomes e os números, mas não o principal. Vamos à história.

Havia uma mulher banhando seu filho. Andava preocupada: as minas de carvão se fechavam. Aonde vai parar meu filho, quando crescer? Terminada a tarefa, distraída, jogou o pequeno garoto com água e tudo sobre o valo. Desesperada, em tempo, retirou o piazinho do barro. Temo fazer o mesmo com o que é o principal. Semana passada, ao comprar um controle da televisão, por estar descontrolada a memória, esqueci o remédio. Ao resgatá-lo, não lembrei da porta da pequena loja. Tive que pedir desculpas e me dirigir ao lado para resgatá-lo junto a um baú cheio de outras coisas esquecidas. De fato, vivo em tempos dos esquecidos: eu e todos que sofreram com o vírus da pandemia.

Assim, poderia escrever agora de uma compra de ontem. Comprei as coxas erradas de um frango errado. Valeram-me severas críticas da Solange, que também teve Covid-19. Falo isso para alertar os casais vítimas desses animaizinhos chineses. Desconfio: são espíões captando conhecimentos estrangeiros. Ou será que ando com devaneios persecutórios? De todo o jeito, devo fazer como a mãe do piazinho: vou fazer de tudo para viver, ainda que, por vezes, perdido. Ainda que viúvo das melhores lembranças, vou fazer como a mulher de Santa Maria: sigo em frente, que a Pinheira é bonita.

### *Esquecimentos*

Já falei: sofro da fragilidade evocativa. Chamo pessoas que já não me respondem. Conto um fato e, aí, o primeiro problema: certos detalhes importantes não são mais lembrados e outros lembrados, mas sem importância.

Enquanto falo assim, vai a nave da vida de um casal: Juliano e Renata. Vou estar com eles por alguns dias. Ambos tentam refazer seus amores pela segunda vez. A Renata encontrou o Juliano no supermercado Zaffari. E estão felizes por dois anos. Deduzi pelos fatos: eles não

querem errar pela segunda vez. O Juliano tem dois filhos, e vi a Renata buscando, com cuidado, aproximar-se da Júlia, adolescente, e do filho pré-adolescente de nome... deixa pra lá, ambos muito queridos. Eu a ouvi chamando os dois por Julinha e o menor, se bem lembro: Fernandinho, seja lá. É cuidadosa. Acho que também, por ser professora de matemática e pós-graduada: não pode falhar, senão a conta dá errada. O Juliano: põe gente nisso, ele engenheiro com diversas disciplinas em arquitetura. Dou testemunho de seus voos construtivos. Mostrou-me diversas casas e espaços singulares. Ele me fez lembrar os voos de Gaudi. Buenas, ele pratica uma espécie de paraquedismo. E falo de uma viagem aos céus. Assim, deixem me lembrar:

O paraquedas levou o Juliano, movido por um carro, estrada afora. Em certo momento, ele ascendeu aos céus, o que para ele se tornou uma aventura indigesta. Ergueram-se nuvens, elevando-o para mais de dois mil metros. Ventos gelados começaram a jogar com a débil criatura. Ele tentava controlar o instrumento voador. Sentiu-se vítima dos fios enrolados abaixo da asa. Assim, rompeu-se a vontade do aventureiro em favor dos ventos. Para sorte, iniciou-se uma vontade celeste a devolvê-lo para a terra entre contorções aéreas.

E se veio sobre Passo Fundo. Alguém conseguiu fotografar a estranha figura pendurada nos céus. Se fosse antigamente, não faltaria quem dissesse: vejo um deus na tempestade. A pobre criatura recomeçou a plear em seu favor contra os desejos dos ventos.

Por fim, foi jogado no cemitério. Caiu entre dois túmulos da área do campo israelita. Entregara sua alma, e aí estava vivo, gelado, pois sentira no céu a formação das gotas geladas. Por certo, não mais desejará erguer-se sem antes verificar a vontade dos deuses a respeito dos espaços celestes. O que mais faço agora é desejar proteção para as quatro criaturas reunidas por fios de cuidados que os ventos são fortes. Por certo, bem seguros por cordas do cuidado. Se assim não for, o parapente pode girar enlouquecido pelos ares.

## *Duas crianças*

Estamos na praia da Pinheira. É crença e com possibilidade de ser verdade: este nome provém dos primeiros a pisarem na enseada do mar de Santa Catarina. Eram os velhos ladrões do mar: os piratas espanhóis, russos e ingleses. Vinham até próximos daqui, na enseada de Florianópolis, para buscar água boa, alimentos e curar velas e mastros ofendidos. Como a terra próxima da praia era longa, fazendo-se também muito carrascuda com espinheiros hirsutos, diziam... lá nas espinheiras. Para descanso da língua, foi denominada Pinheira. O lugar é convidativo para descansar e ver as ilhas citadas pelos aventureiros. A praia se estende por seis quilômetros em forma de concha e é convidativa para bons horizontes. E assim vim dar aqui, certa manhã, sendo acompanhado por gente de natureza alegre e de bom humor. Duas crianças nos vinham junto: o João Vicente, de 5, e a Malu, de 4 vivíssimos anos. Já vi esplendores de alegrias, mas não com tal expressão como dos dois em falas e corridas em brincadeiras.

O João me chamou de Carneiro porque gosto de carne e riam os dois de uma vibração pelo nome revelado. Ele, então, ficou sendo Carneirinho, por ser meu neto. E riam mais felizes ainda. Pela meia-noite, arrefeceram os movimentos porque a avó da menina, Talita, levou a Malu para dormir.

E hoje uma multidão novamente se reúne. Chove. Nesta arca, haverá risos e boas conversas em cujo fundo serão acompanhadas por duas crianças.

## *Kiarkas*

Quando cantam, mais os índios se revestem de tristeza. Por mais que se agitem, parecem fugir ou retornar. *Quando se les vienem sus memorias afectivas piden: viene que mi coraçõn está perdido.* Reúnem, então, suas forças soprando flautas de bambu. Ou dançam, entre gritos e

assovios. Acendem fogueiras para espantar os espíritos das florestas. Tudo é ameaça, pois nada ou pouco explica sobre a vida. A natureza diz do ritmo entre a vida e a morte.

Mal haviam concluído as orações da noite, quando ouvem o primeiro tiro dos caçadores portugueses. Os tiros dos espanhóis já haviam alcançado os corações no meio da floresta. *E nosotros, los blancos, se mueren tambien e hacen murir los negros tambien.* Vejo, nestes anos 20, uma fome severa de matar. *E se muriran las mujeres como animales asta 1900. Después miran a sus derechos como a los hombres. Por lo visto ni los dioses salvan.* Negando parcialmente a história, houve demonstrações diferentes, evidenciando maior consideração aos índios.

Alguns dos pequenos índios catarinenses são apanhados para viverem entre os cristãos. Um dos meninos foi levado para o seminário em Porto Alegre. Revelou boa inteligência e foi para o seminário da capital gaúcha. Depois saiu, buscando outro destino. Um padre, João Balen, amigo do índio, resolveu preservar a lembrança do seminarista Topp, ao construir a catedral de Porto Alegre. Pesquisas confirmam que as cabeças indígenas, segurando-se nas alturas da catedral, são em memória do índio Topp. Ele se casou na região italiana. Depois veio trabalhar em Passo Fundo. Hoje, o cemitério de Vera Cruz desta cidade guarda seus restos.

### *Reverendo Talita*

Acordei nesta manhã de 17 de janeiro de 2022 pensando nela. Imediatamente me veio a oração: perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido. De graça, veio meu lado agressivo emparelhando forças com a minha bondade perdoadora. Ela vai embora, mas desejo que se vá com ela meu desgosto. As horas passadas tendem a perdoar a mágoa em torno das cartas voadoras que ela, sem respeito, jogou sobre a mesa, num sinal do seu descontrole emocional.



De um lado: o que vão dizer, se não me despedir dela com todos os respeitos devidos a parentes, exigindo uma casa sem mágoas; de outro lado, o que faço com meu temperamento vingador? Não darei abraço denotando fingimento, mas o bom clima entre famílias deve prevalecer.

Assim, o meio termo deverá acontecer. Se os de casa peleiam, o que esperar de outros que nos ameaçam nestes tempos peleadores? Mostrar perdão ao menino Jovi, por razões de ensinamentos, poderá ser um ato de bom caráter, produzindo imitação. A virtude humana não se faz por palavras, mas por atos em boa convivência. O guri não pode viver magoado, mas deverá encontrar o bom termo entre a mágoa e a defesa. A virtude se aprende também no meio das lascas que se fazem ao falquejar a boa imagem. Vi isso do irmão Lucas, M.S.F., fazendo Cristos de açoita-cavalo. Por ele, por mim e pelo Jovi, vou perdoar a intempestiva Talita: *Talita, gumi*: Levanta-te, menina, de tua morte. Vá para casa! Doem-me, ainda, as lembranças dela: por três vezes, fez o João chorar.

### *Cenas repetidas*

Gilberto Cunha<sup>21</sup> cita Shakespeare em *A tragédia de Júlio César*, ao momento em que Cássio fala diante do cadáver do imperador: *Quantas épocas por vir, será esta nossa elevada cena de novo encenada em estados ainda não nascidos e sotaques ainda desconhecidos*; assim se repetem cenas semelhantes, agravadas pela sordidez de séculos e de maldades aprendidas. É só olhar e ver a sordidez com que se comportam algumas autoridades brasileiras. Matam-se, se não fisicamente, pelo menos psicologicamente. É só ver as entranhadas lutas entre os poderes jurídico e político no Brasil de hoje e, sem dúvida, em outros tempos. Mata-se tanto e de maneiras feias e brutas em testemunho público, através dos meios de comunicação. Tanto quanto Júlio sofreu, sofrem as autoridades de violências já

---

<sup>21</sup> CUNHA, Gilberto Rocca da. *Ah essa estranha instituição chamada ciência: Borgelatria e outros ensaios*. Passo Fundo: CGR Editor, 2022. p. 315.

não por punhais, mas em palavras e facões. E o que quase fizeram com Galileu, sendo ameaçado por cardeais, conforme Cunha<sup>22</sup>? *E o Galileu do século XXI, em tese, sofreria sanções veladas de algum comitê de pares que, usando a sua ignorância como medida das coisas, não daria aval para a publicação dos seus artigos e nem para a aprovação das suas propostas de pesquisa.*

Ora, ora, diria Shakespeare, há mais outras coisas feias em tudo que se planta entre o céu e a terra. Quem não acreditar que ouça os noticiários da Globo, sábia em necrofilia. E as razões para tanta brutalidade ainda não se esgotaram. Caim e Abel mostram, de cara, no início da humanidade, para avisar de qual estofa somos feitos. Também dou testemunho de forças brutas em mim se erguendo, mas me aquieto. Faço bem ao falar para que não entrem nesta tenda cheia de péssimas lições.

### *Como o vento*

Por magníficas que sejam as histórias e as pessoas, elas nos somem como a brisa que move a folha, o galho ou a mata toda. Falei do Omir, o amigo dos pescadores da Pinheira. Dizia-lhes sobre a realidade dos amargos eventos que se abateram sobre ele. Mal lembravam a Santa e da cachaça levada para aliviar o cansaço dos pescadores da tainha. Aquele julho de 2021 foi de chorar. Percebi que o vento da morte da Santa mulher, assim era seu nome, e o sofrimento do Omir pouco efeito faziam no coração dos pescadores. A amizade fortuita que tanto efeito tinha no peito do Omir, neles, era um vento passageiro. As lembranças brutas da minha memória em torno da Santa pouco lhes diziam. As velas de Omir não eram as velas dos pescadores. As medidas não eram equivalentes.

Na recuperação da Covid-19 que o atingira em cheio, lembrava-lhe, por WhatsApp, detalhes vivos dos pescadores e dos peixes dos primeiros dias de julho, e dele os pescadores sequer sabiam da mulher que

---

<sup>22</sup> CUNHA, 2022, p. 127.

lhes havia preparado a Santa cachaça para aliviar o peso do mar. É, de fato, enquanto para nós o vento e as velas nos movem, para outros, o mesmo barco e as mesmas velas pouco importam. *Vivamos igitur!* Nossas velas são nossas velas e o nosso vento não é o que move o barco alheio.

### *Velhos e o mar*

É apenas um relatório  
De invejar o mestre Machado  
É um justo comentário  
De velhos indo pro mar.  
O primeiro sou eu  
Pela idade concedida  
Pela vontade divina,  
O segundo seu Chisleski,  
Cuidador de almas perdidas;  
Depois vem a Marisa  
Que já de tão frágil  
Por causa de um buraco  
Ela foi parar no chão  
Diz ela: um buracão!  
Vinha também a Luciana  
Mostrando a juventude  
Do seu corpo e da vontade,  
Feita de pura caridade,  
Por cuidar de tanta idade.  
Por fim me debruço, devoto  
Sobre a minha namorada  
Coisa amável de se amar  
Por onde estiver ou ande

Vou atender a Solange.  
Como esquecer esta senhora  
Minha divina companheira  
Que, encantada, serve todos,  
Seja a menina Luciana  
Sejam os velhos de toda idade?  
E agora lhes digo, sincero  
Não é mera conversa  
Ou mero acaso da vida,  
Ela foi enviada como um anjo  
Muito mais: é um arcanjo  
Que jamais envelheceu.  
Não retiro de Chisleski  
O dom que Deus lhe deu  
De curar as pobres almas,  
Nem de Marisa a suavidade  
Mas igual minha Solange  
Outra mulher não haverá!  
Me desculpem os anjos  
E a reunião dos arcanjos  
Me desculpe o Chisleski  
Me desculpem a Marisa  
E a Luciana também.  
Do nada, Deus me fez  
Esta divina mulher!  
E para concluir agora,  
Por não servir a Deus por inteiro,  
Levei um divino castigo:  
Ser escravo desta senhora.

## *Coisas da vida*

Por princípios universais, as pessoas se repetem nos tempos.

Foi assim que aconteceu na realidade de sonhos. Menino, eu ouvi! Algumas mulheres maltratadas em obrigações religiosas: um filho atrás do outro, sob pena infernal de eterna condenação se não cumprissem o costume de casa cheia. Os maridos fiéis amavam as mulheres ao dizerem: *esta é a mulher que Deus mandou pra mim*. Outras, ouvi coisas brutas e feias. *Professor, nem lhe falo: cuidei dele por dez anos antes de morrer. Sempre bruto, na saúde e na doença, foram dez anos de revolta dentro da boca dele. Nenhum dia de bondade*. Mais ainda, ouvi: *Pari dez filhos e até no último carreguei sacos de milho nas costas*.

Ouvia atento, com reverência, parecendo pedir perdão pelo sofrimento passado. Os costumes eram brutos. Disse uma: *Deus sabe disso. Não quero o inferno pra ele. Mas, se for pro céu, vou fugir... dizem que o lugar é infinito*.

E me pergunto, por minha pátria mãe, que sofrimento é esse de eu sonhar por justiça e mover um seminário sobre a nova ordem das coisas: um supremo decente, deputados amando a pátria, governos sem ladrão. Acordando sufocado. Disse-me, ainda, um colono bom: *esforço inútil, é coisa antiga*. Respondi: sonhar é preciso, viver nem tanto. Voltou-se ele, estendendo a mão: *as sobras para nós*. Riu-se, de uma bondade linda, como o bom filho da mulher amada. Acordei!

## *Nas areias e no mar da Pinheira I: o barco*

A vida e a morte compõem quadros no mar da Pinheira. As duas são férteis e até se bastam na revelação de ideias, de arrepios e de encantos. Vi um barco sendo devorado nas bordas do mar. Um bêbado deixou-o abandonado, ao gosto das areias. O mar, inculto e belo, como a língua portuguesa, emprestou seu dorso para sepultura.



As ondas mordem sua madeira, como vermes no serviço da destruição. Um quadro revelador da desventura aos incautos: uma história de quem não soube cuidar.

Os visitantes olham a realidade bruta de um barco devorado pelo mar. Os comentários revelam a violência a olhos vistos. Veja, meu filho, aí está o exemplo para todos. Não dá para dormir demais. O dono do barco preferiu beber a guiar o barco. Assim é para todos: não dá para facilitar. E o que é feito do homem do barco? Dizem que agora está mais pobre que já era. Deve ao erário público pelo descuido. Agora, o homem deve uma fortuna ao estado de Santa Catarina. Levaram o motor e outros apetrechos. Tem pai que é dono de fortunas e, num piscar de olhos, retira dos filhos tudo que compôs com esforço. A morte espreita quem não se cuida.

Outras palavras avulsas são ditas para alertar quem passa ao largo. Alguns se alertam, outros ficam a olhar, como se a história do barco aos pedaços não lhes dissesse respeito. Eu me comovi por ver de perto o resultado de quem dorme no meio dos perigos. Mas, infelizmente, mais me dói o barco morto que o vivente que o abandonou. Aí está quem tinha um destino e não navega mais.

### *Três viúvos*

Conheço três deles. O Anversa, o Londero e o outro quer me escapar. O Londero sentiu o golpe e já se refez com uma mulher encontrada em meio à solidão. Vi ele na praia, desacompanhado dela. Acho que por respeito à filha e, possivelmente, não saiba do novo arranjo afetivo do pai. O Anversa, o mais desesperado com a solidão, encontrou abrigo ainda no hospital onde se salvou da Covid-19, mas ele se alertou: *ela é muito novinha*. Avisei o homem mais ou menos assim: mulher jovem busca fortuna e segurança. Teu tempo de testosterona é breve. Teus músculos se fragilizam. Os sonhos da juventude perderam, mas não são mais confiáveis. *Sei disso*, respondeu: *mas me garanto*

*por uns cinco anos.* Não é bem assim, avaliei: o abandono em qualquer tempo faz mal, principalmente na velhice, quando novos encontros e proteção se tornam mais difíceis.

Poucos dias depois dessa conversa, Anversa me falou de uma fisioterapeuta. Meio abalado ainda pela Covid-19, precisou socorro de uma delas aqui na praia da Pinheira. Pela tarde, encontrei-o decepcionado: *pelo que vi, ela gosta de mulher.* Acrescentei: para ela, o certo é ter alguém com quem possa viver. E, para isso, não tem tempo certo nem errado. Muito menos nos tempos em que vivemos. Os costumes são incertos e a liberdade maior.

Agora, lembrei do terceiro viúvo: é o Garibaldi. Falamos de tudo. Ele, sem mais nem menos: *amei a Ceura, estou nos meus 88. Todos me olham admirados de minha saúde, mas não me encorajo de repetir a dose. Ainda que fosse boa, seria breve. E, por falar nisso: faz poucas semanas, encontrei uma mulher. Fomos e viemos. Não gostei. Acho que, pra ela, houve empatie: 1x1. Para mim, foi 0x0. E o juiz terminou o jogo antes da hora.*

Resta-me acompanhar a deusa Diana nas buscas do Anversa.

### *Estranhas sensações*

Ao sentir a fragilidade, existe uma forte necessidade de me unir às pessoas de forma radical. Algumas ideias se elevam tanto ao desejo de companhia a ponto de haver necessidade de sonhos para conversações. Fico embasbacado de tudo que se diz a respeito do advento da morte. Então, fico triste por ver a nossa inarredável fragilidade.

De alguma forma, fico atingido por ver de perto a radicalidade do fim. Borges se foi sem ver seu fim, deixando sua transcendência humana. Deixou-me comovido por perdermos uma fortaleza, mas, por outro lado, em minha humanidade, fico como em transcendência, por ter tão poderoso criador e, uma vez inspirado em sua palavra, suporto a vida como se eu fosse eterno, embebido pela grandeza de alma reve-

lada em suas obras. Trago, com ele, a beleza dos contos, tornando-me mais humano e maior que sou. Comovem-me Alef, as tragédias humanas e seus bandidos. Comovem-me os seres imaginários desenhados por ele. A sua humanidade me comove em todas as direções: o bem e o mal habitam lado a lado. Seus gaúchos mostram o barro e o espírito forte dos quais sou constituído.

### *Uma grande figura humana*

Ontem a Pretinha, filha da Marisa, veio passar o fim de semana aqui na Pinheira. Visita a gente como agradecimento por liberar para ela uma *kiti* quando cansada dos ruídos de Florianópolis. Matamos a saudade de tudo que nos une. Seu marido veio também: um santo homem. Ele reza comovido antes das refeições e nele existe o perdão de alguma ofensa. Vi esta virtude tão importante. Ouvi de alguém dizendo para ele que fosse trabalhar: sua juventude não merece uma aposentadoria, sem ter tido o dever do trabalho! Nada se alterou em sua serenidade e continuou como se nada tivesse acontecido. Cuida da sua Pretinha e do cão labrador como aqueles cuidadores atentos em tarefas cheias de importância. Bem que ela merece um cuidador despreocupado, tendo por missão agradar uma mulher e um cão. Revi, na Pretinha, os anos da infância dela, de minhas filhas e da irmã, a Luciana, cuidadora de seu filho microencefálico, como se dele proviesse a salvação da humanidade. Doze anos de cuidados e lá se foi o piá, cheio de cuidados. Curti a Pretinha como se ela viesse, de repente, com sua infância e juventude. Recordei a ela do poder da sua voz. Ela não podia esgotar esse talento somente como vendedora num shopping. Depois, ela veio perguntar para a Solange o que tinha a dizer sobre minhas palavras. Minha esposa repetiu o que dissera: talentos assim não podem ser desperdiçados. Por fim, iniciada a noite de sexta-feira de 4 de fevereiro, os dois foram embora. Acho que estão chateados comigo por dizer que não apreciava a vinda do cachorrão deles do tamanho de

um terneiro. Vou dizer que podem trazer aquele animal de estimação e até dormir numa *kiti*. Mas, primeiro, levem o animal para fazer as grandes necessidades.

Temo, porém, que o animal saiba de minha dificuldade em aceitar cachorros grandes e, num repente, volte seu ancestral costume de morder. Adquiri um complexo canino na infância. Muitas vezes, subi em árvores para escapar de cães enormes, quando ia visitar meus amigos nas roças da Divisa. Ainda bem que, naquele tempo, havia muitas árvores.

Por mais que eu me diga: existem animais de raça com boca somente para bonito. São treinados para não morder. Meu ser antigo não acredita nisso.

Te amo, Pretinha. Amo também teu marido, mas, se disser que amo teu bichano, estarei mentindo. Mas... pode vir com ele.

### *Morte da amendoeira aos 25 anos de existência*

Sacrifiquei a amendoeira no ano passado. Restaram para o fogo três galhos e três cortes do tronco para lembrança. Dispus os restos mortais de tal forma a ponto de comporem um quadro reverente em sua homenagem. Cerquei a composição num retângulo de tábuas de pinho e entendi haver uma configuração de arte. Comovi-me por ver os restos bem dispostos. Os pedaços do tronco, em cepos, como guardiões da falecida árvore. Por vê-la assim lembrada, fiquei com menos remorso pelo crime praticado. Como desculpa, digo: jamais se viu amendoeira tão exuberante. Mostrei minha obra a algumas mulheres passantes: nada notaram de belo, de justo e necessário. De belo: eram nítidos os traços a comporem harmonia entre as partes. Era justa a homenagem, pois as sombras haviam acolhido tão bem aos amigos que chegavam. Era necessário o corte vivo da amendoeira, pois todos os vizinhos reclamavam da quantidade de folhas espalhadas pelas casas e na rua. Ademais, o vizinho me avisou da montanha de folhas ergui-

da em seu pátio. Avisou-me, também, que, em assim crescendo minha amendoeira, o muro cairia sobre as suas flores. Ele mesmo se ofereceu a dilapidá-la, pondo-a ao chão. Para as exéquias, paguei um carroceiro para transportar o féretro. Estou, então, de menos dores pela destruição das sombras. No sol deste ano, senti saudades de minha amendoeira. O jeito é rir para não chorar. Que saudades que eu tenho da amendoeira querida; sua sombra não volta mais.

### *Amigos*

Amigo é coisa para se guardar no lado esquerdo do peito, mas, com cuidado, que não é pouco o caso de alguém estar enfiado em nosso coração.

A invasão de privacidade é um perigo, principalmente quando a amizade se estabelece em tempos de dificuldades. Tive uma amiga com a qual desabafei sobre uma colega de trabalho e esta andava muito atenta em estar no meu lugar. Não deu outra: o meu desabafo me deu muito que falar. A prudência é uma virtude tão necessária quanto o amor. Sempre existe alguém de olho em tua honra, em teu tamanho profissional, em teus recursos materiais e morais. Os diabinhos podem se esconder nas asas dos anjos.

A amizade deve ter suas garantias de segurança, a ponto de você se sentir como se estivesse consigo mesmo. Ainda assim, *Su co le rece*: ouvidos atentos! Só para ver: mesmo quando estamos seguros quando a sós, devemos ser precavidos, uma vez que também nós mesmos podemos nos perder pela linha de fundo. Na verdade, nas alturas de meus 80, posso dizer: em alguns momentos, não fui prudente o suficiente, a ponto de jogar contra meu próprio time. Disse o que não devia esquecer: não é somente o peixe que morre pela boca. Por outro lado, vivemos cercados de prevaricações. Nestes tempos bicudos, é costume as pessoas viverem muito atentas aos seus próprios interesses. As máscaras parecem ter invadido a alma também. Todo cuidado



é pouco: a zica e o maldito 19 andam às soltas. É de se perguntar quem confia na corte suprema e nos supremos da política? Ando escondido em Santa Catarina. Mesmo sob as asas da santa, sabidamente protetora deste lugar, e a olhos vistos, dá para ver como tudo é cuidado. Ontem, ainda, vieram tardiamente, depois de cinco meses, reparar um problema deixado na minha calçada. Ao sair, o caminhoneiro prestador do serviço estourou com seu caminhão a parede do meu muro. Já saía de fininho. Ainda bem que o alertei. Repôs o reboco, ficando para mim o reparo da pintura. Assim é: nem em Santa Catarina, nem sempre a parede dos outros tem o devido cuidado. É só ler *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, para saber por quem andamos rodeados. O país é belo, mas pouco virtuoso, a se olhar para quem nos governa.

### *Sobre a última amendoeira*

Se meu amigo Noujorks ocupa seu tempo livre de aposentado para limpar a rua das folhas de três árvores, pensei-me no direito de reparar em minha última amendoeira. Esta, por não ter sido tão exuberante quanto a sua companheira, está vivendo em paz. Assim sendo, deitei meu olhar em ver seu comportamento. Vi o tronco pendendo perigosamente para dentro do pátio. Estende seus ramos para a rua e para o vizinho Luiz. Deverei podar, radicalmente, os galhos pendentes para onde se inclina. É tarefa urgente podar a copa e, de modo particular, os ramos favoráveis à inclinação. Assim, vou considerando a necessidade de preservar a existência da amendoeira. Em tudo à semelhança da educação de qualquer pessoa. Carece de ajudar quem quer que seja a se afastar dos perigos em torno de sua identidade. O valor da existência tem por medida a convivência com os outros. Saber se afastar dos perigos iminentes é tarefa dolorosa, principalmente na ocupação dos espaços. Lembro, então, da lenda dos porcos espinhos de Schopenhauer, na qual se revela a necessária distância entre os membros de um grupo para que não se firam uns aos outros. Cada

qual tenha por conta uma conduta a zelar pela vizinhança e, de modo especial, tenha uma forma de conviver condizente com o meio ambiente e suas leis. Assim, a amendoeira, por não saber os limites que a cercam ou da forma certa de sua conduta, deve ser conduzida, ainda que lhe doam as imposições. Sei que me doerá o facão do carroceiro gaúcho e o clamor folhudo dos galhos que caem. Antes assim, que a ver tombada como aconteceu com a primeira. Crescer é preciso, mas em tudo se tenha respeito às leis naturais e, mais exigentes, às sociais. E, para mim, uma lição: não plante amendoeiras em pátio pequeno. Ninguém suporta as folhas alheias!

### *O carroceiro*

Vladimir é viúvo de poucos meses. Quando me apareceu com um seu Ford todo escangalhado e uma *gaiota* em pior estado, levei medo. Com instrumentos de trabalho: apenas um facão e a força para trepar. Agitado como um tufão, ia espedaçando a árvore sem cuidado. Assim se foram uma telha, meu chuveiro do pátio e duas flores. Ao final do trabalho, tornou-se nervoso quando solicitei que cortasse o galho próximo à rede elétrica. Ele se agitou, dizendo que chamasse a Celesc para fazê-lo. Insisti. O carroceiro gaúcho perdeu a paciência. Então, por mediação do vizinho Luiz, encontramos uma forma menos perigosa para realizar a tarefa. O que foi realizado com muita facilidade. Aumentei o valor combinado, o que o tornou afável. Quando vi seu menino de 7 anos ajudando a carregar a carroça, penalizei-me deveras, bendizendo-me por ter-lhe aumentado o valor.

Por conta de meus limites covideiros, lembrei-me tardiamente de outro podador: o Zeca. Pareceu-me melhor podador que o carroceiro Vladimir. Com uma taquara, encimada por uma foice dentada, cortava os galhos. Quando resistiam a cair, empurrava-os, a distância, até deitar os galhos folhudos ao chão. Se eu não sofresse de uma memória tardia, os serviços seriam melhores: o Zeca me serviria me-

lhor. Por fim, para minimizar os efeitos da inclinação da amendoeira, encostei uma escora de angelim, comprada na madeireira Madebem. Se bem-feita, como promete o nome da serraria, vou avaliar os resultados. Na verdade, os limites humanos nos cercam e rugem como demônios ao nosso redor. Agora me toca replantar as flores, trocar o chuveiro e a telha quebrada. Deus abençoe os dois órfãos e o viúvo Vladimir também!

### *Pensando nos escravos*

Se olharmos bem... não há quem não sofra de alguma dependência, embora não tão dramática quanto a dos escravos. Ainda que os escravocratas se defendessem: quando perdidos nas florestas africanas, viviam em pior sorte, e o que dizer dos escravos astecas, uma vez presos, eram sacrificados aos deuses. Que o diga HUITZILOPOCHTLI, **de quanto sangue bebeu!**

Até Aristóteles entendia haver a necessidade de sujeição daqueles que nasciam escravos, pois lhe pareciam inferiores por natureza e, por tal inferioridade, deviam obediência aos mais iluminados. Mas, vejo uma espécie de inferioridade constituída historicamente e de muito difícil afastamento. Uma espécie de acomodação ao estado de nascença leva a que muitos fiquem onde estão, a menos que esforços particulares e apoios sociais instiguem a voar. Isso acontece por algum fator mediador que os faça se elevarem além da inferioridade subserviente. Parece haver uma constituição de caráter social voltado a favorecer a inferioridade. Dou exemplo dos filhos do carroceiro gaúcho aqui na Pinheira, do qual falei antes. Veio um dos dois filhos do humilde trabalhador: queria ser como o pai e feliz por não o obrigar a ir para a escola. *O outro, o mais velho, falou o carroceiro Vladimir, é diferente: quer estudar. Pretende uma atividade mais rendosa que a minha. Acho que vai conseguir. Não cansa de estudar.*

De alguma forma, aparecem reflexos arcaicos presos na índole pregressa dos escravos afeitos ao desprezo dito por Heine no texto de Cunha<sup>23</sup>.

Heine é mais sutil e ferino ao se referir ao capitão do navio negreiro. Vendo os negros de sua propriedade a morrer de melancolia, diz:

*Poupa suas vidas pelo sangue de Cristo  
Que por todos nós morreu!  
Pois se não me sobram trezentas peças,  
Todo o negócio se perdeu.*

O carroceiro e seu filho ajudante, ainda que distantes dos navios negreiros, sofrem de uma degradação social havida com naturalidade, a naturalidade do mal. A dignidade e o sonho da maioria se perderam facilmente, tanto no pai como no filho, restando a inferioridade social. O que se vê na escravidão é a pura maldade humana de uns contra outros. Nada justifica essa injustiça atravessando os tempos e os povos.

### *Num jogo do Inter*

Ontem, sábado, 12 do 2 de 2022, fui ver o jogo do Inter num bar da Pinheira. Encontrei um torcedor de uma simplicidade de anjo. Apresentou-me a esposa. No jogo da semana passada, meu time jogou mal, mas tão mal, a ponto de me envergonhar. O homem, chamado Gabriel, apresentou-se e senti a dificuldade. Falava entre dentes. Eu mal ouvia e ele mal falava. O ruído, é verdade, atrapalhava. Ouvi por alto dizer: *meu pai ajudou a construir o estádio Beira-Rio*. Perguntei pela participação paterna. Respondeu: *ele carregava cimento*.

No intervalo do jogo, ele saiu. Ao voltar, trouxe-me um livro: *O gigante da Beira-Rio*, composto por mais de 40 jornalistas: 384 páginas.

---

<sup>23</sup> CUNHA, 2022, p. 357.

Um homem simples, quase criança. *Você leva o livro pra casa. Domingo que vem me devolve. Se eu não vier, deixa aqui no boteco mesmo. O dono aí é meu amigo.*

Li e gostei:

FOOT-BALL

6/4/1909

*Um grupo de jovens, empregados no commercio, residentes no 2º districto acaba de fundar uma sociedade cujos fins são o cultivo do bello sport bretão. A novel sociedade ainda não escolheu seu nome. Sabemos que, por toda a semana, será eleita a sua directoria, sendo então deliberado como será denominada a nova agremiação.*

Em casa, depois do jogo, vencido pelo Inter por 1x0, li um pouco mais. Minha agremiação melhorou e muito em relação ao jogo anterior, derrotado pelo Ipiranga de Erechim, 3x1: Humilhante derrota para a novel agremiação denominada dia 14/4/1909 de Sport-Club Internacional.

Ao final da nota, lê-se: *Ao Sport-Club Internacional desejamos vida longa e de perennes felicidades.*

Saí agradecido ao novel amigo. Fiquei de efectuar a devolução do livro no próximo embate de nossos *foot-ballers*. Espero que *elles* façam bons *training-matches* durante a semana, para mostrar melhor competência no próximo embate. Hoje, dia 1º de maio de 2023, continuo chateado com meu time. Este ano cansou de perder nos *Penaltes* e ontem à noite perdeu para o América de Minas *Tristezas*. Tristeza mesmo era ver meu time sem pernas para jogar! Ontem, 29 de junho de 2023, contra o Independiente de Medellín, arrasou e, pelo visto, com Enner Valentia e outros, promete ainda mais.



## *Campos e dirigentes do Inter*

14/04/1909

*Em reunião effectuada, essa sociedade elegeu sua primeira directoria sendo presidente efectivo João Leopoldo Seferin.*

30/04/1909

*Domingo último, à tarde o Sport Club Internacional inaugurou os seus trainings-matches no ground sito à rua Arlindo, no arrabalde do Menino Deus.*

Depois, passaram para a Várzea, nas proximidades do hospital de pronto-socorro, onde dividiam o campo com o Colégio Militar. O Clube deles conseguiu preferência do campo por ser time fundado, por ser gente de elite. *Efectivamente*, o time é da Várzea.

Em 1912, o presidente do Inter, Júlio Seelig, alugou a chácara dos Eucaliptos. Houve desentendimentos e a chácara ficou para particulares. No ano de 1931, apareceu a mão forte do engenheiro Ildo Meneghetti. Lançaram uma campanha de títulos e o novo local foi erguido. Aventou-se em construir, aí, um avantajado estádio, mas o espaço não permitia, ficando para o senhor Pinheiro Borda assumir uma ideia nova: construir um estádio de maior porte. Borda assumiu e não somente pensou como gigante, mas foi um gigante para assumir tão gigante obra: o Gigante da Beira-Rio. Em julho de 1963, com o aterro já pronto, Pinheiro Borda lançava a pedra fundamental junto à Avenida Beira Rio. A obra levou praticamente seis anos para ser inaugurada. O acontecimento se deu dia 6 de abril de 1969. Em abril de 1965, faleceu Pinheiro Borda, com o estádio em adiantada construção. Preitos também são devidos ao construtor engenheiro Ruy Tedesco e, indiscutivelmente, todos os dirigentes e colaboradores durante o período do erguimento dessa obra. Todavia, homenagem maior cabe aos colorados que contribuíram para o Estádio da Beira-Rio se tornar realidade.

Como exemplo, cito **Edílio Sganzerla**, com seu testemunho registrado no meu Face, no texto *Num jogo do Inter*:

*Eu também me orgulho de ter participado da construção do Beira Rio. Em 1967, o Colorado lançou a campanha do tijolinho, a qual me sensibilizou. Não hesitei, fui até à maromba de um amigo, que também era colorado, o qual me cedeu oito tijolos mesmo duvidando da real finalidade. Com uma manobra ousada e criativa, usei os prês-timos de um dentista, que vinha atender a comunidade em todas as quartas feiras, para fazê-los chegar até Porto Alegre, há 260 quilômetros de distância. O tal dentista era gremista ferrenho e levou aquele pacote, sem saber do conteúdo, até minha irmã, interna do Colégio Navegantes. O pároco padre Artur, por sorte um colorado, completou o serviço. Para mim, esses oito tijolos são os mais importantes na construção daquela magnífica obra.*

### *Quando falta amor*

Um rapaz me falou sobre a situação difícil em que se encontrava. Os pais separados costumaram e costumam deixar um para o outro o cuidado do filho. Jogavam um para o outro a responsabilidade e o menino, como bola de pingue-pongue, era a própria bola. Depois de muito tempo e lutas de pouca glória, o pai resolveu assumir mais de perto o desenvolvimento do filho. Lá pelas tantas, o dinheiro dos tempos difíceis bateu à porta do pai. A mãe casou com um distinto senhor. Este lavou as mãos. Não queria nem falar do assunto sobre a vida do filho de sua esposa, e ela já havia passado adiante qualquer problema que houvesse com seu filho. Ao meio do caminho, houve uma enorme pedra. Os estudos do filho se tornaram caríssimos, retornando a situação constrangedora. O filho como bola de pingue-pongue entre os dois. O pai cansou de ter assumido os estudos, dizendo que seus negócios estão mal e que suspenderia o auxílio nos estudos do filho. O

filho, já adulto, sentiu a ameaça. Pediu socorro ao avô. Este deu garantias aos seus estudos, mas cadê o dinheiro? Expôs para a filha o velho problema. Mas nada... assim mesmo o neto continua estudando com o apoio maior do avô.

Tempos complicados estes da pandemia, mas concluo haver doenças que não voam. Podem morar no próprio peito dos pais ou de quem deveria se comprometer. Ainda bem haver avô, avó, bisavó, namorada, que compensam a má vontade e as dificuldades no meio do caminho.

### *Diante do imponderável*

Quem é que não amaria saber das horas que podem nos aprontar? Estou com meu pátio numa bagunça: tronco de árvore por retirar e o danado do Zeca não veio ontem, e quem é que me garante que venha hoje? Quem é que sabe da reação do Juarez por ter que esperar mais um dia para completar seu serviço? Quem é que sabe se o Cézár vem ou não vem para ocupar a casa em aluguel? Qual será a reação de Fernanda diante de um apelo austero? E o que dirá o pai do Henrique ao lhe dizer que a forma de tratar o filho é ruim? Será uma boa viagem a da Tati vindo para a praia? A Covid-19 ainda está por aí. O que está acontecendo com o olho da Nina que não para de lacrimejar? Será o câncer novamente? E este tempo: chove ou não chove? Meus apelos para a mãe do Henrique surtirão efeito?

Fico nessas apreensões e devo me acalmar, porque, da última vez em que me agitei muito, meu coração quase deu a última batida. Enquanto escrevo, ponho-me a dizer: não seja tão exagerado! Então, vou dar uma passeada e ver o mar da Pinheira e respirar o ar desta manhã. Vou comprar pão aí no Santos e aguardar os acontecimentos sem preocupação. Kkkkkkkkk! Rir faz bem. Lá me vou!

La esquecendo a máscara. Agora vou!

## *Minha gente*

Estou há duas semanas com Solange e Nina aqui na praia. Estou ainda com dor por falar sobre a história do meu neto sendo ameaçado de se ver só nas despesas do curso de medicina.

Não sabendo se por meus exageros em fazer funcionar um forno, ou por querer, com picareta, esclarecer a extensão de uma raiz do pátio... enfim, juntando, também, a falta de compromisso de um serrador, senti, ao acordar, uma dor intensa se precipitar sobre meu ombro. Será enfarto? Será apenas tensão no ombro em razão desses eventos? Fiquei quieto como urutau sobre meus temores. Agora, iniciando a noite, vejo que estou melhor, muito melhor. Encontrei outro serrador, meu neto ficou calmo ao lhe dizer que estivesse bem: *seu curso estava garantido!* Eu percebo melhor vendo que nada de grave está me ocorrendo. Os fantasmas da noite se diluíram. Por um guardador de carro, encontrei outro serrador e, pelo apoio de Tati e de Cadu, senti não estar a sós no socorro ao meu neto. Recebi um e-mail dele, manifestando serenidade e ternura pelo apoio recebido. Mas, as preocupações se precipitam, ainda que não tão próximas: o primo da Solange está ainda desorientado sentindo a Covid-19 a judiar seu corpo. Falou-me que, em sua casa, a mãe e o irmão andam de mal a pior. Está bem, aqui na Pinheira, mas a cabeça lhe machuca ao falar das dores ardendo em sua casa. Chamar nossos tempos de bicudos soa uma brincadeira, porque os diabos espiam por todos os lados: *Pero que si pero que no, sciamo tutti bene. Così sia! Andiamo via!*

## *Emoção*

O domingo começou com muita emoção. Corrida pelas praias. Mais de 1.500 jovens, em diversas modalidades de corrida: revezamento, 25km, 20km e outras distâncias. Eles disputarão prêmios. Comoveu-me a oração deles para quem não corre mais em razão da Co-

vid-19. Animei-me com a vitalidade e a saúde dos corredores. Ainda não são sete horas de 20 de fevereiro. O murmúrio das conversas, a atenção dos atletas e os promotores do evento. A casa em silêncio. A demonstração da vitalidade até de uma corredora grávida em adiantado estado, querendo mostrar com que esforço se carrega a vida. Perguntei a diversos corredores sobre o número dos competidores... ignorância total. Até fui aos coordenadores para obter a informação. Ninguém sabia. Foram saber da informação até que uma delas afirmou convicta: 1.500. Vou descansar mais um pouco, que as informações buscadas, com vento forte, cansaram-me. Pouco se sabe, muito se corre, mas viva a vida que anda com pressa.

### *Voltando para Passo Fundo*

Uma casa abandonada manifesta suas dores quando deixada *solita* por largo tempo. Por outro lado, apresenta certas novidades imponderáveis. Os pés de jabuticaba estão frutificando em fevereiro. A mudança climática despertou as árvores antes do tempo e vieram flores, no dizer da Áurea: dos pés até à cabeça. Poucos dias depois, encontrei a árvore minada de frutos extemporâneos. Vinham eles ao final de outubro ou, eventualmente, alguns se davam ao luxo de chegar um pouco antes. E cadê o número da minha internet, até que desconfiei que os registros da minha sofrida memória diziam começar por E, e lá estava o arquivo Sol e Ago, indicando 1616616116. Uma pobre alegria me possuiu: achei o que antes se apresentava sem qualquer esforço. Assim vai também com Solange. Os nomes das coisas se perdem, pois a memória está devastada. À custa de esforços, correlações, buscas e tentativas, encontramos o que desejamos. E para reaver os canais da televisão: passei meia hora para pedir que devolvessem nossos canais pagos. Agora vou buscar o que falta. Eu estou aqui, acordado às 4h da matina, pois o alarme desapareceu do nada. Dou explicações à moça. A atendente, cujo nome não



lembro, falou: vou agendar um horário para atender o problema. E agora vai começar o périplo para achar os documentos necessários para a declaração do imposto de renda. Por onde começar? Qual o nome dos endereços para solicitar os documentos? O que fazer mesmo para ligar o ar-condicionado, pois Passo Fundo, se dá jabuticaba extemporânea, dificulta viver nestes ares do deserto. Assim vou, nestes tempos em que os russos andam matando os ucranianos e eu me matando para lembrar as minhas coisas. Conformo-me em ser brasileiro.

### *Chatices e fragilidades*

Dia sem muitos agradados. Fui ao *super*, para encher as tulhas. Nem tanto: o necessário. Desgosta-me ser um mercador de alimentos. Um susto: o valor das coisas. Parece que a guerra é no Brasil. Todo mundo metendo a mão no bolso dos brasileiros. Comecei a dar um jeito nos comprovantes de rendimentos: o leão é um animal muito comilão e forte. O que me salva é o enfarto de 30 anos atrás. Bom mesmo é saber que o pessoal e a professora Lia vão à praia. Não posso vacilar nos pila. Se o pai e a mãe do neto não se prestam como bons lutadores, o avô deve se prestar como fiel escudeiro. E horizontes horríveis não fazem bem para ninguém. Meu neto merece muito mais. Não estou para Marco Antônio e nem minha mulher está para Cleópatra. Valeu o filme *O violino de meu pai*, obra turca cheia de boas melodias. Quase um melodrama, mas o mel não chega a incomodar.

Ainda me agrada lembrar de ter dirigido por 530 quilômetros. Senti-me dono de mim. Fizeram-me menor do que mostrei ser ainda capaz. Curiosamente, durante a viagem, pareceu-me estar nos meus 40: lépido em ter poder, ainda que por pouco tempo. Envelhecer é isto: encarar de frente a vida, sem entregar os pontos antes do tempo. Os minutos não podem ser medidos por minha fragilidade, mas, com licença, vou tomar o meu remédio. Passar nos braços o androgel e, para

o peito, pera aí... depois eu digo: clopidogrel, crestor e, para o sangue não aumentar, a... o glifage; e, para urinar melhor: *deixa pra lá, amanhã eu lembro.*

### *Às cinco*

Faz tempo que às cinco estou acordado e a noite ainda solicita descanso, mas meu corpo velho desobedece. Não tenho muito que dizer. Aí, eu exijo não me calar. A quietude vem, pedindo licença para se instalar no meu peito. Durante as férias, preferi não ir churrasquear na praia com a turma. Pudera: iam para beber e falar picuinhas e curtir um sol de quarenta graus. Desculpei-me, dizendo que ia ficar com a Nina. Para mim, não caía bem deixá-la sozinha. Fui comprar um bife, pois merecia mais que as coxas de frango do dia anterior.

À noite, vieram os homens e a tropa toda. O Gringo veio antes, dizendo que não lhe agradava a *beberrança* dos outros. Sentia-me velho demais ou severo demais comigo para me atracar na bebida daquele jeito. Não ando mais metido na alegria deles, falou.

Agora estou aqui, revendo pequenas formas de viver. Admito que eles estão numa boa curtindo uma orgia, num tempo que nem é bom pensar muito. Eu é que ando me preocupando sem muitas razões, a não ser a futura situação do Henrique. Minha proposta é pôr em garantia um apartamento e fazer um empréstimo para pagar a metade de uma bolsa de estudos. Não vou deixá-lo pendurado na escada de seus sonhos. Recebi uma foto dele com a Duda. Alegria de vê-lo sorrindo.

Meus Deus, por onde andas, que não dás jeito melhor às tuas criaturas? Fico aí, perdendo meu tempo por nada. É que a vilania ainda me incomoda. Estou sereno às cinco e quinze e vou tomar de um livro para chamar mais descanso. É dia de carnaval, de 1º de março de 2022.

## *Oração aos 80*

Senhor, dai-me mais progesterona e paciência para suportar os limites da vida.

Fazei de mim um homem de paz e não de aflição.

Dai-me forças ao coração para passar mais este ano.

Que minha palavra flua tranquila e a memória não canse de lembrar palavras, atos e omissões.

Que meus neurônios resistam às agressões das proteínas tóxicas em meu hipocampo.

Que minha ternura não se perca no marasmo de meu temperamento.

Que brilhe a luz da ternura em meu casamento.

Que minhas filhas estejam bem.

Que não me chateie quando um babaca entenda ser eu o marido da minha sogra.

Que controle minha língua que anda solta e louca para dizer verdades.

Que meu silêncio não seja ameaçador, apenas visto como ignorância de um velho cuja boca anda calada.

Por fim, suporte palavras, olhares e ações sem respeito, porque fazem parte de uma cultura de morte aos mais velhos.

Prome o me esforçar um pouco mais, mesmo quando cansado e com minha natureza muito turrona. Afinal, não me deram chance de escolher meu temperamento. Veio no pacote das mãos do Senhor!

Amém.

## *De volta pra casa*

Por ter estado durante mais de dois meses na praia, a nossa casa querida já estava desacostumada de nossa presença. Formigas até se instalaram nos receptores da Jota Segurança. Fiz a limpa. Um enxame delas vivia bem protegido. Entre a segurança da nossa casa querida e a delas, preferi a minha casa. Condoeu-me vê-las mortas, mas dei uma de Putin.

O arbusto João Balão resolveu se inclinar sobre o meu pátio. Os frutos negros e sem valor sujam a calçada sem respeito algum. Vou cortar os galhos pendentes sobre a cerca. Vou me apropriando da vida que quer se expressar sem respeito às divisas. Olho para minha palmeira e os cachos da realeza. Estão todos se somando uns aos outros, insistindo em não cair, seguindo o exemplo das palmas. Respeito as palmas reais e as árvores da vizinha, mas, ainda que não saibam das leis humanas, devo mostrar que o reino animal é devastador. E, neste reino, o humano está me parecendo o pior. Vou fazer a limpeza urgente, antes que o reino vegetal e o animal tenham prevalência sobre meu pequeno reino. Por mais brutal que seja minha atitude, assim será feito. Se Zelensky protege a Ucrânia, quero apenas proteger meu pequeno território. Se as plantas e os animais não sabem dos meus direitos, vou, pelo menos, delimitar os seus. Se a dona Maria, dona do pé de João, não quer saber da sujeira do meu pátio, vou pedir licença para acabar com alguns de seus galhos.

## *Em comunhão*

Comungo com os jovens da Ucrânia que não têm para onde ir e com aqueles que podem fugir para longe. Comungo com os animais perdidos ao soar das sirenes, por não saberem do mal que os cerca. Comungo com as mães dos meninos e das meninas da Ucrânia, por não saberem: acaso seus pequenos lutadores voltarão para casa? Que

tenham a decisão de Maria, mãe de Jesus. Ela sabia o que fazer: ir para as montanhas da Turquia, porque o ódio era iminente. O silêncio das montanhas protegia do ódio dos fariseus. O ruído das bombas vindas do oeste é de fala austera. Assusta as crianças grudadas nos peitos das mães que choram em Kiev. Os campos amenos silenciam tristes, sob estrondos dos caças que passam sobre a terra natal dos lavradores.

Minha escritura é ingênua como os discursos de Jesus. Os machados se punham no tronco das figueiras sem frutos, mas os figos das figueiras da Ucrânia, semelhantes aos da Rússia, são ovais, azul violeta, com uma pele fina, densa e pubescente e polpa vermelha escura. A primeira colheita – em junho – 80 gramas cada, a segunda – em setembro – 40 gramas cada. Os figos da Ucrânia estão ameaçados. As folhas tremem ao som estúrdio dos aviões russos. E o menino pergunta ao pai: *por que os russos têm raiva dos nossos figos? Nós esteramos bem as covas de nossas figueiras. Eu amo teus figos, meu pai.*

### *Notícias da Ucrânia*

Já me tinha dado conta do quanto é perigoso estar junto aos russos quando escrevi a crônica da imigração alemã-russa em Linha Divisa. O livro *A cerimônia da lamparina* revela as dificuldades de colonos alemães nas terras da Volínia, região noroeste da Ucrânia. Os cossacos russos ameaçaram esses colonos, que, para não morrerem, voltaram para a Alemanha, indo parar, por fim, próximos às colônias de Linha Divisa, Rio Grande do Sul, onde meu pai era professor. Passei toda minha infância convivendo com eles. O livro de crônicas narra desde sua expulsão do solo ucraniano até o seu estabelecimento próximo à minha casa.

Hoje, leio no WhatsApp uma entrevista com o padre Lucas Peruzzi. Ele revela estar escondido numa igreja ameaçada pelas bombas russas sobre Kiev. Está com seus paroquianos, protegidos nas cata-



cumbas da sua igreja, repetindo Roma dos primeiros cristãos e, outros, fugindo desesperados. Pe. Lucas é de uma crença católica com fundos laços presos à solidariedade. Ao final, estranhei muito a fala dele avaliando que o demônio está tomando conta do mundo. Diz ele de um fato ocorrido numa paróquia italiana onde havia uma pessoa sendo exorcizada. O padre completou: *o demônio falou pela boca do exorcizado "eu tomarei conta do mundo"*.

O entendimento dele não parecia somente se referir simbolicamente ao mal, mas de um personagem de minhas crenças infantis sobre o mal. Estranhei esta fala já distante do meu pensamento cristão. Mais estranhei por ser uma crença, assim penso, já afastada das igrejas de nosso tempo.

É difícil afastar do homem o que lhe é próprio: a maldade e a fantasia. Mas, na história do padre Lucas, sobrou-me a sua caridade instigante e a religiosidade profunda. Parece, de fato, que somente um Deus pode nos salvar. Um amigo me lembrou de ser esta frase de Heidegger. No ser desse filósofo, o tempo também se infiltrou malevolamente. O bigode de um retrato dele não negava a sua tendência nazista. É difícil saber de toda a maldade.

### *Os judeus e os filhos da Ucrânia*

Sempre me vinha a ideia de covardia pela atitude submissa dos judeus durante a perseguição alemã. E o que dizer do silêncio de Pio XII enquanto se iam os judeus a morrer nos campos da Polônia e em outros países. Agora, vendo os soldados de Putin todos os dias, eu me visto da mesma covardia. É verdade: com que armas poderiam parar os aviões e os tanques matando uma população inteira? Dirijo a mesma pergunta feita ao presidente americano durante a guerra do Vietnã: *Ei, Lyndon Johnson, quantos jovens matou no dia de ontem?* Ei, Putin, quantos ucranianos você matou no dia de ontem? E se cala quem po-

deria falar. Arrepio-me ouvindo o silêncio das autoridades enquanto explodem as bombas sobre as casas, as hortas e as gentes da Ucrânia. O silêncio é constrangedor. Sou como os judeus, vendo a mortandade nos campos livres da Ucrânia. Sou um deles, sendo entrevistado por soldados de Hitler: seguro triste as minhas calças ao rir indefeso à sanha de Putin. Reúno-me aos pedaços de crianças esfaceladas durante o dia de ontem. Digo, com Cícero: por quanto tempo seremos abusados? Essa paciência é outro nome dado à covardia. Horrorizo-me lembrando da China em luta antiga, ao enterrar de uma vez 400 mil soldados. Assim falam do delírio de grandeza de Qin Shihuangdi.

Quantos ucranianos vão compor o túmulo do imperador Putin? Mal acredito no que vejo todos os dias e faço o mesmo que fez Pio XII, calo-me, envergonhado. Acompanho a imagem de uma velha senhora gritando desesperada ao ver sua casa destruída. Estou envergonhado de ser tão impotente.

### *O porão*

Parei de mexer no porão. Ressuscitava a vida de tantos anos. É como se tomar nas mãos o que passou e estar de mãos vazias.

De uma caixa, tirei os patins e desfilaram as vozes e os fatos todos que por eles tiveram vez. Os sustos e os risos ainda se prendiam nas rodas. Rodavam ainda, mas sem as pequenas meninas a impulsionalos. Quando os limpadores removeram a antiga estante dos THEMAS, senti-me menos que um passarinho. Os acontecimentos refluíram, retomando a vida que tiveram. Ao ver o carrinho das bonecas, saí do ambiente, que não dava mais. A intimidade de um porão possui reservas que, quando repentinamente expostas, se tornam tão vigorosas que um pai não suporta.

Afastei-me daquilo que ainda fazia parte de mim. O trabalho de reviver é pesado demais. Os acontecimentos de outrora vinham aos

poucos, cada um tendo sua vez, mas, agora, todos juntos, em forma de saudade: era demais.

O passado não é apenas um eco distante. Ainda bem que existe um consolo em cada objeto visto. Carregavam esforços em busca de excelência!

Sorvi o último gole, quando chegaram as duas filhas e a mãe. Foram comprar um sapato novo e uma roupa. Articulei umas palavras, acariciando o tecido e os sapatos.

*- Ó, pai! Comprei também este carrinho pro meu bebê!*

O futuro, agora, também entrara em questão.

Lembrei-me de uma oração inca:

*Que permaneçam sãos e salvos*

*Com seus filhos e toda sua descendência;*

*Que vivam por longo tempo, e jamais morram jovens;*

*Que comam o milho e vivam em paz.*

### *Breve reflexão*

Agora, meu coração não é brasileiro. De uns dias para cá, tornou-se ucraniano. Baixei a cabeça quando vi a postagem de muitos carrinhos das mães polonesas enviando-os para a Ucrânia. As mães polonesas querem que eles se encham de filhos ucranianos, mas o lobo das estepes quer devorá-los bem antes da chegada dos carrinhos poloneses. Ele quer que eles se encham de russos. As mães estão apreensivas, assegurando a descendência. Amaram seus maridos pensando somente em dar à luz na pacífica Ucrânia. Agora, desenham-se nuvens negras no horizonte. As casas, aos pedaços, voam para os ares. A foice do oriente não promete mais boas colheitas e o martelo bate vigoroso nos telhados. Se, à noite, tivesse em sonhos tais cenas, mal acreditaria que minha mente pudesse produzi-los.

Enquanto isso, fico pesaroso e, como Pedro, o discípulo valentão, nego a cena, vendo o presidente russo construindo igrejas para seus pastores. Mania que as igrejas têm de submeter seus preceitos à tirania.

É bela a Igreja de São Basílio, mas nada condiz com a verdade e a caridade, enquanto um tirano se apossa da alma russa. Ou serei um ignorante indefeso, falando dos carrinhos poloneses sendo levados para a Ucrânia? O que tem a ver a igreja ortodoxa com as mães que fogem? Ela tem a garantir, em silêncio, dioceses, vicariatos, instituições sinodais, decanatos, paróquias, mosteiros, irmandades, instituições teológicas, missões, representações e metóquios. Ou, quiçá, rezam todos em favor do chefe maior? Ela nada tem a ver com as mães da Ucrânia ou imitam o silêncio de Pio XII?

### *Palavras, apenas palavras*

Revendo os meus textos sobre a Ucrânia, ao contrário de me sentir satisfeito, sinto-me ainda mais desamparado. Negar, porém, que a guerra nada tem a ver comigo seria muita displicência perante meus sentimentos e os sentimentos do resto da humanidade gritando contra Putin. Falo mal de quem defende Putin, até parecendo que estou lá metido entre as balas e o fogo dos prédios em chamas. Minha fala é miserável, são apenas restos de pensamentos soando no vazio. Sinto-me como os cães da Vila Luíza, bem protegidos, latindo contra os passantes. Mas, se os cães realizam um grande dever dizendo: aqui ninguém entra, de que adiantam minhas palavras, se entram na Ucrânia como se não houvesse resistência. Grito, como antigamente gritava de dor toda a comunidade da Divisa, quando morria uma das crianças do lugar. Sei das lágrimas dos colonos quando uma peste levava as crianças em 1938. Choravam, mas buscavam plantas para estancar o sangue de suas crianças. Agora, morrem as crianças na Ucrânia, e eu, como se tudo estivesse aí den-

tro de casa, fico sem qualquer planta para estancar o sangue das mães e das crianças. Oxalá que estanquem a economia russa, para que sintam a dor de inocentes como a morte das crianças da Linha Divisa em 1938. Assim, fico com esperança: pela língua de vaca, estancaram sangue das crianças do meu pequeno lugar, salve Deus o que suas criaturas não conseguem salvar.

### *Nasceu-nos hoje um menino*

*E um filho nos foi dado  
Grande é este pequenino  
Rei da Paz será chamado.*

Não me refiro ao hino litúrgico em comemoração ao Natal. Invoco o menino nascido ontem na maternidade de Mariupol durante o bombardeio russo. Se o menino Deus nasceu de uma virgem chamada Maria, este nasceu em Mariupol: cidade de Maria. Curiosamente, dia seguinte, hoje, dia 10 de março de 2022, anuncia-se possível restabelecimento de paz. Pode haver maior covardia de um ser humano que agride uma mãe enquanto ela dá à luz. Uma criança nos foi dada. Inconcebível agressão enquanto outra mulher concebia. Não sei o quanto esta agressão comoveu, pois a violência, quando instalada, pouco se aproxima da sensibilidade. Um canto novo ao filho de Mariupol, um canto de louvor à mãe que faz comover até os matadores. Se o poder era muito para Herodes, mandando soldados cortar cabeças de meninos, não menos era o desejo dos caçadores de inocentes em Mariupol. Um anjo anunciou a José que pegasse de um burro e levasse o menino para bem distante. Não menos divino é o sopro de paz deste menino nascido em Mariupol, trazendo-nos a paz. Sejam dados louvores ao menino e à mãe que, entre suspiros, teve seu filho. Entretanto, nada é garantido enquanto o lobo das estepes ronda as casas dos ucranianos. Perguntamo-nos, ficamos apenas em fantasias delicadas enquanto o



coração dos homens convive com lobos loucos de fome ou, como leões que rugem, buscando a quem devorar?

### *Sempre melhor*

Estou contente com a APL: vejo esforços dos novos confrades, homens e mulheres, dispostos “a dar certas regras à nossa linguagem e torná-la pura, eloquente e capaz de lidar com as artes e as ciências”, atualizando o propósito do nascimento das academias na França em 1635. Vejo, então, projetos a dar vida às letras, provocando a comunidade a reafirmar-se no propósito de dar melhor eloquência aos mais jovens e aos mais velhos. O propósito da Academia é contribuir na formação de um povo capaz de dizer as palavras de uma maneira agradável e convincente. Por encontros de leitores e aprendizes físicos ou virtuais, entendo que a Academia é uma escola de formação da palavra a ser pronunciada de maneira qualificada. Existe, então, a crença de ser a palavra bem dita uma forma de elevar-se a dignidade humana, pois é por ela que alguém pode ser ouvido, pode participar de uma sociedade sem medo. A Academia, pelos projetos de socialização da palavra, pode contribuir com a arte e a educação do instrumento mais eficaz em pronunciar desejos, direitos, beleza e caminhos para a vida digna. A APL cumpre sua identidade pelos contadores de história, pela entrega de livros, pelos projetos de escrita nas escolas ou envolvendo crianças em sofrimento grave, seja em lições de linguagem em centros de crianças carentes, seja em espaços de filosofia, seja pela criação de uma revista, seja em auxílio na produção de livros com novos escritores, seja em produção literária virtual ou em livros publicados. Com a vinda de novos acadêmicos, podem acontecer novas formas de a Academia expressar as regras de nossa linguagem e torná-la pura, eloquente e capaz de lidar com as artes e as ciências e, principalmente, promover uma qualificada forma de dizer nossas realidades para além das artes e da ciência, pois nossa sociedade carece de diversas virtu-

des, como a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Podemos, assim, nos dar o princípio de, em tempos difíceis, preservar nossa alegria e dignidade. Na Academia, os escritores mais jovens despertam o viço da solidariedade e da inovação. Buscam-se novas formas de a Academia se fazer, sem fugir aos princípios postos em sua criação na França no ano de 1635. Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes, sem perder o principal: a melhor forma humana de ser pela língua, livre e bela, ainda que seja a última nascida do Lácio e ainda sempre inculta, aceita ser dita sempre melhor.



Academia Francesa de Letras

## *Pontos de vista sobre a Ucrânia*

Diz Júlio, um amigo meu:

*A verdade é que estamos às portas de uma 3ª guerra mundial, a qual pode aniquilar o país, por conta da ascensão da extrema direita no mundo e dos golpes que esta promoveu para chegar ao poder, inclusive no Brasil.*

*A Ucrânia foi o laboratório disso, capitaneado por Steve Bannon, tendo por trás a sanha beligerante dos EUA, através do seu braço armado na Europa, a Otan, que avança sobre o leste europeu, desrespeitando acordos ajustados no passado com a antiga URSS.*

*Enquanto a Rússia esteve fraca nos anos 90 e os EUA eram a única potência reinante, isso deu certo. Agora que a Rússia recuperou o seu poderio e a China ameaça a hegemonia americana na economia mundial, a situação mudou de figura.*

*Há um limite para o imperialismo americano, e isso está sendo dado na Ucrânia, infelizmente com o sangue de inocentes.*

Causou-me admiração essa visão sobre o que acontece na Ucrânia. Justificar a morte de inocentes e a tomada de um poder que não pertence aos russos me parece uma agressão injustificada, assim como injustificada foi a agressão dos Estados Unidos no Oriente, para vingar a destruição de duas torres.

Bem diz Mauro Sobczak:

*Posso até entender alguns objetivos vagos de defesa militar na estratégia russa, mas vejo mais um ditador sanguinário desesperado pra se manter no poder, fazendo a mesma manobra que os ditadores argentinos fizeram nas Malvinas.*

Mais uma vez, a Ucrânia é invadida. Assim como Stalin matou de fome a milhões de inocentes, ao tirar todas as sementes da Ucrânia,

agora Putin, imitando aquele tirano, causa mortes na Ucrânia. O filme *A sombra de Stalin* mostra os horrores do Holodomor, a fome que matou milhões de ucranianos. *O caso da Grande Fome na União Soviética, designada por Holodomor ou Golodomor (com o significado de "morte pela fome"), pertence aos mais extensivos e hediondos massacres que o século XX conheceu e ainda, por muitos, desconhecido. Trata-se de uma tragédia artificialmente provocada nos anos 1932 e 1933 pelo regime estalinista aos povos da União Soviética em consequência do fracasso da forçada colectivização.*

Calcula-se entre 2 a 3 milhões de pessoas mortas pelo fracasso agrícola da Rússia.

Recado ingênuo para PUTIN: cada povo tem direito a caminhar como bem entende. Ninguém pode se julgar superior por causa de sua ideologia, geralmente maniqueísta, sem investigar serenamente os desejos de outra nação.

### *Da minha velhice*

Não fossem os limites no humor, a perda parcial da memória, a lentificação dos movimentos, a perda sistemática dos cabelos, o tamanho da próstata, os ouvidos que se negam de ouvir como ouviam, a dificuldade em dormir, as perdas de amigos, os olhares transversos e tristes de quem me conhecia inteiro, ágil, operoso... *buenas...* não fossem as constantes idas a médicos, as urgências familiares e, agora, os limites elétricos do coração, bem que me reconheceria melhor. Mas, apesar de tudo, não tenho saudades de minhas pernas antigas, do vigor e da prontidão da memória, de minha cabeleira, de minha próstata saudável, de bons amigos, de sons inteiros, faço bem minha ternura e minha escrita criativa... meus sentimentos rolam na máquina. Contribuo na Academia como secretário-geral: título honorífico para fazer quase nada. Sobraram-me poucos amigos, então torço muito para uma das amigas se recuperar da Covid-19 e para outro não ir tão mal nos

negócios. Olho para o céu, para que derrame suas nuvens sobre as terras do falecido Airton e de tantos outros que penam olhando as folhas murchas da plantação. Que me continue a sensibilidade para ver a dor na face da mulher da padaria, pedindo um comprimido para aliviar a inflamação de suas costas. E, bem agora, chegou a mensal maneta dizendo estar carente de alguns pilas. Disse-me que pelo menos lhe desse alguns para não perder a viagem.

Não tendo coisa melhor para redigir, olho para o relógio e vejo que é hora do campeonato europeu de futebol, que o nosso anda pelas beiras. Acho que a Covid-19 prejudicou as pernas ou a memória dos jogadores do Internacional.

Enfim, tenho o silêncio de minha casa, enquanto aguardo a Solange voltar do Clube Juvenil. Vou colher as últimas jabuticabas do pé que fez o milagre de frutificar em março. Vou oferecê-las para a sogra, que também não lembra mais como era o tempo de seu corpo cheio de saúde. Não posso deixar de elogiar meu coração, mas os exames solicitam nova rede elétrica. Bate certinho, ainda que alimentado por vasos remendados por fortes *stents*. Vivam a ciência e a ternura! Vivam!!!

### *Loucura e perversidade*

Muitas são as loucuras de Quixote, mas qual delas é a maior? Difícil é escolher entre a famosa aventura do barco encantado e esta que se narra agora.

Já noite adiantada, Quixote descansava numa venda, beira da estrada. Entretanto, o diabo da loucura não escolhe tempo ou lugares, espreguiçada e ataca em hora oportuna, pensando sempre no maior sucesso. Pedro, um artista de bonecos, fazia sua representação na mesma estalagem. Um teatro em torno de um rei Marsílio, de uma rainha sem nome, de uma população de gente comum, de inimigos e, ainda, de outros dignitários. Todos se movimentavam com pouca luz e muitos



barbantes. A magia da noite, a força da representação e a fraca mente de Quixote fizeram acelerar o delírio no cavaleiro da Triste Figura, bem a exemplo de jovens que eu vi, em 1987, enterrando o melhor dos reitores. Não muito diferentes eram os motivos da fúria de Quixote ao se lançar em defesa do rei, temendo os inimigos que se avizinhavam. De sua loucura, sobraram figuras sem cabeça e cavalos partidos ao meio. Passada a euforia defensora do herói, Quixote acabou pagando as figuras, apiedando-se de Pedro. A espada salvadora foi enfiada na bainha e, na noite, voltou ao silêncio.

Que cada um se cuide, porém, não sei o que fazer com essa loucura de um senador ladrão desculpar seus roubos vendendo grande boiada a um pequeno açougue. Se vivesse Cervantes, faria Quixote invadir o senado com seu Rocinante. Pouco se perderia, rolando algumas cabeças pelo chão. E o que faço com minha pátria: de um desbochado, vem outro farsante.

O que fazer, ainda que tardiamente, com Stalin matando de fome a milhões de inocentes, ao tirar todas as sementes da Ucrânia? E o que fazer com Putin, causando mais mortes na mesma região? O que fazer com o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, invadindo o Iraque para pegar o líder Husseim? Biden, com razão, chama a Putin de bandido, e este remete a mesma acusação aos Estados Unidos ao lembrar do Vietnam de Lindon Johnson. Todos estes últimos citados bem mais loucos e perversos que o desvairado e ingênuo Quixote, que ainda teve a decência de pagar os estragos feitos. *E no que vai dar meu coração?*

### *De Putin e Hitler*

Penso com tristeza acerca do infortúnio que se abate sobre os ucranianos. A Polônia, no tempo de Hitler, era obrigada a receber os judeus, e todos sabem do desastre humano de Treblinka e Auschwitz.

Agora, a Polônia voluntariamente recebe ucranianos para salvá-los da sanha de Putin. Como agir diante de dois criminosos?

Quando não havia ainda bombas nucleares, os russos foram os primeiros a verem o estado dos moribundos nos dois campos poloneses. Agora, diante de bombas pesadas, a Polônia recebe indefesos ucranianos fugindo da morte. Ironicamente, ainda ontem, o Kremlin disse que essa violência está posta como esforço russo para evitar uma ameaça nazista na Ucrânia. Qualquer desculpa serve para matar.

Reporto-me, então, aos navios negreiros, vendo aí também a banalidade do mal. Pode-se repetir, com Castro Alves, o mesmo canto feito em memória dos tempos que retornam. E, agora, é só abrir os olhos que pior ou igual destino se faz às ucranianas.

*São mulheres desgraçadas,  
Como Agar o foi também.  
Que sedentas, alquebradas,  
De longe... bem longe vêm...  
Trazendo com túbios passos,  
Filhos e algemas nos braços,  
N'alma – lágrimas e fel...  
Como Agar sofrendo tanto  
Que nem o leite de pranto  
Têm que dar para Ismael.*

Se nas cidades da Ucrânia morrem os soldados, nas regiões da Polônia se escondem as mulheres.

### *Entre o amor e a morte*

Este ano está sendo cruel não somente para os ucranianos. Vejo meus amigos em situação de um longo velório. Lá se foi o Airton por causa do coração fragilizado. Lá se foi a Santa, deixando o Gringo em péssima solidão. Começou a se desesperar por estar tão só e, então,

resolveu dar uma banda, procurando a parte partida. As filhas mandaram que ficasse em casa. Fazem com ele o que fazia quando elas passavam pela adolescência. Agora, a Marisa está prostrada, paralisado o seu lado esquerdo. Inibiram-se aí seus ágeis movimentos, sem saber quando retornará a ter a liberdade de outrora.

Ainda bem que a cirurgia da sogra deu certo. Retiraram-lhe a metade da face, afastando o câncer comilão, enquanto aguardo a cirurgia dos olhos da Solange.

Este último ano, então, perdi dois de minha amizade como se perdesse parte de mim. Estou a ver a realidade perturbadora da Marisa. Consolam-se os mortais vivos e falecidos em crença de uma ressurreição. Ainda bem que as casas continuam de pé. Por enquanto, não há nenhum russo lançando mísseis sobre nossos telhados, todavia, ao olhar para o passado, não muito distante, também me vem a realidade de meu peito. Os dentes estão a me cair e, se não buscar socorro, nem dentes terei diante da realidade ameaçadora. Assim, entre perdas e danos, sigo o meu destino, torcendo para que o Gringo encontre uma mulher corajosa, a Pia do Airtton tenha uma vitalidade própria com os filhos que a cercam, obrigando-a em sua viuvez. Peço sorte para Marisa mover o braço e a perna, como se nada tivesse acontecido. Tenha a Solange, pela cirurgia, a visão da adolescência. Que a Nina possa ter de volta a suavidade da face e eu tenha meu coração, com ferros, bem costurado. *Andiamo via!*

### *Meus velhos amigos*

O Luiz anda meio zengo de uma perna. Diz ele que não é nada. É uma hérnia de nada, diz ele. Não vai ao médico. Assim vai levando... dando uma de valentão. Dói vê-lo em sofrimento depois de grande esforço profissional e de má recompensa. Perdi um dos amigos, o Airtton. Despedi-me dizendo, como Ingmar Bergman em *Gritos e Sussurros*, diante de uma mulher falecida:

*Que você saiba que língua falar  
Para que Deus possa ouvir e entender.  
Que você possa, então, falar  
Com Deus e que Ele a ouça.  
Reze por nós, que fomos deixados na escuridão  
Com um céu, acima de nós, impiedoso e vazio.  
Peça a Deus que nos liberte  
De nossa ansiedade e de nosso cansaço,  
De nossas apreensões e medos  
Para que Ele dê sentido e significado a nossas vidas.*

Fui visitar o meu amigo Amir. Que dor! Está metade do que era. A mulher conduz a vida e os negócios. Diz grandezas do que foi. Uma doença hospedeira insiste em levá-lo. Caminho dez passos e desmaio, diz e me oferece histórias de jornadas e valentias.

E a Marisa, meu Deus! Pela fé se salvará. Derramou-se ou apenas fechou-se o sangue de um dos vasos cerebrais? A gente nunca sabe de onde vem a paulada. A paulada veio e a matou. Lendo o texto agora, eu digo: quem a buscou foi Jesus.

Não falo de minha sogra. Está cortada em ambas as faces. Da última cirurgia, o talho fundo mostra o inimigo escondido. De tantos mortos e de feridos, até fico pensando se não fui eu quem entre sonhos partiu. Se não bastasse tanto sofrimento ou sonho mau, fico me escondendo das bombas jogadas longe daqui. Se pudesse me esconder ou que fosse o tempo de um ano atrás, ainda que não muito contente, não teria tanta saudade e temor.

## *Meus 80 anos II*

É isso mesmo: devo me pôr no meu lugar e no tempo de meus 80 anos. Não tenho saudades dos 8 nem das pitangas dos rios. Nada me seduz de maneira completa, como naqueles em que andava sem

sapatos ou botas. Antes do inverno que vinha, ia eu bem contente, com camisa aberta e calça curta herdada de meus irmãos. As tardes pouco fagueiras: em invernia matadoras sobre tabatingas congeladas, ia eu descontente. Que mar? Oh, sim, um açude do padrinho a me banhar aos domingos, sobre pranchas das toras cortadas na serraria do seu Külzer. Pelado sobre a madeira bruta, movida pelo nordestão. O mesmo que batia a porta da estrebaria, enquanto limpava a merdaria das vacas de nosso leite. Mas, também, que pasto que havia para dar-lhes melhor comida? Que mar? Pequenos riachos em serpentes correndo nos poteiros de outrora. Isto, sim: à sombra das bananeiras e do laranjal do Serafim. A terra de aromas cheia nos chiqueirões dos vizinhos, mostrando os porcos, e as terras vermelhas que nunca foram minhas. Todavia, encanta-me lembrar os tempos de outrora, quando meus dias passavam contentes. Agora, embora brincando com Casemiro em meus versos estranhos, contento-me com meus dias, com o mesmo céu de um manto azulado. O mundo, porém, sem sonhos dourados. A vida sendo olhada: cadê um hino d'amor e que vida! Que noites de melodia, ouvindo o troar das bombas de Putin. Vejo as casas feridas e as noites sem melodia e de doído clangor. Em vez da doce alegria ou daquele ingênuo folgar: um céu bordado de mísseis, em vez das noites contentes do menino Casemiro. Mas, apesar de tudo, há uma festa de vida numa política confusa, num mundo de provações. Em vez das mágoas de agora, volta e meia eu corro atrás das asas ligeiras das borboletas azuis! Levei uma vida de lutas, buscando a vida de velhos para folguedos de novo. Ajudei num pensar mais além! Ó meus 80 anos na extremidade da vida: lembrando as filhas e os netos queridos de uma família de três velhos contentes, ainda que em lutas atroz. Memórias do que foi e esperando o que há de vir. Lá se vão meus 80 em palavras de saudade e risos... nesta hora de entardecer da existência, ao tomar meu chimarrão. E, de coração na mão, de tudo ainda me admiro, lembrando do Casemiro.



## *Sonhos*

Onde se escondem a verdade pura e a transcendência? Onde se esconde o incógnito ser do qual sou feito? Até ficam mistérios indecifráveis, como nos sonhos que tive esta noite.

O primeiro me aparece em uma reunião religiosa em que vertem histórias fantásticas, brincadeiras saborosas, ditas em palavras bem feitas: uma história humana benfazeja, leve, fora das banalidades. Senti-me pequeno em palavras tão bem ditas pelos convivas de uma festa de vidas narradas com perfeição. Admirava-me dos personagens conhecidos e desconhecidos dizendo histórias de pura beleza: narrativas do cotidiano, ditas como se fossem imaginárias, a transcender os personagens. Acordei-me depois e ainda penso: tudo o que foi dito, a revelação bela de fatos brilhantes, enfeitados nas palavras de beleza pura, fora da bigorna pesada do tempo. Aconteceu em mim, portanto, não passou fora das minhas posses. As criaturas todas da imensa plateia nada mais eram que fantasmas de minha alma. Seu poder e sua harmonia me pertenciam.

Logo a seguir, outro sonho verteu dentro de mim. Estava entre espinhos de rosetas espalhadas pelo chão. Devia ser o tempo dos espinhos maduros, ficando-se na planta dos meus pés. Tudo de uma estética unívoca e branca nos espinhos escondidos nas gramas. Era a representação de meu tempo de guri correndo nos poteiros. Agora, porém, tudo transformado em arte exposta aos sonhadores.

Tanto a palavra dizendo encantos como as lembranças infantis dos poteiros dizem de mim enquanto portador de belezas, nas palavras e em rosetas, agora inofensivas. De fato, somos muito mais. Escondem-se belezas que, uma vez acordados, não surgem. O melhor permanece na obscuridade da consciência. Entendi: todos ao meu lado com palavras certas, e eu buscando traduzi-las para a festa da existência.

## *Festa*

Um advogado promoveu para si uma festa ao lançar o livro de sua vida, mas auxiliado por dois escritores. Parabenizei-o pelo sucesso narrado em torno dele. Tive outrora um momento difícil com ele. Teve sucesso ao vencer em juízo a matrícula tardia de um aluno contra ordenamento estatutário da Universidade. O advogado entrou com ação contra os limites impostos e assinados por mim, vice-reitor acadêmico. Fui vencido por ordem judicial solicitada. Antes, porém, o advogado falou ao bispo e ao reitor a ver se conseguiria demover o limite imposto pela legislação. Veio o reitor solicitar que eu me demovesse, autorizando a matrícula do cliente do advogado. Disse ao reitor da minha dificuldade em desrespeitar um item do estatuto universitário. Falei ao reitor: o que farei com os mais de vinte alunos que aceitarem os limites institucionais? Não vou contradizê-los. Dobro-me à sua mudança, se o senhor tiver melhor entendimento em conceder a matrícula fora das exigências do estatuto. O reitor não assinou a solicitação do pleito do aluno mediado pelo advogado. Outro dia, o jornal, num artigo do advogado, tripudiou sobre mim, dizendo-me ser intransigente ao ser onipotente. Outras palavras exacerbadas foram ditas, minimizando a minha decisão. Ontem, fui à festa do livro em honra do advogado, comprando a obra mediada por escritores. Ouvi discursos elogiosos sobre a solidariedade do advogado e de seus esforços para o bem dos lugares por onde passou. Continuei minha vida. Fui à sua festa. Há sempre perigo sobre as instituições que relaxam suas normas, ainda que autorizadas por duvidosas decisões jurídicas. Maior perigo consiste quando as pessoas se sobrepõem às decisões de seus estatutos ou vão além de seus cofres. Não é por nada que a minha instituição sofre de um processo difícil. Uma certeza me assiste: não respeitou seus próprios limites e não foi respeitada quando buscava ordenar seus caminhos.

## *Na intimidade da casa: dia 21 de março de 2022*

Escrevo pelo prazer de escrever e, eventualmente, dialogar com quem me lê. Hoje me surgiram ideias simples como as gramas pelo chão. Tive momentos felizes de um fim de semana por ter meu neto com a afável namorada Duda. Eu, feliz por saber que fez boa viagem e por estar contente com seus estudos. Ela, peleando para se firmar como profissional na área de engenharia elétrica. Assustei-me por saber que as empresas tiram o couro de profissionais dessa área.

Li, também, o livro das *Crônicas* de Ironi Andrade: tive a confirmação de como era grande a luta de meninos agricultores para sair de suas roças e se adentrar em outra profissão. Elogio as Escolas Normais Rurais de Formação de Professores, em que também meu irmão Sílvio teve seu caminho profissional iniciado. Acabaram com essas escolas e, infelizmente, nada melhor foi criado.

Cansado de olhar para o holocausto dos ucranianos, como se fosse o prolongamento da naturalidade do mal, fico devendo meu maior respeito e velamento aos que morrem na violência inconcebível dos tiranos. Calo-me, então, e fico quieto, sentindo-me tratado como boi na sombra.

Diz Sófocles da criatura humana: *Muitas são as maravilhas, mas não há maravilha maior que o homem*. Ele não sabia das futuras guerras com mortes feitas a distância. Se me fossem dados inteligência, divindade e poder na criação humana, acho que faria coisa melhor. Mas, desconfio de mim ou de quem quer que fosse: se não tivesse cuidado e maior competência, poderia fazer coisa pior. Por tudo que vi e vejo na criação do mundo, devo confessar: sentir-me-ia impotente em cumprir tal ousadia. Fico, então, reverenciando as Escolas Normais Rurais de Formação de Professores: destas dou prova, pelo Ironi e pelo Sílvio, dos esforços no aperfeiçoamento da raça humana.

## *Domingo difícil*

Revelo uns traços familiares deste domingo. Chegou o meu neto João Vicente. Fui ao seu encontro. A cara do menino não era de boa. A mãe dele recomendava que não estivesse apenas focado no celular. Que atração espantosa esta comunicação artificial sobre a vida das crianças! Ele não estava nada contente com as recomendações maternas. Aí, cheguei eu dizendo: cadê meu abraço! Pela cara do guri, vi ter pisado na bola. E ele, de 5 anos, falou, parecendo Dom Pedro I, proclamando a independência do Brasil:

*Não quero mais esta casa, vou morar noutro lugar!*

*Vai para aonde – perguntou a mãe?*

*Pra qualquer lugar!*

Retirei-me da conversa enquanto houvesse tal decisão do meu neto. Fui até a cozinha com minha filha, e ela falou: *Limitei o tempo!* E ele: *Você não é mais minha mãe!* Rimos da situação. Desci até a churrasqueira e descobri que minha sobrinha não participaria do churrasco de domingo. Meu genro telefonou para o marido dela.

*Vocês não querem vir?*

*Aqui o pau quebrou entre as duas! Filha e mãe.*

Subi novamente para buscar as formas para levar o churrasco para a mesa. Dei um abraço no neto, alcançando a tradicional linguicinha. Perguntei se ainda queria ir embora.

*Não vou mais! Mas não largava o celular da mão direita.*

*Falei: Ficaria triste se você fosse embora, o vô ama você!*

*Riu em sua onipotência infantil.*

Depois do almoço, vi o meu neto encolhido no colo da mãe. Bastava, então, o calorzinho materno. De fato: havia uma luta entre os limites do amor e da autonomia. Somente a ternura e boas conversas para chegar à paz. Vi a difícil realidade para se chegar a um diálogo

edificante nestes tempos bicudos! Pela meia tarde, ele veio me dar um abraço antes de voltar para casa.

### *Dies Illa – Dies Irae*

*Dia de lágrimas, aquele  
No qual, ressurgirá das cinzas  
O homem para ser julgado  
Lembre-se, piedoso Jesus  
Que eu sou a causa de sua vinda  
Não me perca naquele dia  
Redimiste-me, sofrendo na Cruz  
Que tal esforço não seja em vão.*

Assim cantava eu em minha adolescência, em voz de cantochão, com os meninos vindos das colônias, tendo verdadeira dor na alma e no corpo. Temia ser julgado com rigor sobre meus pecados feitos e aqueles que porventura ainda poderia fazer. Que me poupasse quando partisse desta vida para as paragens ocultas e escuras, tendo apenas Deus o poder de saber e perdoar todo o mal praticado, sabido ou não lembrado. Antecipava com clamor por tudo que me pudesse acontecer. Se Deus apenas olhasse meus pecados, por certo seria condenado, mas a esperança era o sangue de seu Filho derramado em nosso favor, mas, contando o resultado, não sei o quanto adiantou. Tem muito a se fazer.

Não muito distante daqueles dias de lágrimas por pecados feitos e não feitos, fico do mesmo jeito a exclamar em oração verdadeira ao ver tudo que acontece. Meu clamor parece sem resposta ao pensar na humana criatura negando sepultura aos mortos em Holodomor e agora em Bucha, na Ucrânia. Dizemos de hora em hora: calma homem, isso já passou, mas se repetem os mesmos pecados. Como diz Octávio Paz:



*O passado é um arquétipo, um modelo, e o presente deve se ajustar a esse modelo imutável; além do que, esse passado está sempre presente, digo eu, em ritos de cinzas e sepulturas.*

Agora, os corpos estão expostos em ruas de Bucha e tantas outras cidades da Ucrânia. Já Gorki, no conto “Na estepe”, mostra uma parte da alma russa, que é a nossa também, quando nos escapa o cuidado e a misericórdia: *Comemos novamente, em silêncio. O homem permanecia deitado, igualmente silencioso, sem mover um membro. Não lhe prestamos atenção. Duvido que tenhamos muita sorte, diante de um Juiz que sabe tudo, ao mostrar o tamanho de nossa alma de pouco ou nenhum reparo.*

### *Do Museu Vasa para Berlin*

Em Estocolmo, existe um museu histórico exibindo uma extraordinária peça: o *Vasa*. É um navio de guerra sueco do início do século XVII, afundado quando deixava o porto em sua primeira viagem. À época, causou uma comoção nacional. Depois de 333 anos debaixo de água, foi recuperado e tornado acessível ao público. Atualmente, é o mais visitado dos países escandinavos.

Desde que li pela primeira vez sobre esse navio, algo me dizia: ali está uma história a dizer de uma lição de humildade em nossos fracassos. Era para ser um sinal de defesa da nação sueca, um sinal de poder nos mares. Fracassou depois de navegar alguns metros. A tristeza de uma nação serviu de lição. Reconhecer os erros não é sinal de fracasso: é sinal de grandeza de espírito ou caráter. Retiraram do mar o navio nascido para símbolo de glória e afundado para vergonha dos suecos. Fizeram disso um exemplo para ir em frente. Resgataram o que fora mal feito, para dizer o que deve e o que não deve ser feito. As escolas vão até aí, para dizer aos alunos sobre a necessidade de rever e aceitar os limites. A vergonha é esconder nossos fracassos, repetindo-os.

Curiosamente, em semelhança ao fracasso do *Vasa*, leio um texto da escritora Fernanda Paldolfi: *Quem é a Estrada*. Ela, sendo jorna-

lista, resolveu viajar lá pelas tantas de sua vida. Dentre as andanças realizadas, refere seu encontro com Berlin. Ela reflete, comovida, sobre o Memorial do Holocausto.

*Todos os dias os alemães reapresentam as falhas para uma nova leva de curiosos, diz Fernanda.*

Assim como os suecos mostram seu fracasso marítimo, os berlinenses mostram seu fracasso maior. E continua a jornalista:

*Eles já se perdoaram – que é a parte mais complicada do processo. Já renasceram. Dizem por aí que só voltamos a viver quando lançamos um olhar de generosidade para a nossa história. É mais ou menos isso que se testemunha na cidade.*

A Alemanha deu testemunho de se perdoar, mas muito mais: Ângela Merkel recebeu aquele universo de refugiados vindos do outro lado, assim como vieram os judeus. Mas, todo cuidado é pouco. Salve a Suécia, Salve a Alemanha!

### *Alegro-me com Fernanda Pandolfi*

Andar pela vida fazendo o que se gosta não é para qualquer um. É preciso conhecimento para desfrutar o que se vê e ouvir o que muitos não percebem. Ninguém vê o mundo como ele é, ele é como nós o vemos. A pintura, ainda que numa fotografia, é a mesma, porém não é a mesma na interpretação e nos sentimentos provocados em quem tem aptidão para a arte das pinturas. Um *ballet* para um caboclo pode ser uma mesmice de movimentos e sons. Para algum turista, as igrejas podem existir apenas para rezar, esquecendo-se das ricas formas da arte com que se desenha ou se cria no mármore em seu interior. Como me dizia uma mulher: *Não sei pra que gastar tanto dinheiro se é para ver tanta igreja. Se viajar é pra isso, rezo em Passo Fundo e poupo meus pila.*

Fernanda, no seu livro *O que é a estrada?*, revela a Áustria e, entre outras maravilhas, encanta-se com a apresentação do Lago dos Cisnes.

Viu na dançarina o maior dom. *Que maravilha é descobrir as verdadeiras aptidões e poder entregá-las em sua melhor forma ao mundo.* Muitas virtudes estavam reunidas na dançarina contemplada por Fernanda. Sensibilidade, segurança, talento, esforço à exaustão e decisão foram necessários a quem se movia no palco. Ela lembra de seus esforços na arte dos movimentos: *Minha dança era um reflexo da insegurança, por isso não evoluiu.*

Escreve sobre a melhor forma de expressar a necessidade de a gente ser para si e para os outros, uma vez que na comunicação reside a importância de dizer o que podemos ser. Afinal, ninguém merece ser para ninguém perceber. Somos muito pouco a mais do que refletimos pelo olhar dos outros. Isso pode ser percebido em homens que se aposentam, ficando aos pedaços por aí, quando já ninguém mais os admira. Geralmente, as mulheres se saem melhor quando os papéis sociais do trabalho se esgotam, pois, além do trabalho, desenvolveram outras formas de se encantar.

A autora se refere a uma amiga ao lhe falar de fracassos de muita gente em projetos desalmados. Fernanda fala de si mesma, dizendo ter se alongado por horas, feito muitas bolhas nos pés, até descobrir que sua arte vinha de outro lugar. Isto é: até aprender a ritmar as palavras a ponto de causar boa impressão a si mesma e aos leitores.

De fato, somos muito pouco mais do que somos aos olhos dos outros. Burilei muito este texto para me expressar aos meus possíveis leitores.

### *Pelo novo olhar*

Nós não vemos o mundo como ele é, mas podemos fazer dele um tamanho conformado com nossos desejos. Por certo, a Solange espera um momento muito especial, a troca do cristalino de seus olhos por uma lente artificial. E o receio de complicar? E o processo da cirurgia? Prometi a mim mesmo acompanhá-la cheio de boa vontade. Muito antes de adquirir as lentes melhores, ajudei nas

condições de obtê-las. Se é para fazer a troca, que tenha o melhor do mercado. Temia muito qualquer complicação. Fazia de conta como se fosse fazer um corte de cabelo ou coisa que o valha. Pensava: os olhos de 75 anos têm lá suas fragilidades. Lá fomos os dois, dia 12 de abril de 2022, ao Hospital de Olhos do Lions. Comecei a temer pela demora. Depois de ter ingressado na sala da cirurgia, aguardei por duas horas. Já temendo por ela e seus olhos, alegrei-me por vê-la. O exagero da demora se deu pelo atendimento a um velho do Sudão. Pode? O velho senhor sofria de grave lesão na retina e não falava português. Preferi ser a demora de um velho sudanês a qualquer insucesso de Solange!

Por ser semana santa, renunciei até ao cação que já havia comprado em favor de um salmão de sua preferência. Afinal, a renovação do olhar dela merece o bom início com um carinho na mesa também.

Se a dona Miguelina lhe deu os primeiros cristalinos, que a minha ternura se renove por um implante renovador. Se ela conheceu o mundo pelo presente dos olhos dados pela mãe, que reconheça ainda melhor a beleza do mundo pelos olhos renovados.

### *Histórias sagradas*

*La prima storia* se refere a uma igreja dos colonos de origem italiana muito revoltados com o vigário. Mandou demolir a antiga igreja dos primeiros moradores, sem a visão dos antigos costumes italianos. Ergueu uma com linhas retas, com grande círculo escuro, *una rosácea molto grande. Tuto molto diverso de il candore* da antiga e pequena igreja da devoção dos colonos. *Será una chiesa moderna, como la chiesa di Brasilia*, disse o padre.

*I miseri coloni ficaram loco da vida. Preferiam la vechia e picola chiesa. Ela tinha la anima i le histórias de matrimônios e batesimos. Quela era nostra chiesa, de festa com morteiros e um sino con acustico molto chiaro! La chiesa do padre é contra nostra voglia con um santo diverso de nostra devoção!!!*

*Due settimane piu tardi, con vino e bochadas, nasceu il nome della nuova chiesa. Con voce molto chiara dicevan un nome bruto: San Cul, Mártir de la Chiesa.*

Falo da segunda história. Quando estive em Sergipe, fui ver a **antiga** capital: São Cristóvão. Disseram-me e depois confirmei em leituras: houve, em idos tempos de 1700-1800, revoltas e movimentos populares para salvar santos e alfaias. Impressionam relatos históricos para preservar a fé e a permanência de objetos religiosos como garantia de proteção e preservação da identidade histórica daquele lugar. São Cristóvão deixava de ser a capital do estado, para ser, então, Aracaju. Não somente se perdia o capital cultural, mas também a fé e a segurança eram perdidas para a nova capital. A principal história oral ouvida por mim foi a revolta popular por causa de uma senhora poderosa entender de trocar o santo da preferência popular de São Cristóvão para o santo da sua devoção. Até o exército interviu para acalmar os ânimos, garantindo-se a permanência do santo protetor de várias gerações.

A terceira história, semelhante aos defensores de santos protetores e de imagens importantes da fé, é revelada nos *Anais das Missões dos Missionários da Sagrada Família*<sup>24</sup>.

*Na realidade, os padres da Sagrada Família pretendiam celebrar a sexta feira santa na paróquia de Ceará-Mirim*<sup>25</sup>. *Mas não dispunham a imagem do Senhor Morto para a adoração. Como na capela de Extremoz*<sup>26</sup> *havia uma, o padre Bechold decidiu cavalgar até lá para requisitar a estátua para a devoção paroquial. Após três horas o padre retornou com o cavalo banhado em suor e relatou: Quando apresentei meu pedido ao administrador da capela, Manoel Risão, ele veio de cara carrancuda. Percebi como a mulher dele saiu pela porta*

---

<sup>24</sup> NOLTE, Ferdinand. *Anais das Missões dos Missionários da Sagrada Família*. Tradução de Bertilo Brod. Passo Fundo: Editora Ifibe, 2010.

<sup>25</sup> Município do Rio Grande do Norte, hoje com 70.000 habitantes.

<sup>26</sup> Município do Rio Grande do Norte, hoje com 16.000 habitantes.



*dos fundos e, de cabelos ao vento, correu de porta em porta, gritando: Querem roubar Nosso Senhor morto!*

*Quando vi, algumas pessoas já se aglomeravam na rua, julguei melhor montar no cavalo e voltar para casa. Da noite de quinta-feira santa até à noite de sexta-feira a igreja de Extremoz foi vigiada por 60 caboclos fortemente armados.*

*Merica, Merica, Merica, cossa saràlo 'sta Merica?*

## *Páscoa 2022*

*Páscoa nostrum, immolatus est Christus, Aleluia!* Todos se dirigiam às igrejas para ver o Círio pascoal. As primícias de salvação foram celebradas. Podiam ir às sepulturas com a cabeça voltada para o céu.

Maria Madalena foi a primeira para homenagear o homem e encontrou um anjo dizendo que podia ir contente para casa. Nesse instante, encontrou aquele que a saudou. Viu nele o salvador. Coisa solene para se encantar. Ninguém mais poderia se enganar a respeito da vida, pois aí estava quem demonstrava a sorte humana para sempre. *Ressurrexit sicut dixit, Aleluia!*

Dias mais tarde, mandou André pôr o dedo na ferida: o cara de quem duvidas sou eu!

Assim foram aqueles dias de ternura e esperança. Uma narrativa para alegria humana, mas assim parece: o amor foi esquecido no túmulo. O coração fica por aí, perdido em barulhos dos séculos, e o homem de Nazaré está longe, muito longe. Que o digam as bombas que caem sobre a Ucrânia. Nem os velhos pastores russos acreditam mais quando os demônios do ódio incendeiam os campos de trigo e impedem a colheita dos figos daquela terra. As mulheres ucranianas fogem para não servir de alimento aos túmulos. Não vão até Jerusalém para ver a pedra onde descansa o Senhor. Os pastores crentes em Cristo nada podem fazer! Por quanto tempo vai esperar Maria aquele

a quem passeava no jardim? Fiquemos nós com Aquele que deixou suas vestes na pedra!

### *Entre Gorki e Marisa*

Em seus *Contos*, Gorki descreve a pouca esperança de um grupo de russos.

*Apesar de tudo continuávamos caminhando e descrevíamos uns aos outros nossas sensações, lançando olhares penetrantes para os lados, a ver se descobríamos algum rebanho, o ouvido atento, a fim de perceber se não ressoava o rechinar de uma carroça de algum tártaro, que levasse frutas para um mercado armênio.*

Ao meio da fome e deste caminho, os russos de Gorki matam alguém, mas seguem frios e com fome pelo caminho, sem destino certo.

Certo era o impulso de andar.

*A estepe, silente e deserta, banhada pelo sol fulgurante da manhã, numa suave gradação de luz – tão clara e tão doce que parecia impossível haver algo negro e injusto, em meio à imensa planura, coberta pela cúpula azul clara do céu.*

Por fim, o conto chega ao final:

*E ninguém tem culpa de nada, pois somos a mesma coisa: uns animais.*

*Mas resta uma amiga cheia de esperança.*

A Marisa se foi entre vivos e mortos, mas jamais pensou como Gorki: fôssemos como parte de um bando de gente desafortunada. Morreu-lhe a vida em cinzas numa caixa, mas deixou uma fortuna de lições a mostrar que não andamos como russos ou tártaros sem destino.

Todos sabem que alguns dos seus íntimos caíram, como pequenas hastes, à beira de um lago. Cuidou deles com ternura e de maneira repetida e cada vez mais cuidadora. E eis que está morta, ainda que me dissesse, minutos antes de morrer, *vou sair dessa!*

Desdobro minha parca esperança. Repito, como foi dito quando nós nos despedíamos dela: *não dá para chorar porque não dá para esquecer uma mulher assim*. Ela não morreu! Somos mais que apenas animais sem destino, ainda que nos fique apenas a figura distante dessa linda criatura.

### *Meditação sobre uma viagem*

Conversei, na Linha Divisa, num domingo pela manhã:

Cuidado com as estradas: podem surgir severas dificuldades com os buracos e as curvas! Também, não vamos muito devagar, para não atrapalhar o trânsito. Se encontrarmos alguém caminhando à margem da estrada, não jogue poeira nem lama. Cuidado: fazer morrer alguém por nossa imprudência é levar uma culpa irreparável.

Se, em nossa viagem, a noite nos surpreender, liguemos os faróis. A escuridão aflige quem viaja. Que se acendam as luzes da bondade, para não cegar os olhos dos passantes. E, se o carro enguiçar, por mais cuidados que tivemos antes de viajar, busquemos uma boa oficina. É bom colher as melhores informações para onde levá-lo.

Na vida, alguns vão à oficina de Deus; outros, aos vizinhos; alguns, aos médicos; outros resolvem pela própria experiência. Suspendi a conversa que se alongava. Desejei boa viagem a todos.

### *Lembranças de Gorki*

Os contos dele são fantásticos ao revelarem detalhes sobre a vida dos russos de seu tempo. No conto “Vinte e seis e mais uma fala”, Gorki se refere sobre a grosseria de homens que o inspiravam. Nesse texto, ele reúne homens brutos e uma garota. Surge, então, um escrito peculiar. Gorki aponta para um dos homens rudes: *Falávamos sempre de mulheres de tal modo que, com frequência, sentíamos repugnância de ouvir nossa própria grosseria. Com Tânia era diferente. Havia consideração e res-*

peito. E diz seu personagem: *Nunca alguém se permitiu tocá-la... talvez por ser pequena e muito bonita e tudo que é belo desperta o respeito.*

Mas, para aqueles que vivem de migalhas humanas, uma ameaça pode significar a destruição de todo o resto da bondade existente.

Na casa onde os prisioneiros pagavam seus pecados, veio um soldado de bom coração. Convivia com eles alegremente, honrando-os em conversas de toda ordem. Mas, sua presença era de pouco valor, se comparada com as forças carinhosas vindas de Taniushka. O soldado fez Tânia se inclinar em seu favor. Os prisioneiros, sentindo-se traídos, disseram palavras muito feias, agredindo-a também por gestos. Assim, eles ficaram solitários, perdendo definitivamente o respeito pela garota. Ela nunca mais apareceu. Ao fugir, agrediu a todos, chamando-os de canalhada infame. Agora, comiam as broas da casa sem mais ter com quem dividir um só olhar de respeito.

E o prisioneiro intérprete dessa história falou:

*Depois fomos para nossa úmida fossa de pedra. Tal como antes, o sol jamais espiava pelas janelas e Tânia nunca mais voltou.*

Por lembrar desse conto de Gorki e perder tantos amigos para a Covid-19, busco não me queixar da morte, reverenciando aqueles que me sobram.

### *Ouvindo bons companheiros I*

Encontrei velhos amigos, o Verno Wobetto e o Raul Marcolin, este colega da Universidade. Raul falou de seu orgulho sobre as lutas *y las brutas* para conseguir formar seus dois filhos: o filho médico e a filha psicóloga.

*Falo também orgulhoso de ainda estar vivo, pois veja, Agostinho: éramos mais de quarenta amigos que costumávamos nos reunir sistematicamente. Hoje, quando podemos nos reunir, somos apenas nove.*

Raul era competente professor de latim, tendo lutado muitos anos na UPF com seus oito períodos no Curso de Letras. Não recebia descontos para formação dos filhos. *Para haver descontos, eu deveria ministrar pelo menos 30 períodos. Tive a graça de receber bolsa Fies de estudos.* Assim, entre frutas e legumes do mercado, dei-lhe os parabéns pelo belo desempenho dos filhos em suas profissões.

Mal havia saído do mercado, encontrei o Verno com seu humor incomum. Disse-me estar plantando todo tipo de verdura e até foi convidado para demonstrar aos alunos da UFRGS um trabalho em sua Horta Urbana. Rimos, ao me dizer de sua horta.

- *Sabe onde fica a caixa da Corsan, na Vila Rodrigues?*

- *Sei!*

- *Pois não é aí! É mais adiante.*

Rimos, pelo humor!

- *Poderia aproveitar a caixa enorme para plantar agrião.*

- *Sabe, Agostinho, que tenho um filho que é médico?*

- *Sei!*

- *Mas você não sabe que ele construiu um hospital e está construindo outro com 24 salas para pequenas cirurgias.*

- *Poderoso, o guri!*

- *E eu me virando com minha horta de duzentos metros quadrados. Ia esquecendo: na palestra que dei aos alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, eu brinquei com os alunos: “Minha mulher vende minhas alfaces e rúculas numa feira. Vende tudo, mas não me dá nada!”*

Rimos. Para concluir:

- *Sabe que sou fotógrafo e só tiro foto de batismo e primeira comunhão. Deixei de tirar foto de casamento, porque me aconteceu um fato que me fez desanimar. Duas semanas depois do casamento, fui levar o álbum do casal, uma beleza! Sabe, Agostinho, o casal já se havia separado. Levei a pior.*



Rimos. Estávamos felizes por estarmos vivos, e eu por ouvir os caminhos dos filhos de meus amigos.

### *Ouvindo bons companheiros II*

Muito mais que lembranças de nossos filhos, havia em nós velhas histórias entre as linhas de nossas falas. Ao me despedir de Verno, ele mostrou uma das janelas de uma igreja.

- *Vou falar com o chefe aí no Zaffari. O padre me autorizou a falar com ele. Vou pedir ajuda para refazer as laterais das janelas da sua igreja.*

Sucesso foi o que desejei.

Depois, recolhi-me ao carro e fui aos meus aposentos. Agora, penso o quanto nós três estamos imbuídos das insinuações do passado. A religiosidade de meu amigo se completava na bondade em ajudar ao padre, obediente aos antigos costumes no seminário de Santo Ângelo. Atendia, também, a vocação de revelar luminosidades coloridas, esperanças divinas. Estava Verno, como eu, imbuído dessas janelas postas há 40 anos em minha casa. Velhos costumes retornam, ainda que escondidos em cores.

Ao concluir uma das conversas com o amigo Raul, lembrou-me a frase de Plínio, o Velho: *nise die sine línea* – nenhum dia sem uma linha. Foi competente nas primeiras lições de latim no seminário. Muito mais do que isso: refletia nelas o ofício de mestre na Universidade de Passo Fundo. Herdara da santa madre igreja o latim de seus mestres, a língua mãe de nossas conversas. Muito mais dizia: remava em faluas antigas, por favor especial da cultura religiosa de nossa infância. Seja no latim de Raul ou em janelas coloridas de Verno, revelam-se amores ternos. E eu trago, então, a felicidade deles como se fosse minha.

## *A senhora de Mariupol*



**A igreja ortodoxa de Μαριούπολη** – “uma cidade de Maria”. Outros acreditam que a cidade recebeu o nome de Maria Fedorovna, a esposa do czar Paulo I<sup>27</sup>.

Depois de caminhar nesta tarde de abril, fiquei de ver de perto um pouco sobre Nossa Senhora de Μαριούπολη. Assim que a vi, retornaram meus pensamentos para o livro ainda não publicado. Nele conversei com Maria desabridamente. Inspirei-me em cada passo e novamente me veio a inspiração de uma conversa agora incompleta.

- *Então estás aí, cercada de bombas enviadas por Putin.*

- *Uma vergonha!*

- *Santa Mãe, peça ao nosso Cristo a libertação de toda a miséria e a salvação das nossas almas – rezei.*

- *Peça, em primeiro lugar, pra salvar o corpo dos ucranianos que conseguiram fugir. Dos falecidos, vou dar um jeito, como a tantos dei quando vindos, por esses dias, à casa de meu filho.*

A conversa foi interrompida por uma bomba de muitos megatons. Meus ouvidos ficaram surdos e zunindo. Fiz um aceno de despedida. O menino ao colo, ainda vi, fez-me um gesto rápido, indelicado ao juntar o polegar ao indicador. Acho que, por ser pequeno, não entendeu meu pedido ou me confundiu com um soldado russo. Prova-

<sup>27</sup> Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2022/03/18/em-mariupol-e-nossa-senhora-que-mostra-o-caminho/>.

velmente, não seria nada disso. Podia significar também: a paz esteja contigo. Vai saber...

Ao chegar à rua, senti-me cercado e, por qual razão eu não sei, disseram-me: *a briga não é contigo!* Que eu voltasse a Passo Fundo. Que a coisa não era com os brasileiros.

Se me perguntarem sobre a verdade de meu sonho, direi sempre: o mais puro, senão em exata proporção às palavras escritas, mas em tudo assim se fizeram meus sentimentos, quando vi nossa senhora e seu menino na igreja de Mariupol.

### *Um pouco sobre a loucura*

Nestes tempos ácidos, parece-me interessante olhar para quem já escreveu sobre o lado perverso em que muitos se encontram ou, ao contrário, se desvelam em demonstrar um pouco de serenidade e alegria. Existem, também, aqueles que suportam os sentimentos perversos, conforme diz Raimundo Correa, ao final do soneto “**Mal secreto**”:

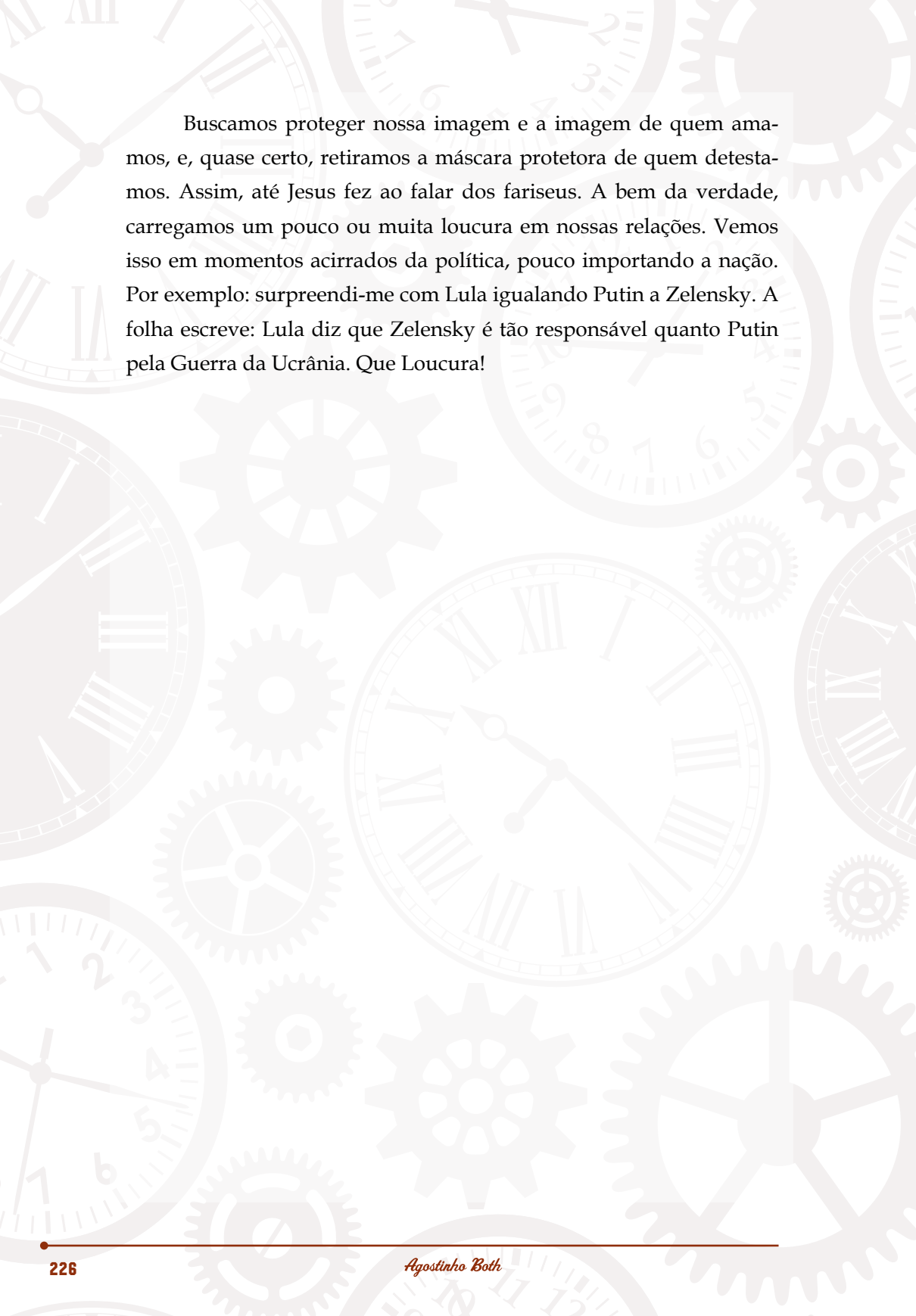
*Quanta gente que ri, talvez, consigo  
Guarda um atroz, recôndito inimigo  
Como invisível chaga cancerosa!*

*Quanta gente que ri, talvez existe,  
Cuja aventura única consiste  
Em parecer aos outros venturosa!*

Ou, como diz Erasmo de Rotterdam no livro *Elogio da loucura*:

*Se alguém, disposto a arrancar a máscara dos atores no momento em que desempenham seus papéis, mostrasse aos espectadores seus rostos mortais, não perturbaria ele a cena, não mereceria ser afastado do teatro como um extravagante?*

*Os reis, os heróis e os deuses desapareceriam: ver-se-iam em seus lugares apenas miseráveis e velhacos.*

The background of the page is a repeating pattern of light gray gears and clock faces. The gears are of various sizes and are interlocked, creating a mechanical theme. The clock faces are also of various sizes and are scattered throughout the background. The overall aesthetic is clean and modern, with a focus on time and mechanics.

Buscamos proteger nossa imagem e a imagem de quem amamos, e, quase certo, retiramos a máscara protetora de quem detestamos. Assim, até Jesus fez ao falar dos fariseus. A bem da verdade, carregamos um pouco ou muita loucura em nossas relações. Vemos isso em momentos acirrados da política, pouco importando a nação. Por exemplo: surpreendi-me com Lula igualando Putin a Zelensky. A folha escreve: Lula diz que Zelensky é tão responsável quanto Putin pela Guerra da Ucrânia. Que Loucura!

The background features a repeating pattern of various clock faces and gears in shades of gray. The clock faces have different designs, including Roman numerals and Arabic numerals. The gears are of various sizes and orientations, creating a mechanical theme.

# *Algumas histórias esparças*



## *Li, ouvi e outras lembranças*

Para analisar nossa enraizada violência, hoje, já adiantado o ano de 2019, sobrevém-me um excerto de Guimarães Rosa, guardado com ternura e dor, do livro *Noites no Sertão*:

*Tamanduá passeia no cerrado, na beirada do capoeirão. Ele conhece as árvores, abraça as árvores. Nenhum nem pode rezar, triste é o gemido deles chamando socorro. Todo choro suplicando por socorro é feito para Nossa Senhora velhinha. Os homens, pé-ante-pé, indo apertamento, cercaram o casal de tamanduás, encantoados contra o barranco, o casal de tamanduás estava dormindo. Os homens empurraram com a vara de ferrão, com pancada bruta, o tamanduá que se acordava. Deu som surdo, no corpo do bicho, quando bateram, o tamanduá caiu prá lá, como um colchão velho. Outro também, fêmea. No esgueirar as compridas cabeças, para escapar, eles pareciam tontos, pedintes, sem moça de malícia, como fossem receber alguma comida, à mão. Os homens mataram, com foçadas e tiros, raioavam. Os tamanduás se abraçaram, em sangue, para morrer – aquelas caudas ainda levantaram e bateram, espaço, feito palma de buriti, na poeira, chiouchiaram, chocalhado, até o fim... Caminhando no vau da noite, chega-se até na beira do Inferno.*

Se me lembro, enfeitei essa frase.

E hoje leio em Simões Lopes Neto, em falas de gaúchos, grandezas inscritas em seu conto “Contrabandistas”. Fala do personagem Jango Jorge como se fosse valentão:

*Nunca errou vau, nunca perdeu atalho. Conhecia as querências pelo faro... tinha vindo das guerras de outros tempos. Foi sempre um gaúcho quebralhão quando jogava de ganhar alguns pilas fazia pi pi pi, e a gurizada como pintos iam acolherar a miçalha de trocos e mais*

*trocos pelos cantos. E que merda tinha de fazer ele: Gostava de sentar um laço num cachorro, desses de apanhar da paleta à virilha, e puxando pra valer que o bicho ficava entupido de dor, depois de disparar um pouco é que gritava num Caim! Caim! Caim! De desespero.*

*Outras vezes dava-lhe de dar uma jantarola. Ao final puxava pela ponta da toalha e lá vinha de tirão seco, toda a traquitanda de pratos e copos. Depois garganteava a chuspa e largava as umas pratas pras unhas do bolicheiro.*

Bicho assim não há de existir em outra espécie de animal.

Pois também havia na Linha Divisa uns jogadores que se entreveravam em jogo de pife, nove ou pôquer.

Numa manhã de segunda, mamãe me falou: *Teve tiro lá no Braun!* Ele também bolicheiro. Minha madrinha, mulher de muito filho e triste de ter o marido jogador, vendo-me de piá inocente, veio desabafar. *Vê aquela bala fincada no forro. Foi o Zimma Fons!*

Ele tinha tudo de um gaúcho. *Foi o Zimmer: bem valente e furioso deu um tiro dentro de minha casa.* As crianças se assustaram. Para compensar aquele susto, descrito na minha cara de piá, ganhei do padrinho Braun umas balas guardadas em vidros reluzentes.

Por certo, minha escrita é mansa e nem tão violenta quanto as histórias de Guimarães e de Simões, em que aparece uma gentarada de assustar diabo. Ainda bem de haver santas como a Lucila, mulher do seu Braun. Em tudo que é lugar, os homens parecem de maior perigo e covardia.

### *Grande Roberto, grande Solange*

No dia do meu santo, 28 de agosto, Roberto, por solicitação de Solange, veio limpar e repovoar os pequenos canteiros do jardim, na frente e nos fundos da casa. Não queria me incomodar, por isso disse para ela: *Solange, quem dá as dicas de ajeitar tudo é você.*

Dia anterior, já nos mandamos para uma floricultura fora da cidade, que lá haveria mais opções. Comprou três begônias, uma bromélia, espada de São Jorge, um pequeno arbusto, folhagens diversas, adubo e duas caixas grandes de pastinho verde e branco para determinar o fim dos canteiros.

Dia seguinte é que foi!

Ela determinava o local das plantas e Roberto cumpria. Eu havia comprado uma camélia para preencher um canto ao fundo de um dos canteiros da frente. Este jasmim não combina, falou ela. Vai lá pro fundo da casa. Aí, vai a bromélia. A espada de São Jorge fica aí, na frente da Maria Eugênia. Acho que a disposição de São Jorge de um lado e a bromélia do outro não combina. *Ago, não tem como comprar outra bromélia e umas graminhas pretas, algumas, aí, já morreram da seca!* Lá fui comprar as gramíneas e a bromélia.

Depois de minha volta com o material solicitado, ela viu que ficaria melhor mais uma bromélia. Lá fui comprar mais uma preciosa bromélia. Parte da espada já repartida iria para o fundo. Falta mais um pequeno arbusto ao lado e passo a outra parte da espada também para o lado. O jasmim já andava enlouquecido, pois o Roberto, o paciente, por solicitação de Solange, já havia trocado uma vez a arvorezinha. Estes restos de grama da frente não dão conta de preencher os lados dos dois canteiros. Lá fui eu comprar um metro de grama lá no Schio, a quarta floricultura percorrida. Trouxe mais um arbusto, já não lembro em qual viagem. Este, sim, coisa mais preciosa, de tom *marrão* escuro, pondo flores vermelhas, que já chegava a primavera. *Aí, na frente, fica bem* – mandou que Roberto plantasse. *No fundo, vamos pôr as flores recém-plantadas na frente...* Roberto, *acho que aí as flores não combinam.* Quando voltei de uma das minhas andanças, as flores estavam mais para trás e só depois transplantadas. Detestaria em ser begônia, porque não acho graça nenhuma nelas. Parecem rosas fracassadas. Mas a obra de minha jardineira e de seu fiel escudeiro estava completa e

maravilhosa: que venha a primavera. Lá se foi meu rico dinheirinho, mas a beleza e os encantos da jardineira e do jardim compensavam.

Depois do meio-dia, feitos os arranjos finais, Roberto serrou um metro de lenha, pois que os paus de camboatá que havia adquirido não estavam alinhados. E a serra de Roberto teve este trabalho a mais: uma pitangueira mirrada da divisa dos fundos prestou-se para lenha.

Solange, por fim, pronunciou-se: *Roberto, tu não vai embora sem cortar rente ao chão este toco aqui.* E ponha toco, aquele da grande pitangueira.

Fui pagar o Roberto pelo serviço. Isso que não falei do grande esforço dele em trazer mais terra de mato posta em ombros e parte dela trazida por mim no porta-malas do carro.

Ao pagar Roberto, entre riso e seriedade, ele falou: *Não venho mais aqui se tiver que refazer o jardim.*

### *Além dos sapatos: as cadeiras*

A soleira da porta, a poltrona, um toco no campo, a cadeira, o banquinho e o chão nos suportam melhor que um coração humano quando em angústia.

Muito já se falou das casas e de seus lugares, mas as pobres cadeiras, de fato, é que mais são solidárias com o mundo humano. Todo nosso peso se deposita sobre elas. Nem ao menos nos damos conta de sua generosidade. Aí estão a madeira, as palhas, os panos, o couro, o feltro e tudo mais que se compõe para nos dar um pouco de descanso e, na sala ou à mesa, faz reunir nossos risos, angústias e tristezas. Apenas sentem que, acima delas, brotam palavras e suspiros. O seu silêncio é admirável, pois o montante da realidade humana é vasto, o que poderia fazer falar até as pedras. Mas não, as cadeiras ficam solidárias, quietas e serviçais. É bom que nos compadeçamos delas. Entretanto, podem ser retratadas, generosamente, pelos artistas, sem ter de passar

pela inconstante forma humana de ser. De toda a maneira que se lhes olhar, fica a lição de podermos ter um pouco mais de generosidade, pois aí estamos frente a frente, sem ter de suportar o peso de nossos traseiros. Falemos, pois, do alto delas... que assim cumprem sua natureza, e nós, a nossa. Mas, cadê a crônica? Que sirvam para isso umas cadeiras velhas que foi do meu cunhado. Agora, sofrem tempestades debaixo de um telhado aberto. Já não mais vivem de longas conversas. Minha sobrinha as valoriza quando, vendo os adultos distraídos, toma conta delas para subir no telhado. Elas, quietas, se submetem.

### *Da minha velhice*

O meu envelhecimento é semelhante ao vinho e ao pão. Verdes eram os cachos e verde, o trugal. De olho neles, o moleiro, o agricultor, o vinhateiro, o cantineiro, os famintos, os degustadores, os bêbados e os de bom gosto. Todos de olho no desempenho da vinha e do trugal. Cresceram as uvas e amadureceram, dourou o trigo e, na brisa, mostrou-se em ondas. Isso, sim, é que eram uvas, amadurecidas na base de muito sol. Isso, sim, é que era trigo, verde no frio e, postos os cachos, não faltou o sol e as chuvas regulares. Tudo em ordem, conforme a necessidade do progresso. Contavam todos com a fartura e o dinheiro para sustentação dos filhos e de sobrantes reais para um pouco de ostentação. Afinal, quem não quer mostrar um pouco mais do que se é. E, para tanto, *uns cobres* é coisa quase essencial.

Sou como o trigo doirado e as uvas viníferas, cor de rubi, pois que não adianta ser qualquer uva que rende pouco e até a piazada gulosa põe a mão sem agradecer.

Agora já estou velho, fiquei farinha e fiquei vinho. Eis-me aqui, porém, como são tantos os vinhos e tantas as farinhas, não posso perder o valor. Mas que me importa o meu valor, se assim posso durar ainda mais despreocupadamente. Enquanto tudo passa, também pas-



sarei. Estou à espera das bocas do infinito, que a solidariedade manda: *ninguém fica pra semente.*

Imaginei-me, então, como o cálice de vinho sagrado, no qual Deus vem morar, e um pedaço de pão, em que Deus vem habitar com sua infinitude. É isso mesmo que me agrada, ter o gosto do infinito enquanto não houver a devoração. E tomara que nenhum deus esteja preocupado com o meu vinho e com minha farinha. Em última análise, aceito esta situação de estar na terra meio devagar. Deixem, agora, que eu sinta o meu próprio sabor. Afinal, passei trabalho até virar pão e me tornar vinho.

### *Vivi e escrevi do Creati*

A professora Helena ouviu de Jesualdo o que já não se fazia muito segredo.

*– Estou sem jeito, professora, estou tentado de Emília. Não sei como dizer o que sinto.*

*– Primeiro, Jesualdo, não é tentação: depois dos setenta, é graça de Deus! Não faça onda, que o tempo não senta pra esperar. Convida ela pro filme que tá passando... tá cheio de carinhos. Depois diga: te amo! Pronto e ponto! Depois, só Deus sabe...*

Depois da aula, foi Emília quem falou pra Helena...

*– Olha, prô, tô que tô pro lado do Jesualdo.*

*– Então, tá esperando fazer o vestido de noiva, os proclames, o apoio do papai e o que dizem os filhos?*

*– Tá bem, prô, também não precisa empurrá pra cima dele.*

*– Só uma coisa! Comece a fazer as lições. Te emprestei o gravador pra você ouvir tua fala! As palavras bonitas também mexem com as coisas!*

*– Tá bem, pode deixá! Se é pra isso, prometo não vou esquecê nenhum s e nenhum r.*

Como em um ritual religioso, Jesualdo seguiu os procedimentos. Do resultado, não careceria de nenhum comentário, mas, pela exuberância, valem algumas palavras.

De tanta ventura emiliana, não se sabe se foram as lições que melhoraram as suas coisas ou se as coisas melhoraram as lições. Falava escolhendo e escandindo palavras, a ponto de causar grande impressão em Helena.

– Santo Deus, Emília, o que deu em ti?

– Sei não, professora, acho que fui eu quem deu. Leio Pessoa e Drummond e em tudo se me põe uma coisa que se mostra quase perfeita. Estou alucinada, minha cabeça feita de estrelas e desde manhã tenho jornadas. Tudo, professora, está um campo verde, o vale verdeja, e na coxilha cresce uma pastagem exuberante.

A Jesualdo, o solitário, retornaram palpitações. O cardiologista afirmou-lhe não haver patologia.

### *Esta tarde silenciosa de 1º de setembro de 2021*

Sinto melhor a latinidade ao ler Borges escrevendo sobre o que evangelista Lucas disse de um pobre ladrão antes de morrer.

Recorda-te de mim quando voltares ao teu reino. E que belos versos escreveu o argentino:

*Nada mais disseram  
Até que veio o fim, porém a história  
Não deixará que morra na memória  
Aquela tarde em que eles dois morreram.*

E fico eu a dizer: o mundo passa rapidamente. Ontem fiz 8 na Divisa e hoje faço 80 em Passo Fundo.

Não peço o que dissera o bom ladrão. Apenas devolva-nos, Senhor, a vida digna, pois que, ao ver tantos ladrões, desejo o Inferno a

essa gente: em vez de céu, tenham o inferno. Que os dinheiros fartos sirvam de fornalha!

Sei de meu hirsuto pleito. Sei que a mortalha desejada será revestida, em vez de panos cheios de sangue, de roupas finas. Eu, porém, não deixarei que morra a memória daquelas tardes fagueiras de meus ladrões: que tenham fogueiras a lhes enlaçar os braços que até então foram ligeiros.

Juro que, ao terminar estas palavras, cansaram-me os braços por carregar tanto ladrão e minha mente perturbada de tanto pesar. Que Deus me livre destas companhias.

### *Dos meses de setembro*

Quem procura acha. Tanto se diz das coisas boas e das más a nos acontecerem. Procurei lembrar os meus setembros. Encontrei lances interessantes a se atravessarem em minha vida. Lembro a alegria de minha casa quando podia sentir o calor chegando. Passar o inverno de pés descalços era coisa de matar qualquer vivente. Sei de meu sofrimento de invernos queimando gramas para aquecer as mãos e dos gelos a ferir os pés na tabatinga, ao desnatar o leite na casa do Serafim. Mas nada como o recomeço da primavera nos primeiros dias de setembro. A passarada desperta enchia os ouvidos silenciados pelo inverno. Os brotos nas pontas dos pés de canela eram a pura brotação do ânimo a dizer o novo tempo. E depois, no seminário, o setembro de 54 com a liberdade concedida por um dia. Os banhos no Santa Bárbara e os caminhos do campo... vida desperta com calores do corpo. Os setembros de Passo Fundo quando as bandas das escolas rivalizavam na semana da pátria. As moças do Notre Dame, os jovens do Conceição e do Instituto Educacional: Que tambores! Ó minha pátria, gentil senhora de políticas sem honra. E agora setembro dos mais velhos na rua e da velha senhora

com sua flauta feliz. E hoje, dia primeiro do 9, retirando das teclas memórias de primavera. Ó pátria, alegre apesar de tudo. E eu em mares bravios da minha velhice! E, bem agora, vim de ver o Basileu me dizer: *teu coração pede um marca-passo.*

### *A mulher do Serafim*

Manhã de sol aos meninos da Divisa. Mal sabiam os piás do caminhãozinho vindo pela estrada, além do potreiro. Um caixão trazia uma mulher morta. Era a mulher do Serafim. Mal uma hora se passara, quando veio alguém pressuroso avisar: a mulher do Serafim morreu. Coube-me ir até a Igreja badalar o sino, anunciando a morte.

Por curioso, cheguei-me à minha mãe, que comentou com minha irmã: *Ela não resistiu ao parto.*

Pela tarde, fui me chegando à casa do Serafim. Um fundo silêncio se fazia na casa. Ouvi a Anísia chorar. Já lhe tinham posto o nome; já batizada: se finasse, estaria salva. Da morte da mãe, sobrou a pequena... eu disse para o amigo Leo, que costumava dizer histórias curiosas. Era com ele a história de um bodoque poderoso: de uma pedrada, vinham abaixo todos os pássaros. Apanhava quantos quisesse, deixando os outros voar em paz. Pena não ter o Leo o poder de libertar da morte a mãe da Anísia. Para conforto geral, ela estava voando para o céu. Torcia muito para haver alguém dentre os meninos que fizesse tal proeza. Mas não havia nenhum menino Jesus para fazer a mulher do Serafim sair da caixa preta em que a puseram. Depois de um fúnebre terço, liberaram os meninos mandando que fossem para casa. Doía-me muito ver o Fabiano sentado sobre o poço, era o filho do viúvo Serafim. A Romana, a filha mais velha, chorava, mas seguia as ordens da velha Chevas, a mãe do Serafim. Assim se cumpriam os costumes, os sonhos e a morte.

Desse dia se passaram 72 anos. Recebo de Anísia, por face, uma foto contendo sua casa cheia de flores.

### *Para Marisa Potiens Zilio*

*Alguém já disse: se as ações boas não forem escritas nos anais da história, a lembrança dos mortais ficará pobre, porque, faltando as memórias, faltarão os exemplos para que os imitemos.*

Já disse a ela sendo velada e a quem a velou no dia de seu enterro: não terei saudades de Marisa, porque sua presença permanece constante em nossas vidas, ainda que falecida. Ela oferece suficientes exemplos de como enfrentar a vida e também a morte. Assumiu seus filhos de maneira encantadora, viessem de onde viessem! Amou-os de maneira excelente. Foi sempre atenta e generosa em torno dos seus. Amou extremamente o filho Luizinho e o neto Benício. Estive ao lado deles e dos três outros filhos e netos. Abençoe Marisa, com bênção especial, a Luciana, a Andreia e o Pippo. Sabemos todos de Marisa enquanto esposa, como mãe ou avó. Dedicou-se de forma vigorosa. Sustentou com altivez o sofrimento na doença do marido Juarez. Vi de perto, nas mortes de seus familiares, o quanto esteve forte. Bem mais forte que a mulher do evangelho. Cuidou dos seus com dedicação, nem o extremo sofrimento inibiu de amparar quem quer que fosse. Eu e a Solange damos testemunho de sua grandeza por mais de 50 anos de nossa convivência. Enfrentava a morte, porque amava a vida.

Ela esteve sempre presente nas responsabilidades educacionais, ajudando, com competência, aqueles que apresentavam dificuldades no aprendizado. Com sacrifício, fez seus estudos de mestrado na PUC de Porto Alegre. Foi exímia e extremamente amável como mãe, avó, psicopedagoga e professora, tanto universitária com no ensino de primeiro grau. Também pertenceu à Academia Passo-Fundense de Le-



tras. Aí, foi responsável pelo projeto Concurso Literário nas escolas, no qual, em parceria com alunos de diversas escolas, foram escritas diversas obras de iniciação à literatura.

Minha palavra é muito pouca para fazer todo o elogio de ti, Marisa. Encerro, então, dizendo: por isto é que nos panegíricos se fazem os necessários discursos amplos e elogiosos, para que os familiares e os amigos não se esqueçam de quem foi Marisa Potiens Zilio.

### *Para o amigo Airton Borowski*

Já me canso de perder amigos. A velhice tem disto: vai nos deixando solitários. A gente até vai se acostumando a sentir a própria morte. Nestes tempos difíceis de solidão, em razão de doenças somadas, acostumamo-nos a não compartilhar dores e alegrias. Ficamos somando os falecidos, quase todos estranhos para nós. Mas, de repente, vai-se quem amamos. Vai-se aquele com quem dividíamos a alegria, as surpresas, o Brasil e nossas famílias. Vai-se, sem aviso prévio, vai-se um amigo de referência. Aí, ficamos como quem atravessa um rio sobre um tronco fino, e ninguém sabe onde se segurar para não cair.

Mas não há como não continuar. Apesar de vermos perigos, vamos mesmo com insegurança, tendo você como exemplo. Atravessei o rio da vida dando exemplo de como passar. Ficamos solitários e com nosso cotidiano mais vazio, mas, como você, Airton, deu o exemplo, não dá para ficar sem fé, sem a ternura aprendida de suas lições. Peço, então, Airton, o que aprendi da oração de Bergman, no filme *Gritos e Sussurros*:

*Que você possa falar  
Com Deus e que Ele te ouça.  
Reze por nós, que fomos deixados nestes tempos difíceis.  
Peça a Deus que nos liberte  
De nossa ansiedade e de nosso cansaço,  
De nossas apreensões e medos  
Para que Ele dê sentido e significado a nossas vidas.  
Você, que suportou a angústia com tanta esperança,  
É capaz de nos defender diante dos perigos.  
Que tua amizade e solidariedade sempre demonstradas  
Sirvam de convencimento perante Deus  
Para sermos melhores e estarmos protegidos.*

### *Modos de viver*

Ao assistir um filme em torno das torres gêmeas, vi um fenômeno inusitado. O protagonista se dispõe a realizar um projeto para compensar financeiramente os familiares das vítimas. O Estado deverá ressarcir os familiares dos mortos e dos feridos daquela tragédia. Mais de sete mil seriam os benefícios a serem concedidos. O que me chamou a atenção foram algumas ocorrências colaterais surpreendentes e distantes do objeto da investigação. Montou-se uma equipe para auditar as famílias ou pessoas diretamente prejudicadas. Ocorreram surpresas. Os vínculos se foram postos ao público, até aqueles ocultos ou ocultados. Virtudes se expressam, assim como desconfianças e dores irrompem sem piedade. O bem e o mal mostraram seus rostos de diversas maneiras.

O acidente do tamanho das torres gêmeas, por certo, trouxe mudanças radicais em todos os ambientes familiares. Uma mulher veio solicitar o auxílio emergencial em razão de ter perdido seu marido,

sendo atendida imediatamente. Dias depois, ela reconhece ser seu marido o pai de duas crianças de uma mulher desconhecida.

Vi, de maneira clara, o quanto fatos impactantes, ou até de menor expressão, podem renovar o estoque de possibilidades de viver o que era até então desconhecido.

### *A tentação*

É verdade, havia poucos homens no Creati, mas felizes daqueles que se inscreviam. Eram reverenciados pelas senhoras em busca de nova oportunidade. Havia um detalhe, porém: que não viessem fazer delas cuidadoras de velhos. Cada qual em sua casa. A família de origem criava obstáculos severos para a convivência afetiva de tempo integral. As viúvas não aceitavam compromissos de cuidados. Se, acaso, algum Dom Juan envelhecido adoecesse: que a família de origem assumisse os vínculos cuidadores. O amor já não era tão sagrado. Elas, por certo, já haviam cuidado, algumas por muitos anos, de seus primeiros parceiros.

Pois bem, e não se deixavam levar por qualquer conversa. Ao falar essas coisas, lembro-me de um caso.

O seu Roberto, certa tarde de 1994, veio me pedir um conselho: ele, de olho no corredor de passagem.

*- Estou de olho aí no corredor. Está terminando a hora da ginástica. Mostro pro senhor a mulher com quem quero falar. Tenho receio de falar. É essa que está passando agora. Estou tentado dessa mulher.*

*- Escuta Roberto, não é tentação. É graça de Deus.*

*- O senhor acha?*

*- É só ir com jeito, que amor de mulher de família é delicado. Vai e conversa com jeito. Vai logo, antes que ela apanhe o ônibus aí em frente ao Creati.*

Lá se foi Roberto, de cujo amor não obtive mais notícias.

## *A mulher do tênis*

Pois bem. Esta história vale uma introdução.

Os novos costumes dos mais velhos estão à semelhança de um quadrado: quando um dos lados é estendido, os outros sejam movidos também, para haver simetria. Assim, quando as mulheres do Creati começaram a se mover, revelando nova face social, assim outros costumes acompanharam, para haver simetria. Em bailes ou encontros festivos, induziam a novas vestes, calçados e cabelos, exigindo novos arranjos. Um movimento financeiro aconteceu. Nada mais se sustentava do mesmo jeito. As figuras humanas se moviam.

Pois bem, certo dia, veio um senhor de idade e pediu para falar comigo.

- Bom dia. O senhor é o chefe dessas velhas?

- É verdade, não se derretem na primeira fervura, aliviei. Vieram como velhas, mas agora são mulheres muito vivas e até se tornam rejuvenescidas. O senhor quer dizer alguma coisa contra elas?

- Tenho uma reclamação. Esse tal de Creati das Vilas está me incomodando. Antes de se instalarem lá no Boqueirão, tudo andava direitinho. Minha mulher amava a casa e só saía em caso de necessidade. Agora está a toda hora saindo e falando é Creati daqui e é Creati dali. É ginástica a toda hora. E ela me veio estes dias pedir dinheiro para comprar um tênis. Vê se pode uma mulher velha andar de tênis de língua.

Comecei a rir da expressão.

- Não é coisa de rir professor!

- Não sei se disse bem. O tênis é todo espalhafatoso. Chama atenção de todo mundo. Estas velhas não têm mais recato.

- Ela não ficou mais contente depois que entrou no Creati?

- Vive sempre arreganhada! Em casa... é delicado o que lhe digo. Ela assistiu um curso sobre sexo e voltou toda assanhada! É só pra ver. O curso foi aí no Notre Dame. Nem sei como as freiras deixaram sair essa tal de palestra.

- Como é seu nome mesmo?

- Péricles!

- Nome de macho. O Péricles foi um soldado valente lá na Grécia. O homem que deu a palestra foi o Dr. Aaron Huds<sup>28</sup>. Especialista em sexo para os mais velhos. Ele disse até que tem licença do Papa Pio XII pra dizer o que ele disse. Imagine, seu Péricles, o quanto essas palavras podem alegrar tanta viúva. Nosso Deus é Deus da alegria. Alegria faz bem, seu Péricles. Desse jeito, o senhor vai ter uma mulher de verdade. O senhor também pode fazer parte do grupo que ela frequenta.

- Vou pensar no assunto, seu Agostinho. Mas que o mundo tá virado, com certeza tá!

---

<sup>28</sup> BOTH, A.; SIVIERO I. *Breve história do envelhecer em Passo Fundo*. 2018. Como esquecer Aaron Huds, o sexólogo gaúcho? A primeira parte da aula inaugural das atividades de 1992 iniciou com as transparências da fisiologia dos órgãos sexuais femininos. O ambiente quase sagrado do salão do Colégio Notre Dame maximizava o momento. Aí a vagina, salientando o clitóris com os corpúsculos de Krauze. A estimulação de ambos os centros produz o prazer tanto em relações sexuais como também quando são apenas tocados, falou o sexólogo. Aí o clima se fez muito diferente. A estimulação, continuou, é recomendável para alívio de tensões e elogiável na viuvez. O prazer é uma dádiva divina não somente para atrair os casais, mas também para a satisfação individual. Se assim não fosse, Deus não provocaria a natureza a que manifestasse o desejo. Silêncio. Ninguém ousava qualquer intervenção, tampouco as irmãs da casa. Temi por alguma repreensão em nome da sacralidade do ambiente. Veio, pois, um relativo alívio com a graça de palavras papais. Saibam todas que, em 1952, recebi autorização do papa Pio XII para expressar o que vou dizer. Ouvi da boca do papa: em situação muito especial pode haver masturbação. Não perguntei nem arriscaria saber, de sua santidade, qualquer coisa a mais. Entendi que a viuvez é uma situação muito especial. Para melhorar a explicação, esclareceu sobre a localização do clitóris e da maneira de estimular. Este é o lugar exato para provocar o prazer. Não hesitou em esclarecer sobre cremes e lubrificantes. Se a velhice tem limites, a tecnologia dá uma mãozinha para que Deus também seja servido. Se ele fez, não podemos retirar a bondade das mãos divinas. Sabendo haver irmãs: ninguém perde o amor de Deus por um pouco de prazer, muito menos a virgindade. Se alguém sentir culpa, ofende a Deus. Não se despreza a criação divina.



## *Da mulher ao telefone*

Mal havia chegado ao Creati num dos primeiros dias de março de 1994, quando toca o telefone.

Era uma mulher tentando falar entre uma algazarra de crianças.

- Alô, quem fala?

- Sou Gertrudes.

- A senhora quer falar com quem.

- Com o professor Agostinho!

- É ele quem fala.

- Professor, o que eu faço para poder participar das aulas do Creati?

- Pode falar mais alto. Tem muito barulho.

- São meus quatro netos. Eu fico com eles de tarde. As minhas filhas deixam eles para que cuide deles.

- Mas as aulas são de tarde.

- Assim, ao menos posso ficar duas tardes livres. Minha filha Renata foi comigo no médico e ele recomendou exercícios físicos aí no Creati.

As vozes infantis me ensurdeciam.

- Desculpe o barulho, professor.

- Não tem problema. Venha fazer a sua matrícula.

- Amanhã mesmo vou aí, professor. As minhas filhas concordaram.

Com o pedido do médico, elas aceitaram. Não que eu não goste (ruído de algo quebrando) delas. Desculpe, professor.

- Venha amanhã sem falta que eu fico lhe aguardando.

O barulho aumentou por instantes.

- Vou sem falta e muito obrigado pela atenção.

Senti-me aliviado ao ouvir o silêncio.

## *Com o bispo Dom Ercílio*

Com os esforços de minha esposa, Solange, a partir de 1995, foram surgindo diversos municípios se agregando aos esforços do Centro Regional de Estudos e Atividades da Terceira Idade (Creati), com grupos que buscavam orientação, assim como iniciou a integração entre eles. Aos domingos, criavam-se atrações, surgindo as domingueiras. As líderes e as participantes dos grupos tomaram gosto por viagens e comungavam de bailes e das diversas experiências, tanto no Creati como no Departamento em Atenção à Terceira Idade (Daati) do município. Diversos seminários foram realizados pelo Creati e pelo Crejuti: exuberante experiência em favor dos mais velhos, promovida pelo Clube Recreativo Juvenil.

Pois, ao se modificar um dos lados do quadrado, todo ele tende a se modificar. E os quadrados simbólicos onde estavam presos os mais velhos não se conformavam com as mesmas formas quadradas, tampouco com os mesmos desenhos quadrados.

Esse pequeno desenho do grande movimento social levou a que a Igreja Católica também sentisse os efeitos dos novos costumes.

Recebi a visita do bispo Dom Ercílio. Não desconfiava da razão da visita pastoral, pois eram os mais velhos de sua diocese que lhe preocupavam. Mostrou-se preocupado com as domingueiras e pela ausência de fiéis nas igrejas. Falei-lhe das celebrações realizadas pelos grupos e da presença de sacerdotes. Concordei que a cerveja rola-va nos bailes, mas tudo resultava em viagens interessantes dos mais velhos, cuja maioria nunca se afastara de seus lugares. Bebiam, mas quanto eu sabia, não havia tanto exagero, falei-lhe.

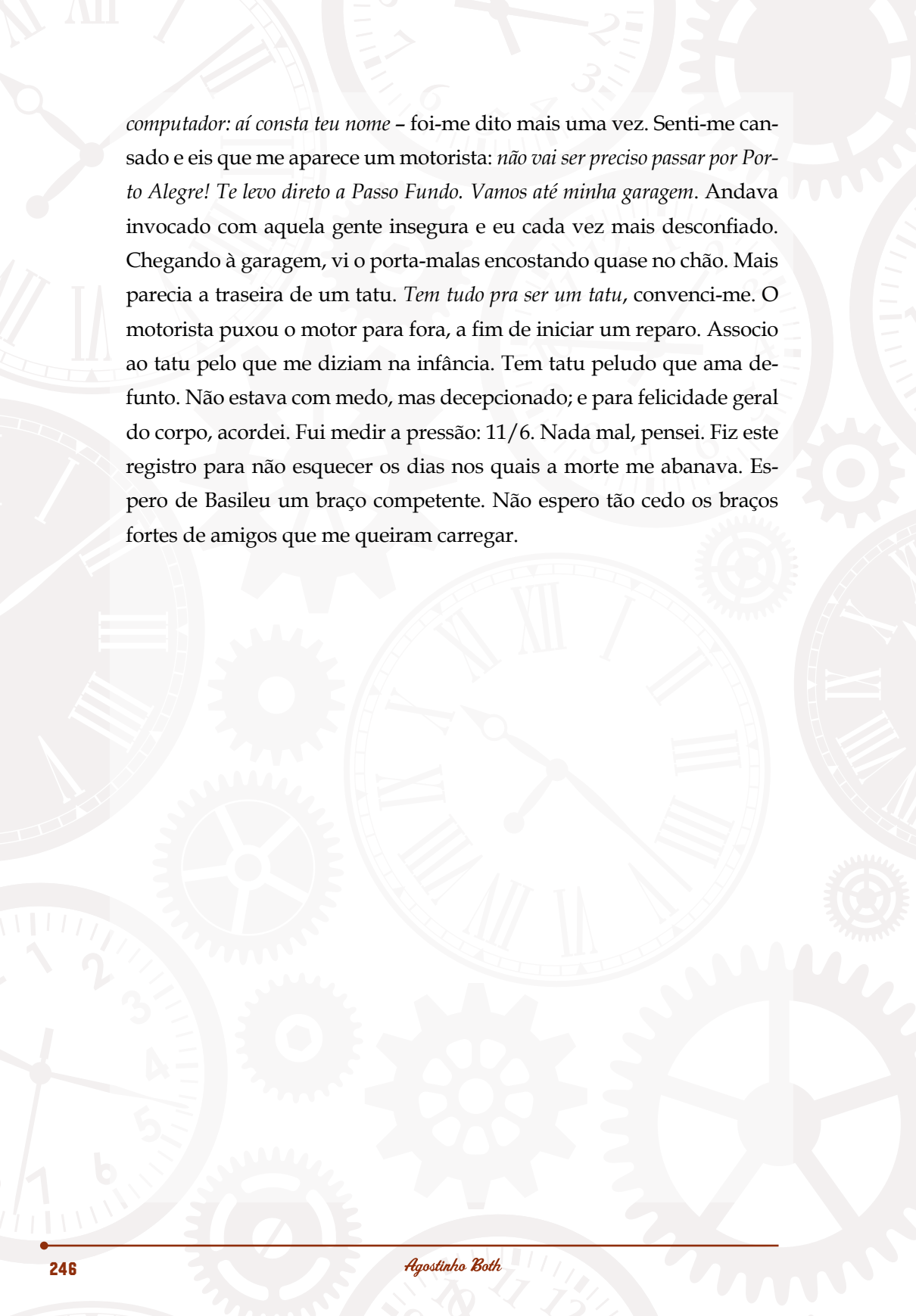
Devemos pensar e fazer pelo melhor, foi o que falou o pastor ao se despedir.

*Maio de 2023*

A Solange foi categórica: *é preciso ver teu coração*. Senti que o animal pulsador anda de trote diferente. Resumindo todo o histórico da procura, afirmou-se: *esta eletricidade não lhe convém mais. É hora do marca-passo*. Senti-me extraviado como cusco em procissão, mas disse o Dr. Sato: *tem cura*.

Pois, de fato, por uns cinco dias, o coração não se acomodava. Ia de 20/9 para 6/4, a pressão arterial. A Solange andava em mesma realidade com seu coração. Mas eu carregava a sentença: *vai pôr um marca-passo*. Como a morte anda solta, ninguém se assustou. Fiquei calmo, mas o resto do meu ser anunciava-se com estranheza. Ainda falou o Dr. Sato: *vou te encaminhar para quem eu confio, o doutor Basileu*. Agora, lembrei: minha memória tão ferida quanto o coração. Ainda assim contente, pois entendia a situação. Mantenho um sorriso oculto, para não perder o fio da meada. Sei que o fio do carretel anda pelas beiradas. Faço voltas para lembrar de um sonho acontecido por esses dias.

Viajava pelo bruto Sertão. Tinha passagem para voltar. De repente, a loucuragem. Um ônibus, em meio a uma rodoviária, levar-me-ia para casa. Um bichão enorme, levando alguns dos passageiros. Vi sua disparada e gritei. Avisei que havia sobrado e todo mundo dizia: *calma! Calma!* Um menino de 12 anos me falou: *O dono da rodoviária é meu pai*. Pensei: *você não manda nada*. E desapareceu. Podia contar como viagem perdida. Ainda ouço, para consolo, alguém dizer: *Ele vai esperar fora desta cidade*. Mas os fatos foram mostrando que me enganavam. Podia procurar outro ônibus. Achei-o. Levaram-me até um lugar ermo, onde estaria o novo ônibus. Muito estranho de todo jeito que fosse visto. Mostrei minha passagem e, num segundo, já estava sem o comprovante da passagem. Apareceu-me um motorista louco por passageiros. Num dos bolsos, alguns cobres; noutra, uma pasta com documentos; e no peito, desconsolo. *Não tenha preocupação com tua viagem. Ela está garantida pelo*

The background of the page is a light gray pattern of various gears and clock faces. Some gears are large and prominent, while others are smaller and more subtle. The clock faces have Roman numerals and some have hands. The overall aesthetic is mechanical and time-related.

*computador: aí consta teu nome – foi-me dito mais uma vez. Senti-me cansado e eis que me aparece um motorista: não vai ser preciso passar por Porto Alegre! Te levo direto a Passo Fundo. Vamos até minha garagem. Andava invocado com aquela gente insegura e eu cada vez mais desconfiado. Chegando à garagem, vi o porta-malas encostando quase no chão. Mais parecia a traseira de um tatu. Tem tudo pra ser um tatu, convenci-me. O motorista puxou o motor para fora, a fim de iniciar um reparo. Associo ao tatu pelo que me diziam na infância. Tem tatu peludo que ama defunto. Não estava com medo, mas decepcionado; e para felicidade geral do corpo, acordei. Fui medir a pressão: 11/6. Nada mal, pensei. Fiz este registro para não esquecer os dias nos quais a morte me abanava. Espero de Basileu um braço competente. Não espero tão cedo os braços fortes de amigos que me queiram carregar.*

# Minha sogra

Neste ensaio de crônica e biografia, revelo um pouco de minha sogra. Um tamanho humano agradável: distante, quando oportuno; próxima, quando necessário. Só para ver: por 10 anos e 10 vezes, costuram o rosto para afastar o câncer que cisma em não a deixar. E vejo-a paciente e corajosa, sem perder a luz e a gentileza.

Dobrada e quase trôpega, não deixa de andar pela casa a ver se não falta algo em que possa melhorar. Desenho algumas cenas que deixam ver seu caráter superior.



## *O sogro da minha sogra*

Pois ela tinha cada uma: quase uma divindade, a começar pela história do sogro dela. Homem de brabeza incontestada, de pouca satisfação. De pouca ternura e muita exigência. Pouco ligava para sua mulher. Ela, a nora, minha sogra, sabia da autoridade que sua presença conferia.

Pois bem, a sogra da minha sogra recebera uma colcha *muy linda* por presente de amigas. Pois o velho, caprichoso e opiniático, não permitia o uso da cobertura, linda por demais. E, como é da mortalidade, faleceu a dona Honorina, a sogra de minha sogra. O que fazer, agora, com a colcha virgem. Pois o velho Afonso se dirigiu para minha sogra, a Miguelina, pedindo opinião.

- *Vamos cobrir o corpo dela com a colcha?*

- *Se o senhor não deixou que usasse em vida, não carece usar agora que está morta.*

Para piorar o clima, chegavam as filhas da infidelidade do sogro para prestar homenagem. O velho, da maior carranca, ouviu a resposta sobre a *muy linda* colcha e viu os olhares feios da parentalha toda, lançando olhares insatisfeitos sobre a amásia e as duas filhas.

## *Vendo... estou bem*

Manhã de domingo, ela com rosto de corte crateroso. Da boca à orelha direita, um corte feio para retirar o maldito onco. Ela me olhou de olhar preocupado.

- *Este olho que não teve jeito. Buscava consolo.*

- *Está com visão turva?*

- *Está feio, muito feio. Quase virou pelo avesso com o inchaço. E pra ajudar, está chorando sem razão.*

- Ele está regando pra poder afastar a inflamação. É a defesa dele.
- Ver, eu vejo bem. Não quero que me vejam assim.
- Em duas semanas, a senhora vai ver seu olho como antes.
- Tomara! Tenho medo que fique com essa pálpebra virada.
- Se ficar um pouco vesga, pode parecer de bondade. A senhora não vê aquela repórter da Globo. O olhar dela tem um pouco de tortura e é muito bonita.
- Pode ser, mas não acho ela linda.

### *Da sogra para a filha*

- Pois é, mãe – dizia a filha do meio: eram três. Estou cansada e este meu joelho nem mais me deixa caminhar. Até prefiro morrer.

- Que é isso, filha? Faz isso não. É tão bom viver. Eu que vou cortar, de novo, meu rosto, pra retirar outro câncer, nem tô pro meu rosto. O que quero é viver.

.....

- Mãe, como foi a cirurgia?

- Bem, muito bem. Nem parece que fiz cirurgia. O olho ainda está um pouco inchado, mas dá pra ver bem.

Vi o rosto um pouco melhor. Mais vida, havia bem mais vida.

Após a conversa da filha com a sogra, fiquei regurgitando dentro de mim.

Parece a ideia da absoluta interdependência de tudo, conforme a teoria quântica. O voo de uma borboleta pode fazer uma tempestade. Faltava um toque para mover os céus e as águas se precipitarem. Ela ficou por alguns momentos em situação de dor. Vi seu rosto triste. Logo a seguir, serenou seu ser. Eu falei pra ela não desanimar. Também o voo de uma borboleta pode despertar a serenidade.

## *A luta armada*

Dias depois, foi ao médico ver a cirurgia da face e a pálpebra caída. Dobrou-se a proteção inferior pelo corte fundo. Ia a sogra ao espelho para ver se a pálpebra estaria voltando ao ponto original e nada. O vermelho interno, dobrado, mostrava o que não lhe era natural. O que disse o médico? – perguntei-lhe. *Ele deu mais quarenta dias pra ver a reação do olho, mas me garantiu: se não voltar, vai fazer ele voltar.* Como? Uma pequena cirurgia vai fazer voltar o olho bom. Isso é que é encanto nos 93!

## *Desde a origem*

Ela aprendeu a ser forte na casa de sua origem. Pai austríaco, casado com uma humilde mulher brasileira: ela Souza, simplesmente. Culturas diferentes, bondades iguais. Perguntei-lhe se eles se entendiam. Muito bem, foi a resposta. Ele era de paz. Tinha cultura. Amava a vida. Era sapateiro. Sustentou sete filhos. Minha casa era de alegria. Já vi pessoa boa, mas igual...

## *Entrevista com Platão*

Enquanto esperava os quarenta dias para a melhora, nada a ave-xou. Foi fazer ginástica com as companheiras.

Telefona para as filhas. É isso aí, Marlene! Ouvi a velha senhora animando a filha mais velha.

Não tenho dúvida. Se Platão existisse, eu o aconselharia a que organizasse mais um livro: **Diálogos de Platão com uma velha senhora**. Duvido que aceitaria escrever. Tinha certas implicações com mulheres. Eu lhe mostraria como são algumas mulheres de meu tempo. Não todas... boa parte. Platão olharia desconfiado para minhas palavras. Conhecia Xantipa, que era a mulher do seu amigo Sócrates. Diz a lenda: era muito difícil.

## *As filhas*

Hoje, 19 de abril de 2017, veio ela pedir se eu não ocuparia o telefone fixo que estava perto de mim. Mesmo que ocupasse, ele está à disposição, falei. Tomou do telefone e, depois, vi ela sentada, tentando se comunicar com a Marli. Faz alguns dias que não converso com ela. Vou tentar mais uma vez, disse. Depois veio à sala de meus escritos. Pena, não consigo me comunicar. Acho que saiu de casa. Será que está na Marlene? Assim se sucedem os fatos familiares... as filhas nem sempre estão onde gostaríamos que estivessem.

Depois, dobrada sobre si, sempre ágil, foi até a cozinha. Ouvi som de panela enquanto eu telefonava para o Jader, a ver se já estavam prontas a narrativa e as fotos da história do Sesc.

*Mas, homem, te mandei o texto. O que tem o teu computador que o e-mail voltou?*

*Que eu saiba está recebendo todos, Jader. Vai ver que o endereço está errado.*

Pois é. Ele havia posto um **d** em vez do **b**. Agora sim, além do texto mando umas fotos do grupo Idade Ativa do Sesc. Aguardo. Assim é... se um pequeno gesto pode mudar a história, a ausência pode impedir a comunicação.

## *A sogra, cunhadas y mi mujer*

Assim minha sogra falou:

*O Abetino nem estava em casa quando ganhei a Marlene. Chamaram a parteira. Ela nasceu antes de a parteira chegar. Banho dado. Então, logo tive ela nos meus braços. Poucos anos depois, foi a vez de ter a Marli. Foi mais difícil. As dores começaram pela manhã e não eram muitas. Mas não tinha jeito de nascer. Veio a parteira, a Frida. Só nasceu antes da noite. Foi mais demorada pra nascer. Brinquei ao*

*final da narrativa. A Marli ficou matutando antes de nascer, pensou, mas não teve jeito. A vida manda na gente. Quanto à Solange, tudo foi semelhante à Marlene. Veio ligeira, sem ficar embromando. Depois fiz interrupção.*

*Sou dos tempos em que limitar filhos era pecado. Começou a contar: depois que tive minhas três filhas, pensei: como vou criar minhas filhas se tiver mais um. Me veio em socorro a comadre Eloá. Disse pra ela:*

*- Fico nervosa quando vou pra cama. Que prazer pode haver com a cabeça com medo?*

*Então, a comadre disse:*

*Vou falar com meu amigo Dr. Sabino, pra ver se ele dá um jeito. Vou pedir pra ele fazer uma laqueadura em ti.*

*Rezei pra Deus me ajudar. Me deu uma dor muito grande. Fiz uma consulta com o Dr. Sabino. Problema de ovário. Expliquei pra ele minha situação. Ele já sabia. Pode deixar pra mim, dona Miguelina. Na cirurgia, ele pediu para a irmã buscar um instrumento em outro lugar. Aí, o doutor fez o que foi combinado. Deus me ajudou, me deu aquela dor e tudo deu certo.*

*O Abetino se quebrava todo pra dar comida roupa e o colégio Notre Dame pras três. Como iria sustentar isso com mais gente? E eu como ia viver feliz, sempre com medo de ter mais filho?*

### *Uma queimadura*

*Ai, que dó! Ela queimou a bunda... desculpem a expressão, mas foi aí mesmo.*

*Mal se anunciava o inverno, a Solange encheu uma bolsa de água quente, sentando-se a sogra sobre ela. A bolsa, por estar descansada quase um ano, cedeu. A água vertida queimou a nádega direita. Eu estava escrevendo sobre *As crônicas do envelhecer em Passo Fundo*, quando fui alertado por um grito da Áurea, mulher que trabalha aqui*



em casa: *a Nina está queimada!* Fui ver! A dor ensina até a sogra a mostrar a bunda. Quando vi a pele solta me condoí muito. A pobrezinha estava assada. Fui direto ao Google para saber sobre queimaduras. Nebacetin é a conta para ajudar, recomendava o Dr. Google. A Áurea tirou fotografia. Não sabia para quem ela enviaria a imagem esfolada.

Até orações foram feitas, mesmo não havendo uma oração específica para este tipo de queimadura, mas o carinho da oração valeu. Como a pele estava se recuperando com dificuldade, fomos a uma enfermeira especializada nesse tipo de acidente. Assim, salvou-se a vida íntima da minha querida sogra. Comprovo: eu mesmo a levei para receber os cuidados. Ontem, dia 10 de maio de 2017, ela teve alta das consultas salvadoras dos seus queimados glúteos. Se, um dia, Deus pedir sobre uma boa ação, eu direi: ajudei a melhorar as dores íntimas de minha sogra. Não usarei outro termo, que é capaz de Deus achar pouco e de pouca dignidade, a palavra e o feito.

### *Uma mulher muito amável*

Isso se demonstrou no aniversário do bisneto, Henrique. Por celebrar, ele convidou alguns amigos e amigas, mas daí a tomar conta da festa é que é. Ela se revelou com a presteza de sempre.

- *Bisa, onde está o papel de alumínio?*

Lá foi ela abrir a gaveta, dobrando seu corpo.

- *Bisa, cadê os copos pra servir a bebida?*

Ela retirou o cobertor de seus pés, mais uma vez. Sentia frio, que o inverno é de matar. E lá se foi, retirando os copos do armário.

- *Não falei que estavam aqui? Falou severa.*

- *E os frios, bisa, vou servir todos eles de uma vez?*

- *Claro, por que não?*

Ah... e os frios. Na hora de buscá-los na padaria, ela, prestimosa, alcançou um cinquentinha pra colaborar. Assim, de olho na recupera-

ção da cirurgia, dava-se como se dão as mães a seus filhos. Sua alma via mais que seus olhos podiam ver.

### *De outros bisnetos*

E por lembrar o Henrique, vieram-se, ligeiros, outros bisnetos. Férias em Santa Catarina. A pequena Ana Laura, já não mais tão pequena, a seguir o Felipe, depois o Luiz Fernando, feito agora um pensador; por fim, o maior, Tiago, em 1917, quase um engenheiro, vinham mal acordados pedir uma torrada dourada. Com calma, apreciavam o crocante pão com misturas, conforme o gosto de cada um. Como esquecer das mãos pequenas e da mão envelhecida, acostumada a fazer da cozinha um espaço de alegria. Oitenta anos fazendo do fogão e da mesa lugares de oferta e de cuidados. O pão está como queriam? De boca cheia, mal respondiam, fazendo vênica. É o que faço agora!

### *Nos 80*

Na festa dos 80 anos de Nina, o Henrique falou:

*Querida Bisa, Nina! Estou falando por mim, pela Daniela, pelo Tiago, pela Isabela, pelo Luiz Fernando, pelo Felipe, pelo Maurício, pelo Ricardo e pelo João Marcelo, ou Ana Laura, que chega em março, que não sabemos ainda o que vai ser. Prometemos: vamos ser pessoas queridas como a senhora! Em março, veio Ana Laura; depois, aos 89 anos, veio a Lorena; aos 93 da Bisa, o João Vicente fechou a conta.*

### *Minha casa, minha gente*

Ela diz não haver mais histórias pra contar. Casou com 17, e o Abetino com 27. Nada a reclamar por não ter um filho homem. Vieram as três meninas. Ele nunca falou em ter um menino. Estava contente

com as filhas que tinha. Trabalhava no Daer e sempre dava pra comprar uns luxinhos para as três. Não se falava em crise. Eu cultivava nossa horta e tinha verdura pra distribuir pra vizinhança. Cuidava de um parreiral bem pequeno, mas dava muita uva. Tinha milho, ameixa, laranja e outras frutas que não me lembro. Ah! Tinha uma estrebaria pra cavalo e uma vaquinha. Nunca faltou leite. Trabalhava de manhã, pra de tarde sair com minhas filhas. Coisa bem boa sair visitar as amigas. Não faltava divertimento. A gente saía fazer uns bailecos nas casas, e as gurias iam junto. A gente podia deixar a casa solita, que ninguém roubava. E nem te falei do tio Mingote, irmão de minha mãe. Quanto churrasco a gente fazia quando saía com o caminhão dele. O vento quase levava os cabelos da gente. Eu gostava muito de ir numa barranca de rio e era aquela festa.

### *A funda cirurgia revela a força de Nina*

Assim, ia eu sabendo da minha sogra. Vou, aos pedaços, escrevendo o que mais ela contar e o que mais vou ouvindo e vendo. E por falar em ver... a consequência da terceira cirurgia rebaixou o olho. A pálpebra inferior ficou caída e o vermelho interno aparecia, não causando boa impressão, principalmente pra ela. Eu via a insatisfação de minha sogra. Ela repuxava a pálpebra, tentando fazer que voltasse ao seu lugar. O corte na face para retirar o câncer fez isso. Mas era de ver a alegria dela quando, semana passada, dias antes do Dia das Mães, ela veio dizendo: o doutor vai fazer uns pontos e vou ter meu olho normal. Era o dia 11 de maio de 2017. O doutor vai, também, tirar uma pinta que sobrou no meu rosto. Na operação que ele fez, não conseguiu retirar, vai fazer agora. Eu ia me alegrando na carona da alegria dela, mas minha curiosidade não dava trégua. Mais adiante, dou continuidade sobre os rasgos e os resultados de mais uma cirurgia, a da pinta, outro câncer.

O que me irrita é, depois, saber que tudo poderia ser evitado. De fato, os inimigos moram perto! A Nina, em março de 2023, foi a um médico que apenas mandou passar uma pomada, e o câncer não se pronunciou mais. O câncer de pele poderia, desde o início, ter o mesmo tratamento. Ignorância dos médicos anteriores?

### *Voltando ao passado*

Sabe, dona Nina, duvido que as três filhotas andassem sempre numa boa. Não tem criança que não briga. É da nossa espécie brigar.

- *Brigavam quase nada, disse ela. Lembro apenas de uma vez que a Marli e a Marlene brigaram. Foi assim: elas faziam coleção de santinhos. Recebiam, por bom comportamento, os santos no Colégio Notre Dame. Era santo pra todo lado. Não teve santo que ajudasse. O Abetino viu aquilo e pôs de castigo no quarto delas. Aí, veio a Solange e foi abrir a porta para soltar as duas de castigo. Aí, ficaram presas as três. Ele, então, pôs os santinhos no fogo. Não sobrou nenhum santo pra rezar. As três foram soltas hora depois. Elas viram que não se deve brigar, nem por santo!*

### *A pinta perigosa*

Ontem, dia 15 de maio de 2017, fui ao hospital São Vicente para agendar a retirada do tal sinal de minha sogra e dar dois pontos para melhorar a pálpebra ferida. *Primeiro, vá ao IPE fazer perícia*, disse a atendente. Voltei para casa, anunciando o encaminhamento. Aproximei-me do computador, para melhorar um projeto de comunicação para o Clube Juvenil.

Mal me sentara: *se quiser comer os pinhões, então pode aproveitar*, convidou ela. *Estão bem quentinhos!* Aproveitei o seu cuidado maternal. Saí mais pesado ao ver a pálpebra em desalinho, *pero mas aclarado con la ternura de mi suegra!*

## *Cuidados e bravuras*

Por lembrar de sua bondade, associei a um fato acontecido quando as filhas eram pequenas. A vizinha, muito mesquinha, plantara um pé de maçã, e o tempo resolveu estender os galhos para os lados da casa da Nina. Unha de fome e miserável era a vizinha. As pequenas, por verem as maçãs pendentes para o lado do terreno que lhes pertencia, resolveram colher os frutos vermelhos. Ao apanharem dos frutos, a vizinha, tenebrosa, inventou de desaforar as meninas, entendendo como furto o que lhe tomavam. Da cozinha, a Nina ouviu a gritaria da vizinha. Não teve dúvida. A juventude do seu braço direito ergueu o facão. A sogra alçou ao alto a grande arma branca na direção da macieira. Em golpes certos e vigorosos, decepou os galhos invasores. Gritava em alto som: *Velha unha de fome! Desgraçada!* Àquelas alturas, a senhora sovina desaparecera da janela. Mais altas se tornaram as palavras em defesa da honra de suas filhinhas. Era de bondades, mas defensora da honra de suas queridas criaturas.

## *O virtuoso facão*

Vou contar o quanto cuidava de suas lindas criaturas. A última filha, minha mulher, meses antes do casamento, enquanto afiava o meigo facão para cortar galhos caídos de uma ameixeira de frutos brancos em forma de coração, dirigiu sua meiga voz para mim. Sabe, Agostinho, é costume consumir o amor só depois do casamento. Concordei sem pestanejar.

Só para ver. Quando o neto André contraiu núpcias, pois bem, quando ele se casou, teve uma abordagem menos afetiva na direção de Marcelo, que estava só namorando a Gláucia, irmã de André. Enquanto todos aguardavam o momento dos noivos se adentrarem no recinto da festa, aí, foi o momento oportuno.



- Marcelo que achou do casamento do André?

- Muito lindo, dona Nina.

- Pois é, e quando vai ser o teu?

Fizemos, outro dia, a cerimônia do facão. Deu resultado. Em pouco tempo, Marcelo contraiu núpcias.

### *A maldita doença*

Retomo, dia 05 de junho de 2017, as andanças dessa senhora em busca de se salvar. Cirurgia para reparar outro câncer. Agora, o corte veio da face até o queixo. Retirados os curativos, aparecem os sinais dos pontos. Configura-se uma espinha de peixe. Agora, chega, diz ela. Se vier outra vez, eu não vou mais fazer cirurgia. Pensei: mesmo que venham outros cortes, valeria tê-la por mais tempo. Ela tem o direito de estar cansada: cinco cortes profundos numa só face. Ah! Sim! Não dá para deixar de dizer: mais contente, uma vez que o olho recuperou a pálpebra tão ferida. O médico fez só um pontinho e tudo se ajeitou. Termina a manhã deste dia. Ela se mostrou feliz em dizer ter concluído a carne de panela. A professora Dinair vem mostrar o seu texto sobre o tempo em que fora coordenadora do Creati, mas me pediu: quero, mais que tudo, ver a Nina. Pode até rezar: Ave Nina, cheia de graça, bendita também entre todas as mulheres!

### *Diálogo medicamentoso*

A Onilva, que trabalhou comigo, falou ao telefone:

*Dona Nina, a Eloá quer lhe visitar. Eu venho junto. Quando pode ser?*

Vou avisar você, que agora não estou bem. Meu rosto está muito machucado com a cirurgia. Aí, a Eloá pode vir.

De curioso, informei-me:

- Por que esse tal de hidroclorotiazida, dona Nina?

- É diurético.

- E esse Euthyrox.
- Pra tireoide!
- E esses, o Novando e o Selo Zok?
- Pra pressão. Os outros é só no meio-dia. Tem mais os da noite.
- Mas pra que tudo isso?
- Pra ficar de pé.

### *Mais um diálogo*

Pelo jeito que anda se cuidando, não é pra viver por pouco tempo. Já comprovo. Semana passada, ela se queixava do frio. Primeiro dia de junho.

- Por que a senhora não vai pra Goiânia? As duas filhas de lá gostariam muito de ter a senhora. Lá é quente.
- Pois é, estou pensando ir pra lá.
- Pra quando?
- Pro Dia das Mães do ano que vem.
- Isso é certo?
- Estou pensando ainda.

Parece ser verdade, os filhos contam menos quando se fica muito velho. Melhor garantir, quietinho, onde se está, do que se arriscar em outro lugar. Acho que ela pensa também em não incomodar. Ela não quer empatar os dias de ninguém mais... ela merece a convivência alegre de sua gente, contanto que não venham tirá-la daqui. Estou desconfiado: acho que ela me ama. Já vamos para o terceiro aniversário com parentes de todos os lugares. É festa de duas semanas. Meu Deus que me deste uma só mãe...

### *A roupa dos ministros para minha sogra*

Dias fiquei pensando sobre a arte de se vestir. Vejo a justiça eleitoral e o pessoal do Supremo vestidos com túnicas negras e vermelhas: sacerdotes da lei. Grandeza à vista de todos. Um costume que esconde

a fragilidade humana e seus dramas, significando decisões finais. Eles, da suprema corte, parecem donos da lei e do Brasil. Pobres de nós. Que coisa! Que tristeza!

Ainda bem que tenho alguém para me aliviar da suprema maldade. Ontem, ouvi minha sogra no telefone avisando a cabeleireira:

*Estou reservando uma hora para mim. Uma maquiagem e uma permanente! Pode ser? Vou ao aniversário de um ano de meu bisneto.*

Eu rezo pelo Eclesiástico, 39: *Enquanto viver, terá maior nome que mil outros.*

A voz continha a alegria densa que lhe era própria. Escondia os sinais da fragilidade do rosto, enquanto mostrava poder diante da vida. Os votos particulares de felicidade na voz dela superavam os votos dos ministros definindo a vida de todos. Assim que morrer um deles, vou indicar minha sogra.

*20 de junho de 2017*

Que dia! Tudo indicando haver neve. Frio latino e pampeiro, cinza, com rajadas rápidas para animar o caminhante. Minha sogra então se entristece por não haver o sol. Esclareço-lhe que urge viver. Conto a história de um piá que, em sonho, fazia queixas pela chatice da escola. Então, uma voz permitiu que fossem afastados os anos de estudos. Assim, de repente, o piá ficou homem: 20 anos. Foi trabalhar. Por pouco estudo, um trabalho de pouco lucro, de rebentar coluna. Novamente, em sonho, pediu que se abreviasse o tempo. Pelas regras antigas, aposentou-se como filho de agricultor. Viu-se com mais de 70. Em virtude da falta de exercícios, andava zengo; vasos e órgãos mordendo-o em dores. Assim, prefiro a morte. Morreu. Ela ri de minha história.

- Mas, que um solzinho faz a diferença, faz!

E justifica a sua insatisfação:

- E, com este frio, não consigo nem dominar a tesoura pra cortar as bandeirinhas pra São João.

- Pedo pra Áurea dar formas às revistas a serem bandeiradas.

- Espero que na festa tenha sol! – desejou.

Se não lhe servia a hora, punha a vida para acontecer depois. Culpava o tempo, mas o que se impunha cruel era a artrose. Se lhe pararam os dedos, tem a alegria nos olhos e na alma. Nada impede a festa. De curioso olho, se as nuvens cinzas... não mostram os flocos brancos a enfeitar o chão da Benedito Pinto. E minha mulher mandando fazer Pilates para não virar uma estátua. Não vou me queixar... *stoy vivo! stoy vivo!*

*25 de maio de 2018*

Semana passada fomos visitar Goiânia, Marlene, Marli e toda a gente de lá. O Euclides havia levado um susto por causa do coração. Coração de velho é bom, mas incomoda fácil. A sogra deu a entender, quando falamos de fazer essa visita, de levar a Áurea. Entendi que Nina queria fazer um agrado para quem não conhecia o que é andar sobre as nuvens. Na viagem, eu vi que a velha senhora andava sem o domínio do corpo em escada rolante. Perdeu o equilíbrio e veio de costas em minha direção. Apanhei no ar o corpo frágil, vindo quase voando. Depois, na esteira do Aeroporto de Campinas, novamente vi que a coisa andava osca. Quase que caiu. Daí, chegamos à sábia conclusão de só pegar elevador e não precisar apurar com esteiras. Enfim, fomos e voltamos. É claro que Nina anda muito preocupada com Euclides. Nas férias de verão na Pinheira, ele mal havia chegado dos *States of America*. Trouxe de lá uma tosse tenebrosa. A sogra, cuidadosa, só tinha olhos para ele. Mal chegava a

noite, ela oferecia um casaquinho, para que uma brisa não piorasse o genro. Brinquei, tossi forte e nada. Nada de casaquinho para mim. Virou piada. Cheguei à conclusão que o genro *dendém* era ele. Mas, provoquei a velha senhora: se acaso não queria passar o inverno por lá... mais quente... toda atenção... genro querido, mas ela preferiu encarar mais uma vez o frio intenso de Passo Fundo. Tenho certeza e dou razão, o coração de uma terra antiga oferece também seu coração. Tudo aqui diz respeito às velhas memórias. Amigas... atividades... rostos velhos de gente conhecida incorporam virtudes fortes. Memória é um animal de atrações. Aqui, ela tem seu mundo, com sua alma cheia de imagens. E diz para mim o que deve ser feito ou não. Às vezes repete e diz o que a Solange já havia repetido. Como reclamar? Engulo compreensivo... ela quer se comunicar e ajudar. Digo, então, para mim mesmo: *deixa de ser chato!* Louvo a situação, imagino como seria se ela não mais participasse do cotidiano ou nada lhe dissesse respeito. Imagina ela, tão presente, distante e carregada pelo Alemão Alzheimer. Prefiro eu tê-la ao meu lado, a velha mais querida. Toca o telefone, atendo. É a Marisa querendo jogar canastra. Ela: *Quem era?* Assim dividimos tudo que temos. O neto chega e eu pergunto se tem dinheiro para as inscrições para os vestibulares. Ela: *Já dei um dinheirinho para ele.*

*27 de julho de 2018*

Qual é o avô que não se estressa ao receber um SAP do neto dizendo que foi multado numa balada. *Vô, pode me ajudar com 1.200? O resto o pai paga. Pode retirar da conta conjunta, vô.* Mal deu 0,30 o teor de álcool. Puta merda: então, ele não sabe que não pode dirigir assim?

Mal havia dito do problema a ser encarado que a bisa, prontamente, consolou:



- *Pode deixar que eu ajudo.*

- *Não tenha preocupação.*

Fui apanhar o solicitado recurso.

- *Tudo resolvido, dona Nina. Pode guardar seu rico dinheirinho.*

- *Que bom.*

No primeiro encontro com ele:

- *Deu bobeira?!*

- *Não vão me pegar mais. Não vou sair de carro da outra vez.*

Alegria da bisa, alegria do neto.

E eu sem meu Milão.

### *Dois pontos oncológicos*

Hoje, 15h30min da tarde, 23 de novembro de 2018, acabei de levar Henrique para a rodoviária para realizar o terceiro vestibular. Vai a Pelotas na PUC e depois a Santa Maria, perfazer o quinto. Sinto ele mais capacitado, mas tem muito medo da matemática. Antes, fui buscar a Nina no hospital. Dos dois pontos ameaçadores, retiraram apenas um. Acho que é a décima cirurgia já realizada. Não fizeram os dois pontos em razão de possível demora e temor da fragilidade dela. O Henrique, embarcando comigo para ir até a rodoviária, despediu-se dela. Ela, já em frente ao portão, desejou-lhe boa sorte. Quando voltei, ela completava a refeição com uma laranja.

Ela, na primeira folga de minhas leituras, em torno dos meus heróis, padres da sagrada família: *Sabe, não cortaram tudo. Vou deixar o outro ponto para o ano que vem.*

Uma deusa do afeto e uma cristã diante dos leões. Eu, um vencedor de suas virtudes. Outro dia, conversando ao telefone com uma sobrinha: *Estou bem melhor. Só não fiz outro ponto porque a anestesia ia levar muito tempo.*

É isso aí, dona Valentina!

## *A doença é persistente*

Voltamos da praia em 13 de fevereiro de 2019. Urgia rever o rosto dela. Esperou até março: os receios retardam o cuidado. Duas semanas atrás, hoje 19 de março, ela voltou do médico.

- *E daí, dona Nina?*

- *O médico disse que isso piorou muito. Vou tirar isso.*

Como resposta, apenas meu condoído silêncio.

Fez-me lembrar de Freud quando chama de Id aquilo que está oculto e não claro, mas está aí, como força antiga e um verdugo poderoso.

Hoje, enquanto escrevia sobre a crônica da *Cerimônia da Laparina*, resolvi escrever mais um pouco. Pois bem. Ela acordou-se muito cedo e animada. O médico, vistos já os exames, quer vê-la para, às 13h30min, proceder à cirurgia e tirar aquilo. Vou sentar um pouco ao seu lado.

## *Eis que chega*

Ela chegou de rosto protegido. Perguntei se não podia retirar a gaze.

- *Não gosto de ver meu rosto assim!*

Por saber do seu destemor:

- *Assim, acompanhamos a evolução.*

Silêncio.

Pedi, então, que se cuidasse.

- *Não faça nada. Por uns dias, deixe que a gente faz.*

Retirou a proteção logo a seguir. Assustador o corte! Do queixo até a vista, e daí uma volta para baixo junto ao nariz, até a metade. E quem diz que se assusta. Fui comprar soro fisiológico e, sem esperar, ela mesmo foi limpar, retornando como se tivesse ido lavar um rosto jovem.

À noite, não teve dúvidas: impávida, começou a forçar as portas em gaita. Peguei no flagra.

- *O que é isso, dona Nina?*

- *São fáceis de fechar.*

- *A senhora deve cuidar dos pontos.*

Riu, como que dizendo pra não me botar em sua vida.

Pela manha da liberdade: pela manhã, fez o mesmo.

Desisti: uma mulher sem limites!

### *Dois cortes a mais*

Se bem me lembro, ela retornou novamente em junho para retirar uma extensão do faminto e maligno ser. Ele voltou ainda em final de agosto. Que merda! Vi ela baqueada. Silenciei, mas apoiei a Solange em recomendar que ela fosse retirar os rebentos. *Se deixar, vai tomar conta da face, já tantas vezes ofendida*, falou. Hoje, dia 1º de outubro de 2019, levei as duas para a reparação. Voltou contente, porque a cisão não fora tão funda, permanecendo os traços de seu rosto ferido, mas não tão deformado. O meu silêncio dói. Não consigo disfarçar. Veio a Solange propor a pôr uma persiana de uma malha para o sol não ofender a pele delicada dela. Assim faremos. Por quanto tempo o devorador de células vai ainda ofender? Até quando, vil comedor, abusará de nossa paciência e da sorte de uma velha senhora? Acho que vou para a Universidade de São Paulo, falar com a equipe do pesquisador Dr. Dimas. Descobriram um jeito de acabar o câncer com células reprogramadas em pacientes quase falecidos.

### *Em março de 2020*

Aí é que foi. Cuidados mil, mas, já em março, o Cadu, a Tati e o pequeno Jovi estavam com a gente. Assim foi até dezembro. A empregada da Tati nada falou que em sua casa a Covid-19 andava solta,

e aí o maldito bicho pegou. A Solange e a Tati foram numa festa de aniversário da neta da Marisa. Foi nessa que a Solange trouxe a desgraça. Lembro: acho que foi dia 1º de dezembro, ou dia 3. Senti a pua com incômodo na garganta. Três da tarde. A Solange sentiu-se pior. Fomos ao hospital, mas voltou. Passei uns 15 dias bem jururu em casa. Resisti. Pior para a Nina, que foi, voltou e retornou novamente ao São Vicente. Quase se foi a Valentina. Custou muito a recuperação: um mês de hospital, até que recuperou forças. Foi uma vitória o primeiro xixi. Mais uma semana e voltou com auxílio, para agora, dia 23 de março, estar em vida normal. Um pouco mais fraca, que a paulada foi bruta. Não mais falou de seu rosto. Esperamos que o câncer não seja tão faminto, porque viver é preciso. Peleou lindo a velha senhora de tantas histórias.

### *Em abril de 2021*

Foi ao médico, dia 15, para ver melhor o que lhe acontecia. Exames prontos. Voltou feliz, pois nada de ameaça se fazia sobre ela. Apenas lhe doía o cabelo. Caíam-lhe os fios um a um: resultado da Covid-19. Doeu-me ao se pronunciar a ideia de comprar uma peruca. Os tempos velhos marcavam-lhe dores seguidas. Impressiona, porém, seus cuidados para preservar a saúde delicada. Seu rosto marcado, cortado, esgrovinhado, e seus remédios às dezenas. Nada lhe retira o interesse pela vida. Não perde uma notícia da cidade. Sempre atenta a tudo: tudo lhe cabe no coração valente. Murcha-lhe a boca, pouco importa, sua fala é atenta aos cuidados da casa. Mais alegria no dizer dela: *Eu também já fiz a segunda dose da vacina.*

### *Outras conversas*

Hoje, pela manhã, a Solange me fez lembrar outras poucas e boas de minha sogra.

*Quando minha mãe completou 90 anos, apareceu, pela segunda vez, um câncer no intestino. Uma displasia, como dizia no diagnóstico. Fiquei apavorada! Ela estava preocupada mesmo era com uma hérnia intestinal, motivo de sua real insatisfação. Levei-a ao dr. Navarini, que faria a cirurgia do câncer. A mãe estava preocupada com o problema da hérnia que mexia com a sua estética, deixando uma protuberância na barriga. Ela então perguntou ao médico se ele poderia, ao mesmo tempo em que retirava o câncer, dar um jeito na barriga distendida. Claro que dá, dona Miguelina! A felicidade apareceu inteira no rosto dela. O câncer era de menos. Agora, sim, vou ficar bem! O rompimento distendendo o ventre, aquela saliência, era a verdadeira preocupação.*

### *É dele a preocupação*

Sempre me incomoda a ideia de achar que Deus ajuda aqueles que se acham privilegiados. Os outros que se danem. Não aprecio os judeus no deserto, quando vinham para a terra prometida, enquanto matavam todos os povinhos que se metiam no caminho. Agradeciam também a Deus pelas vitórias, enquanto os povinhos derrotados choravam seus mortos. Minha sogra, ontem, 16 de abril de 2021, disse que ela era muito protegida por Deus, porque Ele a salvou da morte nessa pandemia. De fato, eu a vi falecida quando tudo se paralisou por dias: nem bexiga, nem rins, nem intestinos cumpriam as suas funções. E se viver? Os rins... pensava eu... me apavorava o sofrimento dela em passar horas na máquina para purificar o sangue. Quando ela, hoje, veio me reafirmar que tinha uma proteção especial de Deus, achei exagero.

*- E os outros, dona Nina, que morrem sem proteção?*

*- Isso é um problema que Deus deve resolver – respondeu.*

Calei, porque seria inconveniente retirar sua alegria por se sentir muito especial diante de Deus e dos médicos.



## *Confesso ter uma sogra demais*

Quando vejo seu rosto lanhado pelo câncer e sua boca encolhida pela destruição facial, quando eu a vejo quase careca, penso, então, para que viver? Ela nem está aí para qualquer desânimo: pede opinião para a Solange sobre a possibilidade de comprar uma peruca. Dói-me demais quando a vejo, sabendo que precisa de outra cirurgia no rosto. Não é o que ela deixa transparecer. Dias passados, vi o quanto deseja viver: caminhava tão ágil o quanto sua perna direita permitia. Solange me ofereceu um resto de escondidinho à noite. Ela ouviu a oferta e rápida saiu da sala contígua, dizendo também amar o escondidinho. Ela merecia muito mais. Esquentei feliz o pouco de mandioca preparada com guisado. Feliz por fazer um pequeno agrado para essa forte mulher.

## *Em fevereiro de 2023*

Ao retornar da praia, começaria novamente a subida ao Calvário. A Nina e suas idas para programar as cirurgias, agora em ambas as faces. O médico esteticista dissera que seu rosto já não era de sua especialidade. Cabia um médico oncologista. E lá se foi dona Nina a ver de sua salvação. Ao voltarem, a Solange disse: o novo médico oncologista não vai operar mais. Pensei: é o fim. E daí, como vai ficar o tratamento, questionei. O novo doutor deu um creme dermatológico denominado de Efurix. Esse medicamento é assim descrito: o 5-fluorouracil (5FU) é um quimioterápico tópico de excelente resposta terapêutica, com redução de até 80% da contagem de células cancerígenas e estabilização da cancerização cutânea. Entretanto, os efeitos colaterais decorrentes do uso diário podem levar a má adesão e prejuízo no resultado. No caso da Nina, foi usado também outro tipo de fludrocortina: Drenison. Percebeu-se uma espécie de queimadura nas regiões da face em tratamento. Buscou-se uma dermatologista. Sob sua orientação, a medicação foi suspensa e uma pomada foi usada para

minimizar os efeitos da queimadura. Hoje, 4 de julho de 2023, a Nina mostra um rosto prejudicado pelas cirurgias agressivas, mas o câncer de pele mostra-se ausente.

Manifesto minha estranheza ao me perguntar: o que sabiam os outros médicos a respeito desse tratamento medicamentoso? Ou seu rosto serviu para procedimentos rendosos e agressivos, sem resultado positivo?

Assim vamos, quando setembro vier, fazer uma festa para comemorar os 100 anos da Nina, ainda que de face ofendida, mas viva e feliz, com um tratamento, acredito, que deveria ter sido utilizado desde o início.

The background of the page is a light gray pattern of various gears and clock faces. Some gears are large and prominent, while others are smaller and more subtle. The clock faces show different times and styles, including Roman numerals and Arabic numerals. The overall aesthetic is mechanical and historical.

# *Vibrando com Gil Vicente*

Apresento os teatros de Gil Vicente de forma breve. São crônicas de um tempo em modificação de costumes. Gil as apresenta em presença dos reis de Portugal, e aí ele diz palavras de muita coragem sobre as coisas santas da igreja e para outros ofícios de alta consideração. Criticou costumes, apontando para novos tempos. Gil me parece adivinhar ou pressentir extremas dificuldades em dizer as virtudes de um povo de pouca honra. Imagino, então, o que sobrar para as terras onde a ordem chega tarde e o bem é mal dividido. Parece-me, em vários autos, um espírito do tempo vindo das instituições. Por se ver tanta dificuldade de um povo de Portugal, tudo aqui ficou de modo igual. Felizmente, para consolo geral, existem esforços mui grandes a ver se se concertam tantos estragos governamentais e de outras formas institucionais.

## *Auto da barca do inferno*<sup>29</sup>

Eis que vem Gil, pondo no fogo uma porção de gente. Muitos, hoje, iriam para o céu, a começar pela senhora:

### *Brisida*

Tanto o Diabo como o Anjo não a acusam, mas ela se defende: *não quero ir para o Inferno*, dizendo, por desculpa, que casava muitas moças e convertera muitas raparigas; que as levava à boa fé. Até vendera delas aos padres da Sé, argumentando que, se servia a igreja, merecia o Paraíso.

*Confessou seus furtos:  
três armários de mentir e  
cinco cofres de enleios,  
alguns furtos alheios.  
Santa Úrsula não converteu  
tantas moças como eu,  
todas salvas por minha força.  
Nenhuma se perdeu.*

*Ora vá à barca do inferno,  
diz o compadecido anjo.*

*Levou-a o diabo pros infernos:  
Ora entrai minha senhora  
Que serás bem recebida.  
Ninguém a condena por demais,  
mas as brasas são as mesmas.*

---

<sup>29</sup> VICENTE, Gil. *Auto da barca do inferno*. São Paulo: Klick, 1997.

*Esta, por certo não merecia  
a condenação e bem diz:  
se o inferno é minha paga,  
mais ninguém, então, se safa.  
Hoje se faz de cada casa  
encômios de impurezas.  
E andam pelos poderes  
muitas das nossas riquezas.  
Aos pobres sobra alfafa  
E aos políticos a safra.*

É feita a acusação dos abusos da igreja tanto em Gil como em Richelieu. Ainda bem ter vindo o nobre dos leões, o treze. E tanta salvação nos veio quando se fez a nova igreja. Salve Champagnat da juventude, pai, amigo e protetor e João Berthier, com toda sua sagrada família.

### *O judeu*

Está enganado todo aquele que julgar ser a perseguição aos judeus coisa de alemães ou russos. Se bem se olhar, toda a Europa foi pecadora.

*Semifará, o judeu é o sétimo personagem a ser julgado por seus pecados no Auto da Barca do Inferno e o sexto a “embarcar” dentro do bote. Ele representa a religião e pretende salientar como os judeus eram mal considerados pelos cristãos. Tanto o Diabo como o Anjo não o acusam, pois o Diabo não o quer na sua barca, assim como o Anjo não o considera digno de ir ao paraíso.*

*Pouco se sabe sobre a sua trajetória, porém, através de acusações feitas pelo parvo, é reforçada a ideia de que Semifará rejeita o cristianismo. O Parvo acusa-o de roubar uma cabra. Também é notória uma ligação deste personagem com o fidalgo, pois, quando é rejeitado pelo Diabo, pede a intercessão do nobre, tal qual como fazia em vida, quando era influente na sociedade.<sup>30</sup>*

<sup>30</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Semifará>.



E diz o parvo:

*Ele mijou nos finados  
No adro de São Gião  
Comia carne de panela  
No dia de Nosso Senhor.*

Diabo:

*Ora pois, demos à vela  
Vós judeus ireis à toa.*

Por se completar o ódio feito, jamais se pensou em tanta maldade nas iras do nazismo. Assim é o homem, pouco carece para a luz se apagar e a maldade tem guarida em qualquer lugar, a ponto de ninguém o querer nem nos infernos tampouco nos céus.

### *O fidalgo*

E se adianta o diálogo entre o orgulhoso fidalgo e o diabo irreverente. Ambos se ferram sempre. Nem o anjo poupa o *gran-senhor*:

FIDALGO - Para onde vai esta barca tão abastecida?

DIABO - Vai para a ilha perdida!

FIDALGO - Vai para lá o senhor também?

DIABO - Senhor a vosso serviço.

ANJO - Para vossa fantasia mui pequena é esta barca.

DIABO - Em quem esperas ter guarida?

FIDALGO - Deixei na outra vida quem reze sempre por mim. A minha senhora, era tanto seu querer, que me escrevia todos os dias. Folgava em me ter por adorado.

DIABO - Tomareis um par de remos.

Veremos como remais.

Ficaste bem como tirano:

Desprezastes os pequenos

Achar-vos-eis tanto menos  
Quantos mais fostes o tal.  
FIDALGO - Esperai-me aqui  
Tornarei à outra vida  
Ver minha dama querida  
Que se quer matar por mim.  
DIABO - Ela quer se matar por ti?  
FIDALGO - Disso tenho certeza!  
DIABO - És o enganado. O maior que nunca vi!  
FIDALGO - Isso falo por conhecê-la!!!  
DIABO - É de rir da tua crença. Enquanto tu morrias  
Ela se requebrava com outro por menor preço.  
Bem agora entre gritos e gritas  
Foi dar graças infinitas  
A quem ficou desassombrado!  
Ó senhor meu fidalgo, entrai nesta barca!  
Ela é bem ardente!  
Maldito quem vai por ela!  
À barca, à barca, minha gente  
Que queremos ir de vela!  
Ao inferno muito quente!

### *Agiota*

O agiota reclama de morrer na hora oportuna em que ganhava muito dinheiro. O diabo saúda o seu parente que chega.

DIABO - Como tardaste tanto?

AGIOTA - Quero tardar a safra de apanhar bons recursos.

DIABO - Me espanto de o dinheiro não livrar-te da morte.

AGIOTA - Nem me deixaram levá-lo para pagar o barqueiro.

DIABO - Entre aqui! Entre aqui!

AGIOTA - Não vou me embarcar aí! Que mal pergunte: para onde é a passagem.

DIABO - Para a infernal comarca.

AGIOTA - Não vou nesta barca.

Tem outra de maior vantagem.

ANJO - Para onde queres ir, pergunta-lhe um anjo.

AGIOTA - Ao paraíso eu vou!

ANJO - Estou fora! Vai-te com quem enganaste.

DIABO - É isso aí. Não lhe deis embarcação! Deixa de prosa, enganaste a tanta gente. Tenho pressa, tem mais povo! Queiras ou não queiras, irás servir a Satanás, pois que sempre te ajudou!

### *O parvo*

PARVO - Oi!

DIABO - Quem és?

PARVO - Sou eu. É este nosso naviozinho que se vai?

DIABO - Quem és???

PARVO - Dos tolos.

DIABO - É vosso! Podeis entrar!

PARVO - Mas bá Che! Todo ele para mim.

DIABO - De que morreste?

PARVO - Caganeira!

DIABO - De quê?

PARVO - De merdeira!

DIABO - Entra, seu tolo!

PARVO - Para onde vamos mesmo?

DIABO - Ao porto de Lúcifer!

PARVO - O quê? Inferno?

É a barca do cornudo! Vá pro demo que te pariu!

PARVO vai ao barco do anjo e diz: Oi!

ANJO - Tu, que queres?

PARVO - Quereis me passar além?

ANJO - Quem és tu?

PARVO - Não sou ninguém!

ANJO - Tu passarás se quiseres.

Tua simpleza te baste

Pra gozar dos prazeres!

Espera por aqui

Veremos se vem mais alguém

Merecedor de tal bem!

### *Sapateiro*

SAPATEIRO - Alô da Barca!

DIABO - Quem vem aí?

SAPATEIRO - Um honrado e santo sapateiro.

Para onde é que é a viagem, mesmo?

DIABO - Para a terra dos danados.

SAPATEIRO - Mas e os que morrem confessados?

DIABO - Não enrola, pois que esta é a tua barca.

A barca do inferno!

SAPATEIRO - Como pode isso? Sou confessado e comungado!

DIABO - Vai te enxergar! Calaste mil enganos, tu roubaste trinta anos do povo em teu trabalho. Embarca logo que não há tempo pra esperar!

SAPATEIRO - Ouvi tantas missas! Para nada elas prestaram?

DIABO - Bonito! Ouvia missa e depois furtava. Mentia bem ao povo roubado.

SAPATEIRO - E as ofertas que eu dei!? E as orações para os finados!? E se eu lhe der pele de ovelha e de cabra, sobras de minha jornada? Eu lhe juro: é de graça!

DIABO - Nada resolvido! Condenado!

O sapateiro vai então à barca do anjo:

Ouvido o que o diabo lhe disse, ouve mais:

ANJO - Essas formas de sapatos que tu trazes de presente não resolvem tua culpa, pois que apenas são sobras de teus roubos. Reforcem tua culpa!

Aí o sapateiro diz:

Levai-me para o fogo! Por que aguardar mais!?

Moral: se ao sapateiro sobrou o inferno por afagar pequenos lucros, para onde vai quem rouba milhões?

É de rir, e não convenço!

### *Padre*

Estou cá a ver se vou na barca de Deus ou do diabo.

DIABO - Vendo uma dama: Ela é vossa?

PADRE - Eu a trouxe cá!

DIABO - E não lhe puseram nenhuma censura?

PADRE - Até já me açoitaram por isso.

DIABO - Que coisa tão preciosa! Entrai reverendo padre.

PADRE - Para onde nos levais?

DIABO - Para o fogo ardente que não temeste como vivente.

PADRE - Escuta: não vos entendo.

DIABO - Santo padre, vos recomendo a Belzebu.

PADRE - Ainda já não entendo: serei eu condenado?

DIABO - Embarcai: tomareis dois pares de remo.



PADRE - Os remos pra dama também?

DIABO - Por certo, já está costumada!

E por causa de uma dama

Há de um frade se perder.

PADRE - Com tanto salmo rezado?

DIABO - Estás bem avisado!

Devoto, padre e marido

Já se resolveu o castigo

Sereis mais esquentados!

PADRE - Fique sabendo, tu quem fores, fui de grande importância! Sei esgrimar pra valer. Cuidai vossa queixada!

DIABO - Ó quanta valentia!

Por aqui não valem espadas!

Senhora dona Florença,

Dai cá a vossa mão.

Vamos ao barco da glória!

Quando chegam ao barco da glória o padre diz:

Tem lugar para minha reverença

E para senhora, a Florença?

PARVO - Chegaste em lugar errado!

E pra saber da verdade

Furtaste esta mulher?

O padre de nada mais quis saber.

PADRE - Vinde comigo Florença.

Cumpramos nossa sentença!

## *Corregedor*

CORREGEDOR - Alô, gente da barca!

DIABO - Que quereis?

CORREGEDOR - Está aqui o senhor juiz!

DIABO - Senhor comedor de perdiz quantos feitos me trazeis?

CORREGEDOR - Estou bem contrafeito do jeito que me falais, mas assim mesmo meus feitos vereis.

DIABO - Vamos ver o que está escrito.

CORREGEDOR - Pra onde vai este barquinho?

DIABO - No inferno vos poremos!

CORREGEDOR - Como? Pode ir um corregedor às terras dos demos?

DIABO - Você é um descorregedor! Embarcai e remaremos!

CORREGEDOR - Isso não corresponde às normas do direito!

DIABO - Faz de conta que nasceste para ser nosso companheiro. Deixa de ser preguiçoso! Ande ligeiro com essa prancha!

CORREGEDOR - Tem algum oficial de justiça neste vasto continente?

DIABO - Aqui não se tem tal costume!

CORREGEDOR - Isso não pode ser!

DIABO - Deixemos de conversa! Entra logo vossa excelência!

CORREGEDOR - Quereis peitar meu poder de majestade?!

DIABO - Quando fostes ouvidor não recebestes propina?

CORREGEDOR - Senhor, tenha dó de mim! Eu sempre pratiquei a justiça!

DIABO - E as propinas que tua mulher levava?

CORREGEDOR - Isso é problema dela! Não são pecados meus!

DIABO - Enriqueceste com o sangue de lavradores.

CORREGEDOR - Sobre isso a lei se cala!

DIABO - Não há tempo! Entrai já! Vereis a casa cheia de escrivães. E como estão bem prosperados.

Entra então o procurador ou advogado.

CORREGEDOR - Ó senhor procurador!

PROCURADOR - Beijo-vos as mãos, juiz! Que me diz de tudo isso?

DIABO - Que sereis bom remador!

PROCURADOR - E esse barqueiro pode zombar? Para onde estais levando essa gente?

DIABO - Para as penas infernais!

PROCURADOR - Não vou, não. Pra me levar tem navio muito melhor.

DIABO - Estais mal avisado!

CORREGEDOR - Senhor procurador, acaso confessaste teus pecados?

PROCURADOR - Não cuidei de meus pecados, não confessei. Dou-me ao demo. E vós, corregedor?

CORREGEDOR - Bem, me confessei!

Mas de tudo que roubei

Encobri ao confessor.

DIABO - E por que não embarcais?

CORREGEDOR - Porque contamos com Deus.

Vão os dois ao barco do céu.

CORREGEDOR - Ó gente santificada, deixai-nos entrar em vosso batel.

PARVO - São os homens das comidas finas: dos coelhos e das perdizes!

ANJO - Vocês vão para o batel infernal!

DIABO - Vinde! Já não há mais segredo!  
Vem-lhe ao encontro a condenada Brísida.  
CORREGEDOR - Já não terei mais paz!

### *Enforcado*

*Ao final do Auto do Inferno, aparece-nos um ladrão, ainda com a corda em volta do pescoço, a quem a Justiça condenou à forca. Vem convencido de que irá para o Céu. Quem o persuadiu? Gil Vicente afirma-nos que foi enganado por Garcia Moniz, Mestre da Balança da Moeda de Lisboa, e, muito provavelmente, superior do poeta de 1513 a 1517. Este teria convencido o ladrão enforcado de que iria para o Paraíso, visto ter-se já purificado dos pecados cometidos no purgatório do Limoeiro e que poder-se-ia considerar um “santo canonizado” por muito ter sofrido durante toda a vida. Contudo, o Enforcado, desiludido pelo Diabo, reconhece finalmente que não tem perdão possível e, tal como já fizera o Judeu, nem sequer vai pedir ao Anjo que o acolha. E depois desta versão de roubos em Portugal, nada mais se pode esperar, quando se vai para o ar dependurado. Assim pode entrar no inferno e nem pede por seu pai.*

E, assim, o condenado viu, por certo, naqueles tempos de Santa Cruz, o que em Portugal já tanto se fazia: roubar. Ficou de nome Brasil pelos vivos judeus em razão da madeira comprada para os europeus. Desde então, o que mais se faz, repito, é furtar aqui como se fossem as terras de Moniz<sup>31</sup>. E já o nome é judeu: *barzel*, traduzida por *brazel* = ferro, madeira transportada em navios pelos negociantes judeus. Agora já é Brasil. Nada a condená-los.

O enforcado é condenado a ser dependurado. Aqui, porém, rouba-se e tanto homem é louvado! Aqui, condenam-se os pobres a serviço de quem devia ser matado. Moniz roubou, mas o pobre é enforcado.

E diz, por fim, Vicente:

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://portuguesnalinha.blogs.sapo.pt/cena-o-enforcado-de-o-auto-da-barca-do-12338>.

E diz Moniz do condenado: que és bem-aventurado em morrer dependurado.

Diz o diabo ao enforcado: Cá governarás nas portas infernais!

Enquanto assim se ia a barca infernal

Houve acidente fatal.

Encalhou-se a barca dos condenados

Com todos os seus pecados.

### *Na barca dos céus*

Vinham então pelos mares

Lutadores de Santo Cristo

Por Deus estão bem vistos

Por lutas até o fim

Contra os mouros infiéis.

Eles cantavam assim:

Senhores que trabalhais

Pela vida transitória

Venham à barca da vida

CAVALEIRO: Quem morre por Jesus Cristo

Não vai em barca perversa!

ANJO - Ó cavaleiros de Deus,

A vós estou esperando

Que morrestes pelejando

Pelo Senhor dos céus,

Sois livres de todo o mal,

Santos sois sem falha.



Vejam que tem mais:  
Quem morre em batalha  
Merece não sofrer mais!

Ainda que seja imperfeita  
Esta versão brasileira  
Desta obra do senhor Gil,  
Me sirvo deste momento  
Pra dizer a todo mundo  
Que o maior pecado,  
Merecendo maior tormento  
Seria quem já roubou,  
Voltar mais uma vez  
Pra roubar ainda mais!

### *Auto da alma*

ALMA: Ser muito conceituado que era tão celebrado!  
Tão certo de existir, sem dúvida sequer, objeto precioso que  
para se ter em contento deveria fugir do pecado.

ANJO - Alma humana, de nenhuma coisa feita,  
muito preciosa. Da corrupção separada,  
Vem o Anjo Custódio, com a Alma, e diz:

Plantada sois e caminheira amada.  
De onde estais, vos ireis donde viestes:  
Vossa pátria verdadeira.  
Alma bem-aventurada,  
Dos anjos tão querida, não durmais!  
Que a jornada muito em breve é fenecida.

ALMA - Ó precioso defensor de meus favores! Vossa espada luminosa me defenda! Tende sempre em mim tua mão, porque mal começo e eu já caio.

DIABO - Por que toda essa pressa, ó delicada alva pomba, por que tudo isso? Quem vos engana e vos leva tão cansada pela estrada? Por que tudo isso, se sois humana?

Não cureis de vos matar de tanta piedade que ainda estais em pouca idade. Vivei à vossa vontade e tereis muito prazer.

Fazei quanto o corpo desejar, tudo se faça! Zombai de quem vos quiser reprimir.

É tempo de triunfar e ganhar.

Na hora que a morte vier se perdoam quantos danos a alma tem.

ANJO - Deixai esses sapatos e esses enfeites tão sobejos; não vos tome a morte agora tão senhora, nem sejais, com tais desejos, sepultada.

ALMA - Sou a triste, sem ventura, criada resplandecente e preciosa, angélica em formosura bela por natureza, e como raio reluzente luminosa. E por minha triste sorte e diabólicas maldades, estou mais morta que a morte, em vaidades peçonhentas. Sou a triste, sempre mesquinha, pecadora obstinada; pela triste culpa minha, mui mesquinha, a todo o mal inclinada e deleitosa. Desterrei da minha mente os meus perfeitos arreios; não me prezei de prudente, mas contente me gozei com os trajos feios mundanais. Cada passo me perdi; em lugar de merecer, eu sou culpada. Tende piedade de mim, que não me vi; perdi meu inocente ser, e sou danada.

IGREJA - Oh, como vindes cansada e carregada de teus pecados mortais.

ALMA - Venho por minha ventura amortecida, já sem vida. Não sei para onde vou, sou selvagem, sou de alma que pecou culpas mortais.

IGREJA - Vinde então vos assentar com os doutores da igreja, mediadores de Deus.

AGOSTINHO - Vós, senhora convidada nesta ceia celestial, haveis mister ser apartada de toda a cousa mundana, terreal. Cerrai os olhos corporais, deitai ferros aos danados apetites, e de interesses pessoais dos caminheiros infernais.

ALMA - Teu Filho delicado, mimoso da Divindade e Natureza, por todas as partes chagado, e mui sangrado pela nossa infirmitade e vil fraqueza! Ó Maria, fermosa face bela, ó resplendor divinal, que sentistes, quando a cruz se pôs à vela, e posto nela o filho celestial que paristes? Salvai esta alma sem valores principais.

JERÓNIMO - Vejo o Santo Cordeiro, entre os lobos, humildoso, escarnecido, julgado morto no madeiro, seu rosto alvo e formoso mui cuspidos! *E a este passo Santo Agostinho tira os Cravos, e todos de joelhos os adoram cantando: «Dulce lignum, dulcis clavus».*

ALMA - Com que forças, com que espírito, te darei louvores, que sou nada, vendo-Te, Deus Infinito, tão aflito, padecendo Tu as dores, e eu culpada? Como estás tão quebrantado, Filho de Deus imortal! Quem Te matou?

### *A farsa de Inês Pereira*

Entre palavras nobres, pode-se dizer costumes fundos de um tempo de mudanças. Entre o medo do inferno e o gosto do prazer, rompedor de costumes, vão-se as histórias como as de Inês Pereira. O desejável e permitido era casar entre sexos opostos, jamais em se pensar como hoje haver a naturalidade de comunhão entre os mesmos sexos. Mas, havia desejos de costumes proibidos naqueles tempos de Gil: de se ter amores volúveis ao assumir desejos liberais, ainda que de proibições severas.

Exemplo disso é dito na história libidinosa de Inês Pereira.

Moça casadoira, essa Inês Pereira, louca para aliviar desejos de dar-se a um homem. Casou-se, então, como exigiam antigos e permitidos costumes.

Casou-se Inês, de muito boa mente e disposição do corpo para o que se faz com aceitação de parentes.

Um escudeiro lutador e matador de infiéis foi seu legítimo esposo, para o que fosse necessário para garantir a união de corpos e os respectivos prazeres dados, sobretudo, ao homem dominador. Foi excessivo o domínio masculino do abusado escudeiro. Foi para a guerra assim que se casou, deixando um moço como guardador de dona Inês Pereira, fechada em prisão. Nada resolveu os rogos de esposa:

*Que pecado eu fiz  
Para me dar tal prisão?*

Resposta dos tempos para as mulheres:

*A coisa que vós digais  
Não há de vos valer mais  
Que aquilo que eu quiser.*

Em tudo se cumpria o mandamento da Igreja bem no propósito paulino: Mulheres calai!

Pois ela já havia dito:

*Eu vos recebo Bráz da mata como manda a Santa Igreja: sem demanda!*  
Assim foi, até que um mouro matou o infeliz lutador que em fuga cumpria as lutas contra os pagãos.

Mas vontades corrigem erros de antigamente. Não se vexou Inês de afastar de uma vez promessas que foram feitas.

Prometeu corrigir-se dos erros da primeira vez:

*Que eu saiba escolher marido,  
pacífico todo o ano  
Que ande no meu mandar!*

Assim se punha decidida e não sem tempo mandando embora o Moço, seu péssimo cuidador.

*Dai-me vós essa chave  
Abrirei por conta própria  
Meus íntimos desejos  
E ide buscar vossa vida!*

Para Inês, não lhe faltou pretendente, e o primeiro bendito homem veio a lhe calhar bem, pois dele se ouviu:

*Ide por onde quiserdes ir;  
Vinde, quando quiserdes vir;  
Estai, quando quiserdes estar,  
Em tudo hei de consentir.*

De tanta bondade foi do marido que se divertiu Inês.

Apaixonou-se ligeiro não de um escudeiro, mas de um ermitão.

O marido ficou de companhia para a senhora rezar.

E de outras coisas proibidas, sem culpa Inês foi gozar.

E sempre o marido Pero a levava com grande devoção.

E gentilmente ele dizia:

*Que quereis, minha mulher?*

E ela, rapidamente:

*Que houvésseis por prazer  
De irmos lá na romaria!*

Pero então dizia:

*Pois assim se fazem as coisas!*

Inês lhe respondia:

*Bem saberdes vós, marido,  
Quanto vos quero bem  
Sempre fostes percebido  
Como gamo também!*

Assim se acaba a dita farsa de dona Inês Pereira.



## *Brincando com o auto da visitação*

É o primeiro dos versos de nosso querido Gil Vicente, denominado Visitação por ser a primeira coisa que o autor fez em Portugal. Representou-os na alegria de ter novas terras e muitos índios para brincar, trabalhar e morrer. Portugal se representou, estando o poderoso rei Dom Manuel e mais uma porção de sua gente celebrando o nascimento de um menino, o filho do rei. Era nascido Dom João, o terceiro. Traduzo, no meio da festa, a noite de celebração.

E estando esta companhia assim junta, entrou um vaqueiro, dizendo:

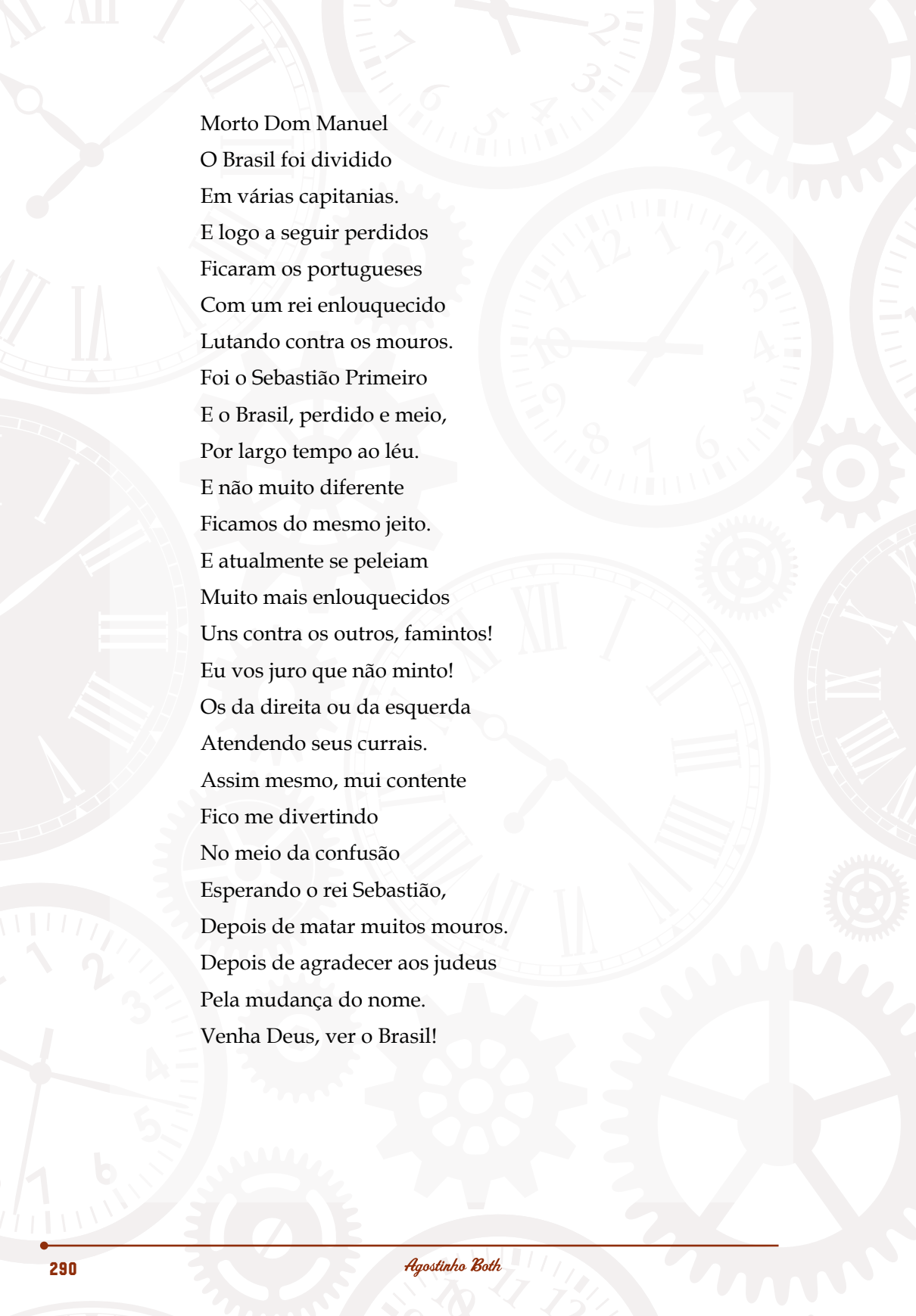


*Que Rei terá de ser  
Este que é celebrado?  
Sobre a terra Santa Cruz  
Será ele o mais devoto  
De Deus Nosso Senhor.*

*Toda a tristeza se quita  
com esta mensagem bendita.  
todo o mundo se alvoroça.  
Oh! Que alegria tamanha!  
A montanha e os prados refloriram,  
porque agora se cumpriram  
nesta mesma cabana*

#### O NASCIMENTO DE UM REI

*Que pai, que filho e que mãe!  
Oh! Que avó, que avós!  
Que lindas tias também!  
Que os anos não trazem mais!  
Bendito o Senhor dos céus  
Por ter tão santa família!  
Mas ficaram-me lá fora  
Porqueiros e vaqueiros,  
Vou chamá-los agora;  
Eles trazem ao rei nascido,  
Ovos e leite fresquinhos,  
Um cento de bolinhos  
Trouxeram também queijos e mel,  
E tudo o mais o que puderam trazer.  
Assim se comprazia Vicente  
De trazer de presente  
Ao rei Dom Manuel  
O seu auto contente  
Por nascer o novo rei  
Que muito brevemente  
Viria recriar o Brasil.  
Era o devoto João,  
Denominado o terceiro.*



Morto Dom Manuel  
O Brasil foi dividido  
Em várias capitanias.  
E logo a seguir perdidos  
Ficaram os portugueses  
Com um rei enlouquecido  
Lutando contra os mouros.  
Foi o Sebastião Primeiro  
E o Brasil, perdido e meio,  
Por largo tempo ao léu.  
E não muito diferente  
Ficamos do mesmo jeito.  
E atualmente se peleiam  
Muito mais enlouquecidos  
Uns contra os outros, famintos!  
Eu vos juro que não minto!  
Os da direita ou da esquerda  
Atendendo seus currais.  
Assim mesmo, mui contente  
Fico me divertindo  
No meio da confusão  
Esperando o rei Sebastião,  
Depois de matar muitos mouros.  
Depois de agradecer aos judeus  
Pela mudança do nome.  
Venha Deus, ver o Brasil!

Escrevo isto muito bem:

*Ninguém busca honra e ninguém quer virtude*

*Todo mundo busca ser louvado, ninguém repreendido.*

*Todos buscam a vida e ninguém conhece a morte.*

*Todos querem lisonja e ninguém reconhece seus erros.*

*Todo mundo quer o paraíso e ninguém paga o que deve.*

*Todo mundo busca o dinheiro, ninguém busca a consciência.*

*Todos desejam louvores e jamais repreensão*

*Escreve com muito aviso.*

*Ninguém fala a verdade, mas ninguém é mentiroso.*

### *Auto da Lusitânia<sup>32</sup>*

A peça trata das bodas de Lusitânia, filha de Lisboa com Portugal, *ele todo fundado em amores, viu a formosura sobrenatural de Lusitânia, filha do Sol. De cara se achou perdido por ela. Na segunda parte, assiste-se ao casamento de Portugal, um cavaleiro grego, com a princesa Lusitânia. Dois demônios, Belzebu e Dinato, que aparecem no texto, vêm presenciar o casamento e escutam o diálogo entre Todo o Mundo e Ninguém. “Todo o Mundo” era um rico mercador, e “Ninguém”, um homem pobre. Belzebu e Dinato tecem comentários espinhosos, fazem trocadilhos, procurando evidenciar temas ligados à verdade, à cobiça, à vaidade, à virtude e à honra dos homens.*

Entra Todo o Mundo, rico mercador, busca o que perdeu; e, logo após, um homem muito pobre: Ninguém.

Ninguém diz: *Que andas tu aí buscando?*

Todo o Mundo: *Mil coisas ando a buscar.*

Ninguém: *Como te chamas companheiro?*

---

<sup>32</sup> Disponível em: [https://www.passeiweb.com/auto\\_da\\_lusitania/](https://www.passeiweb.com/auto_da_lusitania/).

*Todo o Mundo: Meu nome é Todo o Mundo  
e meu tempo todo inteiro  
sempre é buscar dinheiro  
e sempre nisto me fundo.*

*Ninguém: Eu tenho nome de Ninguém,  
e busco ter consciência.*

*Belzebu: Dinato, meu secretário, escreve isto bem:  
Que Ninguém busca consciência.  
e Todo o Mundo dinheiro.*

*Ninguém: E agora que buscas mais?*

*Todo o Mundo: Busco honra muito grande.*

*Ninguém: E eu virtude, que Deus manda.*

*Todo o Mundo: Busco mais quem me louvasse  
tudo quanto eu fizesse.*

*Ninguém: E eu quem me repreendesse  
em cada coisa que eu errasse.*

*Belzebu: Escreva aí Dinato:  
Todo o Mundo quer ser louvado,  
e Ninguém repreendido.*

*Belzebu: Escreve aí Dinato!  
Que Todo o Mundo quer paraíso!*

*Ninguém: Pago o que devo.*

*Todo o Mundo: Folgo muito d'enganar,  
e mentir nasceu comigo.*

*Ninguém: O que mais buscas?*

*Belzebu: Põe aí mui declarado,  
Todo o Mundo é lisonjeiro!*

*Ninguém: Não quero ser enganado.*



## *O auto de Sibila Cassandra*

Desde o início, Gil aponta para a liberdade feminina, o que é estranho para a época. Para muitos pareceria, ainda hoje, uma estranha representação.

A cena final parece ser toda encenada fazendo de Cassandra, uma *anti-Maria*, irremediavelmente pagã em seu desejo de não se casar tampouco ser mãe. Apesar disso, Cassandra não é punida de modo algum. Enquanto a tragédia clássica apresentava o ser humano sempre esmagado pelo destino que lhe era inexplicável, o drama cristão é um pouco melhor.

É uma mudança conceitual poderosa para toda a cultura ocidental. O autor se revela às avessas da tradição. Uma obra impressionante, que já no título une a tradição clássica aparecendo o primeiro grito em defesa da mulher ocidental. Por tudo isso, há um admirável dramaturgo: é o Gil Vicente. A mim, parece-me estranho haver, por esses tempos, algo real, a não ser o desejo de Vicente. A mulher infelizmente foi dominada fortemente, a começar por São Paulo, e sempre foi assim, até que, bem posterior à revolução francesa, as mulheres mostraram seus primeiros esforços e menos reprimidos. O que eu vi, meninos, até 1900: uma dura dominação do homem sobre a mulher. Para tanto, leiam-se os costumes mostrados por Machado de Assis. Que eu saiba, na Grécia, houve uma mulher, a grande poetisa Safo de Lesbos, mostrando a perda humana que se teve, pois ela e seus versos foram sufocados e, com ela, todas as mulheres, até o nascer de um novo sonho ocidental. Por mais que se matem os homens entre si, jamais se matou tanto quanto foram mortas as mulheres. Infelizmente, o gesto de Cristo e da Cananeia pouco representou.

*Alguns excertos*

CASSANDRA

Quem se meteria a andar  
ou porfiar em casamentos comigo?  
Tomo Deus por testemunha quando digo  
que não quero me casar.  
Qual será o pastor nascido  
tão polido  
que a mim mereça?  
Algun que a mim se pareça?  
em corpo, vista ou sentido?

Qual é a dama polida  
que sua vida  
joga, pois perde casando,  
sua liberdade encerrando,  
pois fica sempre vencida,  
desterrada em mãos alheias,  
sempre em peias,  
abatida, subjugada?  
E pensam que ser casada  
é coisa boa  
Não me inclino a algum homem  
pois não o desprezo,  
mas nasceu, quando nasci,  
comigo esta opinião  
e nunca mais a perdi.

SALOMÃO

Que tens contra o casamento?

CASSANDRA

Explico: Muitos deles são notórios  
Purgatório, sem concerto ou temperança;  
e se algum bem se alcança, não é nem satisfatório.

Vejo queixas das vizinhas  
Apontando mesquinhas  
índoles dos maridos:  
uns, que são bem presumidos  
e aborrecidos,  
covardes como  
outros de ciúmes cheios  
e com receios,  
sempre afiando cutelos,  
e desconfiados  
e malditos pelos céus.

Outros, a pavonear  
pelos lugares,  
cortejando quem os queira  
sem poupar brancas ou negras  
ou sejam até as retintas.  
E a mulher? A suspirar  
Depois, em casa,  
e resmungar,  
e a triste ali, cativa.  
Nunca minha vida eu viva  
se tal coisa consentir!

Pensa bem:  
mulher quer dizer  
assim como ovelha  
em peleja:  
sem armas, forças ou dentes;  
e se faltar ao marido  
algum sentido  
da razão ou da virtude,  
ai da tenra juventude  
que em tais mãos terá caído!

SALOMÃO  
Cobrir-te-ei de margaridas!

CASSANDRA  
E com florinhas  
pensas que me iludes?  
Não quero ver-me perdida,  
Deixa disso! Põe-te a andar!

Não quero estar em paixões  
se bem posso evitá-las.

Dizem que me case,  
Eu logo digo:  
não quero marido!

Prefiro viver segura,  
nesta serra, na soltura,  
do que entrar na aventura  
de um bom ou mau casamento.  
Dizem que me case, então,  
não quero marido, não.

Mãe, não quero ser casada  
pra não ver vida cansada,  
ou talvez mal empregada  
a graça que Deus me deu.  
Dizem que me case, então,  
não quero marido, não.

Não é nem será nascido  
quem possa ser meu marido;  
e já que tenho sabido  
que a flor mais formosa eu sou,  
dizem que me case, então,  
eu digo:  
não quero marido, não.

SALOMÃO

Tenho pomares  
e vinhas, e pilhas  
de rosas, para folgares  
tenho vilas e mais trinta e duas galinhas.



CIMÉRIA

Não vês como é honrado  
e sossegado  
como outro nenhum será?

CASSANDRA

Quem diz que não mudará,  
ou o que fará quando se veja casado?

Oh, quantos que são solteiros  
prazenteiros,  
de mui brandas condições,  
e casados são leões  
e dragões  
e diabos verdadeiros!  
Se a mulher, de sisuda,  
faz-se muda,  
dizem, de ofensa, que é boba ou tacanha.  
Se fala, logo ela apanha,  
e isto nunca se muda.  
Depois que a fortuna  
os enfuna,  
toda glória será defunta.

Se eu me casasse agora,  
em uma hora  
não queria ser nascida.  
Não tenho mais que a vida!  
Quer que seja submetida?

“Anda, cai fora!”  
Marido? Mas nem sonhado  
nem pintado.  
Deixe de conversa!

ABRAÃO  
E se encontras bom marido,  
comedido,  
que nunca fica exaltado?

CASSANDRA  
Nunca? Estais muito errado,  
pai honrado;  
tal coisa nunca se viu.  
Como pode sem paixão  
e alteração  
conservar-se um casamento?  
Muda-se o contentamento,  
em um momento,  
em contrária formação.

Pois só Deus é perfeição  
sem razão,  
se quereis ouvir verdade:  
que o homem todo é mutável  
e variável  
por humana compleição.  
Porém, eu quero dizer  
e descobrir

por que virgem quero estar:  
sei que Deus há de encarnar,  
sem duvidar,  
e a virgem há de CONTINUAR.

Ocorrem, então, muitas orações para Nossa Senhora, para não parecer a este tempo que fosse demais o que a mulher deste tempo insinua.

Acabado assim o enredo, cantaram a seguinte cantiga escrita e musicada pelo o autor:

Mui graciosa é a donzela,  
como é bela e formosa!

Digas tu, ó marinheiro,  
que nas naves vivias,  
se a nave ou a vela ou a estrela  
é tão bela.

Digas tu, ó cavaleiro,  
que as armas vestias,  
se o cavalo ou as armas ou a guerra  
é tão bela.

Digas tu, ó pastorzinho,  
que o gadozinho guardas,  
se o gado ou os vales ou a serra  
é tão bela.

Isto, bailado de três por três. E, por despedida, o seguinte:

À guerra,  
cavaleiros esforçados!  
Pois que os anjos sagrados  
em socorro vêm à Terra.

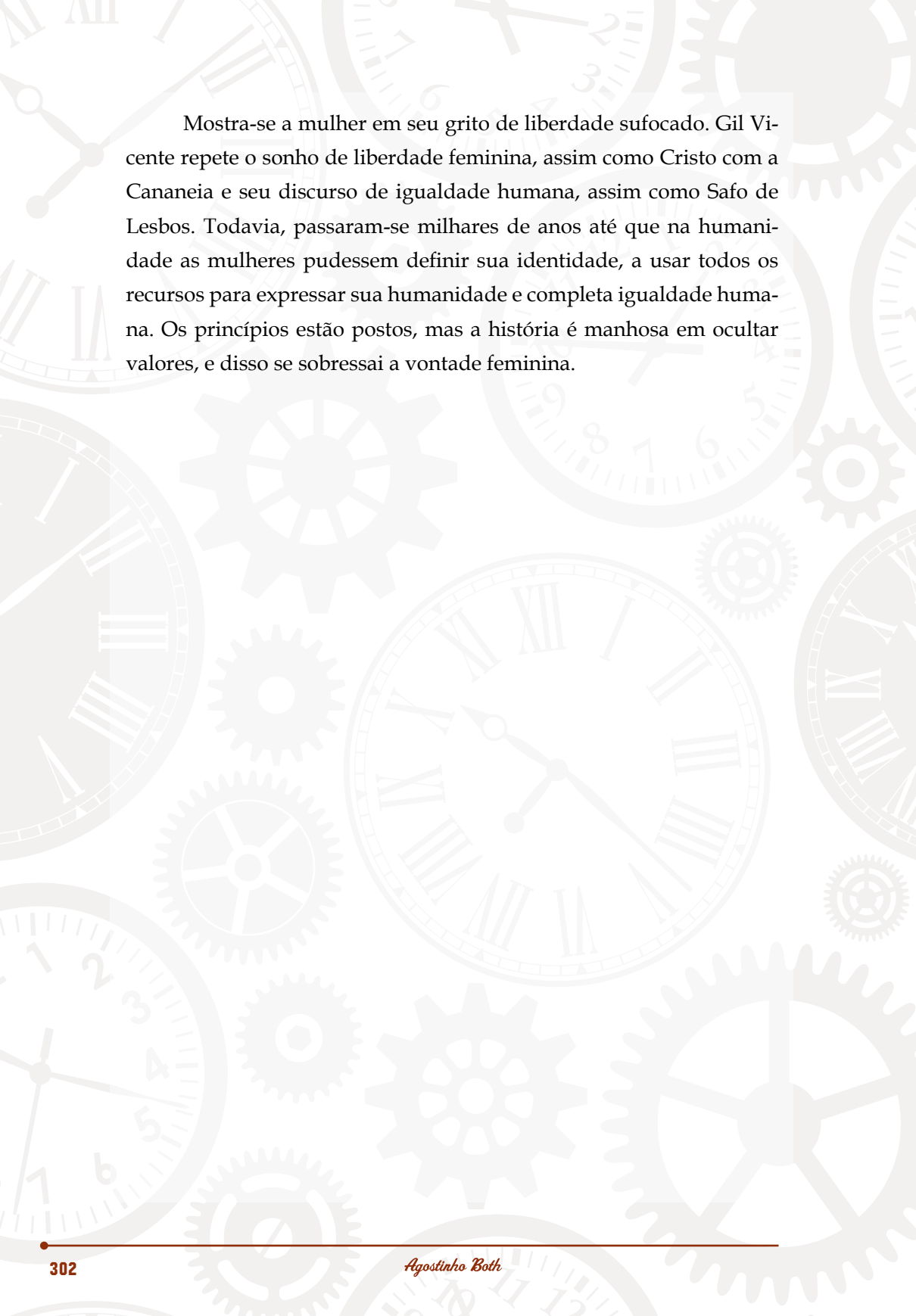
À guerra!

Com armas resplandecentes  
eles vêm do céu voando,  
Deus e Homem invocando  
para o socorro das gentes.

À guerra,  
cavaleiros esmerados!  
Pois que os anjos sagrados  
em socorro vêm à Terra,  
à guerra!

Forçoso é dizer: espanta a opinião de Gil Vicente por tudo que se vivia e, a seguir das razões femininas, ditas em Sibila, mostra-se a violência do complexo masculino em torno das guerras.

Contudo, a dimensão e a riqueza da obra de Gil Vicente constituem um retrato vivo da sociedade portuguesa nas primeiras décadas do século XVI, em que estão presentes todas as classes sociais, com os seus traços específicos, seus vícios e suas preocupações. Também, no aspecto linguístico, o valor documental da sua obra é inestimável e constitui uma grande fonte de informação sobre o início deste século. Podemos apontar o que Gil Vicente denunciava em suas peças: era a corrupção generalizada na sociedade, sua hipocrisia, os problemas sociais existentes, as desigualdades e como tudo isso se relacionava. Mas sobrevoa, em Sibila, um grito de liberdade feminina.

The background of the page is a light gray pattern featuring various sizes of gears and clock faces. Some clock faces have Roman numerals, while others have Arabic numerals. The gears are of different sizes and are scattered across the page, creating a mechanical and time-related aesthetic.

Mostra-se a mulher em seu grito de liberdade sufocado. Gil Vicente repete o sonho de liberdade feminina, assim como Cristo com a Cananea e seu discurso de igualdade humana, assim como Safo de Lesbos. Todavia, passaram-se milhares de anos até que na humanidade as mulheres pudessem definir sua identidade, a usar todos os recursos para expressar sua humanidade e completa igualdade humana. Os princípios estão postos, mas a história é manhosa em ocultar valores, e disso se sobressai a vontade feminina.



# Auto de Passo Fundo

ANUNCIADORA

Brincavam os meninos e as meninas

Na praça Tamandaré.

Eis que um deles, mais afoito,

e da maior fé,

Adentrou-se na igreja,

a mais antiga

E a mais querida

Por Jesus de Nazaré.

Ajeitou-se bem a hora

O ensaio de natal.

Criava-se o costume

Muito bom

E bem cristão

Da igual humanidade

Não medida pela cor.  
Que horror!  
Dizia o padre  
Haver em nós desigualdade.  
Mas na pobreza do menino  
Não era o que se via.  
Também se via em Passo Fundo.  
Louvado seja teu filho  
O grande filho divino  
Ó Maria, sem pecado  
Rezava o preto menino  
Agradeço também a graça  
Da nossa libertação.

Mas, de repente  
Ouve-se a voz do vigário

PADRE HUMBERTO  
Povo de Deus, coisa nenhuma  
Roubaram as roupas de nossa Santa:  
Roubaram-lhe as roupas!  
Povo de Deus, coisa nenhuma!!!  
Nua ficou a santa  
Sem suas vestes bonitas  
Toda enfeitada de ouro.  
Estava assim a pobrezinha:  
Toda feita de pobreza.  
De tristeza mui doída,  
Consumia-se a nobreza,

Da digníssima Senhora.  
Alguém anuncia o sacristão seminarista:

Muito santo e muito pobre  
De pouco valia o serviço  
Do bom seminarista  
Cuidador da imagem santa  
Que sempre dizia,  
Em todos os seus atos,  
Aqui, pobreza é mató!  
Eu rezo todos os dias  
Ave virgo gloriosa  
Mais doce do que o mel  
Mãe de Deus e tão bondosa  
Mais brilhante que o sol  
De tanta fé que ele curtia  
Nos sonhos apareciam  
As virtudes de Maria:  
Ele então piíssimo rezava:  
Vós sois a quem amo!  
Vós sois a quem preciso!  
Vós sois a quem eu chamo!  
Vós sois a quem eu clamo!  
Como sorte principal.  
Nos devolva as suas vestes  
Por milagre, por favor!  
Que o padre é amargoso  
Junte a ti o poderoso  
São José, que é o piloto

E São Joaquim, o capitão  
Se arrependa o ladrão  
Tu que és mãe consoladora  
Busque de pressa teus pertences.

ANUNCIADORA

Certa tarde, meia tarde  
Na vila se fazia  
Muito frio: Ave Maria!  
Falou à porta um negrinho.

O NEGRINHO

Pelo amor que tens senhora  
Tenho fome, tenho frio.  
Meu corpo todo esfria  
Em troca de um favor  
Trago as vestes de Maria  
Do ladrão já convertido.  
Não fui eu quem tem levado  
Trouxe do ladrão arrependido.  
Entra em cena padre Humberto.

PADRE HUMBERTO

O que deseja este menino?  
Que queres tu, pobre pretinho?  
Mostrando as vestes de Maria  
Foi você quem roubou da mãe Maria?  
As roupas delicadas?

### O NEGRINHO

Longe de mim, meu reverendo.

Disso, eu nada entendo

Longe de mim roubar vestido

De minha santa mãezinha!

Louvido seja Jesus Cristo!

### PADRE HUMBERTO

Para sempre seja louvado

Por todo seja amado.

Já de coração aberto!

Venha cá, Senhora Glória!

Entra a glória.

### PADRE HUMBERTO

Dona Glória, tome nota

Deste menino e onde mora

Dê-lhe pão neste momento

E depois farei visita

Na casa do menino!

Mais que bênção é necessário!

Um trabalho seja dado!

Falarei na prefeitura.

E o teu pai tá empregado?



NEGERINHO  
Nada! Padre Humberto.  
Tá na rua, como eu!

PADRE HUMBERTO  
Volte, menino, novamente!

GLÓRIA  
Já te dou de nosso pão.  
Como se chama o cachorrinho?

NEGERINHO  
Ele se chama Valentão!

GLÓRIA  
O pobre tem cada uma!

NEGRINHO sai.

ANUNCIADORA  
Estando mui cansado  
De tanto peregrinar  
Voltou para o rancho  
Muito ancho e mui falante

NEGRINHO fala para o seu pai:  
O padre quer ver o senhor.

PAI  
Não fiz pecado grave  
Não maltratei nosso Senhor.  
O que quer o padre agora?

NEGRINHO  
Vai ver que é coisa boa  
Padre Humberto quer lhe ver  
Quer lhe dar um bom trabalho.  
Vamos papai, sem demora  
Que, se não for agora,  
Será tarde demais!

PAI  
Será pra limpar o lixo  
Da avenida principal.  
Pra outra coisa pouco posso.  
Já rezo um padre nosso  
Bem depressa, eu me fixo  
Pra espantar o azarão!  
E deixar de ser ladrão.

NEGRINHO  
Vou falar para minha mãe  
A doce senhora  
Acho que veio a hora  
Das coisa *meiorá!*

PAI

Deus te dê metro de boca  
Só pra dizê coisa bonita  
Como agora tu falou!  
Que se é pra coisa feia  
Que venha a coisa poca.  
Que a Senhora da Igreja  
Sempre te olhe e te veja  
Com a benção divinal.  
Que venha o maior bem  
Me livrando do meu mal.  
Quero ser um bom cristão,  
Já não quero ser ladrão.

ANUNCIADORA

Bem depois do meio-dia  
Mui cansado de andar  
Encostou sua cabeça  
Muito perto do altar.  
Dormiu, vendo Maria  
Falar como se fala  
Com ternura de uma mãe.  
Filho meu, querido filho.  
Chegue mais perto  
Tome cuidado, seja esperto  
Chegue bem perto de mim  
No meu peito materno:  
Ouve meu papo manero  
Não fique bobo, vá pra escola!

Vou ajudar tua cachola  
Pra falar bem direitinho  
Fazer conta sem um erro  
Abençoo tua cabeça  
Muito logo, muito logo  
Vai brilhar em tua escola  
De causar admiração.  
Siga bem o padre Humberto  
Nos conselhos que dará.  
Tu, meu piá querido,  
Vai mostrar pra tua gente  
O tempo da libertação.  
Venha perto, no meu colo.  
A cabeça no meu peito  
Sou tua mãe e cuidadora  
Com tua mãe que já te espera.  
Pega agora o teu cuera<sup>33</sup>,  
Siga sempre o coração  
Vai bem e não se esqueça  
Da conversa há pouco feita.  
Beijo pra ti, amado filho!

NEGRINHO

Saltou do banco mui duro.  
Correndo porta pra fora.  
Com seu cusco mui ligeiro

---

<sup>33</sup> Cachorro.

Voltou falando:  
Vou falar para o meu pai  
Minha mãe também me espera.

NOSSA SENHORA  
Que na porta ainda falou  
Não se esqueça de teu cusco!

NEGRINHO  
Perdão, já o tenho na mão  
já ia me esquecendo!  
Vou ser muito querido  
Bem assim, bem como agora.  
Vou ser a vida inteira.  
Serei teu, virgem celeste,  
Serei um homem que preste.  
Adeus, virgem Maria!





*Sobre Tânia e  
Pedro Dubois*

## *Com Tânia e Pedro*

Em março de 2021, o vírus que veio da China resolveu matar gente muito querida, muito além de qualquer expectativa.

Quando veio a notícia do falecimento de Pedro e Tânia Dubois, já me calejavam os sentimentos diante da Covid-19. Ainda assim: que dor! Sempre, ao final de anos, esperava a vinda deles para curtir literatura e, muito mais, amizade. Envelhecer é isto: ver a morte nos cercando. E de tal maneira que me torno como os judeus na última guerra: morriam sem culpa em terra de violências. Quando o mal se torna um costume, fica-se duvidando do valor da vida. O canto de Teixeira se repete: *lá se foi mais um gaúcho*. Pois foi essa minha valentia ao saber de eu ter apanhado a doença sem ter remédio e o mal-estar no corpo: vi-me cercado por indiferença.

Mas, agora, recolhido, torno-me triste por sentir meus amigos partindo, como se fossem gramas secando nesse inverno. Escondo meu temor nos campos de futebol e no vôlei das meninas do Brasil. Jogo cartas com a Solange e os amigos, Albino e Marisa. Perco o sono e como agora, às cinco da matina, escrevo sobre a morte, trazendo o sentimento de dor, escondido na poesia de Pedro. Tomei-me surpreso ao ver que as últimas palavras dele são versos para lidar com a morte. O legado constituiu-se em versos, como se a morte já fosse seu cotidiano. É isso que quero traduzir. São curtos poemas dizendo o que lhe ia na alma: que já se encolhia avaliando os destroços de seu navio.

### DESABITAR

*Desabita o espaço  
Reflexo e imagem  
Decompõe o corpo: não se verá  
Corpo estranho  
Corpo inteiro  
É o vazio  
E a hora tardia dos regressos.*

### CHORAR

*Na última vez  
Chorei como criança  
na desesperança de  
ser criança:  
longe do alcance  
adulto da  
segurança*

*Chorei a despedida  
E ensaiei passos  
Trôpegos: chegar  
E me declarar  
Impedido ao ofício.*

### OCASO

*Não morrerei ao acaso  
ocaso vivido  
duplamente  
céus estrelas luas  
luzes acesas  
casas apagadas  
Onde se esconderia a morte  
Enquanto não avança?*

Assim me vem Pedro, inspirado de acordo com o lúgubre momento, dizendo os sinos como se fosse Guimarães: pobre Afonso, pobre Afonso?

Não, ele vem garboso, quase garboso, não fora a morte. Já não sei se o morrer é triste em Pedro. Ele faz verso estonteante, enquanto ouve de um cavalo o barulho dos seus cascos.

Já não sei se o morrer para ele é triste:

*Anônimo retiro  
Do vão da porta  
O espaço vago  
Da saída.  
A morte mantém  
O rio represado: empoçada  
A vida  
Exala  
Suspiros.*

Mostra-se valente no:

*Medo irrelevante  
Da tragédia. Desfaço  
o mito e me  
reconheço.*

### *Quando a noite fica dia*

*Assim estou agora  
Com Pedro junto de mim*

É então que fico, com ele, desorientado, ao ver as naves esvaziadas de ternura, apenas interessadas em crenças políticas carregadas de rancores. À distância fica o consolo da jornada. Suspirando, dizem

que lutamos, lutamos como feras diante da morte. Sentem-se seguros, sem perceber as feridas do ombro alheio. Quando velhos, contam a quantidade dos vencidos. Pobre gente, sem saber do cheiro ameno dos campos e do pão colhido com suor. Em algum recanto repousam a melancolia e a culpa pelos incômodos causados. A vida cristã é uma história de sofrimentos e lutas para aliviar os sofrimentos da ignorância e da doença. Nem as vistas grandes de Deus perceberam: os látegos bateram de doer o coração. Pobre filho de Deus, meu Jesus. O delírio começa em águas correntes no pequeno Rio Jordão. Cadê o amigo João? O corpo busca um carinho e a sorte diz bem outra coisa. Mas, um dia depois: meu Deus, que sonho brilhante aquele do túmulo vazio, e o Cristo diz inteiramente vivo: A quem procuras? História e tanto para consolo humano.

### *As páginas brilhantes de Pedro*

O seu livro *O desabitado segredo das palavras* remete à morte, quando o ser humano não tem mais nada a dizer.

*ANIMAL DE GUARDA*

*O caminhão em buzinas*

*Remonta a carga*

*Na oportunidade presente*

*Apresenta motor e rodas*

*Circularem estradas no desatino*

*Das entregas. Retorna em objetado*

*Tempo compassado*

*Da ausência.*



### *Em homenagem ao Pedro*

Eu, então, objetado na ignorância do destino,  
Fico olhando o desatino,  
Em colher mais um.  
Pobre Pedro, pobre Pedro  
Que se foi em caminhão quieto  
Da cruel fatalidade.  
Faço então um gesto à toa  
De mais um amigo ausente.  
E, da alegria amiga,  
Despeço-me descontente  
Com a cicatriz de nosso tempo.

### *Pensando com Tânia*

Quando os amigos partem, definitivamente eu me sinto em desilusão, parecendo minha velhice ser um depósito de perdas irreparáveis: os vínculos se vão e a gente fica sem comunicação. Cada vez mais viúvo da própria vida. Estreitam-se as palavras e os sentimentos. O que sobra é me deter em palavras de livros, uma vida folheada, mas ainda vida. Um pequeno extrato do seu livro *Instantâneos e cotidianos* revela, tanto quanto em Pedro, a tempestade sufocante a lhes atingir a vida, levando-os para fora do tempo com impressões de alegrias e preocupações.

### *Intervalos*

*A noite é feita de intervalos em que escuto passos apressados na rua. Fico desenhando as imagens com a luz que atravessa as vidraças e refletem as sombras dos passantes.*

*São corpos esguios. O relógio bate o ritmo dos transeuntes, na ilusão de serem esquecidos pelo tempo.*

*O tormento é saber que eles traçam perfis cruéis consumidos pela fadiga. Seus passos embalam sonhos sombrios e desatentos no intervalo revelado pela perspectiva entre o alumbramento e a mágoa.*

*Não vejo nos semblantes a alegria de viver, mas a agonia na luz que não revela seu clarão.*

*Escuto vozes silenciosas que me condenam por observar as sombras do mistério: andam nos intervalos das estações, onde seus pés encaminham a noite.*

*Imaginá-los me distrai, até o vento pulsar suas dores e revelar suas rugas, como cicatrizes do tempo.*

*As noites são intervalos nas fragilidades que nos afligem e nos sonhos que nos prometem emoções.*

### *Forma anunciada*

O livro de Tânia revela, em seus contos breves, a sua delicadeza literária. São breves na escrita, mas induzem o leitor a ir para um universo, dando-lhe a chance de mover-se conforme a intenção da autora. Fazem o leitor criar um continente de impressões sobre a vida. Não é uma obra para leitura breve. Ela revela uma cultura inspirada em contos de Poe, do qual derivaram, conforme nos diz Gilberto R. Cunha, *os minicontos e microcontos: mas sobre eles, indubitavelmente, o espírito deste autor ainda paira soberano*. É isto que Tânia faz: provoca, como um agulhão, no pensamento do leitor, uma extensão muito interessante, como é visto em Augusto Monterroso: *Cuando despertó, el dinossauro todavía estaba allí*. Muito mais que um texto breve, aí se apresenta uma história fazendo perceber um universo humano de loucuras, de esquizofrenia, de perseguição, de ternura e tudo o mais que cada leitor possa deduzir. Nos minicontos se revela a face de nosso cotidiano carregado de

brevidades austeras, nas quais estamos expostos à agressividade do mundo, provocando-nos impressões muito particulares. Aí, expressamos a comunicação em meias palavras, em que nada se conclui: loucuras amenas em plena praça da nossa insegura vida, em que nada mais é consistente. No dizer de Bauman: a vida está líquida.

Para Tânia, há também grandiosidades e extensões nos seus micontos.

### *Hábitos*

*Era capaz de se amarrar na complexidade da rotina.*

Ela mostra, aqui, como nos seus outros contos breves, a perplexidade de um mundo de bifurcações como no labirinto onde vivemos. Cada decisão demanda a própria opinião. De fato, não andamos mais seguros em razões previamente formadas. Tânia revela a angústia de nosso universo cultural e político. Vamos adiante, com suas pérolas literárias a revelarem uma cultura muito complexa e, aí, as pessoas, não raras vezes, perdidas.

### *Aço das palavras*

*Na navalha das palavras, o seu ponto de vista.*

Nada mais se configura como diálogo. Os contos são como bombas quietas: quando se lê, podem explodir ou ficar como uma leitura rápida, pouco expressiva para o leitor incauto.

Deixemos de exemplos: cada vivente tem uma penetrante cabeça para criação.

### *Confronto*

*Fugindo dos confrontos, morreu atropelado.*

Como esquecer o espírito criativo de Tânia?

## *Grito*

*Gritava para se salvar de águas passadas.*

Não consigo me calar, pela força com que ela nos provoca. Ela revela imagens tantas em torno de alguém a não suportar um pesadelo de história ou histórias passadas. É muita dor por lembrar o quanto nos doeu a morte de nossa escritora. *E nas cirandas dos imprevistos, lá se foi uma amável senhora.*

## *Indivindualidade*

*Abraçava a individualidade para fugir do efeito manada.*

Meu Deus, quanto esforço nos custa pensar, quanto esforço para permanecer consciente e autêntico!

## *Sombras*

*Amou sua sombra acreditando serem luzes.*

Ouçó os políticos, os juízes do supremo e tantos outros a dizem suas verdades, aparece a Tânia me provocando.

## *Dupla inspiração*

*Fez do mundo a sua festa, com poucos recursos.*

Mas ela fez a festa com muitos recursos, a começar pelas palavras.

## *Flores*

*(ELA) colocava flores no altar das suas memórias.*

Assim esgote a homenagem que lhe faço, Tânia. Ainda ouço seu riso festivo, aqui ao lado de onde escrevo suas sentenças.

Infelizmente, Tânia: *O tempo rompeu com sua verdade!*

Ou seja, querida: Nada é para sempre!

## *Despedidas*

Depois da partida do pai e da mãe, falei para a filha Marina: *Que imagens interessantes eu guardo deles. Minha vida ganhou muito por carregá-los comigo. Lerei os livros recebidos com muita ternura. Vou ter em cada palavra lida a palavra dos dois. Serão eternos enquanto eu viver.*

As vidas intensas de Pedro e Tânia não se consumiram com a morte. E como é dolorido dizer estas palavras. Preferia ter em mim o desejo de vê-los nos próximos dias. O silêncio dói, então escrevo ainda mais.

Tenho deles a ternura ambulante e por muitos dias já andam lado a lado por onde vou, principalmente nas caminhadas para tentar espantar os limites do corpo, porque de minha alma ando fortalecido nesta amizade que não se esgota.

E me vêm os dois falando, e falam ao mesmo tempo, como era o costume deles, pois tinham tanto a dizer que mal se continham de contentamento, enquanto diziam entusiasmos. E escreviam do mesmo jeito. Que vida intensa!

Então, não posso parar de escrever. As duas vozes insistem em falar em mim. Mas, como não tem jeito de proibi-los de falar ao mesmo tempo, vou escrevendo separadamente o que disseram.

Tenho a impressão nítida de sentirem a tristeza que se fazia neles por deixarem tudo que amavam. Havia uma ameaça fortemente sentida.

## *Eles falavam assim*

**Tânia** - Nesse momento vejo tudo ao contrário, como diz o ditado: “de pernas para o ar”. O que importa é fugir do tempo ocioso e procurar maneira para compor meu cotidiano.

**Pedro** - Da busca  
Retiro a espera  
O desespero  
Com que me vejo  
Imóvel sobre o caminho:  
Conheço o caminho  
Ignoro o destino.

**Tânia** - Amanhã será tarde. Venha agora, para juntos sonhar-  
mos às sombras das árvores.

**Pedro** - Tânia sonha  
Escrevo sobre o sono  
E a manhã termina  
Não sei dos seus sonhos.  
O espírito  
Desprotegido  
Na entrega.

**Tânia** - Choro a agonia, choro a felicidade; sei que o convívio foi  
vencido, mas arruinou o meu caminho sobre o qual não posso dizer,  
com acerto, que tenha fim.

**Pedro** - Luz apagada  
Silêncio  
Não há paz no escuro  
O quarto angustia  
Reclama o barulho da rua  
Sofre calada o destino  
Ali deitada comigo.  
A luz silencia  
Apaga.



**Tânia** - Entre momentos alegres e tristes, as crianças sentem e se expressam de forma própria. Isso nos possibilita refletir como a ruptura e a adaptação à nova vida se dão quando menos esperamos.

**Pedro** - Migalhas sobre o tempo

Restam fragmentos

Do pão consumido

A fome despreza migalhas.

**Tânia** - Quando o acaso vem ao meu encontro, entendo as mudanças como existência.

# Referências

CAMPOS, Leonardo. *Crítica | O Corvo, de Edgar Allan Poe*. 2018. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-o-corvo-de-edgar-allan-poe/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

CUNHA, Gilberto Rocca da. *Ah essa estranha instituição chamada ciência: Borgelatria e outros ensaios*. Passo Fundo: CGR Editor, 2022.

DUBOIS, Pedro. *O desabitado segredo das palavras*.

DUBOIS, Tânia. *Instantâneos e cotidianos*.

FELIPPE, Mariana Boujikian; OLIVEIRA-MACEDO, Shisleni de. “Sexo e temperamento em três sociedades primitivas”. In: ENCICLOPÉDIA de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2018. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/sexo-e-temperamento-em-tres-sociedades-primitivas>. Acesso em: 14 dez. 2023.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*.

ILHA de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 3. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC; Lunardelli, 1990.

MEAD, Margaret. *Sex and temperament in three primitive societies*. New York: William Morrow and c. 1935 (Trad. Bras. Rosa R. Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2000).

NOLTE, Ferdinand. *Anais das Missões dos Missionários da Sagrada Família*. Tradução de Bertilo Brod. Passo Fundo: Editora Ifibe, 2010.

POZENATO, J. C. *O Quatrilho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

RIBEIRO, José Iran. *As “Surpresas” de Chico Pedro, as astúcias de Moringue: Francisco Pedro de Abreu, o barão de Jacuí*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2021. Disponível em: <https://oikoseditora.com.br/files/As%20surpresas%20de%20Chico%20Pedro%20-%20E-book.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SOUZA, Luis Lopes de. *No sarau dos meus fantasmas*. Passo Fundo: Ed. do Autor, 2022.

TEIXEIRA, Leila de Souza. *Se eu não posso ser quem sou*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2022.

VICENTE, Gil. *Auto da barca do inferno*. São Paulo: Klick, 1997.

A jornada que compartilho nesta obra transcende os limites do tempo, entrelaçando passado e presente em cada página. Cada palavra escrita é uma celebração da vida e da notável resiliência que habita o coração humano. Apresento mais do que simples relatos, estes textos são expressão profunda de gratidão e reconhecimento por todas as horas vividas e por cada pessoa que as tornou memoráveis. Esta é minha maneira sincera de prestar homenagem às experiências que moldaram minha jornada e às pessoas que tocaram minha vida de maneira tão profunda. Cada história é um tributo caloroso àqueles que cruzaram meu caminho, deixando uma marca indelével no meu coração e na minha alma.

